This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

332 a. 13

Vet. Port. III A. 40

MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS

POR

José Agostinho de Macedo.

3.ª EDIÇÃO EMENDADA, E ACCRESCENTADA COM A BIOGRAPHIA DO AUTHOR, HUM CATALOGO DAS SUAS OBRAS, E O JUIZO CRITICO D'ELLAS,

POR

Antonio Maria do Couto,

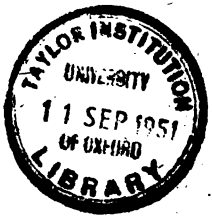
PROFESSOR DE GREGO, &C.

TOMO III.

LISBOA,
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA,
AOS MARTYRES, N.º 13.

1841.

Vende-se em casa de Borel, Borel, & C.ª
aos Martyres n.º 14.


TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
11 SEP 1951
OF OXFORD
LIBRARY

MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS.

SOLILOQUIO XXXIX.

Os elogios de Thomás fizerão ha annos grande bulha, e labyrintho em Portugal, e ainda hoje andão pelas mãos dos eruditos, e dos que se dão aos estudos oratorios. Grandes altercações, e disputas se tem levantado sempre sobre o merecimento deste homem célebre. Tudo no mundo são bandos, partidos, opiniões; o pró, e o contra dividem entre si os homens. Huns dizem, que Thomás foi hum dos principaes corruptores da eloquencia, e do verdadeiro, e apurado gosto; outros gritão, que elle levára a palma a quantos oradores tem até agó-

ra existido, antigos, e modernos Os controversistas da primeira classe, tem feito todos os esforços possiveis para desacreditar o pobre Thomás, tem procurado banir, ao menos escurecer as suas obras, achão-lhe defeitos, e baldões, que o degradão para a infima relé dos declamadores: os da segunda armada, obstinando-se a ler, e a meditar Thomás, e até a roubar Thomás, lhe conservão o crédito em pé, e o reproduzem em continuas traducções; em Italiano tenho eu visto humas poucas só do discurso, ou do elogio de Marco Aurelio. Se isto não prova, que Thomás não tenha defeitos, prova ao menos, que Thomás tem grandes bellezas. As traducções no meio de huma nação tão douta, tão original como a Italiana, e as traducções tão multiplicadas, provão que o original tenha alguma cousa realmente bella em todas as linguas. Ora eu quero figurar de árbitro entre os dois partidos sem ser chamado por nenhum delles, eu não offenderei nem hum, nem outro. O negocio tem sido levado ao excesso de huma, e outra

parte. Os inimigos de Thomás deixárão-se arrastrar do espirito de prevenção, e o partido opposto tambem se tem deixado cegar pelo fanatismo. Estou desde já persuadido, e o digo a quem o quizer ouvir, que Thomás não he hum escritor para rapazes, e para oradores principiantes, e tão noviços que começão a engatinhar. E depois disto, Thomás em muitos lugares he pouco natural, e seu estilo muitas vezes empollado cança, e estafa a gente com huma monotonia fatigadora, e mais que tudo com a teima de tirar as metaforas das artes, e das sciencias, que não estão ao alcance de todos os leitores: he demasiadamente sacudido, vibrado, e enfatico. Mas apesar deste gigantesco, com que deslustra algumas vezes os seus escritos, tem huma rica abundancia de idéas fortes, e capazes de impôr, huma aluvião de pensamentos rápidos, e nobres, hum fundo immenso, e inexaurivel de diversos, e ricos conhecimentos. Thomás tem alma, e tem fogo, e tem quadros tão vivos, que prendem, ou pinhorão a

attenção do leitor mais distraido. A rapidez de seus pensamentos, e de seus pinceis nos transporta ao campo da batalha, ao meio dos mares, e nos obriga a tomar partido por cousas, que só existem na imaginação. O quadro da morte do Delfim, que morrêo na sua cama; o elogio de Marco Aurelio, ainda que em genero diverso, são pedaços mestres de hum genio sublime. A tirada, ou apostrofe, que o filosofo Apollonio dirige ao herdeiro de Marco Aurelio, arranca as lagrimas do verdadeiro sentimento. A imagem dos dois soldados que afião as espadas no marmore que fechava as cinzas de Mauricio de Saxonia, he huma idéa tão nova, sublime, e ao mesmo tempo tão natural, que me obriga a considerar Thomás naquelle passo superior a si mesmo. Tem defeitos assim he, e qual he o descendente de Adão que os não tenha? Mas he hum homem cheio, nelle não se encontra alguns daquelles vazios falladores, que he preciso aturar-lhe hum milhão de palavras, para lhe pescar huma idéa. He hum nautico,

he hum guerreiro, he hum filosofo, he hum politico.

Entre estas vantagens a imitação de Thomás he perigosa para aquelles que intentão bater a estrada que elle trilhou; eu tenho visto em Portugal Thomistas imitadores tão desgraçados, que lhe não adoptão se não os defeitos. A razão deste estranho fenomeno, he evidente; onde Thomás he bello, he bello originalmente; quando pinta, o faz com tanta verdade, que parece, que as cousas, que elle diz, se não possão dizer diversamente, ou por outra maneira, e persuade-se essa vil caterva dos imitadores, que ella póde com muita facilidade dizer outro tanto. Desta arte ignorando, que o explicar-se daquella sorte he proprio só dos genios sublimes, e não medindo as suas forças imagina, que o póde igualar, e imitar felizmente, e como lhe faltão as forças, para se levantar tanto quanto elle se levanta, cahem de pernas ao ár, quando vão apenas na metade da revoada, ou do vôo. Eu darei hum conselho de amigo aos oradores prin-

cipiantes, que quando se dão á leitura de Thomás, se sirvão delle não para imitação, mas como de huma especie de cordial que os anime, ou de liçôr espirituoso que os inflamme. E com effeito, se qualquer genio dado á leitura daquelles ultimos apuros da eloquencia humana, se não sentir excitado, movido, e inflammado, então cuide em buscar pão por outro caminho, porque talentos oratorios, que se não despertão áquella vóz por mais lethargicos, e adormecidos que estejão, não são talentos; e quem permanecer gelado á vista, ou na presença daquelle fogo, busque outro officio.

SOLILOQUIO XL.

Grande estampido fez no mundo das letras, tal qual elle he, a grande questão do merecimento dos antigos comparados com os modernos. No tempo em que em França havia estas agradaveis justas, e torneios literarios, apparecêrão em campo fechado, e aberto, campiões de barbas até a cintura, hum dos generaes era não menos que Boileau; este tinha na sua divisão campiões de alto bordo; do lado opposto estava Perrault, o erudito, sincero Perrault, homem de muito saber, doutrina, e gosto, e até sinceridade: muitos do seu bando não podião gostar das odes de Pindaro, nem das secaturas, e baixezas da Illiada, nem achavão nella o valor que lhe dá o respeito cégo, e surdo da antiguidade em attenção aos mil annos de que falla Juvenal. *Atque uni cedit Homero propter mille annos*; de parte a parte sahirão papeis de

importancia, até á publicação dos maravilhosos parallelos de Perrault, digão o que disserem as chufás de Boileau. Ora metter esta questão outra vez a caminho he huma imprudencia. Com tudo não ha muitos annos, que hum abbade Italiano de mão cheia tratou esta materia divinamente em huma dissertação historico-crítica, que elle pôz á frente da sua nova edição da Illiada. Eu tenho todo o respeito aos padre conscritos, escritores da antiguidade. Creio que não ha entre os vermes literarios hum, que admire mais na ordem oratoria o Demosthenes, e Marco Tullio do que eu; na repartição de Hippocrene, poucos terão estudado mais, conhecido, analysado, e devorado com mais avidade Virgilio, Ovidio, Horacio, e Sillio Italico, que entra na assembléa dos notaveis, (não fallo em Stacio, que este amigo faz jogo a parte, elle não he antigo, nem moderno, he unico, e venhão para cá os críticos tomar-me satisfações.) Mas quando oiço dizer, que depois destes colossos, não he preciso nem recorrer a

outros, nem admirar outros que viessem depois delles, ardo, e desespero. Depois de Cicero, Virgilio, e Horacio, as almas pequenas, e idolatras da antiguidade, não estimão mais ninguem; mas elles os não estimarião, se estes mesmos grandes genios tivessem a desgraça de nascer, e apparecer em nossos dias, porque em fim, com huma indomavel manía tem resolvido oppôr-se ao gosto dos modernos. Similhante sentimento só póde nascer em huma alma pequena a quem a natureza negou a mais leve dóse de bom siso, e a quem a filosofia não ensinou a combinar as idéas para ver as cousas em grande. Quem deo a estes anões a liberdade de nos prescrever huma orbita tão curta, e tão apoquentada porque devamos correr? Pequena na verdade, se se compara com a que corrêrão todas as nações, que depois de Athenas, e Roma, cultivárão as letras. Por toda a parte ha coisas bellas, boas, e grandes; nem Demosthenes, nem Cicero forão homens de outra massa differente daquella de que nós fomos

formados. Por ventura não devemos fazer justiça ao bom, e sublime onde quer que elle se encontre? Os primeiros genios da antiguidade, que tambem souberão imitar, e seguir a natureza nas obras que nos deixárão, nem a abraçárão, nem a exaurírão toda. Forão os primeiros, que nos encaminhárão pela estrada Coimbrãa direita, e boa; eis-aqui hum motivo pelo qual elles merecem nossa estima, e respeito; mas depois delles vierão novos talentos, que ensinando-nos tambem a imitar a natureza, se tornárão por isso mesmo originaes. Seguírão estes as veredas dos primeiros, colhendo de caminho aquellas flores, que os antigos não tinhão achado, e observado.

He huma manifesta sandice, ou hum destampado fanatismo crer, ou imaginar, que depois de hum genio grande não possa surgir outro, que o iguale, ou que o exceda, ainda quando o imite, e até mesmo quando o roube, como muitos dos modernos tem feito sem escrupulo, e sem consciencia. O ladrão mestre póde ac-

crescentar alguma coisa de novo a fatiota que rouba. Para suppôr que se não podem igualar, nem vencer os antigos, he preciso ter huma idéa muito baixa do ente mais nobre, e mais elevado que ha depois do infinito. He verdade que o entendimento humano tem seus confins, e suas barreiras; mas quando se trata de sciencias, artes, e descobertas puramente humanas, não sabemos ainda até que ponto elle póde estender seus conhecimentos. Se estes demonios, chamados Francezes, me deixarem vivo, e se Portugal tornar a solidar-se nas bases do antigo socego, e independencia, eu tenho resolvido levar ao fim, e á extrema analyse a força da razão humana no conhecimento de tres importantissimas questões, que ha annos fazem continua bulha dentro em minha alma, e que nellas se excitárão com humas profundas palavras, que vem na estampa do frontespicio das obras de Pope em Francez, e que são do theor, e fórma seguinte « Quem sou eu? Onde estou eu? E donde vim eu? » Chegar ao desenvolvimento des-

tas questões, he estender a esfera do infinito possivel da razão humana, e o farei sem o soccorro dos livros, valendo-me unicamente do natural raciocinio.

Certos grammaticões, e rhetoricões, chamados almas pequenas, manietadores do espirito humano poderião imaginar, que Athenas podesse ser vencida nas letras? e com effeito Roma disputou a palma á sua rival, e se não lha arrancou das mãos, ao menos a dividio com ella. Ainda que a orgulhosa, e vencedora Roma, não tenha participado da coroa concedida por Melpoméne a Aeschylo, a Sophocles, e a Euripides; Cicero, Plauto, Terencio, Virgilio, Horacio alcançárão os mesmos louros, que tanto destinguírão Demosthenes, Aristophanes, Menandro, Homero, e Pindaro. Eu na verdade não entendo Grego, nem se me dá disso, mas se o original das tragedias Gregas he como a traducção, que de huma tragedia nos deo hum padre muito sábio que ahi ha da familia dos Neres, então são as taes tragedias huma pouca

vergonha. A scena Franceza do tempo em que havia Francezes, pois não sei porque arte se transformárão em Scytas, e Hunos alcançou aquella honra a que Roma aspirou inutilmente no seu mais ditoso seculo, que he o de Augusto, tão brilhante por suas luzes, gosto, e vasta erudição, e literatura; ainda que existisse a Medea de Ovidio, e a Agave de Stacio, vendidas pelas mãos da fome ao infame pantomimo Paris, não poderião hombrear com os prodigios dramaticos da França honrada. Corneille, Racine, Crebillon, Voltaire são mestres, que mettem n'hum chinelo o cothurno Grego, e Romano. Por mais superficial, que seja o paralello que se faça do theatro Grego, e Francez, se conhecerá, que coisa tão absurda seja o pensar, que huma nação por muito que se distingua em letras, não possa ser excedida com feliz exito por outra. He preciso advertir, que todos os escritores famosos pintárão a natureza, e não se póde julgar de suas obras senão pela relação que ellas tenhão com a natu-

reza, se as dos modernos se chegão mais a esta, e se a pintão, e imitão melhor, excedem sem dúvida os antigos. Nas obras que não são de puro engenho, nas sciencias naturaes, e exactas, na historia natural, na fysica, na astronomia, as obras modernas tem, sem contradicção, mais perfeição os modernos, que os antigos, a belleza destas obras depende do tempo; quem mais vier atráz não fechará, mas abrirá mais a porta.

SOLILOQUIO XLI.

De dia para dia me vou persuadindo mais da pequenhez, e da miseria do homem. He o animal mais contradictorio, e inconsequente, que se tem visto em cima da terra de que elle com tanta soberba como ignorancia se chama soberano. Quasi todos os resultados de seus discursos, raciocinios, e projectos são enganos, e depois de se haver fatigado, e suado muito em estabelecer grandes princi-

pios, de que deduz grandes consequencias, fica com hum famoso palmo de bocca aberta, quando vê que estas consequencias, longe de sahirem á medida do seu desejo, sahem o contrario, e o avesso de tudo aquillo que elle esperava. Quasi nas vesperas de me deixar de leituras, e de me confinar neste escondrijo, a ver se me escapo, ou se esqueço aos Francezes, me cahio nas mãos hum livrinho de hum grande doutor de Milão, e grande architecto da República Cisalpina, que Deos perdoe, no qual vi, e decorei estas memoraveis palavras, fallando da revolução Franceza:

« Se os rasgos da minha penna tivessem o poder, que os Romanos attribuião aos raios de Jove, e ás aguas do Lethes, eu faria uso delles para destruir o infame *Dumouriez* para que os homens presentes, e futuros se esquecéssem, que existira hum monstro em fórma de homem chamado Dumouriez, mais impio, e malvado que todos os reis, isto ainda he pouco, mais abominavel, e scele-

rado que o mesmo Pitt. Dumouriez teu nome passará á posteridade, mas o genero humano se lembrará de ti, para te abominar, e detestar, como os homens christãos se horrorizão com o nome de Judas Iscariotes. Judas trahio hum só homem justo, tu traiste a humanidade. Por amor de ti, e do que tu escreveste os reis conjurados, fizerão guerra aos soldados da República, aos soldados do genero humano. Infame Dumouriez, as mãis da mais remota posteridade se horrorizarão só com a lembrança de que poderão parir hum filho, que se pareça comtigo em a mais minima parte. Oh! inimigo dos homens, olha para Buonaparte, que une em si só os talentos, e o herpismo de todos os heroes da antiguidade. Elle he o homem que ha de fazer a admiração dos póvos, que estão por vir: por meio de Buonaparte se consolidará para sempre a República. Os doutos, e grandes politibos meditando sobre as Repúblicas Grega, e Romana, imaginão descobrir nellas o infallivel destino da República Franceza, solida-

da, e defendida por Buonaparte. Depois que estes presumpsosos profetas pronosticárão, que era impossivel conservar-se a República em França, defendida por Buonaparte, envergonhados de se enganar, dizião que esta nova República se viria a desvanecer como as da Grecia, e Roma. Malignamente obstinados não reflectião, que as antigas Repúblicas não tinhão constituições fixas, e que a constituição da República Romana, era tão inferior á constituição da República Franceza, quanto D. Quixote he inferior a Buonaparte. Para abater Grecia, e Roma, bastava abater alguns centenares de homens; para aterrar a República Franceza, he preciso abater milhões; entre estes milhões de homens da República Franceza, haverá muito poucos, que não sejão virtuosos: os profundos politicos crêm, que a perda da República Franceza seria a sua grande extensão, e eu descubro a sua eternidade na sua prodigiosa extensão. O homem Buonaparte estudará, e defenderá a indivisibilidade da República contra quem

tentar destruilla, morte seja dada a quem tal propozer. » Eis-aqui a arenga do doutor Milanez, eis-aqui a República eterna, e eis-aqui o justo, e virtuoso Buonaparte! O que são os discursos, e os projectos dos homens! Levou o diabo a República, ou para melhor dizer nunca existio similhante fantasma, o seu governo sempre se compôz de tigres, até que hum tigre mais sanguinario, e mais sagaz lhe arrancou das garras o poder, para o exercitar elle só com mais tyrannía, insolencia, e crueldade, que quantos despotas juntos teve Roma depois da extinção da República, cuja duração se estendeo por seculos. O virtuoso Buonaparte esmaga a cerviz dos escravos Francezes, chusma vil, e nascida para a escravidão. Tal he o resultado das suas tão precomizadas luzes! Como estavão ufanos com os escritos de Montesquieu, de Mably, de Rousseau! Tudo erão direitos do homem, direitos do cidadão, igualdade moral, liberdade natural, governo popular, proscrições de nobreza, consolação, e paz da

humanidade! Nunca se fallou tanto de moral, de virtudes! Nunca se adorárão tanto as idéas do cinico Jaques; ahi tem agora em que parárão tantas prégações, tantas theorias de moral, de legislação, de educação, tantos planos de governo civil, tanto melhoramento da raça humana, tanta felicidade social. Tudo isto veio a parir huma companhia de ladrões, levando á frente o maior, o mais temerario, e insolente de todos os salteadores. Luiz XVI he substituido por hum Corso aventureiro, chamado Buonaparte, e Maria Antonietta por huma Josefina, vinda de huma Ilha da America para se ajuntar, a hum Ilheo do Mediterraneo, depois de passar por differentes mãos. E que havemos de ajuizar de tudo isto? Que a corrupção dos homens em França nasceo das suas illuminações theoricas. Onde não ha costumes de nada servem as letras, e as sciencias. Comparem-se os Francezes com os seus livros, ver-se-ha a mais monstruosa de todas as contradicções do globo terrestre. Os livros de huma parte, e os Francezes da

outra fórmão huma antithese extraordinaria, que fará sempre o objecto do profundo desprezo dos homens assisados. Mais cultura de espirito, mais corrupção de coração, isto he huma proposição tão demonstrada por si mesma, como a igualdade dos tres angulos de hum triangulo a dois rectos. Não se perdeo nos homens o valor; o desejo de imitar os Francezes, ou a similhança de sentimentos, os faz ceder aos Francezes para universalisar o grande principio da rapina, a que os homens corruptos aspirão; cedem aos Francezes, para que roubando estes, possão elles tambem algum dia roubar.

E não suspirarei eu por aquelles ditosos seculos, em que os homens antepunhão a honra ás sciencias! O illuminismo Francez era ignorado em Portugal, e então representava a nação a mais brilhante figura entre todos os póvos da terra.

SOLILOQUIO XLII.

Creio, que em cima do theatro literario ainda não appareceo hum homem que désse de si mesmo maior espectaculo, que o decantado Voltaire. A platéa humana como todas as platéas dos theatros, humas vezes o levantou aos astros com palmadas, outras vezes o metteo no inferno com assobios. He muito difficultoso conhecer Voltaire, e pintar este homem, cujo caracter foi sem dúvida extraordinario. Negar-lhe merecimento, he negar a luz ao sol no pino do meio dia. Pelo vasto imperio das sciencias, e artes, não houve provincia por onde elle não passeasse, e que muito individualmente não conhecesse. Seu espirito foi encyclopedico, ou abrangeo, ou quiz abranger tudo, deo a sua pennada, até por aquellas sciencias, que parecem mais alheias de hum homem do mundo. Parece incompativel com a distracção que nasce

do continuo reboliço da corte, conservar tão seguro, e equilibrado o espirito, que este se possa entregar ás mais profundas especulações methafysicas, que pedem o silencio, de hum cartucho, e o socego de quem não tem que cuidar em munições de bocca; com tudo Voltaire tratou as mais intrincadas questões ontologicas, e psycologicas, e com a mesma facilidade com que compunha huma novella; a geometria, que por mais que preguem será sempre hum verdadeiro quebra cabeça, foi para elle hum estudo facil, e entrou como quem entra por sua casa pelos profundos labyrinthos de Newton, expondo o systema complicadissimo de filosofia deste grande homem de hum modo tão facil, que parece huma cartilha para os rapazes, ainda que não falta quem diga, que o que se tira da tal explicação he conhecer-se, que o desembrulhador Francez não pescára nada do tenebroso Inglez; que para quem não está iniciado nos mysterios da alta geometria, he mais escuro que Persio para seus abelhudos commen-

tadores. Correo o mesmo Voltaire pela charneca immensa da historia, e quiz ser hum redactor universal, cinceou infinitamente, porque hum engenho inquito como o de Voltaire não era para verificar com paciencia de chronicão, e annalista, datas, e factos que se não podem ajustar, e verificar por quem escreve de memoria (como eu creio escrevia Voltaire, ou como eu tambem escrevo; existindo em perpetua antipathia com os livros, que me tem dado cabo dos dias da vida.) Em fim para encher 99 volumes da nova edição de Genebra como elle encheo, ajustando-lhe o cento seu camarada Condorcet, com mais hum volumesinho da sua vida, e milagres, era preciso estar muito cheio de especies em todos os ramos de literatura, que ás vezes são peiores, que ramos de estupor. Era preciso ter hum talento universal, huma atrazada leitura immensa, huma memoria prodigiosa, huma paciencia maior que a que os Portuguezes tem tido, ha oito mezes em soffrer dentro em casa huma matilha de saltuadores. Ainda quando

o tal Voltaire não tivesse na longa idade de 84 annos composto mais do que as admiraveis tragedias, que são indisputavelmente boas, elle teria adquirido hum nome eterno, e seria perenne a sua memoria na Republicasinha das letras; mas elle caminhou á immortalidade por mais de huma vereda, e não tem porta o templo da fama por onde elle não entrasse, dando por páos, e por pedras, levantando testemunhos, e mettendo tudo a ridiculo, com tamanha fortuna pela magia de hum estilo, que encanta, que a pesar dos erros, que a cada passo se lhe descobrem, e que formigão em quasi todas as paginas, he applaudido, he lido, e relido; e as suas theorias dos futuros brilhantes, que são o Messias, que os Francezes esperão, e que a todos promettem sem que se lhes pessa, forão humas trombetas, que tocárão em França á revolução. Não ha qualidade alguma de gloria literaria, que este homem extraordinario não conseguisse: deo aos Francezes hum poema epico, não obstante a póda que lhe fizerão Fre-

ron, e Beaumelle, ainda se conserva com estima, e applauso entre aquelles Francezes para quem foi feito. O homem Voltaire não tinha mais que desejar para ser tido por hum literato da primeira ordem, e para ser respeitado, ouvido, e consultado como o supremo augur das musas, como baixamente adulador lhe chamou hum Italiano, dedicando-lhe as obras de Metastasio em huma pomposa edição.

Porém eu noto huma coisa na carreira literaria deste homem célebre, que para muitos será hum problema irresolvivel, e sobre o qual eu meditei bastante até atinar com a sahida. O mister de editor, e commentador ainda me parece mais servil, e apoquentado, que o de traductor, e só mostra a ancia que muitos tem de parecerem authores, já que a natureza lhes negou a faculdade de serem originaes. Valtaire não necessitava de entrar nesta classe, pois era homem tão facil em compôr, e em servir-se da prata de casa, que segundo nos conta o seu historiador Con-

dorcet, para dar as amendoas, ou pão por Deos, ou a consoada ao seu cabelleireiro, pegava huma manhã na penna, compunha hum conto, huma novella, entregava-a ao mestre que a imprimisse com o seu nome, e poupava assim seis ou sete francos, e enchia de dinheiro o enfarinhado penteador da sua grande cabelleira. Com toda esta original facilidade, eu vejo a Voltaire feito editor, e commentador de obras alheias. Que este seja o mister de hum pesado, e roliço hollandez não me admiro, pois parece nascêrão para commentar, e imprimir. Qualquer opusculo, *cum notis variorum*, offerece o rol dos eternos commentadores Hollandezes; os Francezes da classe ou relè ultima tambem são commentadores, não só dos modernos, agora porém dos antigos mais graudos como Turnebo, Lambino, Moreto, etc. Com tudo Voltaire metteo-se a editor, e commentador de dois homens escritores da sua nação, o primeiro he Corneille, o segundo he Pascal. Pois Voltaire não he hum poeta tragico, não he hum

filosofo profundo, não se podia fazer huma ampla collecção dos seus profundos pensamentos? He preciso que haja huma razão sufficiente que determine Voltaire a lançar mão deste acanhado mister. He certo, que Newton, o grande Newton commentou a geografia de Varenius; Clarke o primeiro discipulo de Newton, commentou a fysica de Rohault; mas Voltaire suppunha-se alguma coisa mais que estes dois homenszarrões Inglezes. Onde está pois o motivo determinante?

Duas coisas faltavão a Voltaire (a pesar dos gritos que agora vou fazer dar aos seus adoradores) sublimidade magestosa, e sólida profundidade. O genio de Voltaire, não era para remontadissimos vôos, nem era para meditações profundas, aturadas; isto conhecião os mesmos Francezes. O genio de Voltaire demasiadamente espraido, nem podia voar muito, nem fixar-se por muito tempo na profunda contemplação de materias abstractas. O mundo conhecia em Corneille huma sublimidade original, e inimita-

vel, quando elle sóbe, ninguem lhe chega; e em Pascal o espirito mais penetrante que tem apparecido no mundo, não só nas sciencias exactas, que tanto lhe devem, pois foi hum seu novo creador, mas nas methafysicas, e moraes. Esta fama, esta convicção intima em que a França permanecia, a respeito destes dois genios unicos, mortificava a vaidade infinita de Voltaire. Os nomes dos dois, erão proferidos com tamanho enfasi, e admiração, que as sobrancelhas, de se arquearem, chegavão á raiz do cabello: isto erão facadas para Voltaire, e de que maneira procurará este doende literario eclypsar a gloria daquelles dois campiões, que o levavão debaixo? Escrever immediatate contra elles era indispôr toda a familia das letras. Ora pois, o estratagema he Francez, e he fino. Desce Voltaire do solio de Sultão das letras, e confunde-se em a pionagem commentadora: tinha Corneille deixado huma sobrinha pobre (e qual he o filho, ou sobrinho que os poetas deixárão rico até agora?,) e a titulo de

beneficio para a sobrinha faz o mesmissimo Voltaire huma nova edição do theatro de Corneille, mas nesta nova edição lhe intromette elle taes notas, taes reparos, taes chicanas grammaticaes, tantos escrupulos, tantas advertencias, que põe o pobre Corneille a pão de padeira, e malha nelle, como quem malha em centeio verde, de maneira, que tendo o Cid resistido á censura do corpo academico das quarenta cabeças, levantado em tribunal pelo maligno, e invejoso Richelieu, não se teve á censura de Voltaire; e assim as outras producções, são victimas mais miseraveis da invejosa causticidade de Voltaire: quem ler os commentarios muda de conceito sobre tão famoso escritor. Eis-aqui quem lhe pôz a penna na mão para commentar os pensamentos de Pascal, que levavão todos os suffragios daquella então erudita, e illuminada nação: a julgarmos pelas notas de Voltaire, Pascal era hum inepto, hum visionario, hum imbecil; e os pensamentos são sonhos de hum febricitante. Que tal he o

mancebo Voltaire? Metter-se a commentador o que era pai de 99 volumes originaes! Isto levava agua no bico. Hum menino deste calibre não commentava para louvar.

SOLILOQUIO XLIII.

Ha materias literarias na classe daquellas que se chamão crítico-filologicas, tão melindrosas, e delicadas, que até devem assustar hum homem, que as queira tratar comsigo mesmo, porque tem incutido tal respeito, que querer descobrir-lhe alguns podres, e mazellas he indispôr o genero humano em peso contra quem o fizer. Em se fallando em Homero, todos ficão como o senado conservador, e corpo legislativo em se fallando em Buonaparte, com huma bocca de trez palmos de abertura de admiração. Quem se atreverá a ir ao fato ao pai Homero, considerando-o sem o acatamento de commentador, depois de existirem tantos testemunhos das uni-

versaes adorações, e da sempiterna idolatria de todos os homens, e de todos os seculos? O grande filosofo, e curo Inglez Samuel Clarke, entre as fadigas literarias, e meio do fervor, ou calor das disputas methafysicas, e mathematicas com o alentado atleta Alemão Leibnitz, traduzio Homero, e o estampiou tão soberbamente, que póde hombrear com a pompa, e luxuriante edição dos commentarios de Cesar. Quem se atreverá a dizer huma palavra menos respeitosa contra o cantor de Troia abrazada, depois das observações sacantissimas de Madama Dacier, que levantou o tal pobre cégo, até aos cornos da lua, depois da prefacção poetica, historica, critica, encomiastica, que Pope metteo á frente da sua lucrativa, e decantada traducção? Depois das reflexões de LaMothe na Illiada encolhida com que regalou o publico tão util, e tão buscada pela virtude narcotica, ou soporifica que lhe impingio! Depois das dissertações academico-escolasticas sobre o patriarca dos vates, ou orates que compôz o abbade

Terrason? Depois dos prologomenos, e apparatos com que Antão Maria Salvini tornou a sua traducção de Homero insuportavel aos olhos, insuportavel aos braços, insuportavel á paciencia; aos olhos porque he letra miuda, aos braços, porque não ha quem levante os volumões; á paciencia, porque nunca acaba! Depois finalmente do discurso historico-critico mais comprido do que parece huma noite ao amante, a quem mentio a amada, e que affixou na cabeceira da sua segunda traducção, o reverendo abbade Cesarotti? Estes gravissimos, ou pezadissimos escritores, produzirão tudo quanto se podia imaginar sobre este vasto assumpto do merecimento incontestavel do pai Homero, defendido até por Boileau nos seus discursos, e reflexões sobre Longino. Louvar Homero depois destes coriféos, seria huma repetição; atacar Homero depois destes incensadores, seria huma sacrilegio. Que me importa a mim a authoridade dos homens em literatura profana? Tambem eu sou homem, tambem governo em minha casa em

quanto os Francezes não mandarem o contrario. Sem dizer alguma coisa em contrario passarei por hum homem de gosto corrompido, innovador herege de poezia; digão o que quizerem de mim, quando eu vou atrás da razão, e da filosofia, ladrem os críticos quanto quizerem.

A proposição de *Homero* na Illiada he a seguinte letra, por letra, trasladada com mais escrupulo, que o de hum tabellião do original Grego em nossa muito nobre, e sempre leal linguagem Portugueza. « Canta Deosa a ira perniciosa de Achilles Pelida, que causou seiscentas dôres aos Achivos, que mandou *prematuramente* para o inferno Orco muitas almas fortes de heroes, deixando-os a elles preza para ser despedaçada pelos cães, e por todas as aves, cumprindo-se o conselho de Jove, desde o primeiro instante em que Atrides, rei dos homens, e o nobre Achilles com huma grande altercação se separárão hum do outro. » E não se continha mais nos autos da proposição a que me reporto, trasladada bem e fielmente. Em primeiro

lugar, eu não gosto disto, não está mais na minha mão. Sou similhante áquella mulher de hum desembargador Francez, de quem se diz em huma nota das obras de Boileau da edição de S. Marc, que traduzindo-se-lhe literalmente o principio de huma ode de Pindaro, que começa « O ouro he o que reluz mais entre os metaes, e a agua he hum bom elemento, logo os jogos olimpicos são os melhores » por mais que àteimavão os criticos, que era o pensamento mais levantado que havia; ella teimava, que não prestava para nada, sem a poderem tirar disto: em segundo lugar, a ira de Achilles he o grande assumpto da Illiada, e a ira de hum homem poderá ser jámais hum plausivel argumento para hum poema heroico? A acção do poema epico, deve ser como ensinão todos os mestrassos louvavel, grande, sublime, virtuosa, e huma paixão como he a ira não póde ser materia da Epopea. E tal he a escolha que fez a trombeta de Homéro! A ira he huma paixão louca, e detestavel. Hóra-

cio lhe chama furor breve. Cicero chama sem ceremonia a hum homem irado hum mentecapto, e o mesmissimo Aristoteles tão fanatico por Homero, pinta esta paixão como hum affecto irracionavel, e canino. E huma acção, que toda ella se escarrancha, e se estriba sobre os effeitos desta paixão, poderá ser digna da magestade da Epopéa, e a zanga do Sr. Achilles deverá merecer os encomios, que huma successiva preoccupação tem sacrificado ao pai Homero, e que nós sempre escravos de authoridade alheia, ainda continuamos a imbutir-lhe, não se cançando os homens, nem de o louvar, nem de o traduzir?

O consul verbosissimo, na quarta questão Tusculana reconhece, como verdadeiro filosofo, a acção da Illiada como hum dos mais solemnes, e nojentos destemperos: *Quid Achille Homerico fœdius?* E Torcato Tasso, tão bom conhecedor como official perfeitissimo do mesmo officio de poeta, decedio em huma das suas redondas impertinentes censuras da

Crusca, que o heroe de Homero não he qual devia ser virtuoso, e egregio, porém hum modêlo de ira bestial. Porém assim como eu não respeito o peso da authoridade, que louva Homero, tambem não devo respeitar a authoridade dos, que o deprimem ainda que sejão dois homens tão machuchos, e grandes como Cicero, e Tasso; e devo governar-me nestas materias tão prodigiosamente frívolas só pelo meu bestunto com tanto que possa dar razão do meu dito. Eu observo que o assumpto que Homero propõe na Illiada he a sanha, e a raiva de Achilles considerada particularmente, e pelo lado, que diz respeito ao prejuizo dos Gregos a quem foi tão funesta, que os deitou aos cães, como diz o mesmo Homero, e mostra que Achilles era afeiçoado aos cães, pois quando houve a grande descompostura elle chama a Agamemnão focinho de cão. Qual he pois a historia poetica da Illiada? Ei-la aqui escrita, e escarrada. A discordia, ou barulho, que houve entre Achilles, e Agamemnão, as victorias que os Troianos

alcanção dos Gregos; o recado que Agamemnão manda a Achilles em o qual lhe pede, que se ponha bem com elle; a teima, obstinação, ou birra de Achilles; a morte de Patroclo; a reconciliação entre os dois amoados; as valentias de Achilles, entre as quaes se conta a morte de Hector, cujos funeraes rematão o poema. A ira de Achilles he funesta aos Gregos até ao instante da sua reconciliação com Agamemnão rei dos homens. Daqui por diante a sorte se declara pelos Gregos, que começão a sacudir os Troianos, e lhe matão o heroe principal, logo a proposição Homerica não abraça mais que a primeira parte do poema, cujo assento he pequeno, e pouco interessante. A outra parte do poema começa na morte do amigo, e camarada de Achilles, que era o Sr. Patroclo: o resto do poema, não he huma parte integrante, he hum appendix que se lhe ajuntou. Se o objecto, ou assumpto do poema he a vingança de Achilles da injuria que lhe fez Agamemnão, esta vingança deve cessar desde o instan-

te, em que Agamemnão se poz ás boas com elle; más não he assim, e Achilles merece que Jove o fustigue bem porque elle não se acommoda, nem vendo cumprida a promessa, que o meamo Jove tinha feito á mãi, que chorava como huma criança, a pouca vergonha de Agamemnão injuriando seu filho, depois de Ulysses o ter levado enganado para o sitio de Troia fazendo-lhe despir a saia, e roupinhas com que se agazalhava na Ilha de Scio esta promessa era sobre a satisfação, que lhe devia dar Agamemnão: com effeito Jove estimulou-se bastantemente, porque o heroe da Illiada morre ás mãos de Páris, que o pilhou de joelhos em hum tal templo, e colheo por hum calcanhar, que tinha ficado de fóra das ondas estigias, quando a mãi lhe deo hum margulho.

Talvez que bem poucos homens tenhão lido a Illiada com mais attenção do que eu a tenho lido, e meditado com todos os seus escoliastas, commentadores, traductores, e louvadores. Cá para mim toda a Illiada he huma infernal salgalhada, huma bara-

funda confusissima, hûma mixordia intolleravel. O primeiro traductor francez he Sorel, este homem he ingenho, que não póde passar adiante do duodecimo livro, e diz na prefação que ficára tão cansado, que antes se deixaria degolar, que passar adiante; e hum modernissimo traductor francez, chamado Beaumarchais, omittio todo o livro IV.°, porque diz elle, que paciencia ha no mundo, que ature em verso hum inteiro livro, que não he mais do que huma carta de nomes dos navios, em que os Gregos vierão para Troia, mais comprida que o almanak do Almirantado de Inglaterra? O medico Frances Cabaniz, que fez bons versos Francezes, (se estes podem ser bons) não passou do segundo livro, engasgou-se, ou enjoou-se. He certo que ha em todas as linguas traducções completas, até em Castelhano ha huma dedicada a Filippe II.° O Francez Rochefort a levou ao fim; Bitaubé fez o mesmo, Madama Dacier outro tanto. Em Inglez ha tres traducções conhecidas, e a de Pope escurece a do mesmo Addisson, ainda

que este a não publicou em seu nome. Em Latim são innumeraveis, eu desejava vêr huma attribuida a Angelo Policiano; entre as obras deste insigne filologo, e poeta não vem, apenas se acha hum poemeto, intitulado Ambra, que trata dos louvores de Homero. Em Italiano ha huma de Salvini, outra modernissima de Cesaroti, homem pacientissimo, que até traduzio as poezias de Ossian, filho de Fingal, coisa na verdade adormecedora. Em Portuguez não ha ainda traducção alguma, dizem-me, que hum homem que fez o Telemaco em versos, tomára isso a sua conta, talvez seja o seu purgatorio, ou penitencia que lhe impozessem. Mas que prova tudo isto? Que tirada a céga, teimosa, e servil adoração do antigo Homero, he hum quebra cabeças. Os commentadores dizem, que não só he o pai dos vates, o exemplar perfeito dos poemas, mas que he o inventor de todas as sciencias, e artes, que he o maior de todos os filosofos, sem haver parte alguma na filosofia, que elle não

se ache tratada, que he hum legislador sublime, hum moralista, hum politico da primeira sorte, hum grammatico, e hum rhetorico, que emprestou luzes a Aristoteles para compôr tudo quanto escreveo sobre a arte de persuadir.

Seja Homero o que fôr, para mim he huma intoleravel secatura, eu não posso aturar mesas de pé de gallo, que andão pelo seu pé sem ninguem lhes mecher; cavallos, que fallão, e chorão, pelas barbas abaixo como humas crianças acabadas de açoitar; heroes, e principes a assar carne, e a virar espetos, sem hum bixo de cozinha que lhe tire o trabalho; descomposturas atrozes antes que venhão ás mãos; Venus mettida em brigas, e arruidos, e sahindo dalli com duas cutiladas, que lhe pespegou na cara o desalmado Diomedes; e Marte esbalavrado de huma pedrada com que Ajax o crismou na cabeça; eu não posso aturar os mensageiros que vão repetir os recados que lhe dão com as mesmissimas palavras com que lhos dérão; eu não posso gabar das alcu-

nhas obrigadas com que o poeta designa todos os seus heroes, e Numes, como v. g. Achilles, o pé leve; Juno, a olho de boi. Houve já quem duvidasse da existencia de Homero; houve quem dissesse, que era homem de capa em colo sem eira, nem beira, nem domicilio certo, não se sabendo jámais de que terra era natural; que morrêra por não poder explicar o ignima proposto pelos pescadores. Ha quem diga, que como cégo andava cantando pelas portas aquellas rapsodias, que erão de diversos, como se vê pela diversidade dos dialectos, que se descobrem na Illiada, e que Pisistrato juntára todas aquellas lengas, que o cégo cantava destacadas, e que as ajuntárão em hum corpo, polindo-as, ordenando-as, e dispondo-as do modo em que agora as vemos, e que fôra esta collação de Pisistrato, a que Alexandre trazia comsigo, e que metteo na boceta, apanhada entre os despojos de Dario, e que por isto (diz Pope) se ficou chamando a edição da boceta. A pesar desta emenda, e desta ordem o poema tem

baixezas, repetições, e rusticidades fastidiosas; alguns traductores lhe comem, e Madama Dacier o disculpa, dizendo que erão costumes, e maneiras dos tempos heroicos, e que lhe acha muita similhança com os heroes hebreos; isto he mentira solemne, que nunca apparece capitão, ou monarca do povo de Israel a assar carne depois que os Israelitas se formárão em corpo de nação, e que posto, antes de se conhecer povo, se diga que Jacob tinha hum prato de lentilhas, cujo cheiro consolava os narizes de Esau, não se diz que as temperasse elle. Quando se diz a Madama Dacier, que he huma coisa ridicula que a princeza Nausicae, filha delrei Alcinous vá lavar roupa ao rio, responde, que tambem a filha de Faraó andava passeando pelas ribeiras do Nillo. Pope vem com a grande quartada de que para nos não escandalizarmos daquellas baixezas nos devemos transportar com a imaginação para a simplicidade dos tempos heroicos. Mas se Homero escreveo para os Gregos do seu tempo já tão

cultos, e tão polidos, devia pintar seus heroes tambem polidos, ou menos rusticos, isto fez Virgilio, ainda que o seu piedoso Eneas fosse da mesma data; e muito melhor Stacio, pois sendo o assumpto do seu poema muito anterior ao da guerra de Troia, porque o brutal Diomede era filho, ou neto de Tydeo, que foi em cima de Thebas, pinta estes homens ainda mais antigos de hum modo que não escandaliza, porque ainda que faça Isifile uma seca de Arhemoro, Isifile ainda que princeza na Ilha de Lemnos passava incognita, e andava escondida das malditas mulheres de Lemnos, que matando os maridos, e tudo o que era folgo vivo de homem, Isifile perdoou a seu pai, e o deixou fugir. Ora goste quem quizer de Homero, eu não me posso obrigar com a authoridade dos outros a lhe queimar o meu incenso.

SOLILOQUIO XLIV.

Mil vezes me tenho perguntado a mim mesmo, que coisa seja aquelle saber, com o qual o homem se inche tanto, e tanto se empanturra, que lhe parece, que com muita razão deve andar de colo levantado entre os outros homens, julgando-se muito superior aos outros seres da sua especie! Parece-me que o saber por maior que seja, não he mais que huma série de idéas percebidas com ordem mediante hum certo methodo a que eu chamo estudo: estas idéas se derivão da observação dos outros homens, e das minhas proprias observações. Mas a quem porei eu esta alcunha de sábio! Por ventura ao fysico indagador da natureza, amigo do vinho, das riquezas, invejoso, etc. Ao medico, ainda que saiba por épocas todos os systemas inventados pelos seus predecessores, a maior parte assassinos de Hipocrates até Darwin, sem que nenhum

de tantos, nem o mesmo Boerhaave, o maior de todos, o seu discipulo, e commentador Haller atinasse ainda com a verdadeira causa de hum defluxo? Será por ventura o sábio hum homem calculador, e geometra chamado Newton ávido de riquezas, servo daquella educação, que recebeo menino, que em quanto se quer mostrar o mais profundo indagador dos segredos, e leis da natureza, e seu fiel interprete, era tão ignorante de seu proprio ser, que commentou, não como expositor, mas como visionario o livro do Apocalypse? Será elle o sábio, porque imaginou sujeitar ao calculo a volta dos cometas, que apparecem quando lhe dá na cabeça, rindo-se dos pronosticos, e dos catarros, que apanhão ao relento da noite, os que de hum olho aberto, e outro fechado lhe assestão telescopios de cincoenta pés de comprimento, como o que Derham foi encarapitar no mais alto telhado do observatorio de Londres, e o mais taludo ainda que La Place cavalgou no de Paris? Para que, ou de que me serviria a mim o conhecimento da natu-

reza, se eu me ignorasse a mim mesmo a ponto de me imaginar alguma cousa grande entre os seres! Eu não me persuadirei jámais que possa ter talentos sufficientes para chegar além dos outros homens interpretando a natureza, quem não foi capaz de conhecer, que os homens erão pequenos, e máos, e suas opiniões em materia de sciencias, zelo. Direi que he verdadeiro sábio aquelle, que meditando, chega a conhecer profundamente o homem, de cujo conhecimento se deriva na ordem filosofica, ou na esfera da natureza, aquella moral austéra, e aquella virtude social, que tornárão entre os homens, adoraveis a Zeno, Cleantes, Stilpon, Democrito, Seneca, Epitéto, e Marco Aurelio. Eu encontro a moral de Seneca, de Socrates, e de Zeno, não em os grandes geometras, fysicos, ou poetas; mas sómente naquelles homens, que ás sciencias geometricas, fysicas, e literarias ajuntavão, e união hum profundo conhecimento do coração humano. Só a estes homens eu chamarei filosofos. Que im-

porta aos homens que hajão Newtons abstractos, e visionarios, incapazes de se interessarem por outra coisa, que não seja elles mesmos? que necessidade tem a raça humana de Voltaire, de Montesquieu, de Mably, e dessa tropa de excogitadores de systemas politicos, e sociaes, que tudo confundem, e que são similhantes áquelles agromaniacos, que se persuadem que fertilizão os campos, e que dão mais fartas colheitas com a sua filosofia, e grãos fermentados com salitre, e que por fim vem a produzir fome, e a inutilizar trabalho, porque pertendendo melhorar os homens, abater os tyrannos, e tornar mais feliz a sorte dos mortaes, produzem hum cáos, ou fazem rebentar com medonha explozão huma coisa, que se chama a revolução Franceza? Newton, Bernoulli, Cassini, Halley, Kleper, e noutra ordem Reynald, Montesquieu, não conhecêrão mais o homem do que o conhecêrão Rafael de Urbino, Corregio, ou Rambrand, que os pintárão bem, e ficárão na superfice. Newton occupou-se,

e consumio-se muitos annos; e achou hum modo de calcular, chamado differencial, portentosamente inutil, descoberto contemporaneamente por outro homem, chamado Leibnitz, e readvinhado em Lausana por outro homem, chamado Bernoulli. O verdadeiro sábio he o homem moral. Eu não pertendo tirar os homens das suas teimas, cada hum he levado ou conduzido da sua vontade, mas como o meu designo, ou em mais Portuguez, o meu intento he pintar-me a mim mesmo nestes Soliloquios, eu digo que havendo consumido a melhor parte da minha vida na leitura, e meditação dos escritos mais graúdos dos sábios, que se chamão os filosofos, os dois livros do clérigo Charron, o primeiro das tres verdades, e o segundo da sabedoria, me enchêrão mais o olho, que quantos publicistas, geometras, e astronomos tem aturdido este em que vamos, e o passado seculo, com suas producções. De que me serve conhecer tudo, se eu me ignoro a mim mesmo? Por meio das virtudes moraes, eu soube distin-

guir o sabio original, do sábio copia, ou daquelle, que não sabe outra coisa mais, que o que tem lido. No sábio original, descobri a virtude de Socrates, isto he, o homem sem opinião. No sábio copia, a corrupção, e as preoccupações. O sábio original, ensinou a si mesmo a maior parte do seu saber. O sábio copia, sabe apenas huma parte daquillo que os outros escrevêrão.

Já disse que quasi toda a minha vida se tem consumido em ler, e meditar os escritos dos outros homens. Os que me educárão nas letras erão huns soberbos ignorantes, levárão-me pelo paiz da filosofia por huns compendios em que apenas vi que estavão quatro definições superficiaes, que me deixavão em jejum, e a estas definições chamavão elles sciencias filosoficas: na casa em que me educárão, existia huma bibliotheca de mais de vinte mil volumes, mas era hum crime entrar nesta bibliotheca em quanto se estudava a chamada por elles filosofia, eu a furto me introduzia nesta casa, a furto li, e devorei os

escritos methafysicos de Descartes, que me embebedárão delle, e por elle dei hum grande grito, quando topei com o principio de duvidar para saber, ou da necessidade de destruir todos os principios, e conhecimentos adquiridos para edificar por mim mesmo, porque vinha a ser a mesma lembrança, que eu tinha tido da necessidade de hum novo modo de filosofar; este devia começar do conhecimento da minha existencia, e da faculdade de pensar. Descartes dizia, eu cogito, logo, existo; eu dizia comigo ás avessas, eu existo, eu conheço que sou, logo este conhecimento da existencia, esta idéa de reflexão sobre o meu ser, he o meu primeiro pensamento. Desde este instante esqueci os compendios, e comecei a dizer comigo mesmo. Eu penso! E que coisa quero eu dizer, quando profiro a palavra penso? Nada mais quero dizer, se não que vivo, e que sou sensivel. Nada mais quero dizer, se não que me lembro das sensações que sobre mim fazem os objectos, que me cercão, e que me lembro das

sensações, que sobre mim fizerão os differentes objectos de que me vi cercado nas diversas situações da minha, sobremaneira apoquentada, e tormentosa vida. Quando confronto o que vi succeder com o que actualmente acontece, e me imagino, ou represento a mim mesmo o que poderá acontecer, eu digo, que me occupo do futuro, daqui nascem em mim os movimentos, ou determinações a que chamo espontaneas; desta nasce a idéa da minha liberdade, desta idéa nasce o conhecimento de que existo em relação com os outros seres meus similhantes, deste conhecimento se deriva a primeira obrigação, ou o primeiro dever moral, e da existencia deste dever a obrigação de me estudar como homem. Este estudo pois he o mais digno do homem, não porque o disse Pope, mas porque de si mesmo se está inculcando, e fazendo estimar, e attender. São pois inuteis todas as sciencias, quando não tem este resultado. Só quem me ensina a conhecer a mim mesmo he o verdadeiro sábio. Oh que talentos ex-

istem perdidos, que applicados a esta sciencia serião mais dignos de templos, e estatuas, que o padre Homero. Se José Cesar Scaligero, se Pedro Ramus, se Erasmo, se Marsilio Ficino, se Petavio, se Sirmondo, se Causabono, se o immortal Justo Lipsio, se tiverão dado a este estudo só, que sólidos thesouros possuirião os mortaes! grammaticas, cronologias, disputas frivolo-filologicas occuparão estes talentos da primeira magnitude.

SOLILOQUIO XLV.

Nunca me persuadi, que hum homem chegasse a sonhar estando perfeitamente acordado, só a minha propria experiencia me póde persuadir da realidade desta em apparencia manifesta contradicção. O homem solitario, e costumado a profundas meditações sobre objectos abstractos, com os sentidos bem despertos sente correr a imaginação pelo paiz das quiméras até ao ponto da advertencia, então se

lhe dissipa o rapto, ou o extasi, e torna outra vez ao uso, ou exercicio da triste razão: tal me succedeo a mim no presente Soliloquio abstracto, que eu não quiz deixar perder como outros muitos, que escritos serverião de alguma coisa aos homens meus similhantes. Eis-aqui o que eu disse comigo em hum sonho acordado.

Se eu soubera, que coisa he esta terra, e que coisa são os outros innumeraveis corpos celestes, que apenas chega a noite se descobrem, e qual fosse sua verdadeira formação, e origem, com este perfeito conhecimento seria eu acaso mais alguma coisa do que sou? Seria acaso com toda esta sabença mais util aos meus similhantes? Nem huma coisa, nem outra alcançaria; ainda que com effeito eu descesse agora dos astros, acabando de dar hum passeio, ou huma volta pelo espaço, e contasse tudo aos meus similhantes como testemunha de vista, nem eu me engrandeceria mais, nem os tornaria melhores, nem faria á minha patria o grande serviço de alimpar de Fran-

cezes, e dos seus sequazes, animalejos muito mais daninhos, barbaros, e ignorantes, que os mesmos Francezes. Com tudo eu creio que não existe hum homem, que não goste de ouvir novidades certas lá de cima, he bairro aquelle, que desafia a curiosidade de quem tem os olhos abertos. Eu tambem o quereria, e para satisfazer meus desejos lerei acaso os sonhos do homem Buffon; ou quanto escreveo aquella porção de terra modificada em homem, e com espirito de homem, que se chamou Plinio? Nem hum, nem outro eu consultarei. Em me cheirando a ler o que os homens escreverão, volto a cara como se faz, quando se topa com hum objecto desagradavel. As esquinas de Lisboa ha quasi nove mezes a esta parte me indispozerão contra a letra redonda, nunca o chumbo modellado em caractéres typograficos foi mais profanado!

Quando observo os astronomos armados de longos telescopios desde Galileo, até La Place, medindo os corpos celestes, e suas distancias, calculando suas reciprocas relações, seus

movimentos com os magicos termos de razões inversas dos quadrados das distancias, quando oiço a lei de Kleper, seguida como o decálogo pelos seus confrades, quando vejo hum fysico-mathematico descrevendo a figura da terra sentado em huma cadeira ao canto da sua casa; parece-me que vejo hum insecto que se não póde distinguir senão com o soccorro de hum excellente microscopio em cima do lombo de hum elefante, no meio de hum vasto deserto do imperio do Monomotapá, por onde gírão outros elefantes, e outros animaes; parece-me, digo, que vejo este insecto repimpado sobre a ponta de hum cabello, ou pello do elefante, explicando aos outros bichinhos seus similhantes, que coisa seja aquelle corpo para elles mais que immenso, sobre o qual elles se achão, e que relações tenha com os outros que vêem mover-se em distancias tambem immensas para elles. Eu sou hum insecto chamado homem, e sempre me lembrarei com prazer daquelle apologo das duas pulgas em cima do espinhaço de hum cão. *For-*

mica, et musca contendebant acriter; assim as duas pulgas disputavão sobre a figura daquelle vastissimo corpo, em que existião, e depois que pela contrariedade das opiniões se escaldarão algum tanto, e vierão a dente, barafustando forte, sentindo-se o cão alguma coisa incommodado com seus movimentos, acudio com a parte de trás, cossou-se, esmigalhou as pulgas, e acabou-se a questão. Oh homens, filhos da terra! Sois muito pequenos! Eu não tenho visto mais, que o desenvolvimento de vermes, e de insectos; não vi mais do que brotarem do chão hervas, e plantas; e nascerem animaes depois do ajuntamento de hum macho, e de huma femea. Eis-aqui os estreitos limites da minha imaginação, e das minhas idéas. Tudo o que avanças daqui por diante não póde ser mais do que idéas modeladas sobre estas precepções. Os homens não pensão sobre o que ignorão senão pela dialetica da analogia daquillo que conhecem. Hum homem he mais pequeno em comparação da terra que huma pulga, relativamen-

te a hum elefante. Ora eis-aqui hum perfeito delirio, em que eu me acho algumas vezes. A negra analogia me escandece de tal maneira, que chego a imaginar, que a terra, e os immensos corpos celestes que a cercão (mentira como esta, nem os Francezes nos tem pregado) são seres viventes, e semoventes de especies entre si differentissimas. Que vidas serão as suas! Que fórmas os devem differençar huns dos outros! Os homens, ainda que seja o mesmo Buffon, o mesmo Daubenton, o mesmissimo Spallanzani, e o proprio Galvani, são tão pouco aptos para indagar estas coisas, como seria hum mosquito trombeteiro, passeando sobre o dorso de huma grande balléa de Spitzberg, que pela analogia de sua propria vida, ferrão endiabrado, e azas amotinadoras, quizesse ajuizar do estado, e deduzir a vida, os movimentos, e toda a economia animal dos grandes leviatans, ou dragões do mar. Se olho para o meu corpo, eu o vejo coberto em parte de cabellos, e de pellos, se o considéro com hum bom

microscopio, o observo cheio de huma subtilissima pennugem, e de hum cardume prodigioso de pequeninos viventes, que pela sua pequenhez extrema, deixão indicifravel sua diversa especie, que vivem, e respirão na minha insensivel transpiração. Vejo algumas partes rugosas, que me offerecem a imagem de hum numero prodigioso de cordilheiras de montanhas, e valles, que taes devem ser para os infinitamente pequenos insectos, que existem em mim; vejo outras partes lisas á similhança de vastas campinas, e que taes devem parecer, e são para os animaculos microscopios. Até no meu mesmo sangue nadão; e se mergulhão viventes de varia fórma, todo eu sou huma interminavel bixaria. Se olho para a terra, a vejo em parte coberta de huma prodigiosa quantidade de arvores, e plantas, todas várias, e todas admiraveis, e em parte povoada de huma turba prodigiosa de viventes, que vivem, e respirão a transpiração da terra, a que os homens, que se apregoão por fysicos, chamão ár; descubro, huma grande

multidão de montanhas, e de valles, e as aguas estão cheias de hum cardume immenso de seres nadadores. Eu vivo da terra, e sobre a terra; a terra he hum mundo para mim; eu sou hum mundo para os infinitamente pequenos seres, que me povoão a pelle, a carne, e até o sangue. A cada instante he vária a carreira da minha vida, vário he tambem o curso da vida da terra. Entre as sêcas, e as excessivas chuvas, entre os estios por extremo quentes, e os invernos excessivamente frios, ha gradações, que não seguem sempre o mesmo trem. Observo em mim certas funções animaes periodicas, quarto de hora mais, quarto de hora menos, como observo periodicos na terra, alguns ventos, chuvas, estações, dias mais, ou dias menos. Sou sujeito a doenças (ainda mal) a sêca, a chuva extrema parecem as doenças da terra, ou os precursores dos terremotos; assim meu corpo está fóra do equilibrio, se suo com excesso, ou se huma ardente sede me atormenta. Sobre o meu corpo apparecem, cer-

tas alturas, a quem os mestres enterradores, filhos de Epidauro chamão protuberancias, que ou ficão, ou se desvanecem; surgem dos abismos do mar montanhas, que, ou desapparecem, ou ficão. Se eu tenho ossos, a terra tem em seu seio andaimes de durissimas rochas. Meu sangue se move, formando a sistole, e a diastole; as aguas se movem, e de tal movimento procede e fluxo, e o refluxo. Será esta a sistole, e a diastole da terra, ou o movimento, ou passeio constante do tropico do Cancer ao de Capricornio, e deste para aquelle, será relativamente a terra, o que he a sistole, e a diastole, relativamente ao meu corpo! Eu ignorante imaginava que a terra era hum montão enorme de materia, tão inerte, e immovel como hum calháo; assim tambem cada hum dos infinitamente pequenos insectos, que nascem, vivem, e morrem sobre o meu corpo, se tivessem entendimento poderião pensar, que eu era huma pedra.

De que especie pois de corpos celestes será esta a que eu chamo ter-

ra sem saber porque? Quem sabe se será a terra em comparação das outras immensas especies, o que he hum insecto em comparação de hum homem, ou de hum elefante? Que condição he a minha! Eu sou parte da terra, e não a conheço, e nada sei da mesma terra, por mais que me entregue na meditação dos escritos de quantos cosmologistas tem apparecido desde Wiston até La Meterie, porém tambem os insectos que vivem no meu corpo, nem me conhecem, nem elles mesmos sabem de que freguezia são. Que direi a mim mesmo da coquillagem, que os homens achão em cima das mais altas montanhas, ou nas profundas excavações que elles fazem? Parece-me, que taes accidentes na superficie da terra acontecem daquelle mesmo feitio, que succedem pequenas mudanças na pelle do meu corpo, e dos outros animaes, mediando alguma pequena alteração na máquina. Que me direi destas que me parecem enormissimas cadeias de montanhas, pasmo dos homens pequenos como eu sou? Se estas mon-

tanhas, que se levantão até ás nuvens, relativamente a toda a maça terrestre não são de maior consideração, que as rugas do focinho de hum velho, nada haverá mais facil de comprehender com Buffon, que as ondas impetuosas do mar, tenhão no decurso dos seculos, accumulado diversas materias humas sobre as outras, donde provenhão aquellas enormes maças, e montões de terra, pedras, e mais salgalhada de que se compõe os montes, a quem os homensinhos como eu, e outros emlambuçados em sciencias naturaes dão o nome, de espantosas cadeias de Alpes, Pyrineos, Caucasos, Chimboraço, etc. Assim os ventos formão montes de arêas no deserto sublunoso, que separa a Palestina do Egypto, ora n'hum lugar, ora n'outro, e nenhum enterrou a Buonaparte, quando fugia de Smith! A pequenhez dos homens, tem feito escrever a muitos homens bem grossos livros sobre taes fenomenos, e bem comprido sonho, ou delirio tenho eu passado com todo este futilissimo apparato de analogia, estrada batida

pelos pequenos, que cuidão que todo o mato he orégãos, e andão ás cégas tacteando, o que o Omnipotente não julgou conveniente, que nós soubessemos, quiz que o homem fosse antes bom, que sábio, e deixando o mundo ás nossas infantís disputas, deixa-nos ás escuras no conhecimento interior das suas incomprehensiveis obras: quando eu sahi deste meu delirio da comparação do corpo com a terra, lembrou-me a ingenua confissão do pastor de Virgilio tambem analogísta: *Urbem quam dicunt Romam Malibea putavi*, stultus *ego*, *huic nostræ similem.*

SOLILOQUIO XLVI.

Li, quando lia, dois livros com excessivo prazer, porque me fazião meditar muito, e profundamente, genero de prazer, que eu anteponho a todos quantos até agora se tem descuberto, ou excogitado, em apanhando livro, que me obrigasse a medita-

ções, até me esquecia do ordinario sustento, contrahindo o habito de meditar até a ponto de não sentir o reboliço das ruas de Lisboa, quando por ellas passeava: estes dois livros são, 1.º a descripção do Cabo da Boa Esperança por André Kolby, 2.º a 3.ª viagem do capitão Cook. No primeiro vi a relação de hum mancebo Hottentote, tirado das agrestes brenhas, bem civilizado, bem tratado, que improvisamente abandonou o estado civil, e foi viver como hum salvagem entre os seus: eis-aqui o facto, agora eis-aqui a meditação. « Venhão cá martellar-me aos ouvidos que as sociedades cultas, Lisboa, e os botequins do Rocio, cortiços de ociosos falladores, tem huma infinita vantagem sobre os póvos salvagens. O Hottentote vivia naquelle lugar, que os Portuguezes, corredores de Séca, e Méca, chamárão o Cabo de Boa Esperança, em huma cidade, em que agora, se estão rindo os Inglezes, chamada Tabelbay; tinha aprendido a escrever, e era capaz de ser pelas miudas contas que já fazia, negociante Hollandez.

Andava bem vestido, comido, e bebido, e posto que os Hollandezes não sejão muito liberaes do vinho de Constança, nem por isso o Hottentote deixava de andar muitas vezes alegre, mas deixa tudo para tornar a cobrir-se de huma fedorenta pelle de carneiro, vagando por entre fragas, e dormindo em huma como sepultura de barro, que chamão huta, onde a escritura, a arithmetica, e outros conhecimentos que havia adquirido erão nullos. Acaba, ó homem, de ser orgulhoso, porque escreves, e calculas. A educação, e o uso te fazem parecer coisa sobre-humana a escritura, e o cálculo. Se tu escreves, a aranha faz a sua têa, parece o geometra da natureza. Que objecto de profunda meditação seria para Democrito, e para Seneca este Hottentote! Elle brada de continuo oa meu coração, e me diz que a grande sociedade não faz o homem mais ditoso; e como póde ser ditoso, se elle encontra verdadeiras prizões? Por ventura he ditoso o homem que não he livre? Tudo o que parece vantagem

nas grandes sociedades não he mais que huma especie de cantilena adormecedora com que os homens assinte se procurão fazer esquecer dos males reaes que sentem, e a que estão duramente sugeitos. Quem estuda o homem fóra do mesmo homem vai enganado. A grande questão da sociedade feliz no meio das grandes povoações está bem resolvida com a determinação do Hottentote; e outras coisas mais leio eu em Kolby, que me instruem, e alumião mais que as grandes tiradas do homem sofista de Genebra, e do homem analizador do espírito, ou intenção das leis. E será verdade, dizia eu, no meio das minhas meditações, que o homem de Londres, de Lisboa, e de Roma seja mais feliz que os salvagens da America? Alguns marinheiros Inglezes da fragata, Resolução (este he o segundo caso) quizerão ficar em Otaiti, porém o Otaitianno não quiz ficar em París, e he belissima a passagem do poeta Delille em que pinta este Otaitianno no jardim das plantas abraçado com a arvore que conheceo indige-

na do seu paiz. Logo digo eu, o Otaitianno vivia abafado, e mortificado no paraiso dos homens mais que civilizados de Paris: o Inglez vivia contente, sem serveja, e bom pão alvo em huma cabana de Otaiti. A vida dos pobres da Europa não he muito differente da vida dos salvagens da America. O salvagem Americano, se pesca, vai á caça, trabalha para si. O miseravel da Europa se mata por amor dos outros. O vinho, os licôres, o café, não tornárão mais diliciosa minha existencia. O salvagem faz mil carantonhas, se convolve, e torce quando chega á bocca o vinho, o licôr forte, e os nossos pestilenciaes adubos. Tudo póde o uso, e este imperioso, e caprichoso tyranno nos faz necessario o tabaco desgostoso, e ingratamente estimulante. O uso faz o camponez robusto, e insensivel á impressão de hum calor suffocante no meio de huma descoberta campina com assombro do delicado poltrão, ou envidraçado no inverno, ou abanando-se com hum leque á sombra de frondosas latadas nas tardes do verão. Não está

a ventura na grande sociedade dos homens, huma pequena aldeia diverge menos do estado natural, huma povoação como Lisboa existe em huma distancia quasi infinita deste estado proximo á natureza, que se chamou seculo de ouro; mais homens, mais vicios; mais polimentos, menos ventura, e mais escravidão. O maior delicto que os homens commettêrão na ordem social foi a revolução de França, e este infernal attentado nasceo, creou-se, e chegou á sua perfeita maturidade no meio da mais culta, mais literata, e mais especuladora povoação da terra, qual era París. Eu antes quizera viver entre os gelos da Laponia, ou nos areaes da Arabia que em París.

SOLILOQUIO XLVII.

Hum animo apoquentado como eu sinto o meu animo, desde a instalação do monstruoso governo, que nos tyrannisa, vive bem pouco disposto

para especulações transcendentes, e abstractas, e eu na necessidade de occupar-me para adormecer meus receios, e o susto de me ver inquilino de humas casas do Rocío, sem janella para a rua, não tenho outro remedio mais que enterter-me em objectos a menos que me não cancem, mas que me divirtão. Nenhuma coisa me interessou tanto no estado social, e na posse de nossas leis, e costumes de que os barbaros nos arrancárão, com a instrucção da mocidade, e nenhuma coisa me magoou tanto como observar o pouco amor, que os mancebos ganhavão ás letras, quando sahião das escólas de humanidade, onde os moião, e zangavão por muitos annos. E assim devia acontecer, a razão he manifesta, e se tornava publica pela confissão, que os mesmos mancebos fazião no momento de se evadirem ás garras dos rhetoricões. Para inspirar aos moços o amor das letras convem interessallos, nem se pódem fazer interessar pelas letras quando se lhes não batem as veredas do coração, e do genio. Para isto são

precisas obras engenhosas, nas quaes a natureza destramente imitada rege sobre o sentimento, e he capaz de sublimar a alma. E são a caso deste calibre as obras, que nas escólas se propõe á mocidade! Deixo-me deste exame que póde ser odioso a muitos padres conscritos architectores de planos de estudos. O merecimento de huma obra não consiste em o embrexado de palavras todas ellas escolhidas, e approvadas em periodos compassados, que nada dizem, nem explicão. E os livros que só tem isto, são os que de ordinario se propõe á mocidade por modélos. E que acontece depois de alguns annos passados neste infructuoso trabalho! Os rapazes não achão gosto na leitura de taes obras. Longe de lhes sublimarem a alma, e de lhe pôr em movimento o coração, esfrião, e estancão de morte os miseraveis, e persuadidos que fóra daquillo, que lhe explicou o Sr. mestre nada ha que seja bello, e interessante, reputão, e com razão, o estudo das letras humanas como huma inepcia, ou solemne par-

voice, e se enjoados deixão tudo por mão, e se arrependem de haverem perdido tantos annos inutilmente.

Pobres rapazes! Empurra-se-lhe toda a culpa deste aborrecimento tão justo, e os professorassos salvão-se a si, refundindo tudo na pouca boa disposição da juventude, e julgão satisfazer a todas as queixas, quando dizem, que a unica exposição de alguns retalhos dos arrezoados de Cicero bastão para inspirar o genio, e o talento da eloquencia. Cicero he hum grande author, e creio, que em razão do meu officio, e do sério estudo, que para o exercitar tenho feito, não houve ainda quem mais o gostasse a pesar dos grammaticões de quinhentos, que bebião Cicero, isto he, as palavras, os torneos, e as desinencias dos periodos de Cicero. Ora pois ainda que o limitar-se a hum unico author, e aos authores de huma só nação, quando se trata de formar a mocidade seja hum absurdo, quero conceder-lhe, ou dar-lhe de barato, que as orações interpoladas, e retalhadas de Cicero bastem por si só,

para formar a juventude, e desenvolver-lhe o genio para a eloquencia. Com tudo, será sempre verdade, que nem Cicero, nem outro melhor que Cicero, se acaso existisse, bastará para se conseguir este fim, se os professores de rhetorica não tiverem barbas para lhe fazer conhecer o espirito.

Eu aturei hum, e escutei muitos, e entre tantos, nenhum achei, que soubesse ao menos explanar a economia de hum arrozoado de Cicero, a connexão, e a relação das idéas; a conducta, e os fundamentos da razão principal, e todas as suas ramificações; o scopo, ou alvo a que o orador se atirava, os meios que empregava para chegar a elle, as cautélas escondidas da arte, os progressos do raciocinio; a proporção que havia entre o discurso, e a materia, entre o genero empregado, e a qualidade dos juizes, dos ouvintes, e do réo. Nenhum achei, a pesar de soffrer hum sabichão oratoriano, que assentão estes homens piedosos, que fóra delles não ha sciencia, nem as mais ligeiras lambuzadas de literatura, que

me soubesse mostrar, onde Cicero he fraco, onde o amor proprio, e sua natural basofia, presumpção, e vaidade o cégava, onde a muita confiança, que de seus relevantes talentos fazia, o enganava! Levei-lhe huma vez o livro do meu patricio, e parente Jacintho Freire de Andrade, e mostrando-lhe a grande, e arrogantissima tirada de Cojesofar, lhe pedi, que applicasse a lente anatomica a esta grande peça, e que mostrasse nella todos os apuros, ou velhacarias da arte, com que está organizada, respondeo, que tão alta filosofia não era para rapazes de doze annos como era eu, que isso seria deitar perolas a porcos. Carreguei hum dia com hum bacamarte, da Asia de Manoel de Faria, encantado com a oração apologetica, que elle põe na bocca de Lopo Vaz de Sam-Payo, pronunciada em relação diante de D. João III.°, que presidia, respondeo, que lhe aborrecião Castelhanadas, e que onde estavão as orações de Cicero, tudo o mais era immundo lixo. Bastará pois a exposição de Cicero, quando o interpre-

te, põe toda a sua diligencia, todo o seu estudo em huma literal construcção conforme as severas leis da velha syntaxe, mostrando a pureza, e a elegancia da frase, conforme o juizo dos enormes vocabularios dos Ciceronianos de quinhentos, o tom harmonico dos periodos, a escolha do *esse videatur*, que fica tinindo nas orelhas, e a frequencia das figuras que os rhetoricões lhe marcão, e de que Cicero se não lembrou no impeto, e no calor da composição? De que utilidade pódem servir as orações de Cicero a hum pobre rapaz estudante, expostas por hum homem, que consumio a sua vida, e saude para sustentar huma questão de muitos annos sobre huma palavra, que hum poeta velho por divertimento inventou! Em quanto os mestres fizerem seu emprego, e suas delicias de simplices palavras, em quanto só isto buscarem nos authores classicos, estranhos, e nacionaes; em quanto inspirarem aos infelizes rapazes o gosto esteril deste palavreado puritanismo, jámais de suas clamorosas escólas sahirão os mesmos ra-

pazes com hum sincero, e efficaz amor ás letras, antes lhe ficárão com hum odio de todo o seu coração, e livre daquella afflictiva galé, buscárão outro rumo para seu estabelecimento, outra profissão muito diversa que lhe mantenha a existencia, e com que possão servir a patria, extinguido-se desta maneira a cultura das boas artes, que tambem são da patria hum glorioso ornamento. Haja mestres, que ensinem mais coisas, que palavras, que inculquem com arte o amor das letras, e a sua necessidade aos discipulos, então poderei eu ter a consolação de vêr renascer em Portugal hum bom, e arrazoado número de escritores filosofos, e oradores consummados.

SOLILOQUIO XLVIII.

Hum ex-jesuita Italiano, doutissimo homem, chamado, Paulo Beni, hum dos melhores filologos, e críticos daquelle paiz dos heróes antigos, e

modernos, que produzio Cesar, Catão, e Cicero, e produz Caporalini, Schira, e Fioravanti, hum homem que passou a sua vida em agradaveis bagatellas, compôz hum livro, que eu peccador li n'outro tempo, chamado comparação entre Homero, Virgilio, e Tasso, no qual com pasmosa dexteridade esmiuça todos os tres decantados poemas, ou judiciosos delirios, confronta-os em a fabula, nos episodios, na moral, na dicção, nos affectos, na conducta, nos caractéres, na parte narrativa, descriptiva, drammatica, na invensão, no maravilhoso, ou machinas, finalmente bate todas as moitas, e de todas ellas pouco mais ou menos faz sahir coelho, dando, e com razão, em tudo a preferencia ao Tasso; e com effeito dos edificios poeticos existentes he o mais bem acabado, o mais perfeito, o mais bem distribuido, o que mais se entranha na alma, salvo sempre Stacio, porque as comparações, e os parallelos, não são para este amigo; passeia só no Parnaso, ou para melhor dizer anda acima do Parnaso,

os que mais se encarapitão na bipartida cima, não fazem mais que olhar para elle cá de baixo, e serem similhantes aos rapazes, que querem appanhar o arco da velha, que quanto mais se chegão mais lhe foge. Todo o bom juizo conhece nos parallelos de Paulo Beni, que a preferencia está por parte do Tasso, e este livro deitou a perder todos os imperiosos, e soberbos accordãos da Crusca, que pertendião pôr acima de Jerusalem as cavalhadas de Rugerio, as loucuras de Rodomonte, a turlupinada da historia do Estalajadeiro, e os desvarios, e poucas vergonhas de Angelica, e Medóro. A Jerusalem he o mais acabado dos poemas, e Tasso o melhor architecto destas deleitaveis, e interessantes ninharias. Antes de eu ler Paulo Beni, já era desta opinião, porque em materias de boas artes, e artes imitativas, o competente juiz he o sentimento. O douto ex-jesuita julgou estas composições pelas regras, eu ajuizo do merecimento pelo interesse que me causão. Ora ahi vai huma nova especie de

comparação, á vista da qual, antes que eu intervenha com a minha lembrança, e não sentença, todos julgarão, que o pobre Tasso fica mettido em hum chinelo, e posto a hum canto, ou mandado para o andar da rua. Ahi vai a exposição do primeiro livro da Eneida, depois o da Illiada, e finalmente virá o da Jerusalém.

Lançado Eneas por força de huma tormenta, ou obrigado a dar á costa da Barbaria, o primeiro objecto, depois dos veados que elle mata, e come, com quem dá de cara a cara he sua mãi, mas elle não a conhece; e he de presumir, que Venus o enjeitasse; andava ella vestida de caçadora, e o pio Eneas parece que tinha cataratas nos olhos, porque sendo as Venus tão boas de conhecer, que não ha quem com ellas se engane, o bom Eneas parece que estava tolo, ou muito esquecido de quem o pario; pede-lhe pois que lhe ensine o caminho, contando-lhe de antemão seu naufragio como se ella o não soubesse, e a velhaca calada sem se descobrir, até que se pôz a

andar: pela desenvoltura do andar se conhecem as Venus, e elle conheceo que era a mãi; deixa-o pois cozido em huma nuvem, como o Escapim de Moliére, amortalhado dentro do ridiculo sacco. Como Eneas era piedoso; é melhor, como diz hum estouvado de França, para fundar huma ordem monatista, que para commandar hum exercito, vai direito ao templo, e ninguem dá fé delle. Demora-se na vista, e contemplação das pinturas que vê pelas paredes, onde estava representada a guerra de Troia, e até se descobrio a si mesmo fugindo com o pai escarranchado no cachaço, e o filho pela mão, e a mulher atrás com duas enormes trouxas de fato. Esta vista, e exame das pinturas obrigou a dizer a hum commentador, chamado Francisco Maria Zanoti, que Virgilio pinta o seu heróe consummado em todas as artes, pois só hum homem, que entendesse de desenho poderia gastar huma manhã inteira na contemplação das pinturas. (Oh commentadores, gado bravio!) Chega finalmente á presença

da rainha, mas ninguem o vê, só elle por hum buraco da nuvem, vê os seus companheiros, que julgava afogados, e ouve que lhe estavão fallando na pelle, sem saber que elle alli estava, e he coisa milagrosa, que ninguem attentasse com aquelle fantasmão da nuvem, a vejão que apparecia no meio de huma sala atacada de gente, ouve dizer á rainha, que estimaria bem, que elle apparecesse, porque o desejava conhecer (bem sabia ella que mancebo lhe vinha das portas para dentro!) então he que se rompe a nuvem, e de improviso se descobre com carinha de riso; ficão todos muito contentes, e ha huma grande galhofa. As mulheres, que todas são curiosas, não lhe soffre o coração a boa da rainha hum instante mais, e quer que o pobre, e naufragado Eneas sem tomar fôlego, lhe escarre alli todo o sarrabulho, que houve em Troia, desde o dia em que entrou o cavallo, até á noite do fogo. Então o pai Eneas repimpado em altissima poltrona, estando todos de bocca aberta, começou a comprida

arenga, que occupa todo o segundo, e terceiro livro, até que depois do « Speluncam Dido » apparece o diabo á náo da India, como consta dos autos do quarto livro, e magra cantata do Garção. Ora aqui temos em hum livro só huma multiplicidade de successos espantosos, e que parecem annunciar grandes acontecimentos futuros, que com effeito apparecêrão sem terem nenhum parestesco com estes.

Vamos ao primeiro livro da Illiada. Chegão as hostes Gregas aos muros de Troia, e sem dizer Homero o que fizerão, nem como se acampárão, introduz hum velho, sacristão de Apollo, que vem resgatar huma filha feita escrava de Agamemnão, e para este resgate se não offerece quarenta milhões, como Buonaparte diz, que quer pelo das nossas propriedades particulares, de que nós, e não elle estavamos de pacifica posse, offerece tantos, e mais quantos, e ao mesmo tempo chora pelas barbas abaixo, que cortava o coração, a primeira resposta que lhe dá o tal Sr. cunhado de Helena, he huma bofetada tremenda, que

faz esmechar o sangue pelas ventas sacerdotaes, com gravissima offensa de Apollo, depois o descompõe de nomes os mais injuriosos como os Francezes nos fazem a nós, que estamos em nossa casa, chamando-nos insurgidos, rebeldes, perturbadores do socego público. Apollo vendo o velho de pernas ao ar, toma o caso em trambelho, manda tamanha peste ao exercito Grego, que deo cabo de metade. Achilles consola Agamemnão, e de mistura com os outros Gregos lhe pede, que consulte a Calchas agoureiro, e bruxo famoso, advinhador de futuros brilhantes, para que elle descubra o meio de abafar a zanga de Apollo. Vem Calchas calcando o chão, e temendo que Agamemnão lhe faça o mesmo que fizera ao outro seu colléga no ministerio, não quer abrir bico, sem que Achilles lhe prometta defende-lo, e protege-lo. Achilles lhe promette, que sempre os guerreiros cortárão largos em protecções como o Junot. Então declara Calchas, que toda a culpa era de Agamemnão e que não acabaria a peste, sem que elle

entregasse á Chrysis a boa da filha. Se Calchas senão esconde succede-lhe o mesmo, e Agamemnão media-lhe o espinhaço com o bastão de marechal general, que tinha na mão, e diz que não larga a mulher, sem lhe ser recompensada pelos Gregos. Arde Achilles, e com razão chega-se a elle, e o descompõe de nomes tão injuriosos, que com perdão do pai Homero, duas regateiras não os proferem mais afrontosos. Depois de muitas, e mui grossas injúrias entre ambos, Agamemnão, diz a Achilles, que não largaria a escrava, sem que elle Achilles lhe entregasse a sua. Isto foi deitar azeite no lume. Tanto que Achilles ouvio fallar em Briseis, a quem queria mais que aos olhos da cara, a resposta que lhe deo, foi metter mão aos arames, puchou da altaclara, e por hum triz, que a não embebe toda na pança a Agamemnão. A code Minerva, que era apaixonada de Achilles, dá-lhe hum puchão para tráz pelos cabellos, doido do repellão, volta a cara, conhece a Deosa, e atira com a espada ao meio do chão.

Então Minerva com boas razões procura aquietallo, e lhe pede, que tenha hum bocado de prudencia comsigo, e que o melhor era separar-se elle com os seus do resto do exercito dos Gregos, que coma, e beba na sua barraca, e que se não metta mais com Agamemnão, nem se embarace com a guerra de Troia. Agamemnão ainda que zangado conhecendo, que Achilles era o seu Berthier, e que sem elle não se sahiria bem do negocio da guerra, determina entregar a filha ao velho, e envia dois embaixadores a Achilles teimando sempre, que lhe entregasse em troca (elha, por ella) a tal Brisseis. Os dois medrosos, não se atrevem a dar o recado a Achilles, porque não era para graças, mas Achilles percebe até pelo modo com que vem os dois do recadinho, o que elles querião, e lembando-se que erão mandados, desculpa de alcnides, quando vão fazer huma penhora, lhes diz, que não tremão, porque elle bem sabe, que a culpa he de quem lá os manda, de cuja vilania elle se lembrará sempre, e que lhe não passará

jámais das goellas para baixo, e finalmente, manda que se lhe entregue a moça sem curar das suas lamurias, que não forão poucas ao despedir-se (nesta entrega, ouvi eu sempre o primeiro ronco do somno de Homero, porque sendo elle o *inexorabilis acer*, e o primeiro espadachim, não pôz embargos á penhora.) Desata depois a chorar, e a chamar pela mãi (outra incoherencia no caracter de Achilles) apparece-lhe Thetis, e o consola, persuadindo-o como Minerva, que se conserve amuado fóra do acampamento dos Grégos, em quanto ella se vai deitar a Jupiter, para que o desaggrave, promettendo-lhe que Agamemnão se ha de arrepender da desfeita, que lhe fizera; Achilles obedece ao mandado da mãi: e acabou-se o primeiro livro da Illiada. Os acontecimentos, não pódem ser mais complicados, e de taes disposições, e de tanta bulha muito se póde esperar. Ora eis-aqui o primeiro livro da tão celebrada Jerusalém.

Godefredo recebe aviso de hum anjo, chama a conselho os principaes che-

fes do seu exercito. Chega hum ermitão, e offerece-se para elle ser o conductor daquella empreza, todos concordão nisto. Godefredo, supremo general passa revista a todas as tropas, e depois manda marchar: tem noticia disto o rei de Jerusalém, moiro pérro, e endiabrado, prepara-se para a defensa. Esta he sem mais apparato, toda a acção daquelle primeiro livro, que não póde ser mais simples, mais núa, e mais desprovida de folhagens, e franjas. Comparada com as outras duas, quem não julgará o Tasso mettido a hum canto? Mas não he assim, e nisto consiste a superioridade da Jerusalém acima da Illiada e da Eneida; acabo de ler o primeiro livro da Illiada, fico estafado, e aborrecido da querela dos dois, e não tomo interesse algum pelo resto, e não houve ainda alma viva, que levasse o poema de fio a pavio. Acabo de lêr o primeiro livro da Eneida, succede-me o mesmo, e deixo para outra vez o que o padre Eneas ha de contar, mentir, e basofiar, e se alguem me quizer apertar, dizendo-me, que a

narração he interessante, seja embora, e tudo o mais, que se segue até Eneas vir, ou tornar da jornada do inferno, o que dahi se segue até que a alma de Turno vá berrando para as sombras, ou não tem parentesco com o que está dito, ou he outro poema á parte, ou he a verdadeira materia do poema, pois trata da principal velhacaria de Eneas, que era usurpar o reino a Turno, tirar-lhe a mulher, e fazer-se senhor do que não era seu, com o mesmo desaforo com que tinha abandonado a miserrima Dido, que o recebêra naufragado, e que o sustentára faminto. Duas grandes acções de Eneas, ingrato com Dido, usurpador com Turno, fazendo escarneo do pobre velho Evandro que não queria para genro o tal Eneas, mequenco abeatado, e hypocrita, dá seus ares de Buonaparte. Virgilio, quiz lisonjear Augusto, e bem se vio, que se arrependeo á hora da morte, mandando queimar o tal poema para que não houvesse mais fumos delle. Vamos agora a Jerusalem, o homem de gosto, o homem sensivel, que

chega ao fim do primeiro livro, cuja materia parece tão simples, se lê com attenção, he tal o tropel de sensações vivissimas, que se lhe desperta, he tal o interesse que toma, que jámais larga o livro da mão, até vêr os fios á têa; este interesse cresse na razão do adiantamento do poema: os acontecimentos estão tão encadeados, que não póde deixar hum só sem que se interrompa toda a cadeia, he preciso levar ao fim o poema todo, quando me parece, que a imaginação pára satisfeita, então se accende mais, e não socega até ao verso *Il gran sepolcro adora, sciogle il voto.* O meu coração dá a sentença da preferencia, e he irrevogavel a pesar dos embargos, que no tribunal das preoccupações lhe querião pôr os críticos, os commentadores, e todos aquelles a quem a manía do antigo tanto avassalla, tyranniza, e cega, que só julgão bom o que tem a propriedade do tempo, limitando de moto proprio, sciencia certa, e poder absoluto, a força, e a energia da natureza aos homens, que viverão ha dois mil annos.

Ora se o Tasso he tão superior aos mencionados antigos, quanto o será os mais celebrados, e divinizados modernos sêccos, e pêcos? Que motim não tem feito a triste, e magra Henriada? Ou seja do genio da lingua, ou da infecundidade do espirito do author para este genero de composição, creio, que não ha coisa mais miseravel. Cahe-me o coração aos pés, quando alguma vez embico com os dois primeiros versos do poema.

Eu canto aquelle herôe, senhor da França
Pelo jus da conquista, e jus da herança.

Isto assim vai muito enfeitado, porque a lingua Portugueza não soffre baixezas, quando diz, que canta, porque ao pé da letra diz o grande Voltaire « Eu canto esse heróe, que reinou sobre a França por direito de conquista, e por direito de nascimento: esta repetição de direito, que não diria o causidico mais pedante, he coisa verdadeiramente pueril. Se me lembro da dignidade do heróe, não

a podia: o poeta abater mais do que fazendo-o tão chorão, e embasbacado que apenas lombrigou a senhora Gabriela, ficou de queixo cahido, e para sempre namorado. Se elle introduzisse algum subalterno, assucarado não peccava tanto; nunca o Tasso fez vêr a menor fraqueza a Godefredo; ainda que os dois valentões Tancredo, e Rainaldo se namorem, o primeiro de Clorinda, e o segundo de Armida. O eterno agente do poema he a discordia, personagem moral que ninguem vê; mas até com isto deo sinças, porque faz a discordia companheira de amor, para se introduzir no coração de Henrique, e quando quer introduzir a discordia em París, (parece, que lá he a sua terra) dá-lhe por companheira a politica. Nisto andou melhor o louco de Ariosto: querendo introduzir a discordia nos arraiaes dos Mouros acampados ao pé de París, buscando-a de balde por toda a redondeza da terra; foi dar com ella em Assis em hum capitulo de Frades, e conheceo que estava alli porque vio voar os breviarios pe-

las cabeças escalavradas dos pançudos definidores. Isto he huma chocarrice ridicula do Ariosto, como muitas outras; mas em fim, leva a discordia, dando-lhe por companheira a soberba, e o ciume, paixões altercadoras, e dignas da sociedade da discordia; e perguntando-lhe o anjo, onde estava o silencio, respondeo, que nem o víra, nem o conhecia: eis-aqui bem exposto o caracter da discordia, e as propriedades bem dignas da sua essencia. Os defeitos da Henriada, formigão por toda a parte, mas qual he o homem perfeito, ou quaes são as obras humanas, onde não apparecção manqueiras? He grande aquelle, que tem pequenas falhas.

EXAME

DAS

SCIENCIAS HUMANAS.

Quia nemo in se tentat descendere, nemo! Tecum habita, et scies, quam sit tibi curta supellex.

Persio.

SOLILOQUIO XLIX.

Larga materia me deo sempre para profundas meditações aquella historia, que de si mesmo conta Marco Tullio no arrazoado, em que defende Publio Quincio. Diz elle, que se encarregára desta demanda convencido do argumento, que lhe fizéra o

histrião Roscio. Não queria Cicero (porque não era dos causidicos de agora; que a torto, e a direito defendem tudo com os seus insipidos provarás,) incumbir-se da defensa do Quincio, não porque lhe faltasse justiça, mas porque tinha pela prôa o orador Hortencio, de cuja eloquencia muito se temia, porque a este tempo era Cicero ainda mancebo, e pouco experimentado na arte oratoria: mas em fim resolveo-se, por que Roscio lhe disse. Tu temes confrontar-te com Hortencio, tendo a razão da tua parte? Olha que o que tens de sustentar contra elle he esta verdade: « Que hum homem só, e a pé, não podia andar em dois dias setecentas milhas, e desta verdade pende toda a causa.» esta razão foi tão forte que determinou Cicero a entrar na lide como grande campião. Esta he a historia, e della derivei eu pela minha meditação o seguinte corolario: « Se eu tiver razão, se da minha parte estiver a verdade, devo eu acaso, ainda que me conheça huma formiga, temer os mais abalizados campiões da

sabedoria humana, quando lhe disser, que nada sabem, e que em todas essas sciencias que tanto nos inculcão, e impurrão, mais he o que se ignora do que o que evidentemente se conhece! mas não basta dizer isto, he preciso mostrar isto; e pode-lo-hei eu fazer? Veremos. Ao éco destas palavras, já me parece que de todas as escolas, academias, printaneos, licêos, e institutos do mundo se revirão contra mim olhos envinagrados, e caras assanhadas que me querem atassalhar, e comer vivo. Bom medo lhes tenho eu, quando armado da analyse mais circumspecta, posso mostrar a verdade, e a evidencia da minha proposição.

Costumão dividir-se as sciencias humanas, e que tratão só de cóisas humanas que he a seara em que determino metter unicamente a foice, em dois ranchos: o primeiro he das sciencias intellectuaes, o segundo das sciencias fysicas, ou naturaes; neste segundo rancho costumão entrar as sciencias exactas, com parte das quaes não me metterei tambem. O primei-

ro rancho, tem por objecto as sciencias, que dizem respeito ao intendimento humano. Em primeiro lugar a origem, o progresso, as regras da arte de pensar, ou de dirigir o entendimento nas suas operações para o conhecimento da verdade, depois as noções do ente em geral, e em particular, e a tudo isto se chama em bom Grego, ou em bom Portuguez « logica e methafysica. » Depois da logica, e da methafysica, com o andar do tempo se desenvolveo, e reduzio a principios, outra sciencia, que se chama moral, que entra na classe das intellectuaes; e eis-aqui como. O homem he composto de corpo, e de espirito, e he muitas vezes logrado por suas mesmas paixões, e para se ter firme contra as tempestades, que ellas levantão em seu coração, e para as evitar, e dissipar, se inventou a moral, ou se reduzio a principios, regras, e axiomas, para se conseguir este fim, para se conhecer o que he absolutamente bom, e absolutamente necessario, para dar á alma aquelle bemfasejo socego, em que

cá de telhas abaixo consiste a ventura, e a felicidade da vida. Estas são as sciencias puramente intellectuaes, logica, methafysica, ethica. Mas estas sciencias estão ainda cobertas de tantas sombras, envoltas em tão profundas trévas, que fugindo, ou escondendo-se ás fracas indagações do espirito do homem, existem ainda em hum estado de imperfeição, e entre tantas coisas, que ensinão, só huma, ou outra verdade se manifesta. Esta proposição não se encaminha a apressar o estabelecimento do imperio da ignorancia, e a corrupção do gosto, que tão rápidos progressos faz entre nós; mas a abater o orgulho, e altanaria dos que se dizem sábios, e que com tanto desprezo tratão os outros homens, cura-los da soberba, he constitui-los no verdadeiro caminho da sabedoria. Talvez que este orgulho se derive da nova estrada, que os sábios dérão em bater para se encaminhar ao templo da sabedoria, esta vereda he o triste cálculo, que usurpou as funções da arte de discorrer, e raciocinar, methodo defeituoso, que

tem concorrido para emmagrecer nossas idéas, obscurece-las, e estreitar os vastos orizontes do genio livre.

Eu não sou aquelle homem tomado do espirito de cegeira, e de vertigem, inquieto, e caustico, cinico, sophista, quero dizer Jaques de Genebra, que subio, como dizem os Francezes, á tribuna das arengas, (em toda a extensão do significado desta palavra entre nós os Portuguezes) e tocou á generala contra os sábios para os pintar com as côres mais atrozes, e terriveis. Similhante a Gorgias antigo dialetico, e sophista, servio-se das armas da eloquencia para sustentar o imperio da ignorancia, e do erro; e detractor do saber, fez proselitos, e tem adoradores; mas os sonhos, ou os delirios deste desalmado, se desfazem em fumo não lhes dando quartel, e acolhimento. Os que cavárão o abysmo de revolução, trouxérão em procissão, e triumfo os seus ossos da Ilha dos Chopos, e condecorárão com o titulo de sábio, o jurado inimigo de Descartes, de Pascal, de Bacon, de Newton, e em geral

dos mais qualificados filosofos; este procedimento annuncioa á França a confusão universal, e a desordem de todos os conhecimentos em que ao presente existe. Eu não sou este homem, não digo que se deve desprezar de todo o estudo, e a sciencia, só digo, que se sabe muito pouco, e que he preciso ter menos soberba, e mais conhecimento proprio. *Tecum habita, et scies quam sit tibi curta suppelex.*

He pois a logica, (eis-aqui a mais exacta, e verdadeira definição.) « A arte de conduzir a razão no conhecimento das cousas. Antes de se reduzir a regras esta arte em que quasi tudo he fallivel, e obscuro, havía outra, que ainda não acabou, chamada dialectica, como me lembra ter lido no engenheiro Saverien, na historia dos progressos do espirito humano nas sciencias, e artes; esta dialectica, era huma especie de chatlatanaria em que forão eminentes, Xenofanes, Prodicus, Gorgias, Protagoras, e Hippias, estes homens andavão pelas feiras, pelos jogos, e espectaculos

públicos, ganhando sua vida a disputar, e fallar de qualquer materia, que se lhe propunha, e isto de improviso, atrapalhando, e confundindo tudo, conforme as regras da tal dialectica. Este officio ainda continúa, se não nas praças, ao menos nos gabinetes. Bayle, e Jaques são os dois corifeos dos públicos charlatães, e tem pegado a tinha a immemoraveis. He pois esta arte muito differente da logica, mas tambem houve seculos em que as casárão, e confundírão a ambas, e se os seus effeitos, ou mais depressa o seu uso não he pernicioso, e funesto ao descobrimento da verdade, ao menos he manifestamente inutil. Assim mesmo nos seculos barbaros; e até depois de renascerem as letras, e se cultivarem em Italia, e França, tanto imbaio aquelles espiritos turbulentos, que então existírão, que foi julgada a unica, desprezando-se todas as outras. O mundo scientifico, se dividio em dois bandos gritadores, que amotinárão tudo, sem que nenhum se entendesse; o primeiro chamava-se dos reaes, o segundo dos

nominaes. Reis, Imperadores, tribunaes, e até almirantados defendião, ou condemnavão ora hum partido, ora outro, conforme progredia, e triumfava a cabala, e o interesse! O primeiro rancho sem sahir jámais das trincheiras da logica, gritava, que as coisas, e não os nomes erão o objecto da logica; o outro rancho, queria pelo contrario, que não houvesse sciencias das coisas, mas sim das palavras. Isto era o diluvio de Ovidio; o vento Norte á pancada com o vento Sul, vinha abaixo a maquina do mundo, não se ouvia outra coisa pelas escolas, logica, e mais logica, e os mestres não ensinavão aos rapazes, mais do que o modo de pilhar os adversarios com questões capciosas, e este gostinho os preoccupava tanto, que nada mais se estudava que a mofina logica, e em Portugal, onde por causa desta mania perpetuada em todas as escolas jesuiticas, nunca se compôz hum livro scientifica elementar; durou a campanha dos logicos até depois, que o grande terremoto deo com Lisboa de pernas ao

ar (fazendo com tudo menores estragos que os Francezes.)

O célebre Abailard, conhecido mais pela epistola de Pope, que por outra coisa, era o campião mais temido em logica, este novo paladino Florisel de Niquêa, punha cartazes públicos de desafio, lançando por toda a parte silogismo, e offerecendo-se em campo fechado, ou aberto para combater qualquer these. Nem hum cavalleiro errante, nem a flôr, e creme de todos elles, D. Quixote, buscou com mais avidade, quebrar huma lança em honra, e gloria de Dulcinea. Desafiou para hum combate público seu mesmo mestre, amotinou-se a cidade de Paris por acudir ao espetaculo, por certo não se ajuntaria mais na Sé de Logrono a ouvir prégar José Buonaparte: armado de silogismos de pés á cabeça, quasi todos em barbara, e baralipton, atacou-o sobre a natureza dos universaes, e ao segundo aparterei, com hum sincategromatice, o derrubou em terra, obrigando-o a renunciar o systema que seguia sobre substancia, que segundo

Bayle era o mesmo de Spinosa, porém eu duvído, que coubesse em miolos taes como os esquentados daquelles barbaros seculos huma coisa tão profunda como o systema de este judeo Portuguez.

Alberto Magno escreveo hum grosso, e enormissimo volume de logica mais obscura, que a de Aristoteles, porém não tanto como a de Aranha, Ariaga, Melgaço, e Agostinho Lourenço, e corrião tantos discipulos ás suas lições, que não havia casarão nos geraes da universidade de París, que os contivesse, foi preciso dar lições públicas em huma praça, sobre hum tablabo, e por isso se chamou a praça do mestre Alberto, e corrompendo-se o vocabulo, chama-se ainda hoje a praça Maubert, que se não serve para logica, tem servido para a guilhotina. Nesta logica, que eu já li, porque tive o valor, córagem, e intrepidez de correr os 22 volumes de Alberto Magno, acção de maior denodo, que 22 campanhas Napoleôas se achão questões, não só inteiramente inuteis, porém ridiculamente pue-

is. Nesta logica, se agita com muita seriedade a questão « se hum porco que vai para o campo para se vender, vai seguro pelo homem, que péga na corda, ou pela corda que lhe prende o pé? Se hum homem, que compra hum capote, que tenha capuz, se inclua o capuz na compra do capote? » Assim durou a logica seculos, não havendo nem paz, nem trégoas entre os reaes, e os nominaes, fervendo tanto as alterações quanto mais crescia o peso, e authoridade das duas escólas Thomistica, e Scotistica, perdendo-se nestas tourinhas talentos da primeira ordem, como hum Egidio Romano, hum Alexandre de Ales, hum Guilherme Ockam, e outros homens desta abotoadura, até ao ponto de apparecem dois generaes no compo, que entrárão em conflitos mais espantosos que os de Aboukir, e Trafalgar, Pedro Ramus, e o meu Patricio Antonio de Gouvêa, que encovou o Francez Ramus; injúria que talvez os Francezes quizessem agora vingar com o sangue de Béja, onde nasceo o campião aterrador do primeiro inimigo de

Aristoteles. Entre nós durou esta mamîa até ao anno de 1759. Entre os Francezes se dissipou alguma coisa, hum seculo antes em 1610. Gassendi examinou a logica de Aristoteles, e publicou contra ella seus exercicios paradoxaes.

Em fim reformárão-se as sciencias intellectuaes, e os cabeçudos, e teimosos de Porto Real, entre muito boas coisas apparecêrão com a logica, ou arte de pensar, livro maravilhosamente escrito, a que tinhão precedido o de Silvano Francisco Regis, o de Lock, o de Malebranche, e a que se seguírão outros muitos dentro de França, como o de Condillac, e fóra de França, o do literatissimo, e amenissimo Genuense, cujos escritos (com especialidade os que escreveo em vulgar Italiano) para hum bom pensador, são de hum preço inextimavel. Seja pois o que fôr, a logica, ainda a mais aperfeiçoada tem hum defeito essencial, que nunca chega a descobrir meios convincentes para se conhecer hum erro, ou para se affirmar huma verdade. Hum homem

de engenho, e farto de sciencia, e conhecimentos, se ri dos melhores silogismos, quando quer sustentar o mais claro paradoxo, e acha em si mesmo aquillo a que os logicos chamão meios termos para pôr em róta batida hum silogismador mais agudo que Soares Granatense. Temos huma prova desta verdade ainda em hum seculo barbaro, quando hum silogismo em baroco espantava o mais destemido adversario. O cardeal du Perron na presença de Henrique III.°, fez hum admiravel discurso contra os Atheos. O rei lhe louvou muito o zelo, o saber, e a eloquencia com que tinha confundido os incredulos, sustentando a verdade da existencia com razões tão sólidas. O cardeal lhe tornou, que se S. Magestade lhe quizese dar audiencia no dia seguinte, elle lhe provaria o contrario com outras razões igualmente sólidas: desempenhou a promessa com escandalo do monarca: e era tanta a força do abuso dos proprios talentos, que o emminentissimo fazia para confundir os miseraveis silogismadores, que o papa Paulo V.°

dizia aos irmãos cardeaes « pessamos a Deos que inspire á eminencia Perron, senão elle nos pesuadirá o que quizer. »

Descartes manifestou de todo quão fraca fazenda era a logica, quando em huma numerosa companhia pedio, que lhe propozessem qualquer das verdades conhecidas; propôz-se huma, e elle a refutou com huma duzia de argumentos; pedio que lhe propozessem huma mentira, e elle com outra duzia a fez crer huma verdade. Logo não he a logica quem conduz ao conhecimento da verdade por mais que os mesmos modernos se esmerem em regras, em axiomas, em principios, e no que elles quizerem, tudo he baldado. A força do talento com a seducção de hum longo discurso destróe tudo, e faz engolir pirulas que tenhão o diametro de huma bala de 48, e comer paradoxos taes como os de Bayle, e os de Jaques, ficando com a bocca aberta os pobres logicos, como os mendigos rhetoricos á vista do homem de talentos, que sabe bem a coisa de que vai tratar, e

se rí das regras das partes da oração, e da ladainha das figuras. Eu substituirei á logica mais graúda quatro unicos principios tirados da mathematica. 1.° Não comer por verdadeiro se não o que he evidente. 2.° Dividir bem as coisas para as conhecer. 3.° Não omittir coisa alguma na divisão que se fizer, qualquer coisa que se deixar no esmiuçamento, entorna o caldo. 4.° Conduzir as idéas, e pensamentos com exacta ordem, começando dos objectos mais simplices, para os mais complicados, e dos mais palpaveis para os mais abstractos.

SOLILOQUIO L.

Muita razão achei sempre ao bom Socrates em se desviar do labyrintho da fysica em que via perder-se, embaraçar-se, confundir-se os teimosos, e cabeçudos filosofos de Athenas, que parecendo-lhe pequenos theatros para as suas gritarias as casas em que cada hum mora, hião buscar, ou os vastos

porticos, e arcadas públicas, ou as hortas da visinhança da cidade para berrarem á sua vontade, e daqui vem o nome de estóa de academia, de portico, e de peripato. Deixou-se de systemas de fysica, que não geravão senão animosidades, entre huns, e outros sectarios, e buscou aquella sciencia, que de mais perto toca ao homem, e que lhe he mais necessaria, mais util, e até mais intelligivel, porque lhe dá pela roupa. A sciencia dos costumes, ou os principios da moral natural, que regula os costumes. Para este lado inclinou toda a força de seu vasto genio, e com taes maximas, tão ajustadas á razão, tão enlabuzadas da virtude, que a sua consideração obrigou muitas vezes a dizer ao grande Erasmo, que quando em os dialogos de Platão lia os principios, e os argumentos, ou razões de Socrates tão ajustados á natureza, lhe vinha a tentação, de o metter na ladainha dos santos, e de bradar S. Socrates, roga por nós. Isto he hum desvario, ainda que sustentado por La Mothe-Le-Vayer, e o que mais he

ainda indicado, e quasi defendido pelo doutor Diogo de Paiva de Andrade no seu livro das explicações orthodoxas contra Kemnicio: mas em materias theologicas não tenho eu outro lugar senão para o respeito, e submissão. Não metto foice em seara alheia: digo só que Socrates fez muito bem em se affastar do estudo da fysica, que naquelle tempo sem illustrar muito o espirito, pouco ou nada aproveitava ao coração. Se muitos objectos de luxo são escusados, ha sciencias, que são de puro luxo, Socrates via, que os Athenienses divididos em fracções, e bandos filosoficos, huns da parte de Epicuro, outro de Pythagoras, outros de Anaxagoras se esvaião em disputas, sem fim, sem concluirem coisa alguma, começou a tratar a sciencia dos costumes, desejando os homens antes bons, do que sábios, e com effeito vale mais hum homem de bem, que todos os archisabichões do universo. Os da escóla de Zeno, e Cleantes tambem se inclinárão para esta repartição, tratárão de ensinar aos homens as vere-

das da virtude, mas dérão em hum excesso ridiculo, fizérão da virtude huma tal coisa, que não he para homens de carne, e sangue. São bons os escritos dos estoicos para se ler, inuteis para se seguir, e imitar. Ora esta inutilidade diviso eu em todos os tratados filosoficos de moral mais corriqueira que a dos estoicos: não se segue daqui que eu intente proscrever os livros, e tratados scientificos de moral, antes eu julgo esta sciencia não só a mais util, porém a mais necessaria aos homens; só digo que estuda-la em os tratadistas methodicos he perder o trabalho. Antes que eu me graduasse na universidade do mundo, e désse em ler pelo grande livro da observação pública, bem queimei as minhas pobres pestanas em ler as empoladissimas tiradas de moral dos mais campanudos authores. Todo o armazem de Nicóle, toda a melancolia enfiada das maximas do Sr. duque de la Rochefoucault, o misanthropo Pascal, o desenhador do que não existe, La Bruyere, todo o Duclos, quantos pintamonas ha de re-

tratistas de caractéres, e ficava como dantes, e peior, como cão malhadiço nas minhas manqueiras; via que todas aquellas apparatosas declamações erão o mesmo que prégar aos hereges. Os homens nem se estudão, nem se conhecem, nem se melhorão, se não pelo estudo pratico dos outros homens, dei na fina para estudar a moral, e para me abster de vicios, que era contempla-los não em os debuxos dos livros, mas escritos, escarrados nos meus similhantes, ou tão máos, ou peiores que eu. Ora não séria máo adoptar-se este methodo de estudar a moral não pelos livros, mas pelos homens. O mundo he hum grande livro, e bom sería que os professores por elles ensinassem os seus discipulos, e lhes fizessem vêr os costumes, as operações, as diversas figuras, e combates de tantas pessoas que vem representar neste grande theatro. Mas he pouco fazellas observar, he preciso avesar-se a julgar rectamente, do que he louvavel, ou reprehensivel nas acções alheias para aprenderem a regular sábiamente as suas. Não digo que se vão

espreitar, e descobrir os occultos passos de cada hum, nem as escondidas manqueiras do nosso proximo. Não digo que se acostumem os homens a maliciar sobre todas as acções dos homens, e a acreditar antes o mal do que o bem, mas digo que se representem bem, e fielmente os retratos públicos da gente, ou desvairáda, ou ridicula, e igualmente as acções das pessoas judiciosas, e virtuosas. Ora huma contemplação destas não ensina mais que hum inteiro dialogo de Platão, toda a ironia de Socrates, e toda a malhoada das epistolas a Lucilio do immortal, e eloquentissimo Seneca! Este homem, digo eu, perdeo a fazenda, e dar-se-lhe-ha de perder a reputação? Ora quem estuda bem este original terá alma de querer representar a mesma figura? Hum livro póde dizer-lhe ainda mais, mas nada tem tanto poder como o que entra pelos olhos, além póde fallar a rhetorica, mas aqui falla a experiencia. Quando eu encontro algum daquelles, que hontem andavão gandaiando trapos pelas ruas, e hoje rodão em so-

berbas carruagens, que posso eu dizer? Dinheiro, senhores, não cahe dos telhados em cima da gente. Aqui houve alguma coisa, e com huma ligeira observação conheço que este homem por caminhos obliquos, por abuso do poder, por detestaveis usuras sobio tão prestes, e posso eu deixar de horrorizar-me á vista deste espectaculo? E não abominarei eu de coração os meios que conduzem a este fim? Se eu quero aproveitar em moral, poderei eu querer imitar este monstro? Os vicios, e as paixões estudão-se nos homens, e não nos livros. Nada chega á pintura, que Antonio Vieira faz de hum colerico no sermão, sobre o perdão das injurias, que vem no tomo II.º o maganão parece Seneca nos livros da ira. Pois isto ensina-me a fugir a ira, e a cólera, mais que a vista horrorosa, e medonha de hum homem cólerico? Pois a vista de hum beberrão? Quando fito os olhos nestes espelhos posso deixar de detestar estas especies de loucura? Pois para eu conhecer as mulheres preciso de estudar, ou cansar-me na leitura

da secante composição do eloquente, e ultimo Francez Mr. Thomás? Basta ter os olhos, e querer gastallos por essas janella, ruas, e praças para descobrir seus vicios, sua presumpção, e vaidade. Que retratos me offerecem algumas, para as quaes o governo da casa, he huma galé pesadissima? Será preciso ler grandes declamações contra o pendor que todas sentem para a ociosidade, quando eu vejo ranchos, que não perdem divertimento, e que jurárão como os Inglezes aos Francezes guerra eterna, e inimizade ás rocas, aos fuzos, ás linhas, e ás agulhas?

Hum dos fructos da melhor filosofia consiste em conhecer o que he apparencia, e o que he substancia, o que he casca, e o que he miôlo; em saber distinguir o que he vaidade, e o que he realidade tanto nos commodos, e vantagens da vida humana, como nos titulos, nos postos, no favor, e patrocinio dos grandes. Tudo he comedia no mundo ou o mundo he huma comedia, que eu vejo sem incommodo. Sento-me na platêa que eu que-

ro, sem me apertarem as ilhargas; sem me fazerem estourar as costellas, sem me impingirem billetes contra minha vontade, sem ter que tornar para casa moido, aborrecido, e estafado depois da meia noite, e isto para observar miseraveis copias dos originaes, que eu vejo, é de que gozo de dia, e a todas as horas que me resolvo a contemplar o mundo moral! Tudo he comedia. Olho para huns poucos de herdeiros, á roda de hum defunto, apenas os clerigos borrão, o coche do Lagoia chega, ou o armador forra tudo de baeta pingada, oiço levantar hum pranto capaz de despedaçar pedras. Que comedia! Debaixo deste pranto apparente, anda mascarado hum riso, que arrebenta por se manifestar, e romper. Olho para dois que se encontrão, nem ao chegar da náo Hibernia ha maior estrondo de salvas, que a tempestade de cumprimentos, que de huma, e outra parte se escuta; conheço-os a ambos, e quem não conhecerei eu em Lisboa? E são dois irreconciliaveis inimigos. Qual he o livro de moral,

que me pinte huma imagem de perversa dissimulação como o original que eu tenho ante os olhos? Que comedia! E quantas comedias vejo eu naquelle que quer passar por homem rico, e eu o vejo pegado pelas paredes, rebatendo aqui huma letra, endoçando acolá outra, até dar com os bodes na area! Que comedia, eu vejo naquelle pigmeo, que quer passar por homem grande bem visto dos grandes. Naquelle outro que quer passar por bravo, de grandes bigodes, retoreido sabre, e elle he mais poltrão, e mais cobarde, que o Tresites de Homero, ou hum Francez nas mãos de Palafox. Todos são comediantes, e ha alguns, que até querem continuar a comedia depois da morte, escolhendo para roupas, ou mortalhas sepulcraes os mais devotos, e penitentes habitos, fazendo, ou representando depois de frios cadaveres aquella personagem de quem forão tão escarnecedores, tão contrarios, e inimigos na vida. Não fartos de representarem comedias em cima da terra, ainda teimão alguns em as represen-

tar debaixo della: e daqui nasceo huma especie de antigo proloquio, que diz « Mentes mais que hum epitafio » e com effeito até nas pedras desejão os homens perpetuar, e eternizar a comica memoria da sua vaidade. Aqui jaz este, e aquelle, e nada jaz, se se levantasse a tampa em que estão esculpidas armas, e pomposas inscripções, que se encontraria? Nada. Este methodo pois de estudar a sciencia dos costumes pela contemplação dos originaes vivos, sãos, e escorreitos não só he mais facil que o dos livros, e tratadistas, mas he muito mais divertido. Póde acaso haver livro no mundo, que pinte, e descubra melhor os Francezes, que a observação do que tem sido entre nós os Francezes! Qual he o moralista que debuxe melhor hum ladrão, hum mentiroso, hum cobarde, hum impostor, hum impudente, do que me patentêa, e manifesta qualquer destes franchinotes, que tão despejadamente, e de cólo tão levantado passêão entre nós? Os livros servem para outras coisas, e para ensinar moral, o mundo. Se eu qui-

zer, ou gastar, ou perder o meu tempo, posso aprender pelos livros o que sejão, e como se formem as côres, quaes sejão as causas dos ventos, das doenças, e da esterilidade da terra, os fonomenos dos Ceos, a grandeza das estrellas, medidas de cá com toda a infallibilidade de dois vidros; posso saber por que treme a terra, por que berre o trovão, e fuzille o relampago; posso estudar, e conhecer pelos livros, todos os factos historicos, ou verdadeiros, ou mentirosos que tem aturdido o mundo. Isto, e muito mais me podem ensinar os livros; mas ensinar que boas rezes sejão os homens, isto só elles mesmos pódem fazer. Todo o ensaio de Pope, todo o espectador, não valem tanto como huma hora de exacta observação. Eu quereria, que estes educadores da mocidade, que estes pedagogos de lords pequenos, que sahem com elles a galopar a Europa inteira para lhes mostrar em França as escólas dos salteadores, e em Italia os seminarios dos capados, lhes mostrassem antes os homens pelo lado moral, e lhos

fizessem contemplar com os olhos de huma luminosa filosofia; quanto aproveitarião estas vivas lições! Quanto se dilataria no mundo a grande sciencia dos costumes: unica sciencia, que nos póde fazer viver tranquillos, e felizes, ensinando-nos a supportar, ou evitar os homens.

SOLILOQUIO LI.

O fim unico a que parece se devião encaminhar todos aquelles, que se dão ao trabalho, e quasi sempre infructuoso mister das especulações scientificas, he a indagação da verdade. Este titulo tão consolador deo Malebranche ao seu livro, e ou por falta de bestunto meu, ou por sobeja obscuridade do mesmo livro, parece que o mesmo Malebranche quiz esconder a verdade dentro de hum labyrintho para se não dar com ella. Descobre-se, que o principal empenho de todos os literatos he espalhar dúvidas, embrulhar tudo, e apagar

a mais debil luz, ou lanterna que apareça para se descobrir a verdade. De tal maneira tratão o pró, e o contra, que o nosso entendimento fica sempre suspenso, confuso, e embaraçado sem se determinar, deixando-se hir em huma contínua fluctuação. Peccado he este muito antigo, e parece original nos literatos. Os antigos declamadores, e entre elle o verbosissimo Carneade, que até se lhe metteo em cabeça vir embrulhar, e confundir os mesmos padres conscriptos, que formavão o senado da antiga Roma, se gabava de poder defender o verdadeiro, e o falso de qualquer objecto proposto. Esta herança ficou para os escriptores da seita encyclopedista de nossos dias, que com maior promptidão, e verbosidade disputão ou a favor, ou contra qualquer argumento, que se lhes proponha, e desta maneira vemos, que até filosofos talludos usurpão o mister viliissimo de alguns causidicos, que são patronos das duas partes litigantes, sem saber huma da outra, senão quando ambas no fim da demanda se achão

sem real na algibeira. Isto nos filosofos não he a indagação da verdade, he apenas huma vã ostentação de engenho, que envolve em si o manifesto perigo, não só de esconder mais porém de destruir, e anniquillar a mesma verdade. Confesso, e conheço, que se encontrão nas sciencias humanas infinitas proposições muito duvidosas, e de tal sorte, que o entendimento não sabe a que parte se incline, e neste caso he mais que justo esmiuçar bem as razões, que militão por huma, e outra parte. Mas pôr tudo em dúvida por officio, profissão, divertimento, interesse, e para se adquirir a fama de engenho agudo, e penetrante, he coisa não só ridicula, mas vilissima, que longe de encaminhar o homem filosofo á sua meta, que he o descobrimento da verdade, della o desvia, e separa infinitamente. Nós não trabalhamos por adquirir gloria, mas por achar, e descobrir a verdade. Entre os modernos declamadores, e sofistas, quem he o que de coração busca a verdade? Parece que só se encaminhão a esta-

lhar a mentira, ou ao menos a estabelecer a dúvida universal. Grandes erão as idéas de Bacon de Verulame sobre este objecto! Por mais que eu busque tratar coisas que immediatamente nasção na minha, e da minha cabeça, muitas vezes não posso ter mão nas reminiscencias, que o fio dos meus pensamentos involuntariamente me trazem. Dizia elle em hum dos livros da dignidade, e augmento das sciencias: apparecem defensores por huma, e outra parte, que até deixão aos vindouros a liberdade de duvidar de tudo; de tal maneira que parece que os homens agução o engenho, para que mais se propague, e se transmitta a dúvida do que para se dissolver, e terminar. Isto se descobre mais nos sequazes, e partidistas desta, ou daquella escóla, que tem a manha de querer, que seja perpetua a dúvida huma vez excogitada, e admittida, quando os homens parece que só devião fazer uso de hum engenho indagador, e de aturado estudo para deixar por certo o que pareceo duvidoso, e não para eternizar a dúvida, ou re-

duzir a duvidoso, o que he demonstrado. Por este prurido não sómente de inventar mil novas questões, mas de pôr em dúvida todas as coisas, os filosofos da escóla tem perdido o crédito em nossos dias, e toda aquella grande estima, que havião adquirido nos seculos barbaros. Eu não sei se os quis reproduzir o infatigavel Bayle, com aquelles quatro enormes vocabularios com que affogou a República das letras, e melhorados como se fossem poucos, e pequenos, com outros quatro de igual tamanho por seu camarada Chauffepié. Eu sempre chamarei a Bayle mais logico que filosofo. Com armas da dialectica na mão, he hum novo Carneade; derrama dúvidas por toda a parte, e embrulha de tal maneira até os factos mais indubitaveis da historia, que sahe a gente suada de afliccão só com a leitura de huma pagina. Seu gosto era andar á caça de nevoas, dominado pela invencivel vaidade de achar que dizer contra tudo. Para a verdade não se caminha senão por estrada Coimbrã. He preciso ter mais cuidado, e mais

ancia da verdade, que gloria; e persuadirem-se os chamados literatos, que a gloria não se adquire senão pelas veredas da verdade. Primeiro deve o filosofo cuidar na verdade, e depois se a modestia o não prohibe cuidará o filosofo em conseguir outros caprichosos fins. E se não se póde pescar, ou apanhar de todo a verdade, ao menos cuide-se em conseguir tudo aquillo que mais para a verdade chega, e se aproxima. Depois disto eu sempre me persuadi, que tantas controversias filosoficas, e de outras disciplinas puramente humanas, que tanta matinada tem feito, e fazem no mundo, não são mais que puras questões de nome, e continuão a existir, porque continúa a desgraça de se não estabelecer bem o estado da questão, ou objecto de disputa, sem o quererem arrancar das unhas de termos equivocos. Não nos admiremos, quando observamos questões, que nunca chegão ao fim, tratão-se estas questões sem intenção sincera de achar, e determinar a verdade, só com o presuposto de sustentar a propria opi-

hião, huma vez que se segue algum partido, quaes se virão nos seculos de barbaridade os nominaes, e os reaes; e ainda agora em seculos de luzes de crítica, e de filosofia, os Newtonianos, e Cartesianos; e assim tambem entre os systematicos de qualquer faculdade como a medicina. Aqui entra o interesse, o uso, e quasi sempre huma pertinaz ignorancia, que agora mesmo reina nas escólas, e nos livros. He admiravel o que escreveo Samuel Werenfels, cujo titulo he este « De Logomachiis Eruditorum " Das guerras de palavra dos eruditos, onde esta materia se trata de hum modo tão exquisito como util.

Seguem esta bandeira do embrulhamento universal as disputas públicas. Muito me dérão sempre que meditar, e quasi sempre que rir humas coisas chamadas conclusões. Toirinhas ás vezes, que nenhum homem melancólico deve perder, porque se o espectaculo das coisas humanas, e mortaes toca o entendimento, e exprime lagrimas dos olhos, o espectaculo de algumas conclusões provoca-

ria a riso o mesmo Timão Athenien-
se, e o mesmissimo Young em a noi-
te em que lhe morreo a enteada. Esta
defensa das conclusões he coisa intro-
duzida ha poucos seculos, e de quan-
do em quando nos trazem alguma ou
tediosa, ou ridicula comedia. A pri-
meira conclusão destas conclusões he
sempre esta. Que o defendente ha de
ter rasão; e se por acaso se encontra
algum indiscreto, que bem provido
de voz mostre renitencia em appro-
valla, a coroa dos espectadores na-
quelle côro literario á força de patea-
da, ou vosaria, o obriga a reconhe-
cer a justiça. Os entremezes pois que
se representão nos intervallos, os ar-
tificios, que se praticão entre aquel-
les ora fingida, ou verdadeiramente
enraivados, e derramados combaten-
tes muito dão para notar, e para
discorrer, e para mim estas justas,
e torneios literarios forão sempre hum
manancial fecundissimo de reflexões
sobre a demencia humana. Com es-
tas conclusões se decide, da capaci-
dade, e do talento de hum sugeito:
regra fallivel por certo, porque póde

haver homem de profundo engenho, e vasta erudição, a quem o apparato, o aspecto horrivel dos combatentes, a voz de Stentor com que sahe daquellas praguentas boccas o maior do primeiro silogismo, perturbe muito seriamente. He preciso ter hum grande exercicio para se não desconcertar. Apparecia n'outro tempo hum Scotista, diante de hum Thomista, hum Ariminence diante de hum Molinista, e viceversa: não digo que a batalha de Marengo fosse mais renhida como o apregôa o Quixotte Corso, mas por certo não o foi tanto a de Tharsalia. Cesar, e Pompeo não erão dois campiões mais terriveis. Debalde o corpo de reserva dos outros arguentes já com a espada do papel impresso, e folha dobrada na mão queria entrar em campo; acabava-se o dia, e elles deixando que o sol se pozesse sobre a sua ira, tocava-se a campainha, e não cessava o fogo.

Taes disputas apenas pódem servir de alguma coisa aos mancebos em quanto se exercitão em fallar ao público, mas de nada aproveitão pa-

ra achar, e descobrir a verdade, cada qual dos combatentes afferrado á sua anticipada opinião, sahe dalli com a mesma dúvida, e com mais firme presupposto de seguir, e defender o seu partido. Eu observei algumas vezes que sem se tocar a questão apenas começavão a gritar, o defendente hia para o sul, e o arguente para o norte, e como em caminhos oppostos de charneca quanto mais se avançavão, mais e mais se desviavão. O homem imparcial, que busca só a verdade nas sciencias, e que só se matriculou na escóla da verdade, humas vezes se ri, outras se indigna, quando obrigado de algum respeito humano, se acha no meio destes escolasticos espectaculos. Lembra-me ter visto delles huma pintura galante em o mais discreto, e engenhoso poema heroico-comico que tenho lido. Era Mss. na lingua Italiana, e intitulava-se « O capitulo dos frades » hum emprestimo mo sumio para sempre, acontecimento muito ordinario, porque se julga, que estes furtos não tem restituição. O episodio das con-

clusões excedia em graça, invenção, e originalidade a tudo quanto ha de melhor no Lutrin, e Dunciada.

Hum dos mais sérios empregos do bom engenho, deve ser, descobrir, e reconhecer todos os extremos, defeitos, erros, abusos, e vicios, que se oppõe ao descobrimento da verdade, unico intuito do homem filosofo. Muito arredado da perfeição literaria andará aquelle que não possuir hum claro conhecimento de tudo isto em qualquer materia que se determine profundar. He preciso saber isto em geral, mas conhecello nos casos particulares, e distinguir em qualquer argumento, tudo o que he fóra de proposito, e tudo quanto se oppozer ao fim que he o conhecimento da verdade. Se eu vir defeituosos os outros filosofos, e desprovidos deste conhecimento, se eu os observar arredados do conhecimento da verdade, affogando esta em questões frivolas só com o espirito de partido, e por obdecer ás leis imperiosas da escóla que se abração, ou devo dizer, se componho, ou escrevo, e cahirei eu na mesma rede,

darei com o pé na mesma peia? Cahirei acaso naquella mesma imperfeição, que reprovo, e que reprehendo nos outros? » Mas onde vou eu dar comigo com todo este aparato de razões, sobre a ancia com que em qualquer materia, que se escreva, ou trate, se deve buscar a verdade! Que esta verdade deve prevalecer em filosofia ao espirito de partido? Antes que me adiante mais, devo dizer préviamente, que o compôr muitos, ou poucos livros, em pouco, ou muito tempo, com brevidade, ou prolixidade de discurso, se não deve reputar como hum argumento seguro do merito, ou demerito dos livros. Hum homem bem velho, chamado Calimaco, disse « Hum grande livro, he hum grande mal » e hum moderno ajuntou, « e hum grande prefacio, he hum mal ainda maior. » Os fructos que não chegárão a maturidade, nem agradão ao paladar, nem pódem ter duração; são mais abortos, que partos naturaes os livros dos muitos apressados. Nos corpos desmedidos, acha-se pouco sal, e muito succo vi-

cioso. O merecimento de hum livro não consiste no seu grande, ou pequeno volume, no muito ou pouco tempo, que a sua composição levou ao seu author. Nestas balanças não se pesa o merecimento. Este só se deve medir pelo amor da verdade, que o seu author manifesta. Se elle a escurece, se a encapota, se a embrulha, sejão quaes forem os outros predicados do livro, eu direi sempre, que não presta para nada. O bom escritor he aquelle que não busca a gloria de escrever muito, mas de escrever bem, que escreve sem furia, e que em suas composições busca a verdade. Eis-aqui o que dá valor aos livros da mais importante materia, que he a filosofia. Por mais diligencia, que ponha o escritor filosofo, se não busca a verdade, nenhum bem trás á República das letras, e aos homens com suas composições. Em quanto hum livro cheira a Newtonianismo, outro a Cortezianismo, outro a Wolfianismo, não apparecerá a verdade. Inda se espera no mundo huma seita, que busque só a verdade, esta se deixará ficar no fun-

do do poço de Democrito, em quanto de lá ouvir altercar os differentes partidos, e dizer a cada hum delles «A verdade está da minha parte.»

SOLILOQUIO LII.

Notei sempre, e com muita particular attenção a repugnancia, que os mancebos tem em ler livros preceptivos, e instructivos, cheios até aos olhos de preceitos de regida moral; persuadem-se que encontrão o que he de mais repugnante, e fastidioso para elles, que he hum velho austero, e caustico, que os suffoca com reprehensões, que ainda que esteja cançado das pernas, não o está de lingua para lhes prégar, e matinar de contínuo, querendo-os fazer á força de prégações velhos antes de tempo. Não succede isto quando lhes cahem nas mãos livros de historia, ou vidas de homens illustres, porque na variedade contínua dos accidentes, acha hum pasto saborosissimo sua sa-

bia curiosidade. No meio deste deleite do espirito existem, sem o advertir em huma verdadeira escola, e pódem aprender pela prática, tudo quanto hum livro, ou hum mestre de theorica lhes poderia ensinar sem proveito com a enfiada de maximas de moral. Ora se os professores de ethica, em lugar de lhes explicarem os principios, os theoremas, e os corolarios de hum tratado systematico de Heineccio, de Eduardo Job, de Wollaston, de Puffendorfio, de Wolfio lhes fizessem notar o formoso, e o feio dos retratos tão vivamente esculpidos na historia, e que ella costuma subministrar, quando he judiciosamente composta, tirarião por certo hum grande proveito, por elles aprenderião a conhecer, e a distinguir tudo aquillo que ha de louvavel, ou reprehensivel em cada hum dos paizes, nos costumes, no governo, nas artes, e na policia. Isto que eu desejava vêr nos professores públicos de ethica, ainda mais o quizéra encontrar naquelles, a quem se confia a educação domestica da mocidade. Estes, mais

pela observação prática, do que pelas theorias dos livros deverião instruir, e ensinar seus discipulos; mas seria preciso que este cuidado de educar bem a mocidade, e de lhe implantar bem os principios da moral, não fosse confiado a pedantes, mametados com os livros, que delles afora, são perfeitamente estupidos, mas a bons anatomicos dos caractéres, prerogativas, defeitos, e ridiculos dos homens. Que lhe podessem dizer « Rapaz toma sentido, e repara bem na affectação ridicula, que mostra aquelle nas palavras, nos gestos, nas acções, no andar, e no vestir. Olha para aquelle agora, e abre bem os olhos para veres hum retrato vivo da vaidade, e de amor proprio naquelle, que he pena não ser Francez pelo muito que mente, e bazofeia da nobreza de seus avoengos, das suas proprias aventuras, e proezas de seus feitos de armas, e valentias. » E como nem todos os homens são máos, e para fazer o bem não basta fazer-lhes notar unicamente o que he desordem, deyião estes mestres mostrar-lhes ina-

gens vivas de virtude, e dizer-lhe: « Olha rapaz, que delicadeza se acha naquelle homem, que modestia conserva na sua grande fortuna, que respeito mostra aos inferiores! Com quanta prudencia mede suas palavras, seus louvores, suas censuras! Olha com quanta sabedoria se sabe calar sem se obstinar em suas opiniões, sem querer ser o tyranno das conversações, sem se erigir de motu proprio em mestre de cadeira! Sem querer perder hum amigo, só pára não perder hum motejo, huma agudeza. Estes retratos offerecidos aos olhos da juventude, que se educa aproveitão muito mais, que as genericas lições. São exemplos vivos, e muito dezasisados será aquelle que attentando bem nestes objectos sem o trabalho da applicação literaria, que estafa, consome, e enjôa não aproveita muito pelos caminhos da moral.

E como se ateima a querer-se fazer aprender pelos livros, o que com muita mais facilidade, e proveito se podia estudar com os olhos passeando; bom seria, que em lugar

dos theoremas de ethica, se mandassem estudar de memoria certos proverbios sentenciosos, ainda que usados do povo, e até surrados entre o vulgo; cada hum destes proverbios contém huma grave sentença demonstrada, e ensinada pela experiencia. Não ha lingua, nem paiz, que não tenha estes proverbios, e entre todas as nações, nenhuma he mais farta delles que Portugal, tão judiciosos, que parecem dictados pela mais apurada filosofia. Os medicos, a quem a malignidade chama sem razão assassinos circumspectos, tem os aforismos de Hippocrates, e os de Boerhaave commentados por Haller com tanta sabedoria, e com tanta razão applaudidos do mundo, e tão celebrados, servem aliás de hum grande subsidio á sua incerta arte: assim os proverbios, não digo todos, digo só os moraes, pódem admiravelmente aproveitar ao homem, para dar ás coisas seu justo valor, e regular suas acções. Huma judiciosa collecção destes proverbios, e sufficientemente commentada, mettida na cabeça aos rapazes, obriga-

dos a repeti-la como lição, formaria huma quinta essencia, e hum facil compendio, que se receberia, e conservaria com mais gosto, que tudo aquillo, que com tanta enfase, rodeios, e apparato nos pertendem ensinar os livros sapienciaes dos filosofos. Este resumo seria huma mina riquissima de documentos, para quem quizesse viver como verdadeiro filosofo, e aproveitaria muito mais, que toda a leitura dos caracteres de Theofrasto, com todos os outros que de sua cabeça lhe ajuntou La Bruyere; livro tão applaudido, tão divinizado, que sem mais empenho, ou protecção abrio ao seu author as portas da academia Franceza, daquella academia que foi obra de Richelieu, e objecto da munificencia de Luiz XIV.º mas livro, que segundo o meu fraco entender tem huma grande desgraça. Quando as sentenças estão enfadas, ou amontoadas humas sobre outras sem ordem, e o que he mais, sem commento não pódem tornar, nem gostoza, nem proveitoza sua leitura; o que tão injustamente se disse de Seneca, se

deve com razão dizer de La Bruyere, que he arêa sem cal. Com sua brevidade entrão depressa na cabeça, e com a mesma brevidade desapparecem, e desertão da cabeça: e assim não póde a memoria surtir-se destes destacados, ou descosidos axiomas moraes, porque escapando hum quando entra outro, nenhum chega a imprimir-se profundamente nos miólos. Nunca por similhante livro se poderão aprender os importantissimos principios da filosofia dos costumes. Não com pequeno afinco me deitei eu á leitura dos caractéres no tempo do meu literario delirio, que tanto tempo me fez perder, e apenas conservo hum, ou outro dos retratos tão gabados de La Bruyere, feitos, segundo creio, de fantasia, porque a maior parte dos originaes são impossiveis em a natureza, como por exemplo, o do destrahido que me ficou! Póde acaso a distracção chegar a tanto em hum homem, que se esquece de tarde, terse recebido com huma mulher nesse mesmo dia pela manhã, e que entrando em casa, aonde já tinha che-

gado a mulher, que vinha da Igreja naquelle mesmo instante, lhe pergunte quem he, e que quer naquella sua casa? Isto he feito de proposito. E qual he o homem, que aprenda por este retrato a não ser distrahido?

Sem a observação de originaes ambulantes, e mostrado por bons mestres não se aprende a sciencia dos costumes. E porque o mundo quer quasi sempre rir, e seria hum misantropo quem não admittisse públicos, e particulares divertimentos, sempre me persuadi, que as comedias poderião instruir não pouco nos principios da moral, e nas obrigações civis, a que está sujeito todo o cidadão ingenuo. Não fallo das comedias dos nossos theatros, rapsodias mal concertadas, retalhos mal ajarcados, sujos de immundos equivocos, de amores obscenos, de malicia ensinada com arte, de vicios triumfantes, que se representão com tão livre, e licito passaporte. (Estas escolas estão agora desertas, porque os Francezes á força de roubar, vão fazendo dos ociosos, peralvilhos, e caixeiros de Lisboa, per-

feitos anacoretas), fallo daquellas comedias, a quem os Latinos, chamão moratas que fazem rir sem obscenidades, e torpezas; que mettem com habilidade a ridiculo os defeitos mais usuaes dos homens, que não ensinão maximas viciosas, nem subtilezas para que o homem fique impune na perversidade; que representão, assim he, os vicios, mas tambem o castigo, que os segue não com tardos passos. Se apparecessem comedias de enredos judiciosos, e verosimiveis, bem encadeados, e semeados com destreza de documentos uteis, que recomendassem as virtudes, e desacreditassem os vicios, eu faria continuos votos para que os veneraveis histriões tivessem enchentes reaes, porque estou persuadido, que a mocidade, longe de sahir do expectaculo com huma larga dóse de corrupção, sahiria com o coração cheio de horror ao vicio, e de amor á virtude. De tragedias eu dispensaria os theatros, quem tem vontade de chorar, chore seus peccados das portas para dentro, chore a tragedia universal da Europa, e do

mundo desgraçado ás mãos do jacobinismo, e theatro da rapacidade, e mentiras Francezas. Tenho lido quantas tragedias ha, e nenhuma he absolutamente perfeita, porque de todos os assumptos tragicos, não ha mais do que hum susceptivel da ultima perfectibilidade das regras. Não quero agora bulhas com os professores de poetica, algum dia apparecerá. Digo agora, que para ensinar a moral sem livros, aproveitão mais as verdadeiras comedias, porque estas, além do ridiculo, que mais facilmente se insinua no coração do homem, tem a fortuna de estarem mais ao alcance da intelligencia do todo, porque são entendidas não só dos altos, ou levantados entendimentos, mas do povo mais inliterato, e rude, o que não succede á tragedia.

SOLILOQUIO LIII.

Parece que a continua leitura dos livros, em que tenho consumido grande parte da minha apoquentada vida, ou turbulenta existencia, deveria ter produzido em mim dois muito naturaes effeitos: o primeiro, hum decidido amor, e huma violenta paixão pelos livros, e o segundo huma firme persuação da sua muita idoneidade para formar o homem sábio, isto he, o homem capaz de viver bem na sociedade dos outros homens, que he o fim, e o fructo de todo o estudo, e erudição. Pois não he assim; antes pelo contrario, tem produzido em mim effeitos oppostos. Hum odio refinado aos livros, e hum claro conhecimento da sua inutilidade para este grande fim. Dá-se hum mancebo ao estudo, enche a cabeça de maximas, de nomes, de *datas*, de factos, de opiniões, de hipotheses, quando se espraia pelo dilatado campo da historia,

humanidades, e filosofia. Depois de eu ter a cabeça abarrotada de tudo isto, disse das humanas sciencias, aquillo mesmo que Bruto moribundo, disse errada, e indignamente da virtude. « Oh sciencia, sciencia, eu cuidei, que eras alguma coisa, e agora te descubro hum nome vão, ainda que sonoro, e lisongeiro! »

Entre todas as virtudes, não ha outra que seja mais necessaria ao homem, que vive em sociedade, e por isso mesmo em estreita relação com os outros homens, que a prudencia: esta virtude não póde ser, nem inspirada, nem ensinada pelos livros. Esta virtude moral deve em parte seu principio, e sua origem á natureza, mas aperfeiçoa-se, e torna-se em habito, não pelo estudo das theorias moraes, mas sim pela observação. O grande livro do mundo he aquelle, que com seus varios acontecimentos, põe diante dos olhos do observador, tanto a sábia, e prudente conducta dos homens assisados, como os erros, e as desordens commettidas por outros, e para quem tem alguma onça de

miôlo na cabeça, esta he a verdadeira escóla, onde os professores de ethica devião ensinar, e formar os mancebos na virtude da prudencia. De tal sorte he formada a maior parte dos homens, que não aprendem bem, nem se lhe imprime bem na cabeça, para se guardarem do que he pernicioso, se não quando elles mesmos por experiencia o provão, e sentem. Não se conhece o bem, se não quando se experimenta o mal. De ordinario, não se estima a saúde, se não quando se perde. Ora isto não se ensina pelos livros: he preciso que o educador lhe faça observar nos outros, e no mundo o que lhe quer ensinar. Elle dará huma viva lição de prudencia ao discipulo, se lhe fizer notar em cabeça alheia quanto custe o fallar de certos factos sem consideração, e respeito algum; principalmente prorompendo em censuras, em tenções pungentes, picantes, e irrisorios diante de pessoas não confidentes, pessoas nhocalheiras por natureza, que ainda sem malicia são almocreves do que escutão, acarretando quanto ouvem de

hum lugar a outro, introduzindo de sua casa, e mettendo de sua cabeça grossas franjas, quando estendem o seu guardanapo, e ostentão grande fertilidade de imaginação. Com esta facil observação elle conhecerá quanta circumspecção seja precisa nos grande circulos, e conversações para discorrer, e fallar das acções alheias. Fará vêr igualmente a outro a quem acabe de dar alguma tintura de sciencias, a ridicula inchação daquelle, que entonado com quatro definições do compendio, e anno e meio de curriculo academico, empanturrado, e com ár dictatorio, e magistral vai com voz alta, e desprezadora, buscando o glorioso titulo de pedante, fazendo ao mesmo tempo conhecer a quem o não sabia, que elle está cheio, e occupado de si mesmo, e que com tanto estudo, ainda não aprendeo dois dedos de civilidade. Ainda que o homem por sábio que seja tenha razão no meio das disputas, pede a mesma razão, que exponha com socêgo, e modestia o seu parecer, e sentimento, impugnando com garbo, e

cortesia a opinião contraria, mostrando sua falsidade, sem atacar pessoalmente o que a sustenta. Esta delicada maneira de combater, atrahe a benevolencia, senão do adversario teimoso, ao menos dos ouvintes imparciaes. Em muita, e grande opinião se tem a si mesmo, quem se altera, e se enfurece, porque os outros presistem em opiniões diversas das suas. A estes espiritos de contradicção não aproveitão prégações, apenas se contém alguma coisa, quando conhecem que muitas vezes sustentárão huma proposição ridicula, e falsa, e que loucamente inflammados comprárão com gritos, serem o fastio, e o odio de muitos, e que todos fogem, como de hum apestado, sua conversação pezada, e desgostosa para todos. O bom moralista com este quadro adiante dos olhos ensinará ao seu discipulo, que quando entrar em campanha disputatoria faça guerra de homem civilisado, isto he, com huma dóse daquella prudencia, que nas conversações he necessaria a todos, e na verdade he coisa vergonhosa, que pade-

ça falta, e inopia de prudencia, quem se figura, e blazona de saber mais que os outros. Com estes exemplos se faz conhecer a grande vantagem da escóla dos desenganos, que de ordinario se não alcanção dos livros, e sómente se aprendem á propria custa. Só desta maneira se formará o homem digno do raro elogio de prudente, e sahirá desta escóla muito mais sábio, e instruido do que sahiria em materias de ethica do mesmissimo portico de Athenas, e da confusão, e contínua opposição, e contrariedade de opiniões, em cujo labyrintho perdido o entendimento, não atina com a verdade que unicamente se encontra pela segura estrada da experiencia, e pela assidua leitura do livro do mundo.

SOLILOQUIO LIV.

Nenhuma coisa incha mais os homens que a sciencia, e nenhuma coisa os devia humilhar tanto como essa mesma sciencia filosofica, que em conclusões evidentes he igual a zero. Sempre fôrão para mim objectos de profundas meditações certos franchinotes empanturrados, que tornão a casa dos pais, e parentes com hum só anno do Mondego na barriga, e huma alluvião de fumaças na cabeça. Raros exemplos são estes da ingenita vaidade humana! Não he preciso esperalos de tão longe, estes não são de facil accesso, passão rápidos, nem se dignão de apavonados lançar ao menos de travéz os olhos sobre as pequenas, e quasi esmagadas formiguinhas que não escutamos entre os gustos da ultima dos destinos a imperiosa vóz do bedel, que chama para a sabatina! Basta que eu contemple hum miseravel, que escutou por hum anno as

explicações rebatidas nos precedentes do compendio Logica. Ei-lo vai cheio e abarrotado de seu insigne saber. Para se julgar huma grande, e respeitavel personagem, não lhe he preciso ter chegado a descernir, e conhecer as redes mais subtis dos sofismas para saber plantar huma bataria de argumentos, e aterrar, e pôr em completa derrota hum adversario; nada disto he preciso, basta haver tocado os preliminares da tal logica que eu julgo bem pouco fructuosa arte, para se aprezar tanto a si mesmo que considere o resto dos homens como animaes estupidos. Esta inchação, ou hidropica vaidade cresce, e chega a trepar, e subir tanto, que se lhe não vê o cume, se hum automato estudante passa de escolar de medicina á magestosa honra de laurea doutoral, conseguindo a summa ventura de apalpar varios pulsos em companhia de seu mestre. Não toca a terra com os pés, e tanto se lhe antolha haver-se levantado, que olha lá muito de cima com insultante desprezo para o resto dos homens a quem el-

le chama o vulgo dos ignorantes, e em horas de bondade, e humanidade se compadece delles, porque em fim não chegão a conhecer a horrivel virtude dos calambulanos, a tenacidade do basilicão, e o mercurial poder dos pós de Joannes. Se olha, ou se digna abaixar os olhos para homens destinados por estudo, e que tem consumido a vida na contemplação da natureza, e que á luz do faxo da filosofia aprendêrão a dar ás coisas o seu justo valor, se enternecem, e magôão de vêr que ignorão, quantas tripas, ventriculos, e forçuras tenha a pansa dos quadrupedes, quantas roscas formem o orificio anus. Compadecem-se destes mesmos doutos, porque não entendem como elles, o grande misterio de tantos nomes estranhos, com que o saber Grego, e Arabico enriqueceo, tornou veneravel, ou fez ridicula a medicina. Ainda aqui não pára seu coração bazofio, e desvanecido. Este insecto soberbissimo, julgando-se mais, que os que tem as mãos callosas na praxe medicinal, sentado á cabeceira de hum padecente,

que está (ás vezes por culpa sua) a ponto de passar á eternidade, trincará sentenças, e cuspirá decisões sobre a qualidade da dysenteria, que atenúa o enfermo, e lhe cahirão da bocca infalliveis pronosticos sobre as qualidades corrosivo-irritantes da materia morbifico-dysenterial. E o que ha de mais admiravel he que se não abata a prôa a hum destes loquacissimos assassinos, ainda que veja crescer a olho, e engrossar-se todos os dias o catalogo dos mortos. Mas eu não estranho, que em mancebos inconsiderados, se encontre esta presumpçosa vaidade pelos seus ainda que tão tenues conhecimentos. A inexperiencia, e a idade, imaginando-se cabeças calculantes, lhes serve de escusa, e de desculpa. Mas que manquegem ainda, e se sintão deste influxo pessoas envelhecidas nos estudos, e que se dão a si mesmas o grande ár, e o tom de hum grande saber theologico, filosofico, legal, ou porque engatinhão alguma coisa na eloquencia, ou em fim porque sabem engranzar quatro versos, isto sim, que me dá grande

motivo, para me maravilhar, e espantar! Não he só na mãi dos Graccos, que Juvenal observaria o *grande superalium*, se vivesse em os nossos apoquentados dias, elle o encontraria em tantos, e tantos que fallão sempre magistralmente em filosofia, jurisprudencia, medicina, etc. Avezados a tratar com os doceis, e embasbacados discipulos, por muitos annos conservão, e guardão o mesmo ár turgido, e empolado para todos os dias da sua vida. Oh! se estes taes podessem com paz, e indifferença examinar o pró do verdadeiro, e do falso, combinando com as suas as opiniões alheias, mais do que elles cuidão, se acharião como os outros fluctuantes entre as trévas da ignorancia. Eu ainda accrescento mais alguma coisa, e digo, que as sciencias para quem tem os miólos em seu lugar, e apanha bem a verdadeira prespectiva do saber humano, longe de inspirarem vaidade, e soberba, são aptissimas para illuminar, e conservar a verdadeira humildade no coração do homem. Não será jámais bom medico, senão aquelle,

que chega a conhecer quanta seja a incerteza da sua arte, e quam pouco tenha de concludente aquella interminavel salgalhada de remedios, e medicinas, que se acha formada em batalhões pelos seus livros, e como a mesma arte, cujo fim devia ser curar as enfermidades, chegue apenas a curar, ou conhecer bem poucas, vendo-se, e experimentando-se a cada passo, que as curas mais se devem á industria, e força da natureza, que aos seus repentinos récipes; pois não medêa hum instante entre apalpar hum pulso, e escrever caracteres mágicos para o boticario entender, ou não entender. E pelo que toca á filosofia! Oh! quanto ha de obscuro, incerto, e até incomprehensivel! Aguçe embora os olhos quanto poder o humano entendimento, não poderão jámais penetrar as densas trévas de que estão bloqueados infinitos objectos da repartição da fysica! Pois se elle intenta espraiar-se pelo paiz da metafysica, e levantar-se á contemplação do immortal, e soberano ente principio, penetrar seus altos conse-

lhos, e expôr como se por lá passeasse tudo quanto elle fabricou em infinita distancia da nossa vista, aqui sim he que elle conhece, que fraca fazenda seja a comprehensão humana! Na verdade se o homem de estudos, quando aqui chega, e aqui sente fraquear-lhe as azas, não se sabe humilhar, e conhecer-se, tenha paciencia, porque o seu nome deve ir augmentar o catalogo dos orates, onde quer que mais bem parados estejão. Não duvido, que pareça muito vasto em alguns o patrimonio do saber, mas quanto mais atrahidos do cheiro da literatura se avançarem na applicação, tanto mais conhecerá que excede muito, e muito o que não sabe, ao que já tem estudado, e conhecido. Vê que huma boa parte do que sabe consiste em bagatellas, e que a caça que tem feito differe pouco da caça das aranhas, que acaba, quando muito em apanhar algumas moscas. Conhece tambem, que huma não pequena parte da sua sabença se restringe, e feicha entre os confins da opinião, ou apenas do verosimil, e provavel,

e nunca do certo, demonstrado, e evidente. Muitas vezes se vê o homem obrigado, e necessitado a desamparar parte daquillo, que dantes tinha com tanto trabalho estudado, e aprendido, porque pezando, e esmiuçando, as cousas melhor, as acha se não manifestamente falsas, ao menos, por todas as razões duvidosas. Que direi do saber dos jurisperitos lacerado, e confuso, por mil quotidianas controversias, e pareceres contrarios, e oppostos? Todos estes motivos são muito poderosos para convencer de ridicula a soberba do homem, quando esta nasce das escólas, e dos livros. Em summa, huma parte da sabedoria consiste, e não nos persuadimos, que sabemos aquillo, que de facto não sabemos. Sabedoria he esta a que poucos, ou nunca, ou muito tarde chegão. O que deve, e póde unicamente aproximar-nos aos confins desta sabedoria, está encerrado naquelle estudo, que ensina a conhecer o homem interior, e as suas acções moraes. Não existe em nós aquelle grande capital de saber, que nos figuramos; nem

aquelle agudo, e penetrante engenho, que nosso amor proprio tanto nos tem conhecido, nos diz que existe no meio da nossa cabeça. Desenganemo-nos, que não temos aquelle fino juizo, aquella rara prudencia, penetração, e habilidade, que nos figuramos illudidos, e entonados. Repassemos pela memoria tantos erros que temos commettido, tantos despropositos que temos dito em materia de sciencias. O homem literato reflectindo seriamente na vaidade, e incerteza das sciencias humanas, na fluctuação, e gyria continua das opiniões, no pouco que ha demonstrado, e evidente até nas mesmas sciencias naturaes, na fragilidade, e miseria de tantas hypotheses que embrulhão mais do que aclarão as verdades, que querem expôr, não póde deixar do envergonhar-se; se acaso tem depositado em seu coração huma excessiva estima de si mesmo, e hum ultrajante desprezo dos outros homens, porque não tem na cabeça as mesmas quimeras de que elle se tem tão infructuosamente nutrido, e sustentado. E como poderá continuar

na muito louca adoração de si mesmo, quando de dia em dia fôr observando o pouco que foi dado ao entendimento humano avançar-se pelas veredas da sciencia da natureza?

SOLILOQUIO LV.

Se com effeito se juntassem todos os escritos, que os filosofos antigos, e modernos tem composto sobre a felicidade, poderião elles só formar huma bibliotheca, entulhando-lhe estantes mais compridas que hum dia de dominio Francez. A divisão de opiniões sobre a felicidade do homem tem parido volumes tão gordos, e anafados como enfadonhos, e secantes. Todos elles tem dois objectos em que se empregão; o primeiro determinar em que consiste esta felicidade tão desejada; o segundo, quaes sejão os meios mais efficazes, e opportunos para chegar a ella. Muitos destemperos se tem dito, desde que Epicuro começou jejuando a pão, e agua, a especu-

lar sobre esta materia. Aristippo asneou solemnemente, e os que mais doudejárão fôrão sem dúvida os estoicos. Soberba, é ridicula gente! Promettião a seus sequazes a posse da vida beata, mas aonde ella se não póde encontrar. Ensinavão a desprezar os males, e até ensinavão a rir-se delles, quando chegassem para hum estoico a invasão de huma cafila de ladrões, ou generaes Francezes era hum motivo de gargalhada; isto diria mesmo Seneca, se agora vivesse, e os visse tão despejada, como insolentemente passear pelas ruas de Lisboa; mas bem depressa conhecem, estes automatos que se querem inculcar insensiveis, a differença que ha entre soffrer huma tempestade no meio do Oceano em hum navio com agua aberta, e o metter a bulha aquelle perigo, e desafiallo, descrevendo-o repimpado em hum sofá, e sobre huma meza de ebano em que escrevia Seneca. Em nossas eras tem apparecido grossos volumes sobre a felicidade. Tratados methodicos, que juntos todos formão os livros, que se chamão templo

da ventura. Até poemas, como o de Helvecio, que se tem máos versos como os Francezes, ainda tem peiores idéas. O proprio Boulanger, que escreveo com profundo espirito sobre algumas materias filosoficas, sobre tudo em cosmologia asneou solemnemente no livro em que no tratado, em que pertende provar, que Esopo fôra Salomão, ajunta hum tratado sobre a felicidade, demonstrando-a com o methodo mathematico, engranzando, e enfiando proposicões, themas, theoremas, e corollarios para se sahir no fim com huma parvoice, e em tom tão grave, que não he mais sério Spinosa no labyrintho methafysico. Tudo vem a dar na maxima de Horacio, quando diz, que escorregára outra vez para a escóla de Aristippo, e seus mandamentos; e convida o amigo para vir observar nelle hum porco de vara, tirado dos lodaçais de Epicuro, de pelle liza, bem curada, e nedia. Ora entre tantos escritos, eu acho, que Juvenal não só disse mais que todos, mas atinou com a felicidade cá de talhas abaixo em meio verso:

Mens sana, in corpore sano

Quem póde introduzir huma alma tranquilla, e imperturbavel dentro de hum corpo são como hum pero, rijo, e escorreito, poderá affoitamente dizer » eis-aqui o homem feliz, e nisto consiste a verdadeira felicidade. » Seja qual fôr o estado em que o homem se ache, ou se considere, figure como quizer no mundo, occupe os primeiros lugares, nade em riquezas e delicias, cinja diademas, vista purpuras, commande a exercitos, seja o filho mais nomeado do carniçeiro de Ajaccio José Bona, se não tiver a alma sã, mettida n'hum corpo, a quem se possa dizer « estimo que passe muito bem e livre de molestias » este homem não será feliz. Andem por onde andarem, gritem, argumentem, estafem-se em disputar, e escrever sobre a vida beata, em se não encontrando estas duas coisas, que o honrado Juvenal, o mais virtuoso, e sublime dos moralistas filosofos aponta, he escusado dizer que se atina com a felicidade, e que se

determina seu verdadeiro constitutivo. He pois a felicidade, conservar o corpo sem dôres, e o ánimo sem inquietações, e molestias. Juvenal, o adorado Juvenal, diz ás vezes coisas em duas palavras, que os filosofos, mais apessoados, e de maior nomeada não saberião, nem jámais souberão dizer, em volumes inteiros.

Summum crede nefas animam preferræ pudori
Et propter vitam vivendi perdere causas.

Esta admiravel sentença vale, e diz mais que quanto escreverão os paradoxaes estoicos, quando em pomposas tiradas nos insinuão a amar a virtude mais que a vida, e affrontar a morte, antes que desertar dos estandartes do honesto. E tornando com a minha prelenga sobre a felicidade, digo, que se não póde constituir n'outra cousa. Alma sã, e corpo são. Se consiste no deleite puro, e espiritual, e no saber sublime como só quiz o calvo Epicuro; não terá a alma deleite que valha dois caracóes, se alguma paixão a tyranniza, e; se se doe

de alguma matadura. Se a felicidade consiste na tranquillidade imperturbavel da alma, como quer o mestre do ingrato Nero: esta serenidade da alma não se conserva, se fôr envolta em algum vapôr que se escape até ao cume deste sereno olympo, onde não devem chegar as nuvens tempestuosas. Alma sã, e corpo são. Esta he a ultima sentença sobre a felicidade; porque quem poderá rasoavelmente viver contente de si, e chamar-se feliz, se o corpo lhe faz guerra, e a alma se acha batida de tempestades? Só a calma, quanto for possivel, de ambas as partes constitutivas do homem, póde fàzer que o homem se diga feliz, e contente, em quanto a morte o deixa andar por cima deste globo.

Que nisto consista a chamada ventura, não duvido, antes digo, que o citado Juvenal fôra o que mais atinou em a determinar. Mas poderá acaso conseguir-se, e realizar-se esta saude da alma, e do corpo? Não. Desenganem-se os filosofos, mais padres concriptos que existirem, que es-

perar felicidade na vida, he pedir peras a hum pinheiro. Ha muito que o desatinado Adão pôz embargos á ventura de seus tristes netos. Concebem-se lisonjeiras esperanças he verdade, mas he correr atraz de sombras, e em lugar de Juno, abraçar como Ixion huma nuvem. Tudo fica em gostosas especulações, que se desvanecem, quando procuramos reduzilas á prática. Ora começemos pelo corpo. Ainda que a saude do corpo seja hum dos alicerces da felicidade, he a primeira coisa, que se não póde chamar objecto de filosofia moral, e o primeiro argumento, que mostra, que se existe felicidade, esta provém do acaso; e que não he conseguida jámais por hum espontaneo movimento do homem. Não está na mão da filosofia com todos os batalhões de preceitos, que ella costuma empoladamente assoalhar, que nasçamos sãos, e tesos como hum alho, e que o continuemos a ser por toda a carreira da nossa vida. Se perdemos a saude, de balde recorremos á bussola da filosofia para a encontrar. Bus-

cala depois de estragada, nos apparatosos arsenaes da medicina, ou he buscar agulha em palheiro, ou he querer ter ainda menos; e eu sou assim formado pela natureza, que supportando sem emoção a vista dos objectos mais desagradaveis, e repugnantes, cahio em deliquio, se por desgraça vejo huma mixorofada da botica, e até o quieto espectaculo de huma botica sem que trabalhem os almofarizes, cujas pancadas formão hum som mais lugubre, que a campainha da misericordia em manhã de padecente, me revolta, e me inquieta. Se a saude do corpo como constitutivo da felicidade, não he da repartição da filosofia moral, eu creio, que menos o será ainda da medicina, cujos socorros são perfeitamente inuteis se a natureza se não metter a medico. Ella por si não só conserva, mas até procura reparar as ruinas do edificio humano, até que a lei da morte mais forte, e imperiosa, que todos os recursos da natureza, ponha o indispensavel fim á nossa existencia. Ora para se conservar esta saude, he pre-

ciso hum ingrediente essencialissimo para a felicidade humana, que vem a ser o sustento para o corpo, e o vestido para o mesmo corpo. A mais terrivel de todas as doenças he a fome; e huma das precisões mais urgentes, e mais indispensaveis na ordem social, he o vestido, tal, e qual, porque o caduco do corpo humano, ou não precisa, ou não merece ricas tapeçarias para armação. Tambem não he do officio da filosofia prover o homem de munições de bocca, e cobrir-lhe os coiros, se elle andar esfarrapado. Todos os dogmas da mais austera moral, todas as cartas de Seneca não podérão jámais dispensar o estomago de Lucilio do pão quotidiano. Mais vale hum jantar, que hum dialogo de Platão; sentir-me-hei abatido pela tarde, se em lugar da olha, mo pozerem na meza ao meio dia. O manual de Epicteto, nem mata a fome, nem estanca a sêde em o filosofo, e póde muito bem o filosofo morrer de fome, e de cançaço. He verdade que a filosofia moral nos póde soccorrer muito, ensinando-nos a temperança,

porém por mais que nos esmeremos nesta virtude, e por muito util que ella seja para conservar, e recuperar a saude, sempre veremos, que não he da repartição da moral procurar-nos aquella felicidade, que he relativa á nossa parte terrena, ou corporea, isto he, a saude, e para a saude o sustento, e não está na mão do homem conservar huma coisa, e adquirir a outra.

Qual he pois a felicidade, que propriamente se póde esperar da filosofia, visto que o austero Juvenal determina com tanto acerto, e tanto sizo a sua essencia? Huma só: isto he, a saude da âlma, ou a tranquillidade da alma, que vem a ser o mesmo. Esta saude consiste em primeiro lugar, em saber avaliar bem, e rectamente tudo aquillo, que he relativo ás nossas acções moraes, para evitar as que são más, e seguir as que são boas; eis-aqui a primeira parte desta saude, a qual para existir deve presuppôr na alma huma alentada dóse de sabedoria, e hum desterro total da ingorancia, de mo-

do que o homem jámais se engane, ou se confunda. E existe, ou tem existido algum neto de Adão na plenitude desta sabedoria adquirida pelas forças da natureza, ou pela teima do estudo? O proprio Salomão, que n'outras fontes claras, e sem limos bebeo a grandes sorvos esta sabedoria, na idade em que devia ter siso, asneou solemnemente. A segunda parte desta saude, consiste na tão buscada, e tão querida tranquillidade, conservando o coração quieto, não turvado de paixões immoderadas, nem agitado, e combatido de molestos appetites, mas em perfeita paz sem afan, e sem cuidados, horriveis espectros, cujas espantosas, e negras azas abafão o miseravel, que lhe amargurão, ou azedão a posse de hum bem presente com a medonha representação de hum mal futuro. Não deve pois o coração para existir tranquillo, ter outro desejo mais que o desejo de obrar bem, e até viver izento dos remorsos de ter obrado mal, deve ter hum bom provimento de constancia, e paciencia na

chegada das adversidades, ai! tão amigas, e tão companheiras da vida humana. Eis-aqui o grande segredo de toda a filosofia; e eis-aqui a felicidade a que podemos aspirar nesta baixa habitação terrena, não nos esquivando a trabalho, e fadiga alguma para a conseguir, e conservar. A esta especie de felicidade, que não he impossivel ao homem inquilino deste globo, e cuja posse póde depender da vontade do homem, tambem se póde unir de quando em quando o gozo de honestos prazeres, ou intellectuaes, ou corporaes, porque, em fim, o homem não deve ser de páo, e o estoicismo rigoroso he só para homens de madeira, mas estes prazeres como não pódem ser estaveis, não pódem ser tambem o dote estavel da continuada felicidade do homem, porque esta, segundo a sentença difinitiva do filosofo Juvenal, consiste em ter o animo, são, bom, composto, e tranquillo. E com effeito, se o homem não sente cuidado, nem pensamento, que o rale, nem desejos, e paixões, que o inquietem, e se no seu

interior vive contente do estado em que apprôve á providencia constituilo, este chegou áquella meta, onde tantos outros com contínuo estudo, e esforço de balde tentárão chegar, e não conseguírão. Se faltar este equilibrio não se poderá jámais chamar ditoso hum bisneto do antigo Adão. Ora na verdade Juvenal não teve ainda maior amigo do que eu, nem mais justo apreciador de seu merecimento, mas a verdade he alguma coisa mais que Platão, e Juvenal. Seja qual fôr o constitutivo da felicidade, diga Zeno, Epicuro, e Seneca o que quizer, e por diversas estradas todos caminhem á mesma fonte, que vem a ser a tranquillidade da alma; he coisa escusada pertende-la, e possui-la; se não está na mão do homem a posse, e a conservação da saude do corpo, menos está a posse, e conservação da saude do animo. He não conhecer o homem, dizer que elle póde conservar a alma tranquilla, e perfeitamente equilibrada. Não póde: e esta impossibilidade nasce da imperfeição inherente á

natureza humana, e o verdadeiro motivo desta imperfeição não se póde encontrar se não em culpa. Hum corpo tirado do equilibrio persevera em o estado de oscilação, até que causas, que a fysica diz que aponta, o fazem descançar. Eis-aqui o que succedeo ao homem: Oscillou, fluctuou desde o momento da sua quéda, e não repousa se não quando morre. Querer perfeito equilibrio na vida, ou perfeita tranquillidade, he querer o impossivel, e todos os systemas dos filosofos sobre a felicidade, não são mais que méras especulações. O moto contínuo, e a inalteravel satisfação interna, seja qual fôr o estado do homem são duas coisas impossiveis, huma em fysica, outra em moral. Hum contentamento estavel, he inquilino que nunca occupou as casas do coração humano, ainda que o homem abunde em todos os bens, cuja posse, segundo o parecer de muitos, forme a verdadeira felicidade. Os bens possuidos, já não parecem aquelles mesmos que dantes erão. O costume he hum quotidiano encanto, que

não deixa saborear a doçura de tantos objectos, que tanta impressão nos fazião nos miólos antes de conseguidos, e hum unico bem, que falte, e se deseje sem se poder adquirir, tem força de amargurar todos os outros, que se possuem. Huma grande fortuna he huma grande servidão, e quanto mais possue o homem, mais oscilla, mais fluctúa, e a alma sem equilibrio não póde ter felicidade. Quero dar ao homem este equilibrio, mas para se chamar feliz he preciso que elle se estenda não a alguns dias, ou annos, mas que abranja o inteiro circulo da sua existencia. Poderá ser a manhã serena, mas será a tarde enevoada, e tempestuosa. Temos ainda mais panno para mangas, dado o contínuo deleite, e estavel equilibrio, ainda com elle se não póde chamar homem feliz, porque se he contínuo embota-se, não produz deleite, nem a reflexão de o possuir. Nós buscamos huma felicidade, que dependa de nós o tella, e o perdella, e que a nosso arbitrio nos siga, e acompanhe até ao derradeiro bocejo. Ora não ha alguma

que não esteja sujeita aos caprichos da fortuna, isto he, aos varios accidentes do mundo. E coisa, que não he nossa, não póde ser fundamento, e base da verdadeira felicidade. Isto mesmo conheceo, e descobrio o proprio Epicuro, e por isso em ultima analyse veio a reduzir a felicidade á indolencia, isto he em ter o animo de tal maneira composto, que se deixe hir ao som da agua, qualquer que fôr o estado em que se encontre.

Ora Juvenal, que era hum bom olheiro do homem, e insistio teimosamente ainda mesmo, quando com tanto fel lhe reprova, e reprehende os vicios, em lhe apontar os meios de o tornar feliz, quando lhe diz que a felicidade consiste na saude do corpo, e do espirito, tambem lhe assignala as veredas para esta saude, e lhe brada com a força de hum oraculo. Olha que para a saude, ou tranquillidade não ha outro caminho mais que a virtude. Pope gasta a quarta epistola toda em dizer isto, e Juvenal, gasta hum verso:

Semita certe
Tranquillæ per virtutem patet unica vitæ.

Assim tambem como só na virtude achou os quatro fundamentaes costados da nobreza:

Nobilitas sola est, atque unica virtus.

Eu concluo, que o ultimo systema de felicidade he a virtude, e que só he feliz, sem seguir, nem estoicos, nem epicureos, nem nenhum ou dos antigos, ou dos modernos calculadores em moral, o homem virtuoso. Se ha este homem, tambem ha o feliz. E que coisa he esta virtude? Na ordem natural, na qual sempre fallo, he escutar a consciencia, e obedecer á consciencia, porque nunca ella diz huma coisa, e a sabedoria, ou a filosofia diz outra. Fóra disto não ha felicidade. Esteja, e permaneça o homem naquelle estado em que o quer, o tantas vezes já citado Juvenal.

Nil conscire sibi, nulla pallescere culpa.

Ainda que viva debaixo do jugo Francez, que he peior que a enxovia do limoeiro, aquella mesma que fica por debaixo do carrasco, será feliz. Só a alma innocente he alma tranquilla. E quem não terá alguma culpa? Ainda se poderia não desesperar de encontrar este cisne negro, rara ave no mundo, se lá pelos sertões do Maranhão se encontrassem homens insociaes! (Eis-aqui o paradoxo de Jaques) Mas na sociedade, paiz dos vícios, onde está o innocente! Eu não sei se quero que o homem viva insocial, se não quero. Considerando este grande objecto pelo lado da filosofia de certo me não sei determinar: e saibão todos quantos a presente virem por mim feita, e assignada, que a resolução deste problema, o maior de todos, me tem occupado, desde que abri os olhos da razão, e me dei ao porfiado estudo do homem. Quem resolverá se he mais feliz na sociedade, se em perfeita isolação? Onde houver menos homens, haverá menos vicios, e onde houver menos vicios haverá mais felicidade. Juvenal, (e não me

calo com Juvenal! não he pedantaria citar hum tamanho filosofo) chama feliz ao homem, que se não encoleriza, que constitue a morte entre os ricos presentes, que nos fez a natureza, que estima ainda mais os trabalhos de Hercules, que os moles, e implumados leitos, e canapés de Sardanapalo, que nada deseja, e que sabe arrostrar, e desprezar a dôr, o desprezo, e a repulsa. O homem na solidão está mais proximo a este estado de perfectibilidade, porque está mais separado daquelles objectos, cuja acção, e reacção fazem perder o equilibrio, ou tranquillidade do espirito. Eu sei que nem todos os homens são capazes de sentir o prazer da isolação, e isto mostra, que he muito pequeno o numero dos que se pódem chamar humanamente felizes. Quando isto em que nós agora tão precariamente existimos, se podia chamar reino tranquillo, e independente, e me acontecia enfrar em algum mosteiro, tal como o de Alcobaça, ou Tibaens, nunca deixei de dizer cá entre mim: *Oh! fortunati, si sua bona norint,*

cœnobitæ! e me dava vontade de puchar pelas orelhes áquelle monge, que ouvia carpir seu estado, e dizer mal da sua vida! Insensato! Dizia eu, chora sua mesma ventura, e não conhece que está constituido no estado que mais se aproxima á natureza, e por isso mais perto da felicidade, não digo da terra, que isto he indisputavel, mas da temporal, que se desvanece sempre na razão directa da communicabilidade, e sociedade dos homens. Quem póde duvidar, que huma aldeia he mais ditosa que Paris!

SOLILOQUIO LVI.

Não só nestes ultimos, e desgraçados dias em que existimos se tem escripto muito sobre a politica, e seus direitos, mas desde que começárão a apparecer homens, que se chamárão filosofos, começárão a apparecer escriptos, e pessimamos tratados sobre esta chamada arte, ou sciencia. A go-

ra se conheceo de todo sua inutilidade, e creio que os prélos não gemerão mais, com os papelinhos desta natureza depois, que o filho de Maria Leticia se desembestou, com a vergonha que o acompanha em tudo, com o célebre oraculo « Eu tenho huma politica, que me he particular, e privativa. » Ora os axiomas, e principios da politica, do maior, e mais descarado dos rapinantes, e oppressores, destróe, e inutilizão quantos volumaços politicos tem até agora pejado, e afrontado a velha, e caduca República das letras. Como a maniá commum aos homens he a ancia de governar, porque a innata vaidade dos homens os obriga, arrastra, e violenta a quererem sobresahir aos outros, se os tyrannos, e os valentões conquistadores, chegão á conseguir este dominio, ou esta superioridade pela força; os sábios que de ordinario são de fraca tempera, de coração mavioso, e homens poltrões, e gotosos, e incapazes de fazer, e de vêr sangue, já que não pódem mostrár-se superiores aos outros, governando-os com a for-

ça, lisongeão ao menos sua vaidade em os querer governar pelas letras, e pela sabença, e poucos disfarção, e dissimulão a presumpçãosinha de querer governar os mesmos governantes: daqui nasce aquella tão inutil, como secante aluvião de livros, que se chamão instituições de principes, modélos de principes perfeitos, idéa dos reinantes, retrato de hum rei, etc. daqui os fatigadores livros de Repúblicas, de Utopias, de Polisynodias, e outros nomes mais, (que até para os titulos dos livros he preciso hum diccionario!) Daqui nasceo a decantada, mas verdadeiramente fantastica República de Platão. A politica, ou politicas de Aristoteles seu discipulo; daqui veio tambem, a ciropedia de Xenofonte, foi o effeito de huma birra que elle teve apenas apparecêrão os dois primeiros livros da República de Platão, creada como elle na escóla de mestre Socrates. Quiz tambem ensinar aos principes a arte de reinar, porque qual he o filosofosinho, que se não julga mais alguma coisa que o maior principe?

Platão deo preceitos, e Xenofonte quiz dar modélos, por isso fingio tantas virtudes em Cyro, e fallou mais verdade na vida de Agesiláo, rei digno de o ser, porque foi o mais moderado de todos os imperantes. Apenas Theofrasto entrou a dar sentenças no lycêo, começou a arrotar maximas de politica, e a ensinar a governar a Cassandro rei de Macedonia, e Ptolomeo rei do Egypto, e como se não chegasse a idade de 109 annos se não para escrever politicas, imbutio, ou encampou ao mundo duzentos tratados de politica, segundo hum moderado rol, que nos dá Diogenes Laercio; e cresceo tanto o monte das obras de politica, no tempo do tal Ptolomeo, que Demetrio seu bibliotecario (porque tambem ha reis bibliomaniacos) lhe persuadio que edificasse huma bibliotheca para os recolher, e com effeito, o primeiro, e principal fundo da bibliotheca de Alexandria era formado de livros de politica, e Demetrio ajuntou duzentos mil tratados desta sciencia. Este thesouro de velhacarias, enganos, e em-

bustes, quasi todos forjados, e architectados nos lyceos, e institutos de Athenas, fazia acudir, como a reclamo, á cidade de Alexandria, tudo o que era *graculus esuriens*. Esta bibliotheca de Alexandria estava irrevogavelmente condemnada a morrer queimada viva. Julio Cesar, sitiado na mesma cidade, e atacado menos, que Palafox em Saragoça, pelo bairo, onde estava a livraria politica, deitou fogo á esquadra, ancorada no porto; o vento levou as labaredas para aquelle lado, e lambêrão os volumesinhos em hum instante.

Acabou a livraria, mas não acabou o prurido, ou mania de compôr livros de politica, e até nos seculos mais barbaros, esquecendo outras coisas, nunca esqueceo a politica. Hum bispo d' Orleans, chamado Jonas, que merecia ser, senão lançado ao mar ao menos deitado n'hum poço, escreveo hum livro, que se diz instituição real, dirigida a hum homem, chamado Pepino, rei de Aquitania. He coisa muito para notar o catalogo dos escriptores de politica, que fez

Mr. de Real em hum alentado bacamarte de 4.°, quasi todos são ecclesiasticos, desde o cardeal Egidio Colona, frade da Graça, (que escreveo hum livro rarissimo entre os mais raros, da instituição de hum principe,) até ao abbade Duguet se contão mais de cem escriptores de politica ecclesiasticos. Até S. Bernardo, dirige tratados de politica a Luiz Gordo, e Luiz Moço. Os poucos reis, que se conhecem authores, são authores de politica. Luiz XI.° escreveo hum livro chamado « Rozeira das guerras » Jaques I.° de Inglaterra, dedica, e dirige a seu filho politica, e mais politica, chamando ao livro « Presente real. » Até os imperadores do Oriente, no que se chama baixissimo imperio, escrevêrão politicas. Manoel Paleologo, e Constantino Profirogineta, escrevêrão regras, e governo de hum estado. Pois testamentos politicos? Alberoni, Mazarini fizerão testamento, e o cardeal de Richelieu, seria mais famoso, se morresse abintestato. He huma lastima o que escreveo o rei de Prusia, o da espada

furtada por Buonaparte, que quiz ser até author de epigrammas, e acaba hum, dizendo, a quem? A Voltaire: « Newton escreveo o apocalypse, e Richelieu o testamento » Pois elle Federico II.º não he mais feliz, com o Anti-Machiavello. O tratado do principe, que este mancebo escreveo, he hum solemne desaforo, e o mais toleravel dos tratados de politica, que se escrevêrão depois de resnascidas as letras, são os seis livros da República de João Bodino, saqueados com tanto descoco, e silencio pelos modernos architectores de systemas de governança. Nesta fonte bebeo hum Francisco Patricio, grande ladrão, tudo o que escreveo da República: daqui Hobbes, teimando sempre, que o homem natural he o homem de guerra, tomou a idéa do livro chamado do cidadão. Daqui nasceo a manía do duque de La Rochefoucault, que quer que todas as acções do homem tenhão por principio a maldade, etc.

Ora escrevendo-se tanto sobre a politica, que será politica? Eu não creio na transmigração de Pythagoras

ainda que me pasmo de vêr, que pensamentos que nascêrão na cabeça de hum homem, passados seculos appareção na cabeça de outro, que não conheceo, nem leo jámais o que o passado tinha escripto. A primeira vez (quando lia) que abri o livro de Saverien sobre os progressos de engenho humano, atinei, ou adraguei, com o artigo, politica, e acho-a definida por hum respeitavel bispo Francez, da tempera velha, desta maneira. « A politica he huma arte mais de enganar, que de governar os homens » o bispo chama-se João Camus, que era a mesmissima difinição, que eu lhe tinha dado cá com os meus botões. Arte má, e péssima. Já hum valído, e ministro de Henrique IV.º tinha dito, que o principe antes deve obrar contra a sua consciencia, que contra a razão de estado. Por isto he arte pestifera ainda que empregada por hum principe tão famoso em virtudes como Henrique IV.º que fará empregada pelo descarado tyranno, que lhe occupa, e encheo-lha o throno! A sua politica peculiar he quem

lhe manda que quebrante impudentemente todas as leis da humanidade; que devaste, que assole, que roube o mundo em que poder empolgar as insaciaveis garras. Cuidava eu que o fim unico da politica devia ser, fazer viver todos os cidadãos como irmãos naquella igualdade que fosse compativel com o talvez que funesto estado social, promovendo por todos os meios sua geral, e particular felicidade, sem pobreza, e sem riquezas, mantendo o repouso público, fazendo abominar os crimes, cultivar as virtudes; mas não he assim ao menos na presente época: hum despota soberbissimo faz de sua vontade a politica, e lei suprema, e quer contar tantos escravos, quantos homens, e não lhes quer deixar outras faculdades moraes mais que a paciencia, e submissão, e a cega obediencia a seus caprichos. Nisto parárão em França os escriptos politicos, sonhos que se desvanecêrão, e que só deixão a vergonha de se haverem composto. Sonhos, e legitimos sonhos são os elementos de politica de Mr.

de La Hoguete. Os discursos politicos dos reis, por Scuderi. A politica dos conquistadores, por Gregorio Leti. A prática de educação dos principes, por Varilhas, e os delirios politicos de hum homem de bem, que assim chamo eu a todos os escriptos do abbade de S. Pedro, e sobre tudo, o projecto de huma paz universal entre os potentados da Europa, em que elle propõe com muita sisudeza, e gravidade o estabelecimento de hum tribunal, composto de plenipotenciarios de todas as potencias da Europa, em que se decidissem, e terminassem, todas as querélas, que se podessem suscitar entre os principes. Este tribunal devia formar huma dieta permanente. Ora este tribunal existe realmente, e os desembargadores, que o compõe são os filhos da Maria de Ajaccio, presidido pelo seu escolhido. Este tribunal se intromette em accommodar desordens de reis, que elle mesmo fomenta, e maliciosamente accende, e quando se espera huma accommodação acaba tudo em huma usurpação da parte do presiden-

té. Fez armar hum letigio entre os reis de Hespanha pai, e filho, avoca os autos ao tribunal, e ás duas por trez fica com os autos, com o author, e com o réo, e sem appellação, nem aggravo com a fazenda que pertencia a ambos, de juro, e herdade. Este mesmo tribunal acode com huma tutoria a Portugal orfão, depois de ter feito fugir, e obrigado a retirarse o cabeça do cazal. Com a fazenda mata os orfãos, e quer ficar com o prazo, que nunca foi de livre nomeação. Tomára que vivesse agora o infatigavel escriptor de politica abbade de São Pedro, para lhe pedir, que chamasse ao seu tribunal este perturbador, e usurpador público, e universal, e que sugeito á dieta realizasse o plano politico de huma paz segura, e permanente!

Que coisa tão pequena são os homens! O botafogo das cabeças Francezas, foi Jaques com a ultima, e manca producção, que appareceo sobre politica, e que se chama « Contrato social ou principios de direito público. » O author, homem mais pa-

radoxal que Harduino, e costumado a perpetuas contradicções em tudo quanto fez, quanto disse, quanto furtou para escrever, sustentando com tom de caustico, quantas opiniões lhe paria sua soberba, e misantropia, mostra de tode qual fosse, e qual não podia deixar de ser o seu caracter. He tal seu orgulho, que começa por acestar huma bateria contra Grocio, que diz, que a primeira acção de hum povo na ordem social he escolher, e determinar hum governo. Jaques diz, que houve outra acção deliberativa no povo anterior a esta, chama Jaques a esta primeira acção o contrato social, mas antes deste, ainda houve outro, que he a união do mesmo povo.

Levanta-se Jaques contra Puffendorfio, dizendo que só elle Jaques, déra a verdadeira definição de lei. Puffendorfio diz, que he a ordenança de hum superior, pela qual impõe aos que delle dependem huma indispensavel obrigação de obrar na materia, que lhe prescreve. Que esta ordenança para ser justa deve ser

fundada na lei natural. A agua não he mais clara do que isto, nem o he hum desengano. Jaques, que quiz tratar os maiores homens como formigas, porque leo muito Plutarco da traducção de Amiot, que he a manìa dos Plutarquistas. Metteo-se a dar huma definição da lei como base daquella politica illuminada, que fez os Francezes primeiro doidos, e depois ladrões, que he mais escura, tenebrosa, e incomprehensivel, que todas as definições que em materia de fysica dava Aristoteles á tôa. « Quando todo o povo, determina sobre todo o povo, diz Jaques (elle não se considera mais do que a si) então se forma huma relação, e he do objecto inteiro, debaixo de outra consideração, sem alguma divisão do todo. Então a materia sobre a qual determina he geral como a vontade, que determina. A este acto, chamo eu huma lei. Contrato social cap. 6.º da lei. » Quasi todo o Jaques he assim, e parece que quem não tinha idéas mais claras sobre a essencia da lei, não se devia metter a escriptor

de politicas, as dos Francezes fundados nestes alicerces deverião ter os effeitos, que lhe temos visto, embrulhar tudo, confundir tudo. Quando estes barbaros Vandalos, se revolucionárão, alguns de seus gritadores de tribuna, acenárão, que se devião buscar os principios da felicidade social, não em a ficção de hum contrato, que não existio mais que em os miólos de Jaques, mas em a natureza do homem, e nas consequencias, ou resultados necessarios da sua condição, determinando, qual fosse o principio das suas acções, qual o estado mais analogo a este mesmo principio, e deste derivar as leis para o novo contrato que se quizerão formar, e estipular com a peçonhenta, e contagiosa revolução. Começou todo o povo a determinar sobre todo o povo, na conformidade dos confusos principios do cidadão Jaques. E que foi feito do povo? Mostrou-se soberano por hum instante, elevando-se dentre elle as borrascosas facções, que tanto sangue derramárão, vierão a parar suas delibe-

rações em terriveis desordens, e na mais escura, e miseravel confusão. Succedêrão-se os partidos huns aos outros, cançárão-se de lutar, e se deixárão cahir com cega, e bruta necessidade nas mãos da mais execravel, e monstruosa tyrannia, que os seculos vírão, e que os homens podião imaginar. Taes forão os virtuosos resultados das idéas politicas de Jaques! Fervêrão os miólos Francezes, e querendo caminhar pela destruição á reforma, dérão com os bodes na arêa, e ficárão mais escravos, mais offendidos, mais aviltados de que se dizião estar antes de darem hum passo para a sua imaginaria renovação.

A' vista disto, não direi, que a politica seja huma arte perniciosa, para não sublevar contra mim tantos, e tantos, que fazem desta quiméra seu estudo, e seu emprego; mas ao menos direi com muita razão que he a mais inutil de todas as artes, que os seus principios reduzidos a pratica, dão zero; e que todos quantos tratados ha desta materia sem excep-

tuar o de Machiavello tem sido de nenhum prestimo áquelles a quem ou o merecimento, ou o acaso levantárão a ministro de estado, officio em que alguns tem acabado tão vergonhosa, e desgraçadamente, que melhor lhes fôra andar guardando cabras pelos montes em que nascêrão. Estes monstros, cuja quéda he tão merecida, se se servírão dos principios de politica foi sempre para degradar as nações, que elles dirigião, ou tyrannisavão, pizando aos pés todas os dictames da razão, e todos os gritos da lei da natureza, que se oppunhão á sua ambição.

Eu quizera que não existisse outro livro de politica por onde os povos estudassem mais do que a historia de Hollanda, desde sua formação em República, até á sua infausta quéda nas mãos do aventureiro Corso. Se o fim unico da arte de reinar, he fazer os povos afortunados, tranquillos, livres, abundantes, virtuosos, pacificos até ao ponto em que a justiça pessa, e mande a guerra, industriosos, activos, frugais, e na possivel igualdade

moral, cultivadores perfeitissimos das sciencias, e das artes; só na historia de Hollanda, se podião descobrir, e conhecer os meios efficazes, e conducentes a este importantissimo fim: sobre a scena do mundo, ainda não appareceo hum governo tão perfeito, nem hum mais cabal modélo do contracto social dos homens, nem mais capaz de mostrar qual era a prosperidade compativel com o estado dos homens juntos em hum corpo politico. Só em Hollanda se conhecia, que o homem podia ser feliz na sociedade, só alli se via que era cidadão, só alli se dava verdadeiro preço á virtude, entre homem e homem não havia outra differença mais que a da authoridade no tempo em que a exercitava, a sabor de eleições públicas, e tranquillas; acabada a authoridade, iguaes, e amigos como dantes. Hum Burgomestre, huma alta potencia, em acabando de o ser, despia a sotana da magistratura, e ficava como qualquer outro Hollandez hum animal de dois pés, sem pennas, e com huma alma racional, farto, cheio em sua ca-

sa lavada, pintada, e burnida infallivelmente todas as semanas, mas farto, e cheio á custa do seu commercio, e da sua industria. Quando aquella barra aberta pela natureza, e fechada agora pelas mãos dos arrelequins mais ridiculos que a França vomitou, he patente á sahida, e entrada da abundancia de todas as nações, hum dos meus mais deliciosos recreios filosoficos, era a contemplação da policia da circumspecção, da frugalidade, da magestosa taciturnidade dos calças largas. Eu desafio todos os nossos flagellos, chamados aguazis, que tem escritorios, com feitos, que n'uma folha corrida me mostrem hum crime de hum Hollandez extreme aqui commettido, ou hum letigio em que se descubra huma sombra de velhacaria, ou que me apontem hum individuo Republicano Hollandez, que apparecesse aqui franchinote, tirando dentes, mostrando camaras opticas, vendendo pirolas, apregoando emplastros, dançando em cordas, bailando em theatros, conduzindo urços, e macacos, ou vendendo rendas, fi-

tas, cabelleiras, galões, brincos, bonecos, assobios, berimbáos, como os individuos de todas as outras nações nos vinhão entulhar as praças, as ruas, as casas, e lamber o dinheiro! Sciencias, e artes uteis; commercio, e marinha; silencio, e parcimonia; barriga cheia, e grandeza de alma; eis-qui hum Hollandez da gema. Conservar huma nação neste pé, e neste estado he a verdadeira politica. A lei, e a verdade. Eis-aqui os ministros de estado em Hollanda, mais gloriosa, que a fantastica França com hum velhaco tal como Richelieu, hum dissimulado tal como Mazarini, hum invejoso tal como Fleury, e com hum guarda livros de salteadores tal como Champagny.

Não se tornão as nações felizes com os rodeios, e tortuosos manejos da politica. Desde o momento em que se fizer buscar, e promover o interesse público, como interesse particular; desde o momento em que as leis punirem irremissivelmente o vicio, onde quer que se encontrar, e premiarem o benemerito, desde o momento em que o governo, seja qual fôr,

procurar manter os costumes nacionaes inalteraveis, e fechar para sempre a entrada a costumes estranhos; todas as nações poderão ser Hollanda antes de seu fatal cativeiro nas mãos ávidas, e sacrilegas do abominavel Corso. Se nunca as modas, os costumes, os usos, a linguagem, os livros da França houvessem entrado em Portugal, elle se conservaria na sua antiga simplicidade, no seu poder, nas suas riquezas, e na fruição pacifica de seus bens, e não estaria (com todas as luzes da escóla politica da França) representando tão lastimosa, e miseravel figura, sepultado na voragem, em que se tem abysmado as outras nações, que ou por crédulas, ou por fracas, se deixárão arrastrar do pestilencial espirito de politica Franceza.

SOLILOQUIO LVII.

Huma das questões mais capazes de desafiar a curiosidade filosofica he sem dúvida a questão da perfectibilidade do engenho, ou bestunto humano nas sciencias, e artes, ou de sólida utilidade, ou de mero desenfado, e honesto, e apuradissimo prazer. Tem limites intransgrediveis esta perfectibilidade, ou he progressiva até huma barreira indefinita como chamava Descartes a congerie dos seres, que compõe o universo! Creio, que não ha coisa mais custosa de resolver do que esta. Presuppõe huma historia analytica de todos os seculos literarios, hum previo, e profundo conhecimento de todos os escriptos em todas as vastas ramificações da leitura, e huma tal dexteridade de comparar humas producções com outras de que parece pouco capaz ainda o mais subido engenho, e de mais remontados quilates: esta analyse exi-

ge huma força aturada de attenção profunda, que a par della, seja hum superficial divertimento a applicação do mesmissimo Archimedes, do taciturno Pappus, e do absorto Apollonio na resolução de seus problemas de geometria sublime; e talvez que o mesmo Newton, tão amancebado como viveo com o calculo, que era capaz de rezar o padre nosso por calculo, não fosse capaz desta eterna combinação, nem de conduzir sem se quebrar hum fio por este inextricavel labyrintho das producções do engenho humano, que de hum seculo para outro seculo, ora parece em movimento progressivo, ora estacionario, ora retrogrado, ora eclypsado. Sempre me picou muito esta questãozinha, e ella he tal que exige huma inteira academia para a resolver, porque não me parece emprego só para que baste hum homem, fosse elle da erudição de Bayle, ou da penetração sobrehumana de Spinosa. Deviase repartir a coisa, e cada hum dos bonfrades da associação literaria tomar a si huma materia particular, e

procurar primeiro que tudo (eis-aqui o que parece impossivel, ou ao menos a primeira difficuldade insuperavel) definir quaes sejão os limites da perfectibilidade a que a dita arte, ou sciencia possa chegar, porque eu sempre digo, que he preciso parar em algum termo, e qual será o grande Apollo, que ouse affirmar que daqui para diante não se deve, nem se póde desejar mais? Depois desta primeira diligencia, correr os seculos, e vêr quaes tinhão sido os engenhos que mais se tinhão aproximado, ou tocado esta perfectibilidade. Quanto mais se busca profundar a questão, mais embrulhada, e mais escura apparece. Em primeiro lugar, he preciso estabelecer hum principio, e considera-lo como demonstrado, que ha sciencias, e artes, que para se aperfeiçoarem dependem só das faculdades intellectuaes do homem; e sciencias, e artes, que para chegarem á sua possivel perfeição dependem de causas separadas do homem, e que não dimanão da sua vontade, applicação, e engenho. Supposto como ine-

gavel este principio, eu posso dizer, que as sciencias, e artes da primeira classe tem chegado ao gráo da possivel perfectibilidade. Ora esta perfectibilidade he como hum effeito, ou hum indice de sua causa, e posso tambem dizer, que a perfectibilidade do individuo humano tocará o seu ponto extremo nesta parte, e que não ha por isto perfectibilidade progressiva, como querem alguns calculadores filosofos do seculo, e entre elles a habilidosa madama Staél em seu decantado livro, que se chama « a literatura considerada relativamente ás instituições sociaes. » As sciencias, e artes que tem chegado a possivel perfectibilidade pódem ser reduzidas a sciencias intellectuaes, e artes de imitação. Ambas estas senhoraças são tão velhas que tem (sem transgredirmos os limites da verdade historica, e sem nos envolvermos nos tempos fabulosos) mais de tres mil annos. Ora, esforços feitos em tão grande espaço, sem passar a barreira tocada, e bem tocada ha hum quarteirão de seculos, quer dizer, que a perfectibilidade do

engenho humano nesta repartição, não tem progressão indefinita. Esta verdade não se póde conhecer senão por meio da analyse comparativa das producções literarias, e da conformidade que ellas conservão com a natureza, unica regra infallivel do bom, do bello ideal, que he o mesmo, que o verdadeiro. Hum parallelo, ou assimilação de todos os seculos, e de todas as nações cultas me obrigaria a fallar eternamente comigo mesmo; e não ha forças humanas, que me obriguem por longo tempo a fixar-me sobre hum, e mesmo objecto; mate-se quem quizer, porque eu só espero esse favor da natureza, se não se adiantarem com o presente, os humanissimos legisladores Francezes, que tantas vezes por essas esquinas nos ameacão com a morte se a nossa falla se encontrar com a dos Inglezes. Bastará pois deitar huma vista de olhos para os Gregos, e para os Romanos: estes ultimos não tinhão nem causas fysicas, nem moraes, que retardassem, ou suspendessem a progressão do engenho, e por isto devião

exceder os Gregos, ajuntando mais grácis de perfeição ao já inventado, e cultivado por elles. Neste lugar vem tão a proposito hum *atqui*, que he preciso ser hum ergotista, ainda depois da afrontosa morte, que padecêrão as escólas. *Atqui* os Romanos não progredirão mais na perfectibilidade do engenho em tantas producções com que rivalizárão com os Gregos, *ergo* não ha perfectibilidade progressiva, mas certos limites onde he preciso, ou suspender-se sempre, ou tornar para tráz como a experiencia tem mostrado. Se eu provar a menor, sáio do pó literario mais ufano, e ancho que hum vencedor nos jogos olympicos, por que teve a fortuna de correrem mais os seus cavallos, que os do competidor. Consideremos pois os Gregos para caminharmos á conclusão. Estes homens que vierão parar em trazer trigo a Lisboa; fôrão os mestres do mundo, e com razão o maior doutor do Christianismo chama a Athenas inventora das sciencias; entrárão primeiro na carreira literaria, ao ménos relativamente a nós, e en-

chêrão o universo de immortaes monumentos de literatura: deixárão, e ainda permanecem modelos em todas as boas artes, e abrírão, e batêrão todos os caminhos que conduzem á verdade. Ora a analyse destes monumentos nos pódem obrigar a confessar, que elles tocárão os possiveis limites da perfectibilidade, porque nas sciencias intellectuaes nada se tem avançado até agora, e por isso não ha fundamento para se dizer, que os Romanos são superiores aos Gregos na carreira do engenho. O estado deste engenho entre os Romanos apresenta hum vacuo immenso, e longe de progredir parou; porque os Romanos, como he sabido, nada escrevêrão sobre as sciencias exactas. Só Vitruvio dá a conhecer em os livros da architectura, que se entendia em geometria: quasi nada escrevêrão sobre a medicina; he muito pouco o que conservamos de Cornellio Celso, se o compararmos com o que os Gregos escrevêrão, e nos deixárão. Muito pouco trabalhárão na politica, e sciencia da legislação, em quanto os Gre-

gos levárão estas artes, ou uteis, ou perjudiciaes a hum estado de perfeição, que ainda nos admira, e eu não cessarei de clamar a qualquer filho de Eva, que se vir invadido da manía das letras, que folhêe com mão diurna, e nocturna, as viagens de Anacharsis, ultimo livro bom que escrevêrão os amotinadores Francezes; nesta obra se vê, que os Gregos esgotárão tudo quanto se podia dizer de melhor em escriptos que tratem das instituições sociaes.

De nenhuma maneira se póde opôr Plinio aos naturalistas Gregos. Ora os Romanos como erão de toga, e senhores das coisas, dedignavão-se de ser inferiores a outra qualquer nação, e com effeito podião mais que todas, tudo querião dever a si, e nas sciencias não consultavão folgo vivo. Plinio julgaria que não era do decóro, e magestade de hum magistrado, amigo de Vespasiano, amoldar-se a hum exemplar Grego, porque se elle olhasse bem para Aristoteles, conheceria, que o devia seguir na exactidão dos factos que aponta, e na re-

gularidade do plano para a sua descripção da natureza. A grandeza do plano, que o naturalista Latino adoptou, impõe sem dúvida pela sua mesma grandeza, mas esta mesma grandeza he viciosa: porque he principio inegavel, que para escrever com apurado gosto, e fructo manifesto, convém quanto fôr possivel circumscrever dentro de hum circulo determinado o assumpto da escripta, d'outra maneira he enlear o entendimento dos pios leitores; he vagar sem tino, por caminho incerto; he ficar na superficie da coisa sem lhe chegar ao fundo. O alentado volumaço de Plinio, que Harduino fez crescer, e chegar a tres *in fol.*, e o traductor Francez a doze *in* 4.° he huma compilação; e cá em nosso Portuguez hum palheiro sem crítica em que vão de mistura, e desgraçadamente ajoujados absurdos sem numero com alguns factos verdadeiros semeados a espaços de algumas reflexões mais capazes de deslumbrar, do que de instruir filosoficamente.

He innegavel a preheminencia dos

Gregos nas artes poeticas, isto he, em todas as ramificações desta boa fazenda, que na verdade não sei para que sirva; vierão primeiro, e se assenhoreárão das grandes imagens que a natureza offerece aos verdadeiros contempladores, e esta prioridade de tempo lhes ligitimou a posse do primeiro assento nos bancos do Parnaso, excluindo todo o progresso ulterior a este respeito. Mas o merecimento dos Gregos não se limita a este genero de superioridade nas boas artes; adiantárão-se até encarar com seus principios filosoficos, e isto por meio de huma analyse, que presuppõe o conhecimento profundissimo da natureza sensivel. Aristoteles (tenhão ainda esta consolação os frades velhos, que se criárão com elle de pequenos, com a infelicidade de lho não explicarem nunca com clareza, e com verdade; o nome de Aristoteles deve vir sempre á balha, quando se trata de materias de repartição da intelligencia:) Aristoteles atinou tão bem com o manancial do pathetico, e meios de mover, e remover com força o cora-

ção, como tinha atinado com o fio que o engenho humano segue em seus raciocinios. Isto mostra tamanha força de engenho, e penetração, tanto vigor de entendimento, que lhe não pódem oppôr, as mais sublimes reflexões, e graves sentenças dos authores Latinos; a luz, e energia destas sentenças se devem pela maior parte ao enfase, e concisão da lingua Latina, e ás quasi contínuas aposiopeses, ou reticencias dos escriptores daquella grave, e magestosa nação, que começando em ladrões, degenerou em castrados. Estas sentenças são mais artificios de engenho, que provas de sua progressiva perfectibilidade entre os Romanos. O uso frequente das sentenças impõe muito nos escriptos de Seneca, e de Tacito. Os historiadores Gregos são nisto muito parcos, e os Latinos muito prodigos. Os primeiros se pagão de levar seus leitores á scena dos acontecimentos. A narração he urdida com tal arte, e os quadros tão bem desenhados, e coloridos, que o historiador desapparece, e deixa o leitor combatido do interno mo-

vimento de differentes affectos, e entregue successivamente ao assombro, á curiosidade, á admiração, horror, benevolencia, e compaixão. Tacito amarra-se de contínuo ao leitor, assoprando-lhe sem cessar ás orelhas hum refinado odio aos tyrannos bem merecido na verdade, ainda quando elle tão de proposito o não assoprasse. Espia os passos dos mesmos tyrannos, e por esta espionagem, indaga, talvez com refinada malicia suas intenções. Quer dizer tudo, mas torna-lhe a falla ao buxo, e comprime-se-lhe o estilo como tinha o coração, porque os tyrannos bem como hoje os Francezes, nunca gostárão de quem falla muito, e muito claramente; eis o motivo por que Tacito dá mais que pensar, que ler, e esta tão preconisada vantagem, não nasce do genio do author, mas de hum reflectido medo com que escrevia de Nero, Caligula, e Tiberio, diante dos successores destes pais da patria. Isto não prova a superioridade do maior historiador Latino sobre os Gregos: e ainda que segundo o gosto de

alguns se prefira o estilo de Tacito ao de Herodoto não se póde concluir, que o engenho humano haja feito nesta repartição conhecidos progressos desde o tempo de Thucydides até ao seculo de Tacito.

Isto que eu sinto a respeito da historia, o posso dizer tambem a respeito da moral, unica sciencia em que o engenho humano deve teimar em fazer progressos para a perfectibilidade; nenhum povo tratou mais, e melhor de moral, que os Gregos, suas obras neste genero tem fracos imitadores entre os Latinos sem exceptuar o mesmo Marco Tullio em pessoa. Os Gregos apresentárão em seus alguma coisa diffusos, e escuros tratados, a moral em todas as attitudes, e maneiras várias, que o engenho póde dar ao discurso, ora risonhas, ora magestosas, ora sublimes, ora vulgares, e facilmente comprehensiveis. Platão dizia, que se podia lêr hum curso completo de ethica passeando pelos arredores de Athenas, lendo, e explicando as inscripções gravadas nos tumulos, nas estatuas,

nos arcos triumfaes, nas faxadas dos templos, e n'outros monumentos públicos. Grande expressão na verdade, e que vale por si só mais que o dialogo do Timeo. Com effeito, mais levantado degráo de civilização a que hum povo póde chegar he aquelle em que o terreno que piza, parece existir vivificado de mil diversas maneiras pela sua industria, mostrando os fructos do engenho, espalhados, e misturados com os da natureza.

Em Roma ainda no tempo do seu maior lustre, não se tratou tanto de filosofia como em Athenas. Outra prova de que o engenho não progredio entre os filhos de Quirino. Não se conheceo entre elles huma nova escóla, huma nova seita. Pelas conversações polidissimas do filosofo de Tuscullo, vejo que se dividião em opiniões, mas seguindo Cota huma seita Grega, Cicero outra, citando sempre hum mestre, e doutor Grego a quem seguião, e entre as provas da grandeza do consul filosofo, eu sempre admirei pela maior ter escravos, que erão filosofos, e que elle ad-

mittia, e mandava sentar na sua presença para intervirem ás suas doutissimas disputas. Demetrio, e Possidonio, que com inveja dos modernos inventou primeiro a esphera mobil, que chamamos agora mais aperfeiçoada, *Planetario*. Dicearco era chamado pelo mesmo Cicero as suas delicias. Ora esta diversidade de seitas entre os Gregos empregou, assim he, vãmente muito, e muitos esforços de engenho na indagação das primeiras causas, na origem, no fim, e na destinação do homem, sem se lembrar que a observação, e a experiencia as conduziria mais facil, e seguramente ao conhecimento da verdade, assim mesmo fluctuantes em materias que não são do alcance, e alçada da razão humana, dérão hum grande lugar em suas especulações á moral, e tocárão os ultimos terminos da possivel perfectibilidade, a que não chegárão os Romanos, méros copiadores, e imitadores dos Gregos. Eu admirei sempre hum prodigio na historia literaria da Grecia, e prodigio sem exemplo: huma escóla excluindo to-

das as outras especulações filosoficas, considerou como unica precisão das sociedades civís como unica base da prosperidade humana, como unico caminho para a perfeição, o estudo da moral. Esta escóla he a do mestre Socrates. Não quiz este grande homem escrever coisa alguma; mas a expressão da sua doutrina se acha com fartura nos livros de Platão, e Xenofonte. Se a estes escritos se ajuntarem os moraes de Aristoteles, nada ha que desejar nesta materia, e não só os Romanos não adiantárão hum palmo nesta sciencia, mas os mesmos modernos com toda sua ufania scientifica ficárão muito aquèm da perfectibilidade destes immortaes escriptos. Não ha paixão alguma que alli se não ache bem definida, não ha movimento algum d'alma por mais rápido, e passageiro que seja, que alli não esteja analyzado, não ha virtude natural, que lhes fosse incognita; e ha tantos seculos ainda se não tem avançado hum só passo de mais. Apparecêrão sempre tratados de ethica he verdade, mas só de novo tra-

zião o nome do author. Nesta repartição da ethica ficou o engenho humano entre os Gregos naquelles limites a que podia chegar, o que prova, que em materia de sciencias intellectuaes, e artes de imitação não ha perfectibilidade progressiva, e pela exacta comparação, que eu tenho feito entre todos os seculos literarios, vejo, que a marcha do engeno he perfeitamente similhante á do sol, (marcha apparente, porque na verdade elle sempre esteve, e continuará a estar repimpado no mesmo lugar) vai gradativamente até hum tropico, que he seu limite intransgredivel, e em alli tocando torna para traz, atraza-se pouco a pouco, até chegar a tocar no outro, e de novo começa a progredir. Assim o engenho nas sciencias, que só delle dependem, vão andando até tocar no ponto da marcada perfeição, e volta. Sem me apartar da verdade historica, eu conto quatro revoluções, ou periodos de apparição, e sumiço deste cometa. O seculo de Pericles, o de Augusto, o de Leão X.°, o de Luiz XIV.°; des-

de este ultimo tem tornado para traz, e quem se atreverá a dizer em que tempo nos fará o favor de vir para diante, visto os embargos, que lhe tem posto a revolução, e os invenciveis que lhe vai continuando a pôr o fatal patarata Corso?

Ora nestas sciencias, e artes que parecem unicamente depender da innata, e privativa força, penetração, e luz do engenho humano, houve huma causa externa, que as impelio para maior perfectibilidade do que aquella em que as vejo entreos pasmosos Gregos. Esta causa he o Christianismo, dilatou mais os confins da perfectibilidade, e para conhecermos a evidencia deste axioma, bastará contemplar huma unica arte « a eloquencia. » Quem lesse as producções de Aeschynes, de Demosthenes, e as de Cicero, cuidaria sem dúvida, que o engenho humano não era capaz de mais; mas o Christianismo descobrio novo campo para a eloquencia, deolhe outro emprego, e por isto se levantou mais o entendimento, e o constituio no centro de hum circulo

immenso, e sobrenatural, e os raios tirados a sua circumferencia tambem são immensos. Nada ha entre os Gregos no tempo de sua maior perfeição em eloquencia, que se possa comparar com os escritos de Gregorio Nazianzeno, e Basilio seu amigo. Estes dois grandes genios formárão-se nas escólas de Athenas dados aos estudos filosoficos, depois concentrados na solidão cenobitica, e occupados das grandes verdades da revelação, estas pelo seu sobre-humano poder os fizérão sahir dos confins em que elles permanecerião, se como Demosthenes se limitassem á eloquencia do fôro, ou se envolvessem em os negocios politicos das Republicas da Grecia. Lembra-me ter lido em escriptos de homens conhecedores da lingua Grega, que o Nazianzeno iguala em pureza de linguagem, e levantado estilo o mesmo Platão, Thucydides, e Xenofonte. Na cópia, e na magnificencia nenhum destes emparelha com o portentoso Chrysostomo, e esta superioridade nasce das materias, que os oradores christãos tratárão, estas fi-

zião desenvolver mais a força do entendimento, e o enchião de hum divinal enthusiasmo. O mesmo podemos dizer dos oradores da Igreja do occidente a respeito dos Romanos. O Apologetico de Tertulliano vale mais não só pela materia, mas até pela fórma exterior, que todos os arrazoados de Cicero, sem exceptuar a Filippica segunda. Arnobio tambem Africano, e mestre de Lactancio, nos livros contra os Gentios tem hum impeto, huma força, huma harmonia tal que leva comsigo a alma de hum leitor illustrado. He tal sua vehemencia, que não pára diante delle hum inimigo que não vejamos, não só suplantado porém esmagado, e bem se devisa, que estas qualidades nascem da materia que trata, capaz de dar esta elevação ao espirito. Lactancio tem huma fluidez, huma doçura tal, que não só excede Livio, mas o mesmo Theofrasto, e a delicadeza de Eusebio Emisseno, aliás Eucherio, bispo de Leão, he tão florida, e tão aguda que muito longe, vão atraz delle Cursio nas suas mais apuradas

arengas, e Floro na sua estudada concisão. Ainda mesmo com esta impulsão, que o Christianismo deo ao espirito humano para a progressiva perfectibilidade se mostra, que em materia de artes que dependão immediatamente do engenho, este conhece certos limites intransgrediveis, porque até agora em eloquencia ainda não houve quem vencesse ou igualasse áquelles primeiros mestres de huma, e outra Igreja, por exemplo, Flechier não vai a par de S. Pedro Chrysologo, e ainda de outro S. Pedro já em seculo barbaro, que he S. Pedro Damião. Bossuet não iguala na magestade S. Cypriano, e toda a força da dialectica de Bourdaloue não vence, não póde emparelhar com a força de convicção, que se observa nas cathechesis de São Cyrillo contra Juliano. Fenelon não tem a unção que se admira nos discursos do verdadeiramente grande Jeronymo.

Ora nas sciencias, e artes que não só dependem do espirito humano, mas do tempo, dos acasos, e das circumstancias, póde esperar-se al-

guma perfectibilidade progressiva. Não pendeo do engenho, que dois rapazes indiabrados, filhos de hum vidraceiro, brincando com os cacos do pai, achassem o telescopio, que tanto dilatou os conhecimentos humanos, e creou huma astronomia não conhecida, e só em alguma parte imaginada pelos antigos. Não com seu profundo, estupendio, e penetrantissimo engenho descobrio o methafysico Portuguez Spinosa huma nova face em a natureza, mas pelo fortuito polimento dos vidros, aperfeiçou o microscopio a ponto de vermos em a natureza, o que nunca a vista núa poderia descobrir. Otto Guerick, e simultaneamente Boyle por hum acaso, e não pela maior perfectibilidade de raciocinio descobrírão a machina pneumatica. Torricelli, por outro acaso de descobertas, e experiencias fysicas descobrio o peso, pressão, ou laterio do ar, e Paáscal com as mesmas experiencias deo novas luzes ao invento. Newton ainda que de calculante, e profunda penetração deve-o ao acaso de hum vidro esquinado,

todo o seu systema das côres, todos os seus principios de optica tão decantados pelos pais e doutores da moderna fysica. Esta nova luz derramada nas sciencias naturaes não se póde dizer emanada immediatamente da progressiva perfectibilidade do engenho humano, mas sim devida ao acaso, ao tempo, aos instrumentos, e sobretudo ao vidro, que permanecendo por tanto tempo ocioso, e julgado de pouco uso, foi tão util para a filosofia, como foi o nariz para a repartição das finanças, porque julgando-se hum membro de poucas vantagens, de repente com o teimoso uso do tabaco foi o membro do corpo humano mais util para o corpo politico da República. Para a indagação da verdade nas sciencias naturaes não he preciso tanto engenho como tempo. Grande era o talento de Seneca, e por isso mesmo que lhe conheceo os limites disse, que estas coisas da fysica, e astronomia, para se aperfeiçoarem, necessitavão de mais de hum seculo, e de huma idade. *Ad tantorum inquisitionem ætas una non sufficit.*

He certo que póde hum seculo saber mais que outro seculo, e não crescer em perfectibilidade o engenho, este não se transmitte como se transmitte o deposito das sciencias, que cultivadas successivamente se aperfeiçoão, sem que o engenho dos que as aperfeiçoão seja maior que o engenho dos que as inventárão. A força que nos individuos produz grandes combinações de idéas, não se transmite: a que archisabio destes agora da moda, archidoctores em politica Napoleôa, e decoradores de gazetas, que possuem todo o chavão em peso das proclamações, e das intimações, que fazem os generaes huns aos outros, transmettirão seu engenho Spinosa, Descartes, Newton, Pascal, e Musschenbroeck? He verdade, que nas artes, e sciencias ha certas disposições, e methodos, que permanecem, e que põe o engenho em estado de executar facilmente o que se não podia fazer antes sem vencer extremas difficuldades. Mas estes meios deixados pelos nossos predecessores não augmentão a força real dos engenhos.

Acaso hum desses nossos rapazes do collegio dos nobres, que resolvem sem trabalho as equações do terceiro genero tem a força de miólos que tinha Archimedes, Galiléo, e Varignon? Parece-me que o uso facil destes meios enerva, ou alassa as molas da penetração, assim como o habito, de andar a cavallo, ou em sege enfraquece a faculdade de caminhar a pé. Ora seja o que fôr, mas se querem perfectibilidade progressiva no engenho humano, eu desejára, que se aperfeiçoassem os meios de sabermos com facilidade domar nossas paixões, que he o que tem sempre perturbado, e perturbará ainda por longo tempo a harmonia das nossas sociedades civís, e o estado politico do mundo. Tomára que me dissessem, se pelos progressos da razão se podérão achar methodos, e fórmulas para vencer as paixões, como se tem achado para resolver os problemas de geometria? Ah! proverbio Portuguez, quanto vales, applicado á boa préa do homem neste seculo, e nos que virão por nossos peccados, se no mundo conti-

nuar a haver Francezes. He o burro de Vicente, que cada feira val menos? Se a razão se aperfeiçôa nas machinas de fysica experimental, e na achada nomenclatura de bixos, gafanhotos, e rabaças na historia natural, porque se não aperfeiçôa na moral, e na sua filha mais velha, chamada sciencia da legislação?

SOLILOQUIO LVIII.

Eu costumei sempre a considerar as coisas por todos aquelles lados por onde ellas pódem ser contemplaveis, ou por onde as podesse encarar o meu fragil bestunto, e julguei, que este devia ser o emprego, e fim da por tantos annos estudada filosofia. O grande objecto contemplavel neste seculo, e o que merece a mais filosofica attenção, he sem dúvida a fatal revolução Franceza. Depois de a contemplar analyticamente, e de caminhar até á sua raiz pela face moral, e politica, e de lamentar os seus conco-

mitantes, e consequentes destemperos, e parvoices, eu a medito de contínuo pelo lado scientifico, e literario. Lamentei a funesta quéda, que com ella dérão as artes, vi expirantes no seu seio a alta poezia, a sólida, e nervosa eloquencia, a magestosa historia, o gosto filosofico das humanidades, a crítica apurada, o gosto, e o sabor do antigo, tudo se sepultou, e os grandes homens, que a mesma França tinha produzido, não forão mais considerados como exemplares, e modéles que se imitassem, apenas se juntárão seus bustos, e imagens em hum vasto salão para serem esquecidos. Mas vi entre estes paroxismos, em que agonizou a França litezata, aquillo mesmo que se observa na luz moribunda de huma candeia: lançar hum maior, e mais vivo clarão para se apagar de todo; reunirão-se todos os esforços, e fazendo hum grande impeto para entrar no templo da fama, e da memoria, acabárem, e extinguirem-se de todo.

Este grande prodigio se observou no anno decimo da Republica, quando

Deos perdoe, que jaz debaixo dos pés do enterrador de tudo o que cheira a humanidade, e a descanço social, o Corso Buonaparte: elle sepultou de todo a França, a anniquillou a sua gloria, e ainda que parecia no tempo de consul querer promover as instituições literarias, fazendo grandes visitas ao Lycêo, e ouvindo por lá espraiados panegyricos das suas altas virtudes, logo me doeo o cabello, quando vi presidente do Instituto, o inepto versejador José Chenier, e o farcista Picart, membro tambem do mesmo Instituto. Todos estes collegios, e printaneos, erão na mente do consul viveiros de recrutas para as futuras rapinas, quando se visse imperador. Porém no meio destes estragos, entre estes tristissimos restos do miseravel naufragio, em que pereceo, e se affogou a França, apparece o ultimo milagre da literatura, e hum monumento levantado ás sciencias que fará vulto em todos os seculos, e que obrigará a posteridade a olhar com mágoa para as ruinas da mesma França, quando entre ellas vir levantar a

magestosa cabeça esse alentadissimo colosso da literatura. Ora venha elle, porque se isto se chegar a imprimir algum dia, já aqui terão chegado com impaciencia os piissimos leitores. Eilo-ahi vai.

Historia natural, geral, e particular, por Buffon acompanhada de notas, e na qual vão inseridos os supplementos no primeiro texto, e no lugar que lhe compete. Ajunta-se a tudo isto a historia natural dos quadrupedes, e aves, que se tem descuberto depois de Buffon, a dos reptis, peixes, vermes, e insectos; e a historia das plantas, que a morte não deixou escrever ao mesmo naturalista, composta por Sonini, que n'outro tempo trabalhou de mão commum com Buffon na parte ornitologica! Esta portentosa obra, compilação mais estimavel que todos os originaes, estende-se a 70 volumes em 8.° grande, o caractér he elegantissmo, o papel fino, as margens fartas, e 1300 estampas. Eu vi, e li de fio a pavio esta grande obra huma das mais vastas empresas da literatura. A sua pa-

blicação, assim como he hum preito, e homenagem dada ás sciencias, tambem he hum testemunho da encantadora força da natureza, quando grandes pinceis sabem traçar a imagem sobre o engenho humano. Admirei conservar-se seu imperio inacto entre os ultimos arrancos da escravizada França, no meio das desordens, e calamidades a que a sugeitou o despota pigmeo. Os homens que cuidárão nesta edição, fazendo enormes despezas quizérão por certo applacar os manes do author, com tanta justiça indignados com a morte de seu unico filho, a quem Robespierre fez mais pequeno de corpo, cortando-lhe a cabeça na guilhotina, devendo salvar-lhe a vida sua ultima palavra em que parece estava toda a alma de seu pai « Eu me chamo Buffon ». He este o discurso mais pátetico que se tem pronunciado, e que devendo enternecer o povo, o devia tambem obrigar a arrancar das mãos da morte o filho de hum homem, que tinha com seu immenso saber não só illustrado a França, porém honrado a humanidade.

Se os monumentos literarios, quando se empregão em objectos uteis, qual he á descripção do palacio que nos deo para habitar a providencia, fazem a gloria dos seculos em que apparecem, Buffon foi o mais sábio architecto do templo mais augusto, e magestoso que se tem levantado á natureza. Buffon illustrou o seculo, que foi testemunha de seu trabalho, applicação, e estudos, e o tempo justo imparcial apreciador das acções dos homens, transmittirá a memoria de seu vasto, e milagroso engenho. A posteridade citará com admiração a época, em que este raro homem compunha paginas de que a immortalidade se assenhoreava logo. Mas seu engenho ainda que vasto, e capaz de abranger em si toda a planta de hum edificio, que não tinha outros limites senão os limites da natureza, não podia chegar ao fim, mas suspender-se, e parar no meio da carreira. Não bastava para tanto huma longa vida; a morte, que só se não resolve a acabar com Buonaparte, veio interromper seu infatigavel estudo.

Ficou imperfeito o templo, cuja faxada, e algumas outras partes são tão brilhantes, e magnificas. A mesma admiração com que se contemplava este soberbissimo monumento imperperfeito, creava, accendia desejos de o acabar; esta obra que ha de rivalizar a duração ás piramydes. Os redactores, que a publicárão no anno 10 da loucura, ou da República Franceza, não quizerão temeraria, e sacrilegamente tocar no trabalho deste rarissimo homem, nem profana-lo com o contacto do seu, e do proprio. Elles admiravão como amantes da natureza o pincel sublime, e succoso, que tambem a soube pintar. Veneravão igualmente o modélo, e o pintor, e por isto, nem mudárão, nem alterárão em parte alguma o texto original. Os supplementos que Buffon publicou successivamente vão interpostos, e fundidos no primeiro texto no lugar que lhes compete, de maneira que o leitor acha em cada hum dos artigos, tudo quanto lhes diz relação, sem necessidade de recorrer mais aos monumentos que até alli an-

davão dispersos. O que não póde ler no texto, vão em notas tão numerosas como importantes, que expõe em toda a luz objectos, que a observação, e viagens fizérão mais conhecidos depois da morte do Plinio Francez. Além das notas, ha addições preciosissimas em muitos artigos de grande vantagem para o conhecimento da nunca assás contemplada natureza.

Este grande trabalho he todo de Sonnini, porque Lacepede metteo-se a conselheiro das ladroeiras napoleoas, e architecto de mentiras nos grandes jornaes do gabinete das harpias. Sonnini era já conhecido não só por companheiro de Buffon, mas por author de huma viagem ao Egypto, que como a de Savary, e Wolney, e a do antigo consul Maillet, tanto esquentou as cabeças Francezas persuadindo-lhes, que as aguias tinhão allí que empolgar. Ora Sonnini tinha já grande reputação como naturalista, grande nomeada de escriptor puro, e judicioso em materia de literatura amena, e para dar os ultimos toques

neste soberbissimo quadro, que não detem hum momento os olhos, como os de Rafael, mas que occupará por seculos a attenção do entendimento, se tinha associado alguns sábios, que mettidos por agoas furtadas nas mais escuras ruas de Paris escapavão á guilhotina como Le Treille, Montfort, Philibert, e Verni, todos exercitados em observar, e pintar a natureza. A reunião destes talentos, nutridos no silencio, e no estudo contribuio de todo para a acabada perfeição desta obra immortal, e perfeitissima até no apparato exterior, o buril Francez, que de todo se embotou agora, tambem fez os derradeiros esforços, reformárão-se as antigas chapas, abrirão-se outras de novo com desenhos mais corretos, e exactos; illuminárão-se as estampas, que representão ao natural todos os objectos, e ha nesta admiravel edição tudo o que se chama luxo typografico, e apenas sahio á luz do mundo ficárão em França tapadas de pedra, e cal as portas do augusto templo da sabedoria, das artes, e do gosto. E quando se tornarão a abrir

Eis-aqui hum problema irresolvivel, porque pelo geito que Buonaparte vai dando á França, este foi o ultimo arranco de literatura, e expirou.

O estado de polimento a que a França havia chegado, não declinou gradualmente como aconteceo em Roma desde o seculo de Augusto até ao fim do seculo dos Antoninos, transformou-se repentinamente em hum furor vandalico: fonomeno unico na historia de todos os póvos do mundo: assim com as sciencias, e as artes nunca subirão repentinamente, tambem nunca repentinamente baixárão. Sobem, como apparentemente sobe o sol, e como elle, declinão até se esconderem. Só em França caminhando para o Zenith desde os dias de Luiz XIV.º subito se escondêrão debaixo d'Orizonte. Parece que a ancia de juntarem de todos os angulos da República das letras os monumentos mais preciosos, nascerá do amor das letras, e do estudo.

Forão roubadas as bibliothecas de Roma, de Milão, e de Florença. Foi a Italia toda saqueada de suas rique-

zas literarias para se ajuntarem todas em hum museo de París: mas esta reunião de preciosidades, que enobrecião a Italia seu berço, e seu mais amado domicilio nascêo do mais sordido espirito de avareza. Não as estimão como os sábios, roubão-nas como cobiçosos, e ladrões. Depois de tantos furtos acabárão as artes em França, não digo só as que dependem de engenho, mas as que tinhão perfeição no trabalho mechanico das mãos. Quando produzirão os Francezes hum poeta como Boileau? Isto he pedir muito. Quando darão os Francezes huma maravilha em typografia como he a edição das obras deste poeta da razão feita em 1742 em cinco volumes em 8.º? Nunca

SOLILOQUIO LIX.

Os homens são vãos por natureza, e parece na verdade innata esta tendencia para a vaidade, e para entonação: querem ser ou ao menos parecer alguma coisa, querem existir de hum modo vantajoso no entendimento dos seus similhantes, e sendo esta manía tão universal, que abrange todas as classes ainda as mais miseraveis, e obscuras acommette, e tyranniza mais particularmente os literatos. Tem justificado de tal maneira o amor da gloria, e da celebridade do nome, que os mesmos que escrevem contra a fama, pertendem com estas estranhas invectivas eternizar seu nome, e sua memoria. Os literatos huma vez que se persuadão que tem na cabeça mais nomes, mais factos, mais datas, que os outros homens, já se julgão habeis para occupar os primeiros lugares no gover-

no da República, e de dar leis ao mundo. Julgão-se com ufania huns entes de huma ordem superior, olhão com desdem para as outras creaturinhas, e exigem huma continua homenagem, hum profundo respeito, e huma aturada veneração dos outros homens. Erigem-se em mestres do genero humano; o insaciavel prurido, ou comichão de se destinguir, lhe metteo em cabeça a formação de certas associações, chamadas academias, onde não todos, mas alguns erão admittidos com ceremonial enfadonho, e soberbo, e na exclusão dos mais fazião hum povo á parte, que considerava o resto dos dados ás letras como ineptos, ou ao menos muito aquèm da grande perfeição, que era preciso para ser admittido na confraria. Mas destas confrarias pouco fructo se tirava, porque ainda que se ajuntassem depois as memorias, isto he, o que cada hum em particular compunha a seu arbitrio, vinha isto a ser hum corpo informe, sem plano, sem systema seguido, creação de volumes, e não creação de obra. Hs im-

mensa a colleção das memorias da academia das inscripções, e bellas letras, porém em tantos volumes não ha duas dissertações que se pareção, ou que se empreguem na mesma materia. He coisa bem digna de notar-se, que as obras originaes, e completas, os tratados elementares, os grandes corpos de historia, os diversos systemas de filosofia, nunca sahírão das academias. Newton não era academico, nem Spinosa, nem Lock, nem Bayle. Ha grandes dissertações na colleção das memorias da academia das sciencia, nas transacções filosoficas, mas não ha hum tratado filosofico, systematico, e methodico. Ha idéas novas, mas não ha huma obra. Ora estas academias em França, e Inglaterra, erão sem dúvida coisa séria, porém as da Italia, além do Instituto de Bolonha, tudo mais era coisa pueril, e ridicula: bastão para se conhecer esta verdade os seus titulos, e denominações. Em Florença houve huma famosa academia, chamada a da crodea, e os seus alumnos, chamárão-se enfarinhados. Hou-

vo a academia dos humoristas, dos apatistas, dos eteréos de Padua, dos furiosos, dos innominados. E em Portugal! Oh! caterva vergonhosa! A dos occultos: a dos anonymos, porém nas obras punhão o seu nome, e dizião « Manoel André, academico anonymo: a dos singulares. E que quererá dizer tudo isto. » Quer dizer juntarem-se huns poucos de homens em casa de outro homem, até em dia de entrudo como nas academias de Fr. Simão, ler o presidente huma coisa chamada oração, se ha assumpto livre dizer cada hum o que lhe lembra, se ha assumpto obrigado como na academia dos singulares havia sempre; hum dos mais graves programmas era, e foi este « Cloris, lendo á lua huma carta de Fabio, passando huma nuvem lhe tapou a luz, e ella desesperada, rasgou o papelinho. » Outro programma « A cutilada que deo o conde da Torre no pescoço do teixo, que o decepou, e ainda a ponta da espada se foi metter no chão. » Para isto se juntavão duas duzias de homens, cada hum

lia o que fez, e no fim tudo se entregava ao secretario.

Em França tambem havia destas, e a academia dos jogos florais, instuida pela formosa Clemencia Isaura, não ficava devendo nada em ridicularia ás de Italia, e ás de Portugal, que não vio coisa séria neste genero, se não quando se instituio a da historia Portugueza, cujos estatutos acreditão sobre maneira o marquez de Alegrete, Manoel Telles da Silva, e a das sciencias de Lisboa! Na da historia Portugueza faltou hum genio redactor de excellentes memorias, para prevalecer em tudo a força do destino, que não quer que tenhamos hum corpo completo de historia da nação escripta filosoficamente. Em fim veio a maldita, e destruidora revolução, deo com tudo de pernas ao ar. Ouvio-se de Norte a Sul o buque estrepitoso da quéda de todas as academias, e vírão-se lambendo os ares as altas labaredas da grande conflagração das quarenta poltronas do Louvre, e de milhões de panegyricos de S. Luiz, e do cardeal de Richelieu; ou-

vio-se o estoiro do sello, e dos cunhos das medalhas consagradas á immortalidade, destribuidas aos 23 das letras do alfabeto para a composição do diccionario, em que os das letras *X* e *Z* ficão sempre de melhor partido, e gloria igual. Que espanto, e que peso de melancolia para hum homem que fosse das 26 academias que havia em França, além da correspondencia com as estrangeiras! Apparecer despojado repentinamente de 26 aureolas de que andava cercado, escoltado, e coroado pelas vastas praças de París! Dias afortunados erão aquelles para os literatos Francezes! Lembrava-se hum de escrever huma carta á tal, ou tal academia, e no correio seguinte já recebia o diploma da recepção. Se viajava pela brilhante Italia, ou pezada Alemanha, hia no centro brilhante da grande, e incontestavel nomeada visitar o presidente, ou o secretario de alguma academia, nessa mesma noite, e ainda antes do chá, era proclamado membro da dita academia, e convidado (o que em nenhum caso podia fazer mal) convida-

do para hum jantar solemne: sentado á mesa entre os corifêos da sabedoria, já saboreava a immortalidade, promettida, e afiançada, pelos collegas, tão vãos como o recebido candidato. A brilhante, e inexaurivel literatura os entertinha satisfeitos entre mútuas, e reciprocas lisonjas até depois da meia noite. Este montão de gloria se dissipou de repente. Todas as coroas de hera, e de louro se murchárão. Vierão os crueis revolucionarios, desastrados dissipadores de tudo o que era bom, e de volta com os pergaminhos da antiga nobreza, tambem levárão, e tambem queimárão os pergaminhos academicos, e todas as cartas dos secretarios, que attestavão as brilhantes recepções entre os sempre discordantes quarenta, e fizérão em cinzas aquellas respostas aos cumprimentos dos entrantes, que os recommendavão, aos favores, ás homenagens aos respeitos da posteridade, letras improtestaveis em o negocio, e transacções de sapiencia, tudo foi reduzido a cinzas, tudo foi convertido em nada. O frenesi vandali-

co revolucionario deo cabo de todo o apparato das peças immortaes, que levárão o premio, ou por intriga, ou parcialidade. Isto era coisa insofrivel, e insuportavel á vaidade dos literatos. Sempre depois das mais pesadas desgraças começão de apparecer alguns visos de consolação. Entre os estragos, e sangue do atroz dominio do mestre de Buonaparte, Robespierre, começou a annunciar-se de toda a parte a resurreição das academias, ainda que debaixo de outros titulos, e dominações, porém nomes verdadeiramente soberbos! Oh que alegria para os literatos! Estes cometas, crinitos, ou cabelludos da gloria scientifica, que senão esperavão lumbrigar mais depois de se haverem somido invisiveis no espaço revolucionario, outra vez começão de surgir no ponto visivel da sua excentrica elipse. Renascêrão as coroas, e vírão os sábios, quanto era duro, repugnante, e medonho apparecerem nús, e crús aos olhos da posteridade, com hum nome despojado dos titulos academicos. Não se podérão conter, e eis hu-

ma chusma, huma récua de academias com os pomposos titulos, e brilhantes alcunhas de Athenas, Printaneos, Lycêos, huns centraes, e outros circumferenciaes. Já ha membros do Instituto, e já os lugares são brigados, e disputados com hum rancor mais profano que os dos dois irmãos de Thebas, e os dos quarenta da academia. Mas aos novos lycêos, aos novos bosques de Academo, aos platanos de Frontonia, ás novas salas de Platão falta huma coisa, que não faltou nem á defunta academia Franceza, nem á sociedade real de Londres, falta hum cozinheiro (axioma incontestavel) sem cozinheiro, não ha estabilidade em todos os corpos literarios, este he o verdadeiro ponto de apoio, e a base sólida. No printaneo, no atheneo das artes, no lyceo central não ha cozinheiro, não ha mordomo, nem thesoureiro tão opulento como Buffon era da academia das sciencias. Sem hum jantar de recepção, sem huma esplendida ceia de sessão ordinaria, que prazer, que gloria ha em ser academico?

SOLILOQUIO LX.

Hum dos maiores erros, ou maiores defeitos das theorias de moral, com que se pertende conter, ensinar, e dirigir os homens no estado social, he a falta que nelles se encontra de conhecimentos da constituição fysica dos mesmos homens: este conhecimento he a base constitutiva de toda a sciencia, que diz respeito ao mortal. Sem se saber que coisa seja fysicamente este bichinho, que se chama homem pelo que pertence ao seu corpo, debalde se lhe intenta dirigir o espirito, e sugeitar a vontade ao jugo da lei, e aos dictames da razão, e da virtude. Primeiro se deve conhecer o homem fysico, depois o homem moral. Lock, e Condillac nos terião dado huma melhor analyse do entendimento humano, e descobririão melhor a origem, e a formação de nossas idéas, se hum pouco mais houvessem penetrado o abysmo deste ser fysico,

que se chama corpo organico. Os homens que cultivárão a filosofia racional com maior vantagem, fôrão os que possuírão maiores conhecimentos de fisiologia. Taes fôrão Pythagoras, Democrito, Hyppocrates, e Aristoteles entre os antigos. Estes padres conscritos da filosofia, procurárão conhecer o homem em seus diversos estados, e buscárão no estudo das leis da economia animal, e em todos os objectos, que pódem influir sobre ella, e modificá-la, as noções necessarias para estender, dilatar, e aperfeiçoar as faculdades humanas. Entre os modernos o Inglez Bacon, sentio primeiro que ninguem a necessidade do estudo de fysica animal, e cuidou devéras em tudo o que póde influir poderosamente na constituição fysica, e moral, do homem. Descartes, que sem dúvida deo hum grande impurrão no entendimento humano para o conhecimento da verdade; fez o mesmo, buscou as molas do pensamento, e a origem das paixões na organização fysica. Lock que deo alguns annos ao estudo, e ao officio da

medicina, diz que encontrou o principio de nossas idéas em nossas sensações, e Bonnet Suisso infatigavel em escrever, e que não foi sempre muito feliz na applicação, que fez de seus conhecimentos anatomicos ás operações do entendimento, ao menos fez vêr a ligação necessaria, que se acha entre a disposição fysica de nossos orgãos, e o nosso modo de sentir, e de raciocinar. Em fim mestre Helvecio, que da taboada das finanças déo em filosofo, e o célebre preceptor do duque de Parma andarião melhor pelos caminhos, que intentárão abrir, se tivessem maior, e mais profundo conhecimento da economia animal.

A sensibilidade fysica he o ultimo termo a que se chega no estudo dos fenomenos fysicos da vida, e he o ultimo resultado, ou o principio mais geral que nos dá a analyse das faculdades intellectuaes, ou operações da alma. A sensibilidade nos faz conhecer os objectos externos, e nossa propria existencia, mas estas impressões pódem ser modificadas pela organização primitiva dos individuos, pelas

circumstancias da idade, e do sexo, pelo clima, pelo regimen, e tambem pela natureza, e ordem dos trabalhos, e dos habitos. Prova-se contra Condillac, e contra os outros analyzadores do entendimento humano, que nossas idéas, e determinações moraes, não tem por principio unico as sensações externas: tambem as impressões internas, que a acção dos orgãos nos faz sentir, contribue para sua formação. He coisa sabida, e por mim experimentada, que as doenças, e mais que tudo febre aturada, invertem, e prevertem a ordem habitual das idéas, e dos sentimentos; excitão appetites extraordinarios, e extravagantes; e nossa alma se acha entregue a idéas risonhas, ou sombrias; a sentimentos agradaveis, ou funestos, segundo o estado interior da machina. Huma das maiores alterações, que podemos experimentar em nosso modo de sentir he a que produz algumas vezes, a mais fatal, e medonha de todas as doenças, que he a dentada de cão damnado, e na frase do Esculapio a hidrofobia. Tem-se

visto infelizes mordidos de cães damnados, imitar os passos, a voz, e manifestar as inclinações destes animaes. Huma seria de provas incontestaveis desta eterna correspondencia da disposição fysica de orgãos com nossas idéas, e afeições, he o quadro das idéas, dos sexos, e dos temperamentos, que parecem estabelecer huma multidão de existencias diversas, successivas, ou permanentes, onde a ordem fysica, e ordem moral se achão ligadas com huma cadeia indestructivel. Quando attendemos para os atributos, que caracterizão a constituição das crianças, delles vemos dimanar necessariamente a actividade tumultuosa, e a mobilidade, que faz desta idade tenra a pelle de todas as impressões que a vem assaltar. Esta actividade, e mobilidade, se affrouxão á medida que os orgãos tomão consistencia, e dão lugar a movimentos mais tardos sim, porém mais firmes, e seguros. Huma duplicada gradação de mudanças fysicas, e moraes conduzem o homem da adolescencia á juventude, onde a plenitude da vi-

da se manifesta pela força, e actividade dos orgãos, pela vivacidade do movimento dos humores, e por huma vehemencia em todas as acções, que acompanha sempre o sentimento profundo do poder. He muito curto, e rápido o intervallo que se acha entre este estado brilhante, e o estado do affrouxamento da carreira dos homens, e huma sensivel diminuição de energia nos orgãos começão de lembrar ao homem a proximidade do cimiterio; esta degradação cresce a olho, o principio do movimento se enfraqueceo tanto, quanto os instrumentos se tornão menos capazes de obedecer á sua impulsão; as operações do espirito, são mais vagarosas, e exitantes: o caracter se torna cada vez mais tímido, desconfiado, e inimigo de emprezas arriscadas, e perigosas. Se este fôra o estado contínuo da vida, quantas desordens, e desgraças se pouparião! Huma necessidade fatal obriga o velho a reflectir continuamente sobre si mesmo, e o egoismo destes tediosos tartarugas he obra immediata da natureza. O ve-

lho não encontrou mais que resistencias, e a difficuldade de existir, lhe fez appetecivel este repouso eterno, que a natureza communica a todos os entes como huma noite socegada depois de hum dia de contínua fadiga, e agitação. Em a analyse destes diversos estados, e situações do homem se descobre huma nova fonte de idéas, e de sentimentos, que não devião escapar nem aos methafysicos, nem aos moralistas. A theoria particular dos temperamentos tambem devião entrar em razão de conta, e sem ella não se poderá jámais conseguir o conhecimento do homem moral. Os antigos, e os modernos admittírão quatro temperamentos mas estes combinão-se, modificão-se, misturão-se, de infinitas maneiras em hum mesmo sugeito, nesta mistura tambem se deve buscar hum grande motivo das suas affeições moraes. Além dos quatro, parece-me, que segundo o pensamento dos mais atilados fisiologistas se devem determinar mais dois. Hum provem da acção predominante do systema nervoso, e outro deriva-se da

predominante do systema muscular. Destes differentes fundos de organização nascem habitos, e effeitos moraes que varião como as causas fysicas, que o determinão.

SOLILOQUIO LXI.

Diz hum proloquio Portuguez, que duas vezes somos crianças, eu digo, que considerando-nos a certos respeitos, sempre somos crianças. Não ha tempo em todo o circulo da nossa existencia, em que não gostemos de ouvir hum conto. Na corte, na aldêa nos botequins domicilio da peste, e da ociosidade, em nossas casas, no campo, no mar, em se ajuntando homens, huns contão, e outros escutão. Até os monarcas, e os grandes da terra costumão ter seus caturras, a quem com muito interesse, e paciencia ouvem seu conto. Isto não se observa unicamente nos palacios, descobre-se, e com muito prazer até nas tabernas. Eu páro

muitas vezes para vêr, e gozar hum similhante espectaculo. Vejo á roda de huma encebada banca hum respeitavel senado. Hum bebado faz de presidente, está com o copo na mão empunhado como hum sceptro do imperio da alegria. Luzem-lhe os olhos, e brilhão-lhe as faces como as de hum Bretão. Que faz elle? Embebeda-se, porém conta. Os outros o escutão, com hum bom palmo de bocca aberta, e quanto mais destemperos, mentiras, e absurdos elle amontoa, mais cresce, e se augmenta a alegria, e o extase dos senadores. Corrão-se para desconto de peccados os mais afamados, e envernizados cafés de Lisboa, nelles assim como ha huma mesa reservada para os notaveis ociosos, tambem ha hum contador mór, que se arroga o privilegio exclusivo de fallar, e de ser escutado. Este oraculo contador faz a paz, e a guerra, promulga as leis que lhe parece, traça planos de campanhas, determina em hum mappa velho, que elle nem conhece, nem entende, as posições que devem occupar os exercitos, e

depois das batalhas faz as promoções necessarias, este homem raro, e universal tem pescado com sua rombissima penetração os segredos de todos os gabinetes; ainda não passou hum bill pela camera baixa, já elle o publica, ou approva, ou regeita na loja de bebidas. Seus ouvintes estafados desertão da mesa algumas vezes, porque os ouvidos cansão, e eu já presenciei mais, que foi huma lethargia universal, derramada pelo auditorio, e o oraculo tão embebido em si que não advertia, que os mais dormião, e elle contava. Tu desaforado...., tu tivestes habilidade de derramar esta dóse de opio. Mas he tal a magia de hum conto, ainda que seja tão ridiculo como os deste enterrador, que se hum auditorio desabelha, e se vai, outro torna, e o contador infatigavel sempre tem ouvintes. Pois nas platéas dos theatros! Oh! rua dos Condes, em ti se encontrão os mais sobidos, e acrisolados contadores! Olhem para aquelle causidico rabula, e embrulhador, bacharel rémora o eternizador de pleitos,

que conta na platéa, e jura em casa, que está doente. Este homem sabe de antemão o reportorio da semana, sabe a peça nova que ha de ir a terra, a que ha de soffrer trinta e nove recitas, conhece o amante de cada actriz, boas rezes, na verdade, e boas vasilhas! Sabe a intriga de cada actor, fulmina contra os abusos do theatro, e diz, que no seu tempo não ia a coisa tanto de fóz em fóra. Lembra-se do Pedrinho, e do Sylvestre; vio pela primeira vez José da Cunha, feito carcoma na esposa Persiana: conta mil historias dos actores do seu tempo, e se o deixão, canta huma aria da Zamperini, e engrola dois gorgeios do Egiciel. Todo o mundo circumstante o deixa fallar, e sabendo-se que nascêra muito para cá do terremoto, não lhe vão á mão, quando diz, que víra representar Alexandre na India, e a companhia de cavallos, que ia dando cabo do palco, e proscenio da ribeira das náos; enche os intervallos de duas peças, não deixa ouvir a synfonia, e vai contando por diante, e acha sempre escutadores.

Mas isto são quadros vulgares, e corriqueiros, ha coisa ainda mais fina, e mais dilicada. D .... tuneja 39 annos, mas conserva ainda grandes meios de agradar. Esta sábia traductora de novellas, conhece pelas suas profundas, e aturadas leituras da princeza de Clèves, ou de outro qualquer romance, que se chame Sofia, Adelaide, Matilde, (porque nenhum se póde chamar Joaquina, Antonia, ou Sebastiana) que os prazeres que nascem do engenho, e da amabilidade são mais duraveis, que os que procedem da belleza, e dos encantos da namoração. D.... ainda tem, senão adoradores, ao menos admiradores. Todas as noites ha grossa companhia em sua casa; conversa-se (coisa rara no dia de hoje, porque apenas dão trindades não ha mais que banquinha, véla, naipes, silencio, e ladroeira.) Quasi sempre são os mesmos sugeitos da sessão. As historias, os contos de toda a casta chovem de todos os lados para variar a conversação, e fazella mais picante, e animada. Mas não são anecdotas triviaes, contos cor-

riqueiros. Tudo o que se diz he apurado no centro do gosto. Em casa da senhora D.... existe a arte de contar bem. Que talentos são precisos ao contador desta brilhante companhia! He preciso primeiro que tudo, que elle faça sentir, e conhecer a importancia, e a escolha da historia que vai a contar, depois he precisa grande arte de a trazer a proposito, para isto em casa da tal ... he precisa huma intelligencia secreta, hum tacto, ou hum sentimento fino, que muito raras vezes se encontra. He preciso que elle saiba triunfar de todos os obstaculos: se pedio attenção ao respeitavel auditorio, desgraçado delle se a deixa escapar, e a tal attenção desapparece desde o instante em que começa a cansar-se. Se lhe não mistura certas aluzões, cuja applicação seja facil, e gostosa aos pios ouvintes tudo esfria, e a sua prelenga deixa de ser interessante. Entre estas prelengas ha humas que vivem mais expostas a desgraças, são aquellas historias que acabão em hum termo, frase, ou expressão donde lhe

vem toda a graça, e todo o preço. Se o recitador chega a esta palavra, de que todos estão pendentes, e a pronuncia sem efficacia, e sem effeito, o que quasi sempre vejo acontecer, a assembléa dos notaveis ociosos fica paralytica, e gelada, e o contador embaraçado, e corrido, e deve assentar no seu coração de nunca mais abrir bico em dias de sua vida. De ordinario estes contantes querem desde o principio da narração produzir hum grande effeito, dão-lhe com todo o chumbo nos primeiros encontros, e por isto se esquecem de ir graduando a relação, e preparar progressivamente o grande dito de que pende a boa dita do seu conto. Quasi sempre a pouca habilidade do historiador faz adivinhar desde o principio qual seja o feicho, e por isto se perde, desapparece a historia, e o contador tambem. Muita estima se fazia n'outro tempo desta apurada arte de contar bem no meio de huma sociedade, era hum talento apreciado, buscado, remunerado. Agora já lá vai isto. Eu não sei o que se tem substituido a

este atticismo tão louvado entre nós antigamente. Na maior parte das companhias nada se escuta já. O talento he aborrecido, porque poucos se dão ás artes, aos conhecimentos; a engraçada agudeza desterrou-se, ou ha a melancolica taciturnidade do jogo, ou a maledicencia descarada com que se retalha a reputação alheia, ou a manía politica do buonapartismo, que observe os homens, e nunca se encontrárão quatro juntos a conversar, que se não môão com o frenetico despota da Europa. Antes desta fatal época, havia outro alimento para a existencia social dos homens, e entre nós os Portuguezes principalmente, inclinados fômos sempre a nos rir das aventuras dos nossos, e quasi não havia acção, em que não buscassemos rir. Apertados de fome, e cercados de Moiros em Tangere, e em Diu, rião, e contavão distantes dois passos da morte. Agora mesmo tyrannizados, roubados, e despidos pelos Francezes ainda ha quem no meio de occultas sociedades conte com extrema graça, e se ria da enfiada de parvoices, de

sandices que elles commettem, fazem, dizem, imprimem, e decretão; parece que o primeiro mal que os Portuguezes temem he o tédio, e o enjôo da vida. Mas eu vou já muito longe com a minha comprida arenga, calo-me, porque não digão os praguentos, que tratando da arte que alguns tem de enjoar quem os ouve, quando contão, eu dou o preceito, e mais o exemplo.

SOLILOQUIO LXII.

Para haver ladrões no mundo, não houve mister que Buonaparte abrisse huma tão brilhante, e tão bem disciplinada escóla; em todos os seculos houve professores eminentissimos, e he profissão tão bem estabelecida, que se reduzio como os outros conhecimentos humanos a huma arte methodica, com principios, axiomas, theoremas, e todo o mais apparato, e travessão do rigor das demonstrações mathematicas. Em Portuguez te-

mos hum bom tratado desta importante sciencia; e alli estão lançadas as regras da theoria sublime; livro util pelo que descobre, livro pernicioso pelo que póde ensinar, que tem o desconto, que eu tenho notado em alguns pouco expertos, e prudentes missionarios, que pintão tão ao natural a maneira de commetter hum crime, e descobrem tão claramente os estratagemas da malicia, que a innocencia tem perigado, pondo em pratica as noções, que percebêra. Assim a arte de furtar, que se attribue a Antonio Vieira.

Sem dúvida he infinito o numero dos ladrões, cuja maldade as mais das vezes nem he intelligivel, nem calculavel. Hum dos maiores paradoxos de Jaques, he dizer, que os ladrões não discorrem mal a respeito de seus interesses apropriando-se a fazenda alheia, na alternativa de escolherem, ou este officio, ou na resignação de viverem na miseria, e no trabalho. He verdade que correm risco de verem a sua pompa funebre em vida, e de ouvirem os devotos

irmãos da misericordia pedirem para os suffragios da alma deste seu irmão; mas este risco he sómente para os desgraçados, que estão reduzidos a roubar segundo a definição legal deste delito, mas ha tantos meios de roubar, que se definem mais civilmente e que são impunidos, e quasi applaudidos, e respeitados, que dão lugar a roubar muito, e a passarem os ladrões por homens honrados. Estes no pensamento de Jaques, e de seu melancolico antecessor o duque de La Rochefoucauld, cuidão bem nos seus interesses, se se considérão as vantagens só da vida presente. He verdade que ha infinitas maneiras de roubar, que as leis só punem huma só; e se os processos feitos aos que se apossão da fazenda alheia se fizessem por Deos, e não pelos homens, e apparecessem na frente de todos aquelles que roubão, ou que individamente retem a fazenda alheia, ou por occasião de herança, de demanda, ou de negocio, achar-se-hião poucos, ou quasi nenhuns, que não possuissem do alheio quanto bastasse para os fa-

zer caminhar pomposamente escoltados até o caes do Tojo. Com tudo isto, nunca passará a verdade, o calculo de Jaques, ou escandaloso paradoxo, de que cuida nos seus verdadeiros interesses, quem funda sua fortuna em extorquir, e usurpar de qualquer maneira que seja a fazenda alheia, e que cuida nestes interesses menos aquelle que se determina a viver com os proprios meios, com a propria industria, e com as mãos puras, e limpas de toda a contaminação rapinante.

Que vantagem he para o homem honrado, em primeiro lugar não temer coisa alguma, viver com huma reputação sem mácula, e poder mostrar por toda a parte hum palmo de cára descoberta, e serena, podendo todos em seu aspecto ler, e considerar os não equivocos signaes, o testemunho interior da consciencia, e huma segura confiança! Como he possivel que a hum homem verdadeiramente puro, e honrado, ainda que pobre, faltem verdadeiros amigos, vivendo este homem em hum paiz,

que não seja a França ? Como he possivel que lhe falte hum emprego, que lhe sirva de esteio ao menos a huma parca existencia ! E ainda que seja mesquinha, curta e laboriosa sua fortuna, como são sólidas as bases sobre que se funda, e estabelece, esta mesma fortuna prospera, e cresce, e muitas vezes se costuma transmittir muito avantajada a seus successores.

Vejão-se pelo contrario os velhacos, os rapinantes, os aguias-francezas, e esses milhafres de toda a gerarchia, que empolgão os arpeos, com retorcidas garras sem ceremonia nenhuma á direita, e á esquerda, e enchem até arrebentar, o papo de fazenda mal adquirida, de que maneira poderão inspirar confiança, ou confidencia; como poderão grangear a estima pública; como poderão conseguir, e conservar amigos ! Como poderão formar pertenções á consideração, e á honra ! Como poderão viver tranquillos, e contentes, e gozar em paz da fortuna tão mal adquirida? Vivem desprezados, e malditos no co-

ração de todos; são abandonados, e deixados, se a roda lhes desanda, e dão algum tombo para a desgraça. Se fosse possivel aos homens nascer, e viver duas vezes neste mundo, viver de huma vez a vida do homem velhaco, e immoral, ainda que afortunado, e depois viver outra vez a vida do homem recto, e justo, ainda que desgraçado, não se póde duvidar, que no fim de huma, e de outra carreira, decidindo-se o homem com conhecimento de causa, acharia sempre preferivel, ainda pela unica razão de viver melhor neste mundo, a vida do homem justo. São tão enganadores, e mal seguros, e sempre turbidos os prazeres do malvado; ainda que na superficie estrondosos, e brilhantes; e he tão estranha, e incompativel a sua vida com as boas affeições naturaes que são o mais doce, e necessario tempero de todos os prazeres; e he tão cercada de inquietações, e de temores, tão ameaçada de accidentes funestos, que sempre está em vesperas de ruina, e de desamparo. E de outra parte a vida do ho-

mem de bem he tão placida, e serena; tão socegada, e tranquilla ainda no centro das privações, e da miseria; e adoça-se tanto com a estima, com a amizade, com a piedade, e benevolencia; e estas consolações sentimentaes tem em si tanto sabor, e tanta ternura, e tudo isto he tão aformoseado de hum prospecto de coisas melhores que o enfeita, e o perfuma com todas as flores da esperança, que se póde concluir sem receio de errar, que daquella mesma maneira, que o que acaba de viver, deseja ter vivido a vida do justo, assim tambem, quem começasse a viver com conhecimento de causa escolheria viver igualmente a vida do justo, e não se deixaria deslumbrar do enganoso prazer, e do falso brilhante da vida immoral; isto he seria mais prudente, mais acautelado na escolha dos meios para conseguir o fim dos seus verdadeiros interesses. Desta maneira fica destruido o paradoxo de Jaques, que posto o queira demonstrar, prescindindo da futura existencia do homem, ainda considerado o mesmo homem

de têlhas abaixo, sempre o seu verdadeiro interesse he a virtude, é só ella o póde encaminhar, e conduzir á verdadeira felicidade, ainda aquella, que se limita ao tempo, e não considera a nossa futura, e infallivel situação.

SOLILOQUIO LXIII.

Berrou ha annos a fama, e as gazetas tambem berrárão com o nome da celebre improvisadora Florentina, chamada Corila Olympica. Qualquer talento em huma mulher moça, e de bons bigodes sempre avultou muito, ainda que fosse pequeno, e trivial; e depois que ellas se resolvêrão a deixar a agulha, e o fuso para que fôrão creadas, e a metter-se na repartição das letras, empenhou-se a fama, e a lisonja em as levantar até ás estrellas. Começou este aranzel em França, e nesta nação hoje convertida em bandos de salteadores, vemos longo catalogo de matronassas illustres pe-

la literatura, e entre ellas muitas iscadas da manía dos versos. La Suze Deshoulieres, Ville-Dieu, tem seu lugar distincto, Chatelet filosofou á sua vontade, e mereceo o nome de madama Newtona, e nestes dias Stael, sahio-se com hum tratado de literatura, que se he seu a leva sem dúvida á immortalidade. Na Italia não tem havido poucas, nem pecas; o célebre Spalanzani ouvião lições de fysica, e historia natural da mais célebre Laura Bassi; mas nenhuma destas conseguio tanta nomeada como a Corila Olympica, que feita huma carcassa de 72 annos ainda improvisava, cantando com humas rugas, e hum tom de Sybila Cumêa. Cuidão muitos, que este talento de recitar de repente longas tiradas de versos, huns coxos, outros alcorcovados, sobre hum assumpto dado, e imprevisto, pertence exclusivamente aos Italianos, que nascem, vivem, morrem cantando, e gesticulando sempre. Ora dando por certa esta opinião, parece que este fenomeno procede de duas causas. A primeira he a faculdade de se dar

a si mesmo hum degráo de exaltação, capaz de excitar na alma huma multidão de idéas com huma rapidez tal, qual não póde ser percebida por hum homem, que tenha a imaginação fria, e tranquilla: a segunda causa he huma lingua abundante, e flexivel, de cujas fórmulas particulares a alma de antemão se haja apossado por hum longo, e aturado estudo. Este talento se tem universalizado prodigiosamente na Italia, assim como tudo canta, quasi tudo improvisa; e he prodigioso o numero de improvisadores, que depois do renascimento das letras tem apparecido nesta, hoje tão desditosa porção do globo. O mais célebre de todos foi o que appareceo em scena depois do anno de 1761, chamado Bernardino Perfetti. Este cantador de versos recebeo no Capitolio a coroa de loiro, que o governo Romano costuma de tempos a tempos conceder aos grandes filhos das Musas. Petrarca apanhou esta grinalda, que conservou sempre na cabeça por cima do capello de conego. O Tasso a mereceo, e

se lhe determinou, porém para não sahir do circulo da desventura, em que existio, morreo na vespera do dia destinado para esta pomposa ceremonia. Nenhum improvisador antes de Perfetti tinha conseguido esta honrinha. Eu li já com muita attenção as obras de Perfetti em dois volumes em 8.°, onde vem todos os seus improvisos sobre os themas dados, huns extrahidos da biblia, outros da historia Grega, e Romana, o que me fez crer, que ou havia quem escrevesse quando elle improvisava, ou era dotado de memoria tão pegadiça, e tenaz, que nada lhe esquecia do que extemporaneamente recitava, ou erão trabalhados depois, e de seu vagar sobre os mesmos themas, ou assumptos dados. Com effeito se prescindirmos do merecimento da improvisão elles não erão capazes de o levar, nem ao loiro, nem á immortalidade, se os comparo com outros, que feitos de espaço existem em Italia se não de todo esquecidos, ao menos pouco estimados, como são as maravilhosas odes de Filicaia, as de Guido, e as de

Lemêne, e assim destribue o actual povo Romano aos versicantantes aquelles premios de folhas de louro, que o antigo povo Romano destribuia a seus heróes conquistadores no dia de seu triumfo!

La Signora Corila era nativa de Pistoia, mas viveo quasi sempre em Florença, e nesta cidade era visitada até dos lords pequenos, que sahem da famosa Londres a correr a Italia, ainda se não sabe para que. Quando esta extraordinaria virtuosa cantava os seus extemporaneos versos o Violini Nardi a acompanhava, e eu ainda não vi improvisante, que não pertênda ao menos guitarra de companhia, em cujos sons os compassos de espera durão muitas vezes mais que a República Franceza, huma, e indivisivel, porque em fim as coisas não vão a matar, e com hum trote muito violento seccar-se-ia a musa sem remédio. A grande nomeada, que Corila grangeou em quasi todas as cidades de Italia, penetrou até ás marges do Danubio, que desejou ouvir este cisne femea, e com effeito Francisco I.° a

convidou, e a recebeo em Vienna com grande destinção, e tornou de lá cheia de comprimentos, de saudes, e de joias. A Catharina II.ª imperatriz dos Russos, tambem lhe veio o appetite de ouvir Corila, e lhe mandou escrever, pedindo-lhe fosse de passeio até Petersbourg, mas a boa da mulher costumada a viver na atmosfera suave de Florença, e entre os perfumes de seus continuados jardins, temendo os rigores do polo, e o aspecto medonho dos ursos da Livonia, não acceitou os offerecimentos tão capazes de fazerem cossegas ainda ao maior desprezador da gloria mundana: porém o que ella desprezou entre as nebulosas serrações de Newa, alcançou nas risonhas margens do Tibre. Em Roma obteve a maior, e mais sobida gloria, a que póde aspirar a ambição poetica, foi recebida na academia dos Arcades, e nesta crisma recebeo o nome de Olympica, e depois de haver improvisado sobre diversos assumptos, na presença de doze examinadores, nomeados pela sociedade por hum Senatus-Consulto do Parnaso,

foi julgada digna do loiro. Com effeito recebeo no capitolio esta insignia no conceito dos vates mais appreciavel, e no meu tambem, que todas as aguias da legião, chamada de honra por antifrase, como o tal monte da Canção de Luiz de Camões; porém nunca vem a este mundo hum gosto completo, a mulher com a coroa de loiro na cabeça, e descomposta com huma tempestade de epigrammas, disse mal á sua vida; a mesma bataria tinha soffrido o seu antecessor Bernardino Perfetti; escandalosa injustiça na verdade; porém quem poderá marcar limites á inveja, e malignidade humana! O mesmo Petrarcha dois seculos e meio antes, se queixa dos mesmos procedimentos na horrivel perseguição, que lhe suscitou o loiro recebido.

Eu não decido sobre o merecimento dos improvisadores Italianos, porém se elles são similhantes a hum .... que veio aqui para merecer huma pensão do estado, creio que são mui pouca coisa, porque este nosso poeta de ordenado he igual a zero;

o tal talento destituido da magia do canto, dos sons da viola que o acompanha, he coisa nenhuma, e quem tiver ouvidos de ouvir conhecerá, que os taes improvisadores vendem gato por lebre, mastigão o que pódem, comem aqui hum verso, mastigão acolá huma rima, e vão por onde elles querem, quasi sempre dez legoas distantes do assumpto. Este espectaculo não he novo, nem estranho para nós os Portuguezes, em todas as provincias temos improvisadores, que se tivessem cultura, como tem verdadeiro genio, seria pouco o louro que nascesse por essas azinhagas. Tenho observado verdadeiros duelos poeticos permanecendo os campiões na estacada noites, e dias inteiros, com huma affluencia, e estro verdadeiro! Alguns tem apparecido que ajuntão a este vulgar talento entre os Portuguezes o estudo, e a cultura, sobre hum mote desenrolão huma procissão de decimas, que no calor da recitação parecem alguma coisa, e he este officio tão antigo em Portugal, que daqui vem o proloquio « trovar de re-

pente: » Por presentimento da razão; nunca estas composições tiverão o nome de poezia, chamárão-se trôvas, e trovistas os seus authores, gente conhecida em oiteiros, noivados, salas de dança, sociedades de annos, eleições abbadessaes, etc. Destes genios, faceis, impetuosos, e promptos nada tem sahido, que permaneça; as obras de pulso que temos se devem a engenhos tardos, repousados, e frios na composição. Doze annos levou a Stacio a Thebaida, trinta a Sannazaro o poema de *Partu Virginis*, quinze a Syphillitica Fracastor. Milton paria quarenta versos de noite, e pela manhã á força de emendar, e de polir ficavão reduzidos a dez. O Tasso trabalhou na Jerusalem desde os 28 annos de idade até aos 42, e apezar disto, o vulgo applaude mais a hum oiteirista pela maravilha que lhe causa vêr repentinamente huma difficuldade vencida, a qual o habito torna tão facil, que lhe foge por isto mesmo o merecimento, e converte-se em profissão ridicula o que parecia hum dom extraordinario de natureza. Na con-

te polidissima de Leão X.º appareceo hum destes trovistas, que pela continuada tormenta de rimas, que espalhava foi chamado o archipoeta, e quando o pontifice lhe deo esta honrosa nomenclatura, disse elle improvisamente:

Archipoeta facit versus pro mille poetis,

Leão X.º acabou o distico com o seguinte:

Et pro mille aliis archipoeta bibit.

De ordinario este subitaneo furor de Apollo, anda acompanhado como outro não tão subitaneo furor de Baccho.

Outro fonomeno de engenho desejava eu observar na República das letras, que vem a ser hum homem, que consumado em estudos, e com a alma tão innundada do caudoloso rio da erudição, tão possuidor de sua maternal linguagem, de imaginação tão fertil, e em cujo espirito se succedessem tão rapidamente as idéas

humas ás outras, que sem nenhuma preparação prévia sobre qualquer assumpto dado de moral, e na esfera da religião sobre qualquer misterio, improvisasse hum discurso regular, conforme as mais escrupulosas leis da arte de persuadir, que durasse huma hora, e acabado este discurso, com algum intervallo não para meditar, mas para repousar, começar sobre outro assumpto dado novo discurso, que parecesse meditado, escripto, decorado de longo tempo. Esta maravilha nunca appareceo em França, e se vio huma só vez em Italia em hum só discurso desta natureza improvisado por capucho de barbas, chamado Serafim de Vicença. Derão-lhe hum texto ao subir do pulpito, e era este: *Pulcritudo ejus filiæ regis ab intus* » discorreo maravilhosamente sobre a perfeição interior do espirito: mas não se tornou a metter n'outra; sahindo-se tão bem deste primeiro ensaio. Ora este fenomeno não visto até agora, existe vivo, são, e robusto em hum canto de Portugal, tão esquecido, ou tão pouco notado co-

mo se estivesse morto. Habituou-se de tal maneira a discorrer improvisamente, que já não póde de outra maneira discorrer em público. Constituido em acção começa o discurso, e escaldando-se-lhe progressivamente a fantesia, vão succedendo-se em ordem idéas sempre novas; a proposição, ou proposições estabelecidas, são demonstradas com todo o rigor mathematico sem secura, mas com toda a pompa, e fertilidade da eloquencia, este homem pára de cançado e não de exaurido, e acommodada que seja esta fervura, e tornando o entendimento a equilibrar-se não se lembra nem de huma só palavra que pronunciasse, e fica por grande espaço em tal inacção, que se assimilha á verdadeira estupidez; eu não sei apontar qual seja a razão desta extraordinaria maravilha.

SOLILOQUIO LXIV.

Sempre fixárão poderosamente a minha attenção no perdido tempo de minhas teimosas leituras, as descripções, e as memorias sobre o Egypto, paiz o mais célebre do mundo, e que a cobiça, e rapina Franceza não quiz deixar intacto, ainda que lhe custou tão cára a curiosidade. O author das memorias sobre a America, e Americanos, he tambem author das memorias sobre os Egypcios, e Chins, entre os quaes descobre huma perfeita similhança. O consul Maillet, que depois com a anagrama de Tillamet, escreveo mil destemperos sobre cosmologia, nos annos em que existio no Cairo compôz a sua descripção do Egypto, que tem hum indisputavel merecimento. Wolney tambem nos impurrou depois das ruinas de Palmyra, as suas visões sobre o Egypto, e Syria. Bruck de mistura com as viagens aquella tão esturrada parte de

Africa, que se chama o imperio dos Abexins tambem nos dá grandes informações do alto, e baixo Egypto; e finalmente Savary fez a coisa de maneira, que acabou de resolver os Francezes a tentarem aquella conquista, cuidando, que achavão alli as minas de Calapreta, e as do Serrofrio, mas acharão só pedras humas em cima das outras, o terreno disputado palmo a palmo, e á entrada e sahida as bombardas Inglezas, que lhes fizerão dar ao diabo a cardada! Os Romanos já tinhão começado á bescullhar este encantado paiz; ouro, prata, livros, tudo dalli conduzirão, e não farta a sua magestosa cobiça, creio que não ha hum obelisco, huma pyramide, huma agulha nas praças de Roma, que do Egypto não fosse conduzida. Sempre dei em vão com a cabeça pelas paredes para atinar com o modo com que os Romanos dalli acarretárão a columna de Trajano como quem traz hum pão emprestado debaixo do braço. Os nossos modernos Archimedes com todos os seus conhecimentos em mechanica, com

todas as suas roldanas, e cabrias, não farião dar hum passo a esta desmedida almanjarra, que a mestrança Romana poz a pino á custa de milhões de quatrini. Não deixárão no Egypto bocado de porfido que não trouxessem para a Italia, com muitas saudades das pyramides, que não poderão desalojar do lugar que occupão, e tem geito de occupar ainda por algumas milhares de seculos. As ruinas do Egypto ainda existentes são bem capazes de mortificar o orgulho Europeo, e não ha que se lhe opponha mais que as estatuas de ferro coado, que Fernão Mendes vio em Pekin. Thebas de cem portas no circuito de suas muralhas, Menphis, e suas pyramides, Alexandria, e seu farol fôrão successivamente as capitaes do Egypto, e estas tres épocas trouxérão comsigo huma mudança muito sensivel nas artes desta nação verdadeiramente acabada. Custar-lhe-ha agora a abrir hum poço aquelles mesmos Egypcios, que construirão o lago Moeris com maior ambito, que tem Portugal! Os Thebanos pelos res-

tos immortaes, que ainda se observão, e que nem o tempo á força de amontoar areas, nem os Arabes mutiladores poderão ainda destruir; tivérão huma architectura unica no seu genero. Nobre simplicidáde, cazada com huma fortaleza em que o tempo debalde intenta metter dente. Eis-aqui o que distigue os edificios de Thebas, tudo o que ainda resta he de grandeza colossal, e com effeito considerando bem as enormes máquinas, que ainda se observão a pouco, póde dizer-se, que esta cidade famosa fôra edificada, e habitada por gigantes.

A colonia Ethiopica que veio estabelecer-se no que se chama alto Egypto, luctou por muito tempo contra as formidaveis enxurradas do Nilo, e com huma arte superior áquella com que os Batavos forão ganhando terreno contra os ataques do Oceano, o obrigárão a reconhecer margens, e a correr mais direitinho, e mais manço para o mar. Não obstante esta operação, elles conhecerão a necessidade de edificarem com segurança, e for-

taleza em hum terreno sempre ameaçado pelo inquieto Nilo, que não diz agua vai, que se entona, e incha extemporaneamente. A esta cáusa devemos attribuir os movimentos maravilhosos da Thebaida, e a invenção daquellas máquinas engenhosas, e que tanto confundem a soberba de nossos pigmeos architectos, com que os Egypcios levantavão, e transportávão aquellas maças enormes que até o dia de hoje se conservão de pé. O célebre author das memorias sobre os Egypcios, e Chins, encontra grande analogia entre estes póvos pelas suas obras, e Fernão Mendes diz, que víra pontes de huma pedra só, por cima das quaes passara em linha de batalha hum esquadrão de cavallaria, e tudo o que diz Fernão Mendes he a mesma verdade nua, e crua. Ora he preciso advertir, que as pedreiras de que os Egypcios tirárão o granito precioso, de que construírão seus edificios erão mui proximas aos logares em que edificavão; eis-aqui huma das razões, que facilitou sua magnificencia, e grandeza. Parece-me que deve exis-

tir hum motivo desta soberba pompa, que se admira ainda em os restos dos edificios Egypcios: este povo habitava hum paiz, onde se observão os mais extraordinarios fenomenos da natureza, e são verdadeiramente admiraveis as elevações, ou enchetes do Nilo, a observação destes fenomenos dá huma especie de elevação ás idéas, cousa que eu em mim sinto, e observo á vista de huma furiosa tormenta no mar; esta he a razão, por que tudo quanto fizerão os Egypcios he grande, grave, e emblematico.

Com tudo ainda que tivessem estas gigantescas obras em architectura; a pintura, e escultura entre os Thebanos não chegou áquelle gráo de perfeição, a que se elevárão estas duas artes entre os Gregos, e os Romanos. Nas pinturas Egypcias, que os cavadores antiquarios, (gente que dará a camiza do corpo por hum cabaço affeiçoado que tenha mais mil annos) tem descoberto, não se observa nem vida, nem expressão, as proporções, não são exactas nas figuras humanas, os braços e as mãos são tão

compridos como os d'elrei D. Manoel, os membros mal modelados, grosseiros e redondos. As feições do rosto nunca são bem expressas, toda a fysionomia Egypcia he perfeitamente similhante á Chineza, ha grande analogia entre estas duas nações. Eu vi em casa do duque de Lafões hum busto apanhado em huma escavação no Egypto, que parecia o retrato de hum automato, e este defeito se descobre em todas as estatuas encontradas naquelle paiz. Nas figuras dos animaes que são innumeraveis nos geroglificos todas as extremidades são principiadas, mas não perfeitas, nem acabadas. O que resta da pintura tem muita vivacidade, e hum excellente colorido como os quadros Chinezes, mas não ha graça, nem verdade nas aptitudes, e naquillo a que os Italianos chamão panegiamento, e poucas, ou nenhumas idéas do claro obscuro, ignorão que coisa seja a destribuição das sombras. Os objectos que datão os primeiros tempos da fundação de Thebas, cheirão ao gosto de todos os povos novamente forma-

dos; todos tem o mesmo estilo, e a mesma negligencia.

Em Menphis, outra porção do Egypto, mais se aperfeiçoárão as artes da pintura, e da escultura, porém a architectura (segundo os monumentos existentes) perdeo o gosto puro, e a magestade da architectura Thebana: as grutas sepulchraes, que aínda se encontrão nos arredores desta vasta cidade, e por todas as visinhanças das pyramides, não tem a belleza, nem o apuro das que se encontrão junto ás ruinas de Thebas. Alexandria, terceiro emporio do Egypto, foi fundada por hum conquistador, que era amigo, e apaixonado dos fastos, da magnificencia, e desde sua fundação, até a sua ruina, foi sempre o centro das artes, que chegárão ao mais subido gráo de perfeição. Em suas obras se admirou ordem, coisa que era até alli desconhecida no Egypto. Os Ptólomeos trouxérão da Grecia, sua patria, o puro gosto da elegancia, e ligeireza, o que se começou a observar em as novas construcções de Alexandria, e que ainda hoje se descobrem

entre os miseraveis restos, que existem. Nas obras de escultura, assim como nas de architectura, não appareceo mais aquelle ar sombrio, e triste, que caracterizavão as obras das duas primeiras capitaes; mas este floreado dos edificios Alexandrinos, prejudicou muito á sua solidez, e duração. As pyramides não tem huma beliscadura, e os palacios, os templos, e as estatuas de Alexandria estão feitos em pedaços, e alguma coisa, que os novos hospedes Francezes lá encontrarião ainda em pé, não he para se comparar com os maravilhosos restos da grandeza, e magnificencia Thebana.

As artes de imitação vem sempre depois da sciencia; a maior perfeição dos edificios, e monumentos de Roma veio depois de estabelecidas, e cultivadas as sciencias no seculo de Augusto. Assim no Egypto, primeiro este paiz foi berço das sciencias, que fosse o domicilio e morada das artes. Segundo os monumentos existentes da historia antiga, a introducção, e a perfeição das sciencias no Egypto at-

tribue-se a Hermés, e as mesmas historias fazem menção de tres Hermés não menos. O primeiro foi hum homem adventicio, e estrangeiro, este trouxe para o Egypto as sciencias de outro povo mais illuminado. Todas as nações datão o seu começo de hum estrangeiro que as conquistou, ou doutrinou. He provavel que o segundo Hermés fosse hum Egypcio dotado de genio superior, que aproveitando-se das noções dadas pelo primeiro, acrescentasse com as suas a somma dos conhecimentos scientificos. Com hum similhante genio se costumão levantar, e engrandecer os povos, e chegar ao cumulo da prosperidade. Mas não sei porque fatalidade muito vulgar, depois dos homens grandes, começão de apparecer os grandes charlatães; nós o vimos presentemente em França, depois dos estrondosos sábios, apparecêrão os impostores. O terceiro Hermés foi deste caracter, ou desta abotoadura; ao menos a este charlatão se attribuem todas aquellas instituições, que fizerão do Egypto inteiro hum enigma

inexplicavel... Este, archichanslatão estabeleceo a linguagem gereoglifica, que cobrio as paredes, e as columnatas dos templos de emblemas misteriosos conhecidos, e entendidos pelos sacerdotes, e inintelligiveis ao povo grosso, e miudo. Os symbolos da sabedoria, se tornárão tambem em symbolos da superstição. A multidão das figuras, ou garatujas enigmaticas, produzião a multidão dos Numes, e vio-se o Egypto prostrado diante de todos os animaes, e até nos quintaes, e nas hortas lhe nascião divindades, hum alho, e huma cebola, diz Juvenal, testemunha de vista, erão para os Egypcios santos de muita devoção, e ião fazer romarias a huma abobora menina, e a huma beringella. Este mesmo legislador, instituio os misterios, e aquellas representações de impostura, que os sacerdotes Egypcios fazião em segrédo no fundo escuro de vastos subterraneos inaccessiveis aos profanos, imagens vivas da canalha dos pedreiros livres. No meio destas sombras, e deste silencio se revelavão aos iniciados todos

os gereoglificos, e os dogmas mais occultos da religião, da fysica natural, da legislação, da astronomia, e a tudo isto se ajuntava o contrapeso das fabulas antigas. O Neophito instruido com todo este misterioso apparato, era considerado como hum homem superior aos outros, e os sacerdotes dando-lhe huma palmada na anca, quando o despedião, lhe dizião « Desde este instante tu ficas conhecido das potencias celestiaes, descobrirão-se-te as leis do universo, teus pés pizão o tartaro, os astros responderão á tua voz, e as estações submissas a teu imperio tornárão, e se succederão com hum passaporte teu, os elementos todos ficão desde hoje ás tuas ordens como teus creados. »

Notavel Egypto! Deste procedimento ainda se conserva huma sombra na China, os sábios tem huma linguagem privativa, e peculiar, que he incognita ao povo. Tudo alli são cortesias, ceremonias, symbolos, e garatujas nas suas escripturas. Os Egypcios quizerão até eternizar os seus defuntos. Tem-se visto mumias

conservadas ha quatro mil annos, e os cadaveres tem durado tanto como as pyramides.

SOLILOQUIO LXV.

Depois das cinco pedradas, que Antonio Vieira apresentou na cabeça do gigante mundo, que assim chamou elle a infeliz Roma, começárão os Romanos a ter alguma consideração por este homem, que sem dúvida tinha imaginação fertil, engenho agudo, e não pouca labia. Os créditos, e authoridade da companhia o introduzírão até na sociedade de Christina, rainha de Suecia, mulher dada ás letras, apreciadora dos sábios, e mui dotada da virtude da paciencia em os ouvir, e aturar, coisa sobre maneira ardua. Seu palacio era huma academia, a boa rainha entre questões literarias abafava a saudade do abdicado sceptro, abdicação, que nunca deixou de pro-

duzir arrependimento, esta mesma extraordinaria mulher, que em Stockholmo ouvia todas as madrugadas a Descartes, não se dedignava de escutar em Roma todas as noites os padres da companhia, e os virtuosos de musica: entre as questões agitadas, e que davão lugar a bons, e máos discursos, se levantou huma lebre de grande acatadura, e o que pareceo objecto só capaz de fazer luxuriar os engenhos, era huma das mais serias questões de moral: convem a saber, se os homens, e suas acções merecião riso, ou merecião lagrimas? Isto he qual dos dois mestraços Gregos tinha mais razão Heraclito em chorar, ou Democrito em rir? Destinárão dois campiões para entrar em campo, armados de todas as subtis armas do engenho, e recahio a escolha sobre os jesuitas Jeronymo Cataneo, e Antonio Vieira: o Portuguez fanfarrão deo a escolher a seu competidor a parte que lhe fizesse mais conta, o Italiano escolheo bem, e o Portuguez houve de sustentar huma sem razão, ou hum paradoxo; he com effeito engenhoso

seu discurso, e o homem era capaz de sustentar o prò, e contra. Os nossos discretos sempre applaudirão muito as razões de Vieira, e com effeito ha alli agudezas dignas das antigas grades de freiras, ainda que fossem de Odivelas, presedidas pela incomparavel Felicianade Milão, ou a da Rosa, animada por Violante do Ceo (doces tempos, e dias aprazivéis para Portugal, a que succedêrão os dias vandalicos de Buonaparte, e seus confrades!) Mas tornando ao brinco de engenho, eu digo, que se tratou hum grande problema em moral, e que asneára bastante o jesuita Portuguez.

Quando os Gregos começárão a tratar da mais util, e verdadeira filosofia, que he a moral de que honve depois tantas escólas na mesma Grecia, que produzírão homens tão grandes como Socrates, Epicuro Antisthenes, Diogenes, Cratés, e em Roma o mais sublime dos filosofos antigos, e modernos Seneca; apparecêrão dois filosofos de barbas, hum nasceo em Epheso, e se chamava Heracli-

to; outro nasceo em Abdera, cidade da Thracia, e se chamava Democrito, cujos livros se existissem, veriamos quam pouco se tem adiantado os mais afamados modernos sabichões. Estes dois pregoeiros da sabedoria, empenhavão-se em emendar os homens, e em os fazer melhores (tempo perdido, tenho visto que são incorrigiveis, quando se lhe querem sarar os podres com remedios humanos, e cá de telhas abaixo!) Ambos os filosofos se persuadirão, e com bem razão, que para este fim os discursos são menos efficazes que os exemplos, e que as acções: o primeiro, que era Heraclito achava os homens tão fracos, e tão miseraveis, e elle era de coração tão mavioso, e assucarado, tão terno, e adamado, que quando considerava a sorte, e condição dos homens, chorava como huma criança. Eis-aqui a quem achou razão Antonio Vieira, e a quem pertendeo defender. O outro considerando todas as acções dos homens, seus negocios, seus projectos, e acontecimentos como outras tantas loucuras não acabava de dar garga-

lhadas: (que faria se elle com o genio de advinhador, que tinha visse agora em Lisboa os apaixonados de Buonaparte!) Ora eis-aqui duas estradas, ou dois meios bem oppostos para chegar ao mesmo fim. Qual delles era o preferivel? He melhor rir, ou he melhor chorar sobre os destemperos humanos? Eu sempre direi a quem mo quizer escutar, que he muito melhor rir, e rir deveras. Quem bem pezar as parvoices humanas, quem bem ponderar a grande dóse de demencia, que nos coube por carta de partilhas de nosso primeiro pai; conhecerá que o homem nunca poderá ser tão bem desprezado por sua indita vaidade como merece. O riso, e o motejo são os mais vivos signaes de desprezo, que podemos dar. As lagrimas, e a comiseração suppõe algum preço, e valia na coisa que se chora, e de que nos compadecemos: pelo contrario as coisas de que fazemos escarneo, e de que nos rimos são para nós de bem fraco preço, ou as julgamos bem fraca fazenda. He preciso como Democrito considerar os homens

por este lado, porque na verdade em todas as acções humanas, ha mais vaidade, que reaes desventuras, e erradamente chamamos infelicidade, ao que he ou malicia, ou tolice. Somos mais tolos que máos, e menos miseraveis, que vis. Isto na verdade parece duro, ainda que na opinião da minha melancolia, sempre direi considerando agora as parvoices que os Francezes commettem entre nós que cada Portuguez deve ser como o Jupiter de Juvenal, que considerando os homens, *ridet, et odit*. Ora pois, ainda que eu seja mais inclinado ao partido de Democrito, e que o defenderia em campo fechado, ou aberto, sempre direi, que nem Democrito, nem Heraclito tinhão razão, porque se o homem he desprezivel por sua vaidade, se elle he louco por natureza, se aos maiores engenhos (quando se trata de coisas humanas) sempre está misturada huma grande porção de loucura, o homem não merece lagrimas, nem merece riso, porque elle he o que he. Pelo contrario se o seu fundo, ou capital he bom, e se elle abusa muitas

vezes de sua razão, e de suas luzes, he preciso, e razoavel, que nos condoamos de seus erros, e miserias sem desatar nos berreiros, ou choros de Heraclito, porque he preciso sentir o bem que elle perde por huma conducta, que elle poderia reformar. Tal era o termo que devia seguir hum terceiro campião, que se juntasse aos dois combatentes jesuitas. Quando ponderei a futilidade das razões de ambos, lembrou-me dizer:

Formica, et Musca contendebat acriter.

Com effeito apesar da antithese destes dois filosofos riso e pranto, ambos elles fôrão estimaveis sugeitos, e no meu conceito o mais sábio de todos os Gregos foi Democrito, n'outro lugar apparecerá esta grande verdade. Hum, e outro filosofo, quizerão fazer conhecer aos homens seus erros, e defeitos, e ambos elles annunciárão grandes maximas em moral: a mais notavel de Heraclito foi dizer, que a maior virtude do homem he o proprio

vencimento, e que a suprema sabedoria consiste em ser verdadeiro em suas acções, e em seus discursos. Democrito com a sua cara de riso, proferio oraculos em moral, que deixão de queixo cahido os mais authorizados epitéctos, que se lhe seguirão. Disse que a sabedoria, que vem a dar no mesmo que a tranquillidade da alma, era coisa de si tão preciosa, e estimavel, que quem a chega verdadeiramente a possuir, nada teme, de nada se admira, e goza de tudo, porque quando o homem social sabe compôr seus costumes, regular e ordenar bem suas acções, moderar e reprimir seus desejos, póde sem dúvida contar com aquella felicidade, que he compativel com esta mesquinha mortal existencia. Este grande principio encerra em si tudo quanto o mestre Socrates depois ensinou, e que lemos escriptos com tanta pompa em os dialogos de Platão. Mas que se tira de querer ensinar, emendar, e aperfeiçoar os homens? Tirão-se boas esmolas, as que tirou Democrito, que o declarárão doido, e digno

de tres Anticyras, e dérão com elle amarrado em casa de Hyppocrates para o acabar de matar. E que succedeo a Socrates? Por querer tirar a máscara, e descobrir a impostura aos sophistas, canalha inextinguivel, que debaixo das flores da vã eloquencia corrompião a alma, e coração dos mancebos, pagou com a vida os serviços que intentou fazer á juventude, e á humanidade inteira. Metão-se lá a reformadores do genero humano! Não ha mais remedio que deixar os homens, nem escarnece-los, nem chora-los, lá se avenhão.

SOLILOQUIO LXVI.

Ainda que eu me haja muitas vezes encolerizado contra as sciencias, ainda que atribua a estas sciencias grande parte dos males que a humanidade tem soffrido e soffre, porque os homens abusão até do que póde ser mais util, mais respeitavel, e mais sagrado, e convertem em seu damno o que lhe podia causar assignalado proveito, ainda que eu veja, que as sciencias tem servido a alguns do mesmo, que o vinho serve a muitos, que podendo contribuir para a nutrição os embebeda, e lhes faz perder o pouco bestunto que tem, com tudo não deixo de lhes conhecer grandes vantagens. Podemos tambem tirar das sciencias proveito como das viboras, e do realgar se tirão alguns medicamentos. As sciencias humanas, de que sempre fallo,

são huma especie de divertimento para os engenhos, que com ellas se sabem divertir. Considera-las debaixo de outro aspecto, he querer perder a tranquillidade do animo, que he o maior bem da vida humana. Ora considerando-as como divertimento, feliz daquelle que se vir iscado do desejo, gosto, ou manía de as possuir. Muito juizo tenho achado aos homens authores, que dérão a seus trabalhos literarios, e lidas a tarefas scientificas o nome de « Recreações! » Já vi livros, que se dizião « As minhas recreações dramaticas, as minhas recreações filologicas, a minha recreação filosofica » e causou-me espanto vêr que o judeo Ozanam deo ao maior quebra cabeça dos mortaes que são as profundas sciencias exactas, o titulo de « minhas recreações mathematicas. » Quando se tomão por divertimento, e recreação não ha outro melhor, porque de todos he o mais facil, e o de menos despeza; sempre dei por mais bem empregado hum cruzado novo em hum livro, que em hum bilhete de opera: a leitura do livro

por máo que fosse me occupava mais tempo da noite que a desenxabida burleta de S. Carlos. Este divertimento scientifico (que he divertimento para quem he) assim como envolve menos despeza, he o que acarréta após si menos pezares, e o que faz correr mais docemente os dias de nossa vida, dias pesados, e longos para todos aquelles, que não contão a occupação do espirito em o numero dos prazeres. Os prazeres não se pódem gozar sem companhia, e não he hum prado rizonho, viçoso, e ameno, se não tivermos junto a nós a quem digamos « que agradavel campina, ou que bella relva para huma merenda » como disse hum monge daquelles a quem tão injusta, como falsamente se attribuem tantas parvoices. O estudo se acha na solidão mais absoluta. Seneca entre os rochedos da malvada Corcega, achava paz, e companhia deliciosa no estudo, e contemplação da natureza. O estupido, e imbecil Claudio me póde privar das delicias, e do espectaculo de Roma, mas não me póde privar, dizia elle,

do pomposo, e insigne espectaculo da noite, quando limpa de nuvens me appresenta á vista o vasto espaço semeado de milhões de sóes. O grande Bolyngbrocke para divertir os pezares, que lhe devia causar sua justa exclusão do ministerio, tomou por divertimento, diz elle a Pope, seu amigo (o que póde o amor do divertimento literario, que até faz que hum secretario de estado em desgraça tenha amigos!) que tomára por divertimento, desenvolver as mais intrincadas questões metafysicas! Immortalizou-se por seus escriptos, aquelle que sem este divertimento ficaria com hum nome obscuro, no catalogo ainda mais obscuro, dos ministros desgraçados. Ainda se pódem tirar outras vantagens do estudo como divertimento, se o homem dado a elle conforme a posição de seu estado adquirir verdadeiros conhecimentos para descernir o bem, para conhecer o util, procurando não ficar ignorante sobre o mais necessario, que he a moral, depois do seu divertido trabalho em revolver, e estudar os livros. Porque não fal-

larei eu de mim, fallando comigo? Ha certa modestia hyppocrita, que he huma rematada loucura! O estudo da sabedoria, e o conhecimento da verdade, e mais util filosofia, que he a moral, me constitue livre, quando me mostra os meus verdadeiros deveres, faz que eu viva a meu commodo, ensinando-me á dar o verdadeiro preço ás riquezas, ella me levanta acima do alcance da fortuna, descobrindo-me a frivolidade das honras mundanas; as segura a tranquillidade de meus dias, inspirando-me o amor do retiro; ella occupa em minha alma o lugar dos prazeres vasios de felicidade; suffoca em meu coração o desejo das quimeras da vaidade, que se não pódem tocar sem que se lhe dissipe o prestigio. Mas qual he hoje em dia o folgo vivo em quem o divertimento das sciencias produza estes effeitos? A maldita revolução Franceza, e todos os seus derivados, desordenárão, deslocárão tudo, e derão com tudo de pernas ao ar. Huma geral, e universal ignorancia, será por muito tempo o resultado deste in-

fernal abalo, que o furor de hum punhado de mentecaptos deo ao mundo inteiro. A geração actual vai continuando a existir desprovida já dos primeiros conhecimentos, e he incapaz de estudar outra coisa, que não seja o armazem da mentira, e estupidez, que se chama a gazetta, e os mancebos, que os pais algum dia conservávão nas aulas, se alguma vez se esquecem da mania militar, he para se darem ao importante estudo da vistosa walsa em huma sala de coices. Estancárão-se as fontes do saber, e a razão que se costumava desenvolver pelo estudo da boa filosofia ficará sempre na infancia, ignorando os meios de remover os erros, e de conhecer a verdade, tornará o imperio do vandalismo, e a ferocidade barbara será a partilha dos que chegarem daqui a vinte annos, se alguma causa poderosa não aquietar o abalo, e convulsão em que anda o mundo por amor de Buonaparte.

Todas estas desgraças nascêrão do abuso das sciencias, porque se não considerárão como hum divertimen-

to, ou occupação pacifica, e o amor das innovações em moral levado até o excesso de atheismo, arruinárão a desgraçada França, e o imperio da barbaridade existente, nasce da nimia soberba scientifica. Tomára que os Francezes me dissessem onde estão, onde párão agora aquelles filosofos impostores, illustres reformadores do mundo, os grandes defensores da humanidade ultrajada? He esta a felicidade, que elles prometterão, e he esta a perfeição a que elles dizião, querião conduzir os homens? Insensatos, e complices dos tyrannos, se abastárão com elles do sangue, e das lagrimas de tantos miseraveis, arrastrando-se a traz de Buonaparte, e dos algozes, que o rodêão lambem até o pó em que este malvado deixa estampadas as plantas de seus pés, maldita seja a sua infernal doutrina, e toda a sua sciencia. Os conventiculos filosoficos servírão unicamente de utilidade ao crime, a virtude encontrou nelles seu verdadeiro algoz. Sim Ente Supremo, se o meu espirito podéra ser tão fraco, ou tão perverso,

que formasse dúvida sobre tua existencia, todas estas dúvidas se dissiparião como o fumo, depois que vi, que estes malvados filosofos a combatem. E nós os Portuguezes minados destes ladrões, discipulos estimados de taes mestres, vemos a nossa Patria oppressa do peso dos mais crueis infortunios, porém no meio destes males a minha alma se levanta com a idéa de divindade, reanima-se meu animo, a luta que sustento com tantos scelerados, não he para mim trabalhosa, porque a soffro na presença de hum Deos, que he vingador.

SOLILOQUIO LXVII.

O homem isolado, e solitario, que rompeo todos os laços, que o união ao mundo, e que fugindo delle se põe em certa distancia para o contemplar, e vêr livre do reboliço, e motim que o aturdia, e lhe fazia dar volta no miolo, está em estado de manifestar em liberdade todos os seus sentimentos, e idéas, sem aquelle constrangimento que he inseparavel das sociedades do mesmo mundo; nelle não se póde dizer a verdade nua, e crua, e manifestar segredos, que põe a calva á mostra aos homens refalsados, contrafeitos, lisongeiros, e mentirosos, he hum attentado horrivel. Mas eu só, eu fallando comigo mesmo muito á minha vontade, e satisfação, por que não direi eu a verdade? Sempre me embalárão, que a sciencia de viver no mundo, era hu-

ma sciencia indespensavel a todo o homem de educação, e que sem esta sciencia, que tem principios, axiomas, corolarios, não se podia viver com os outros homens. Aos doutores nesta faculdade, chamão homens do mundo. E que coisa será o homem do mundo? O homem do mundo, nem por isso foi sempre o melhor homem do mundo. E depois que se occupárão tanto os filosofos em reformar os costumes, e melhorar os homens, este caracter, que ao principio era só artificioso, se tornou verdadeiramente detestavel, e para confusão eterna dos fanfarrões filosofos, e reformadores, se está vendo, que o mundo quanto mais envelhece, tanto mais peiora, e se corrompe. Nos tempos de minha avó, o homem do mundo, que sabia viver, e queria conviver com os outros, não era obrigado mais que a lisongear, e podia fazer tudo isto com huma certa discrição, que lhe não era decorosa. Bastava que soubesse persuadir as mulheres, que erão bellas, e moças, coisa na verdade bem facil de persuadir ainda aos mais ve-

lhos dragões, e tediosas, e repugnantes tartarugas, para isso não era preciso ter a eloquencia de Lucio Crasso, e de Marco Tullio, bastava que soubesse dizer bem do novo candidato, que alguma admitta, e que não dissesse nem bem, nem mal daquelle a quem tivesse dado a sua demissão, podia estar seguro com estas qualidades, de que era hum heróe para com as mulheres, quero dizer, hum daquelles heróes que nada significão, e que servem para passar o tempo.

Mas para viver com os homens, houve mister sempre alguma coisa mais difficultosa; porém sabia-se o homem bem, tendo huma pequena dóse de arte, e de experiencia do mundo. Se era convidado para algum jantar, bastava que louvasse o cosinheiro e se se bebia huma zurrapa, dizer cheio de satisfação, ainda que fizesse estranhas caretas, quando acabasse de beber, que era melhor, que Madeira secca, ou Carcavellos legitimo. E se o dono da casa mettido a engraçado, dizia alguma parvoice

mais fria que huma noite da Laponia, bastava que soubesse applaudir, tapando a bocca com o lenço para mostrar, que estoirava de riso. Estes grandes caractéres são copiados literalmente de Theofrasto, que vivia trezentos annos antes da era vulgar. Vejão a que folhas isto vai, e que dourados tempos erão estes! Com tudo isto não se póde duvidar que os homens fossem sempre os mesmos, e em todas as partes do mundo, onde quer que tenhão chegado a hum certo gráo de cultura, e he hum erro considerar os homens como ligeiros, e inconstantes: mudão assim he, de penteados, de chapéos, de pantalonas, e de casacas, mas são constantemente os mesmos impostores, aduladores, e velhacos que sempre forão.

Com tudo depois de estabelecida, e arreigada a nova filosofia, e que a imperiosa, e pestifera França com suas modas, tem embutido aos homens seus pervertidos sentimentos, he preciso que o homem do mundo, e que tem a desgraça de querer vi-

ver com os outros, e frequentar as companhias, cujo officio he jogar, e fallar em Buonaparte, carregue muito a dóse da complacencia, da lisonja, da mentira, e até do desaforo, e se prepare para fazer maiores, e mais custosos sacrificios á decencia, e á moral. Se se falla de mulheres, se são moças, e bellas, já se sabe qual he o terceiro epitheto que se lhe deve ajuntar. Se algum não muito corrompido, se lembra de dizer na sociedade, que Luzia he cortez, e brilhante nas suas maneiras, mas que nem por isso deixa de ser virtuosa, e morigerada, e que Antonia he viutada, mas que nem por isso deixa de ser fiel ao marido, este homem he escarnecido, insultado, e mostrado com o dedo como hum imbecil; e se se obstina em defendr a honra, e reputação das mulheres contra alguma brigada de ociosos entulhadores de botequins do Rocio, ridiculos parlamentos, onde se decide da sorte da Europa, este homem, que ainda mostra conservar alguns restos de boa educação, que seus pais lhe dérão antes

da entrada das novellas Francezas neste reino, ouve logo citar hum longo rol de anecdotas em contrario, que tem sido religiosamente recolhidas, e classificadas pelos mais solemnes arbitros das conversações, e mais dignos da fé, que existem nas sociedades do aladroado voltarete, e incapazes, como he constante de produzirem huma proposição, que não traga em si impresso o respeitavel sinete da verdade. Por pouco que se escandeção na disputa, corre risco o pobre homem de ser desafiado para sustentar a deshonra, e descredito, como se desafiavão nos abençoados tempos da antiga cavallaria para sustentar a honra, e o crédito das mulheres.

Se se falla da religião entre meninos enlabusados com dois dedos de Helvecio, e Wolney, ou passeadores dois annos pelas margens do Mondego he preciso dizer que he huma impostura, e applaudir por força os apostolos do atheismo; sua eloquencia he tão varonil, e tão vigorosa, e seus costumes são aliás tão puros, tão exemplares, e tão acreditados;

seu coração, e suas mãos são tão puras, e illibadas, que he preciso mostrar-se logo persuadido, e convencido, e ceder muito de pressa á grande força de suas razões. O homem do mundo, que quer viver bem com todos, não deve contradizer seus oraculos, e se se atreve a faze-lo, ou esgueirar-se da contestação, segundo os dictames da antiga prudencia, he considerado como hum homem de espirito debil, sem energia, e sem luzes, digno de viver entre velhos zoticos, e entre mulheres da antiga tarifa. A companhia escolhida do presente seculo, faz-se para espiritos fortes, e superiores, que chegárão á força de leitura de bons romances Francezes, e de profundo estudo das contradicções de Jaques, a livrar-se de toda a inquietação, e a roubar indestinctamente sem temor e sem remorsos, e só lhes resta chegarem a realizar hum projecto perfeitamente analogo ao roubo, que vem a ser, promover hum pouco de anarchia, para se livrarem de certos pequenos inconvenientes, que ainda restão, como

por exemplo, as galés, e mais a forca.

Se nestas escolhidas companhias do seculo se falla dos governos, porque chegamos a tempos de se vêr tres illuminados publicistas, e economitas politicos em tres homens, que se ajuntem a conversar (já se sabe, que qualidade, ou que especie de governo se applauda, se promova, se preconize, que he o dos salteadores, que á quasi nove mezes nos vão deixando sem camisa no corpo.) Em summa, quem quer fazer profissão de ser complacente, e de viver bem na sociedade, he preciso que faça a corte aos vicios mais communs, e dominantes, e que vá seguindo seus progressos até onde elles possão chegar. Huma pouca de liberdade em pensar, e depois em fallar, e depois huma pouca de liberdade em obrar, são coisas, que no dia de hoje vão ajojadas sempre, e para ser verdadeiro homem do mundo he preciso ser hum solemne velhaco, e se isto ainda he pouco, he preciso ser hum legitimo Francez. A differença, a imi-

tação das maneiras Francezas, que he o mesmo, que a depravação geral são coisas que se buscão em o homem illuminado, e capaz de admirar o grande Napoleão. Que symptomas de decadencia, e de ruina, tinha eu observado em Portugal ha huns annos a esta parte, quando devisava este tom em que os Portuguezes se comprazião tanto de permanecer! A que ponto chegárão estes illuminados, que se julgavão só dignos de figurar no mundo, de serem alma, e a vida das sociedades! Que atrazamento na moral, no estudo sério do homem, no conhecimento dos verdadeiros interesses da vida civil, e das obrigações reciprocas, que devião ligar os homens! Sem ser muito Gonçalo Annes Bandarra, eu pronostiquei o estado de aviltamento e de escravidão em que existimos, os males que pesão sobre nós, e as desventuras de que estamos sendo testemunhas! Eis-aqui o que me obriga a fallar só, a enterter-me de objectos indifferentes, e a passar em revista a pequenhez, a incerteza, e inutilidade das sciencias

humanas, as manías dos homens, as diversas ramificações do napolianismo, e a miseria destas chamadas luzes, que o infernal Jaques intentou espalhar.

FIM DO TOMO TERCEIRO.

MOTIM LITERARIO

EM

FORMA DE SOLILOQUIOS

POR

José Agostinho de Macedo.

3.ª EDIÇÃO EMENDADA, E ACCRESCENTADA COM A BIOGRAPHIA DO AUTHOR, HUM CATALOGO DAS SUAS OBRAS, E O JUIZO CRITICO D'ELLAS,

POR

Antonio Maria do Couto.

PROFESSOR DE GREGO, &C.

TOMO IV.

LISBOA,
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA,
AOS MARTYRES, N.º 13.

1841.

Vende-se em casa de Borel, Borel, & C.ª aos Martyres n.º 14.

MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS.

SOLILOQUIO LXVII.

Quando o mundo inteiro estava quieto, e os homens se entertinhão em coisas uteis, e necessarias para a vida, e os literatos quebravão apenas a cabeça com questões grammaticaes, e os poetas se exercitavão em se descompôr huns aos outros, ou em louvarem as suas respectivas divindades com huma coisa muito enfadonha,

chamada soneto, hum diabolico tropel de methafysico-politicos se lembrou de perturbar a doce paz de que gosava o genero humano, levantando questões que vierão volcanizar todas as cabeças. Este rico presente de perturbação deve-se em grande parte a Jaques, e a seus confrades encyclopedistas; e começárão como primeiro toque a rebate geral, por agitar a célebre questão, se era melhor deixar o povo em sua natural ignorancia, ou instrui-lo, e illumina-lo! Os do partido da ignorancia, não só dissérão que era preciso guardar-se bem de o ensinar, mas até gritárão, que convinha illudi-lo, e tapar-lhe de tal maneira os olhos, que ficasse reduzido quanto fosse possivel á condição dos brutos (tambem entre os Portuguezes houve mancebos deste voto, porque o contagio encyclopedista tambem para cá penetrou). Os do partido das luzes, exagerando o sentido contrario dissérão, e affirmárão, que era preciso illustrar o povo, e cultiva-lo, principalmente em materias politicas, e despoja-lo de seus amados,

e vulgares costumes, e habitos com que tranquillamente vivia, e engordava, e fazer do mesmo povo huma universidade de filosofos, sem erros, e sem preoccupações. Jaques, o methafysico Jaques não era por certo do partido dos primeiros ainda que em o discurso sobre a desigualdade dirigido aos Republicanos de Genebra queira provar com a costumada enfiada de paralogismos, que serião muito dignos de louvor os homens, se procurassem fazer-se bestas, isto he, bestas livres para irem viver, e passear livremente pelos campos com os outros animaes, e não para viver na sociedade.

Os que querião, que se deixasse viver o povo como sempre viveo, dizem que he impossivel instrui-lo bem, e que nada ha peior, que instrui-lo mal. Pelo contrario dizem os outros vigarios geraes, e reformadores do genero humano, que certos principios, e rudimentos são ao alcance de todo o mundo, e que he coisa boa abrir os olhos aos que os tem fechados para lhe fazer conhecer a

verdade. Mas, dizia hum filosofo da antiga tarifa, que se tivesse todas as verdades ainda as mais importantes fechadas nas mãos, se guardaria bem de as abrir. Eu faria o mesmo sem ser demasiadamente filosofo. Estou persuadido que os maiores legisladores, começando desde Romulo até Mafoma, Montesquieu, e companhia se acharião em grande embaraço, se se vissem necessitados a instruir, systemar, e organizar povos filosofos sem erros, e sem preoccupações. Se isto conseguissem, talvez não conseguirião tão facilmente fazê-los ir á guerra, e á morte, e inflammar seu coração no amor da patria, que he tão efficaz, ou ao menos no amor da gloria, que he hum supplemento ao amor da patria; tambem não percebo como os sugeitarião de bom grado com todo o coração, e toda a alma ao imperio daquella religião que lhes pregárão, sem a qual ainda entre nações barbaras, e idolatras, as mais bellas instituições, são máquinas frageis, que de nada aproveitão.

Parece-me, que se póde fazer hu-

ma distinção na questão proposta, que eu não quero agora nem discutir, nem decidir. Póde-se distinguir aquelle genero de cultura, que se encaminha á educação moral do povo, instruindo-o em seus essenciaes deveres, ou obrigações, affeiçoando-o á sua familia, e á sua patria. Esta especie de cultura, deve sem dúvida propagar-se, e refinar-se, e eu a julgo essencial, e indispensavel em toda a sua extenção. Ha outra especie de cultura relativa ás sciencias, e letras, e aos objectos que dellas dependem, e que se encaminha a curar o povo dessas preoccupações, e erros ordinarios, que são de sua natureza não prejudiciaes, e nocivos, e a desgosta-lo daquelles seus antigos habitos grosseiros, a pulí-lo, civiliza-lo, e vesti-lo á moda, e com bom gosto. Esta especie de cultura, longe de a julgar essencial para a prosperidade do povo, e ventura das nações a julgo opposta, e contraria a esta mesma ventura, pois faz perder o equilibrio civil, e a tranquillidade pública. Persuado-me, que ra-

duzindo-se a questão a estes limites, ou termos discretos sem dar em excessos, e extremos, haveria boas razões que allegar de huma, e de outra parte.

Entre todos os póvos da terra, eu observo hum que sempre me merecêo huma particular attenção. Este povo se persuadio, que huma loba déra de mamar a seu primeiro rei, e que suas mais antigas leis forão dictadas a outro de seus monarcas por hum espirito em fórma de nynfa. Desde este tempo o mesmo povo pagou grossos salarios, ou ordenados a hum grande número de sacerdotes, cujo emprego era o mesmo dos nossos magarafes do campo do curral, matar bois, carneiros, bodes, e porcos, examinar-lhes o deventre, especialmente os figados, para conhecer escripta, e escarrada nas mesmas ventrexas a vontade dos Deoses, e o bom ou máo agouro para emprehender qualquer grande façanha, de que pendesse a liberdade da patria, e engrandecimento da nação. Este mesmo povo, por mão de seus augures,

e flamines, quando emprehendia huma guerra tão justa como as que faz agora Buonaparte, deixava avoar hum bando de patos, e gallinhas, (perus ainda não, porque ainda os padres da companhia nos não tinhão trazido este delicado presente das suas Indias de Hespanha,) e se este bando voava para a esquerda, ou para a direita, era hum signal infallivel que a expedição iria bem, ou mal. Se o seu paiz era atacado da peste, ou de outro algum flagello Francez peior que a pestilencia mais teimosa, persuadia-se este povo, que o remedio tópico para se livrar deste cruel açoite, era furar com hum prego de bronze as fontes da cabeça a alguma personagem de grande representação. (Este remedio applicado bem a Buonaparte, por certo livraria o genero humano de todos os males que actualmente padece.)

Ora se alguem me escutasse este longo aranzel diria, e clamaria que me calasse, que não era preciso saber mais para se conhecer, que este povo era hum povo de caturras,

e de loucos, e se não erão loucos por certo era de escravos, o que era preciso até por caridade mandar hum officio ao instituto nacional da França, e pedir-lhe, que dentre os seus novelleiros, versejadores, e publicistas, escolhesse missionarios zelosos, propagadores das luzes para instruir este povo, e para o regenerar, abrindo canaes, resuscitando Camões, e dar-lhe huma constituição fixa, que lhe promettesse hum futuro brilhante, e interessante no systema continental com outras frases mais, com que se tem illustrado o mundo, e obrigado as nações a occuparem o lugar que lhes he devido. Basta, lhe tornaria eu, este povo de que fallo, he o mais sábio, o mais virtuoso, o mais livre, e o mais respeitavel que tem existido no mundo; he hum povo, que produzio os Camillos, os Fabios, Scipiões, e Marcellos, os Catões, e os Brutos; hum povo finalmente que conta em o número dos cidadãos Marco Tullio, Lucio Anco Seneca, e Cornelio Tacito; mas senhor da missão do instituto, inclu-

ne-me bem essa cabeça, que eu fallo do povo Romano. Leia suas historias, deite os olhos para as decadas de Tito Livio, e para os commentarios de Cesar, e verá que este povo, era tão livre, tão cheio de virtude, e de patriotismos, quanto era preocoupado, e supresticioso; mas seus erros, e suas religiosas ceremonias, como atiladamente observa Montesquieu em nada alteravão a pureza da sua moral, e a severidade de seus principios, e se combinava muito bem, que hum povo ignorante era o melhor povo do mundo. Tanto he verdade (tomára que soasse por toda a terra este epifonema!) que a boa moral faz tudo, que as ôcas declamações dos illuminados nada fazem, se eu faço alguma reflexão sobre as grandes emprezas deste povo, sobre seus gloriosos feitos de armas, que tanto o distinguem sobre os outros povos, fico intimamente persuadido, que este seu lustre inaccessivel, he devido sem dúvida á sua virtude, e tambem he devido em muito grande parte ás suas preoc-

cupações, e a seus erros. O derramamento de luzes assim chamadas entre o povo Francez, verdadeira praga de nossos dias, lhes fez tomar o freio nos dentes, e sacudir todo o jugo das leis, e renunciar a todos os principios da moral. As luzes funestas que recebeo, forão humas tochas funebres que lhe marcárão o caminho para a sepultura; cada cabelleireiro Francez se reputou hum filosofo; todos os barbeiros, e amuladores de París se reputão outros tantos Platões republicanizadores, e hum povo em que todos são filosofos, todos são doidos. Estas filosofias, estes systematicos tratadistas de direito natural, desconcertárão a harmonia social, a decadencia, a ruina da nação inteira, foi em proporção da sua illustração. Em Portugal depois que os pitimetres se avezárão aos oraculos Francezes, tudo foi de cabeça abaixo, quando nossos pais se arripiavão com medo de bruxas, quando a filosofia reduzida a tenebrosa dialetica morava apenas pelos cantos das gritadoras aulas, havia moral, honra,

patriotismo, respeito ás leis, heroismo, victorias, conquistas, e muito dinheiro na algibeira, e nossas singelas, e virtuosas avós, com seu manto de gorgorão, e saia de picote, apresentavão-se nas Igrejas carregadas de ouro, diamantes, e safiras orientaes, com cada olho nas filhas, que as não deixavão por pé em ramo verde, rezando por tamanhas contas de ouro, que encherião de devoção as mãos de hum Francez, para ir ganhar com ellas as indulgencias de Napoleão. E os nossos mancebos sem Mablys, Condillacs, e Maurys hião para os baluartes de Díu, pôr sal na moleira ao fanfarrão de Cojesofar, e a seu successor Rumeção, não conhecendo, dizião elles, Framengos á meia noite, nem consentindo aqui hum Francez, ainda que amolasse facas, e thesouras. Affonso de Albuquerque espantava, e aterrava o Oriente desde o Nilo, até ao Japão, e rezava na ermida da Senhora do Outeiro de Malaca. Ora vão lá explicar ao povo o contrato social de Jaques, ve-lo-hão lisongeando Junot, sem quebrar de

huma vez a cabeça a quantos franchinotes, e salteadores o acompanhão. A conservação, e a gloria de hum povo deve-se ás suas virtudes, e não ás suas luzes.

SOLILOQUIO LXVIII.

Ha falsas opiniões, e erros successivos, que se transmittem de geração em geração, e á força de se repetirem, e acreditarem vão adquirir o caracter de verdades demonstradas. Ora eu mais cheio de proverbios que Sancho, sempre gostei muito daquelle que me diz, que nem tudo o que luz he ouro, e todas as vezes que vejo luzir, applico bem a attenção para vêr se com effeito he ouro. Porque muitos seculos, e muitos homens dizem hum coisa que he de pura authoridade humana, nem por isso eu devo acreditar esta coisa sem hum maduro, e bem circums-

tanciado exame. Toda a minha vida me embalárão com as virtudes dos Sparciatas. Lia por esses paxorrentos collectores, e compiladores de apophthemas, grandes ditos, e grandes feitos dos taes Sparciatas, estava disto mais alguma coisa esquecido, quando o inferno vomitou a revolução Franceza, e tornárão-me a quebrar a cabeça com estes Sparciatas, de quem os féros Republicanos *sans culotes*, se dizião netos, e imitadores. Quem são estes Sparciatas, dizia eu comigo? Eu hei de hir basculhar as têas de aranha, que cobrem as ruinas de Lacedemonia para me formar huma idéa destes Sparciatas tão decantados, e meditando bem sobre a coisa, achei que os Sparciatas erão hum povo delirante, atroz, onde a somma dos vicios excedia infinitamente a somma das apregoadas virtudes.

O orgulho, he a manqueira ordinaria das almas livres, e fortes. De balde os meus modernos sofistas de París, e de Genebra tem querido fazer grandes apologias deste vicio, confundindo-o bem pouco a proposi-

to com a coragem, e elevação da alma. Para mim não ha coisa mais insupportavel, e intolleravel, que hum homem orgulhoso, e o que he intolleravel em hum homem, muito mais o he em huma nação inteira; o que he hum homem para os outros, he hum povo para os outros póvos. Este orgulho he origem, e causa de odios, e antipathias nacionaes, e guerras injustas, e a historia dos taes Lacedemonios está cheia de memoraveis exemplos, que attestão esta verdade. O cabeçudo Licurgo longe de dictar leis para reprimir este pernicioso orgulho, e amaciar o caracter feróz, e intratavel dos Sparciatas, parece que acinte o quiz fomentar, estabelecer, e arreigar ainda mais. A persuasão em que vivião, de que huma divindade lhe havia dictado suas leis, o desprezo, que o mesmo Licurgo lhe soube inspirar para tudo o que erão usanças, e costumes estranhos, o imperio tyrannico com que tratavão seus pobres, e miseraveis escravos; a igualdade perfeita, que entre elles reinava, e que os modernos Sparciatas

tanto, e tão infructuosamente quizérão imitar; a austeridade, ou rusticidade de seus costumes, sua mesma ociosidade, e ignorancia, tudo isto junto os enchia de fumaças, e lhes mettia em cabeça, que erão muito superiores aos outros homens, e a todos os póvos da terra, e esta ridicula presumpção se lhes tornou mil vezes prejudicial, ruinosa, e funesta. A dureza do coração he huma consequencia immediata, e necessaria do orgulho: pouco sensiveis somos aos males daquelles, que desprezamos, e daqui nasce a desconfiança natural, e antipathia secreta, que todos tem com os corações duros, soberbos, intrataveis, e orgulhosos. A mais cega paixão pelos Sparciatas, quando se ponderar bem as coisas, não poderá excusar os usos estabelecidos, e tolerados por Licurgo. Toda a antiguidade grita, e berra com razão, contra o costume barbaro dos taes virtuosos Sparciatas de dar a morte aos meninos, que nascião contrafeitos; devergia a natureza dos caminhos ordinarios, e era por isto punida a huma-

nidade sem crime, e a innocencia sem culpa, porque nascião com hum pé torto, não tinhão direito á conservação da existencia, e devião logo morrer... Que taes são as virtudes dos Sparciatas? He acaso mais revoltante a ferocidade dos Canibaes? Matar hum menino que nascêo alcorcovado, he o mesmo que matar em França hum homem por dizer, que o pai de Buonaparte não era seu pai. Que costume tão digno de hum povo de heróes, como se dizião os senhores Lacedemonios, era o de açoitar diante dos altares as pobres crianças, até as fazer morrer á açoites, obrigando-as a se não queixar das dores, que soffrião, como se a irritabilidade dos nervos, e a sensibilidade fysica fossem hum delicto! Que costume tão doce, virtuoso, e filosofico era o daquelles combates, em que os mancebos erão obrigados a entrar, e em que reciprocamente se matavão ás estocadas para exercitarem sua córagem, e valentia! E dizem os Francezes, que os Hespanhóes são barbaros, porque gostão dos combates

de toiros! Que matronas erão as Lacedemonias, que doçura de caracter tinhão, quando insensiveis aos gritos da natureza, e ao amor terniissimo que ella inspira para com os proprios filhos, ainda os mais ingratos e desconhecidos, davão ellas mesmas a morte aos filhos, que tinhão fugido de alguma batalha! E chamão-se virtudes a estas monstruosidades! Quanto he certo que ha preoccupações successivas, e que a maior parte das coisas se acreditão, e recebem sem reflexão, e sem exame!

O que de todo me faz crer, que os virtuosos Sparciatas erão peiores que Robespierre, e Buonaparte; o que de todo escandaliza a humanidade, e he capaz de indignar o homem de bem, são as inauditas crueldades dos taes senhores Sparciatas para com os Iliotas seus escravos; a isto nada chega. Hum duro minhoto, que de cá foi em calças, e jaqueta, e que se fez no Brazil senhor de engenho, não trata com tanta deshumanidade os miseraveis negros. Não sómente os embebedavão algumas vezes para

os tornar hum objecto de ludibrio aos mancebos, a quem pertendião inspirar o aborrecimento deste vicio, mas até lhes prohibião entoar as mesmas canções, que cantavão os homens livres: eis-aqui a grande principiada igualdade, e liberdade, bem desenvolvida entre os Sparciatas! Para que estes miseraveis, escravos se não esquecessem de sua servidão, e deploravel estado, levavão todos os dias por almoço certo numero de açoites, dados com toda a reflexão, e sangue frio, isto não fazem os Caraibas aos mesmos prizioneiros de guerra: esta acção me fez sempre detestar de todo o meu coração os Lacedemonios, e considerar como hum diabo vivo o seu decantado Licurgo com todos os panegyricos, que lhe faz o author das viagens de Anacharsis. Desgraçado daquelle Iliota, que tinha recebido da natureza algum talento, e mostrava grandeza de alma, ou qualquer vislumbre de virtude em seu infausto cativeiro, contasse de certo com a morte, a virtude em hum escravo era hum crime capital nas leis de Sparta. A

primeira ceremonia que os Eforos fazião no dia de sua nomeação era sem mais nem mais, declarar o odio eterno, e guerra eterna aos Iliotas. Se estes infelizes se multiplicavão entre aquelle povo de moralistas, por huma das leis fundamentaes de Sparta, que lhe mandava dar cabo dos ossos, erão obrigados os mancebos de Lacedemonia, a se embescarem de noite, darem sobre os inermes Iliotas, e assassinarem sem ceremonia quantos podião; chamava-se a este acto de caridade « a Cryptia. » Thucydides, conta com toda a ingenuidade, que na guerra do Peloponeso, os Lacedemonios fingírão dar liberdade a dois mil Iliotas, que lhes tinhão feito assignalados serviços na campanha, coroárão-nos de flores, dérão-lhes grandes banquetadas huma noite, e ao amanhecer não havia fumo dos taes Iliotas, nunca se póde saber o que foi feito delles. Isto excede em crueldade todo o que os viajantes nos contão da ferocidade de algumas hordas Americanas nos bosques do Canadá. Quem poderá considerar estas coisas

sem horror! Quem não pasmará da docilidade dos homens em acreditarem como verdades, enganos successivos, e mentiras manifestas, que por virem de mui longe se nos querem impingir apadrinhadas com o peso dos seculos. Se existio povo barbaro, foi o de Sparta, com huma differença muito notavel, e escandalosa. Os outros povos existem no estado de barbaridade, e incommunicabilidade, em quanto não recebem leis, e se não estabelecem alguma forma de governo, com este se amacião os costumes, e perdem até os ultimos vestigios de rudez, e barbaridade. Não assim os amigos Sparciatas, erão barbaros orgulhosos, atrozes, aborrecião, e erão aborrecidos dos outros povos pelo espirito, ou intenção de suas mesmas leis, sua barbaridade não era natural era systematica, e por isso mesmo mais perversos, e mais dignos da execração dos outros póvos. Além de orgulhosos, erão egoistas, e só menos máos que os Francezes.

SOLILOQUIO LXIX.

A vida humana no estado social em que existimos, tem necessidades indispensaveis, que he preciso satisfazer a todo o custo; não fallo só das necessidades fysicas, dessas ninguem póde duvidar, assim como ninguem póde dispensar-se; fallo de necessidades moraes, ás vezes mais urgentes do que as fysicas. Eu medito de continuo sobre este grande objecto, e talvez que desprezado, ou pouco attendido pelos maiores filosofos do seculo, e creio (aqui arquearão os sobrolhos, os profundos contemplativos,) creio que huma das maiores necessidades moraes, que experimentão os homens no estado social, he a de disputar? Pois acaso he huma necessidade, o que parece hum tormento, e o que alguns homens prudentes procurão com tanta ancia evitar?

Sim. O mundo foi entregue aos homens para objecto de suas contestações, e disputas; he preciso disputar, ou sobre as côres, ou sobre a politica, ou sobre a musica, ou sobre o livre arbitrio; he huma necessidade indispensavel, he preciso satisfazela. Eu antes quero ler as visões do padre Harduino, que as de Jaques; antes a dança dos turbilhões de Descartes, que as controversias do ministro Jurieu; antes o commentario do apocalypse de Newton, que a historia da revolução de França; porque além do divertimento, he sempre a teima, e a controversia que faz a materia, e fundo destas ridiculas obras. Felizes os póvos, e os literatos, cujas disputas não tem por objectos mais do que ridicularias! Quantas cabeças, quantas carapuças foi, e será sempre a devisa das sociedades, e conversações humanas, tanto em tempo de luzes, e apurado gosto, como em tempo de trévas, ignorancia, e barbaridade. Nem sempre he por genio embirrado, ou espirito de contradicção, que se defende huma opinião

nova, ou huma contraria á opinião recebida; quasi sempre he por amor da independencia, natural aversão que se tem ao jugo, seja qual fôr sua qualidade, pela repugnancia que se tem a authoridade que os grandes mestraços se arrogão, e tambem (creio que isto he o mais frequente, e o mais conforme á marcha da inconstancia humana) pelo enjôo, que causa a uniformidade! Pois sempre havemos opinar o mesmo em materias indifferentes, como são quasi todas as questões filosoficas? Dizem alguns homens, e eu com elles.

Sabe-se qual foi o motivo, que obrigou a Jaques a deitar-se no partido inimigo das letras. Quando Diderot lhe deo o conselho, conhecia-lhe bem o genio, o pobre pedinte, e peregrino Jaques, tinha mais fome de gloria, que de pão, e seguir os caminhos ordinarios, abraçando a defensa, e fazendo o apologetico das sciencias, era querer ficar ignorado no mundo sem nome, e sem motim. Que te fez Aristides, dizia elle ao homem, que escrevia seu nome em

huma casca de ostra para o condemnar? Estou enfastiado de o ouvir louvar tanto, já não tenho orelhas para escutar seu elogio. Eis-aqui o crime de muitos homens, e eis-aqui a chave, ou a solução de muitos, e frequentes enigmas, que parecem indecifraveis. De quantos desertores da boa causa entre nós, que suspiravão por huma revolução, e a vírão como realizada, quando entrou a longa engrazada de pedintes Francezes, se podião explicar bem as metamorfozes com aquella expressão do ambicioso Cesar! He melhor, e vale mais ser primeiro em Rimini, que segundo em Roma! Saiba o mundo que eu existo, dizia hum dos Corifeos em revolução, e faça-me enfadar, ou persiga-me, que eu andarei com a República na algibeira: e o historiografo da França, dizia, fallando dos seus amigos, tanto hão de fallar de Duclos, que o hão de obrigar a ir á missa só para fallarem mais.

He coisa tão deploravel como verdadeira, dizia ha mais de 1400 annos hum santo Francez, escrevendo

ao imperador Constancio, que haja entre os homens tantas doutrinas quantas inclinações. Cada anno, cada mez inventamos novos symbolos para explicar misterios invisiveis; arrependemo-nos ámanhã do que fizemos hoje; detestamos o que adoramos, e condemnamos a doutrina dos outros, porque não he a nossa doutrina, e queixando-nos com reciproco escandalo, caminhamos para a nossa ruina, e desventura.

He muito digna de estima a bondade, e ingenuidade dos authores, que trabalhão por conciliar os espiritos; mas contar com o bom successo desta tentativa, he hum erro. Se hum Molinista, dizia o esturrado Voltaire fizesse hum livro para provar, que dois, e dois são quatro, eu não duvído, que hum Jansenista não viesse logo com hum volume, tres vezes mais grosso para provar, que dois, e dois erão cinco. Ora pois se he preciso disputar, e não pode haver conversação sem contestação, se o contagio das disputas contamina todos os homens á excepção dos mui-

dos, ainda que estes tambem teimão, quanto melhor seria disputar sobre a arithmetica, e sobre as modas, que sobre questões politicas, e religiosas.

A controversia em literatura, ainda que ás vezes traga comsigo debates pueris, nunca foi perigosa, e traz quasi sempre comsigo grandes vantagens. Felizes tempos em que na Europa longe de se levantarem bandos de disputadores sobre as funestas revoluções, que de tantos lutos tem coberto a humanidade, se disputava sobre huma passagem bem, ou mal entendida de hum author Grego, ou Romano, exposta segundo as regras grammaticaes! Editosa França, quando o actual viveiro de todos os vicios, Paris estava dividido em duas facções huma levantando os modernos acima dos antigos, outra os antigos acima dos modernos! Suavissimas disputas, que forão succedidas pelas dos Brissotistas, e Maratistas, que tanto sangue derramárão! Feliz Portugal! Quando não havia cafés e gazetas! Quando as

academias dos singulares, e anonymos, dos occultos, e outras mais vião apparecer os Ericeiras com huma longa disertação de controversia, sobre qual dos amantes fôra mais favorecido de Cloris, que estava sangrada, se Fabio que levou o chumaço, se Silvio que levou a atadura. Felizes tempos, em que na academia dos generosos disputava Thomás Pinto, com o torto de Fr. Simão, e em que alguns frades derramavão torrentes de erudição velha, e injurias novas, para provar que os Bentos erão mais antigos, que os Jeronymos! São estes divertidos, e innocentes objectos a materia sanguinaria das eternas disputas, que agora escutamos! São estes os problemas, que tanto prazer derramavão, em que o homem de siso tinha a consolação de ouvir dois tolos eruditos, mas fóra da controversia homens de bem, bons cidadãos, e verdadeiros Portuguezes?

Esta idade passou, e a que lhe succedeo, he a que estou vendo. Continuão as disputas, porque continuão as conversações, porém esque-

cêrão todos os objectos uteis, agradaveis, instructivos; e a nação dividida em dois partidos, hum quer sua ruina, outro sua conservação: porque hum quer ser Francez, outro quer ser Portuguez. Quando virá o tempo em que de todo se abandonem estas ruinosas disputas! Em que os sábios abominem as disputas sobre igualdade, liberdade, e governo; em que todos se persuadão, que a melhor forma de governo (eis-aqui hum oraculo digno de Solon) he aquelle que tem durado mais tempo; ou he bom, porque o he de natureza, ou he bom, porque o fez o habito, e o costume: não mudemos! Disputa-se embora, porque em fim, a boa conversação não he mais que huma bem ordenada disputa, e huma perpetua controversia, e he obra de hum bom engenho conte-la em limites de prudencia, e urbanidade.

Socrates disputava em os banquetes; até nú, e crú dentro de hum banho tambem disputava: não era isto manía no bom do velho, era hum meio seguro de tratar sem apparato,

e enfasi das escólas, as mais importantes materias de filosofia moral, unica que elle desejava vêr conhecida, e cultivada pelos homens; era o modo de aguçar o entendimento, de apurar a razão, e de despojar de atavios inuteis a dialetica ridicula, que os sofistas tinhão introduzido. O velho sabia muito bem, que a contrariedade faz saltar o genio, ou o engenho amortecido, como ao golpe de fuzil salta o fogo, que dorme nas veias da pedreneira.

Os Inglezes, que na verdade são homens de huma excessiva singularidade, dizem, que o fallar estraga a conversação, e com effeito elles não fallão, disputão sempre. Os perpetuos debates das cameras alta, e baixa, tem formado grandes oradores, ainda que muitas vezes prostituem a magestade oratoria a objectos taes como algodão de Pernambuco, e café das Martinicas. Acabadas fôrão no mundo as querelas politicas, e viesse já o tempo em que as mulheres disputassem de modas, e os homens de alguma coisa util á vi-

da animal, e moral dos mesmos homens!

SOLILOQUIO LXX.

Antes de me dar, e entregar á pura meditação, obedecendo a impulsão da innocente manía da leitura, sentia hum prazer extremo pela necrologia, e biografia. Gostava de saber dos homens, dos seus escriptos, de suas opiniões, e quanto mais extravagantes, e paradoxaes os encontrava, mais gostava delles, porque mais se conformavão ao meu genio, caracter, e inclinações. Entre os modernos nenhum excitava mais minha curiosidade que Mercier, posto que tambem asniou bastante em se metter a membro da fatalissima convenção nacional. He com effeito hum dos homens mais raros que tem apparecido, e seus escriptos verdadeiramente filosoficos, devião conhecer-

se, e vulgarizar-se mais entre os doutos, bem como são conhecidos, e estimados em todas as associações literarias de Alemanha, onde as boas artes têm com effeito chegado ao mais subîdo gráo de perfeição. Este homem, (e assim devião fazer todos, e eu o desejo, e procuro tambem com toda a ancia executar) deixou-se do tom pesado, e pedantesco com que os sábios escrevêm, e disputão; e assim como Horacio nas suas satyras, e epistolas parecendo superficial, e ligeiro, tratou as mais importantes materias, o bom Mercier, com o tom mais ligeiro, e até mesmo frivolo, com hum estilo risonho, e proverbial, discutio, aprofundou os objectos mais transcendentes, as materias mais importantes, e profundas, as sciencias de maior abstracção; e desta judiciosa maneira, alcançou duas coisas, fez-se entender de todos (pois parece que os filosofos á força de tenebrosidade querem espantar os leitores), e misturou o util com o agradavel, penhorando a attenção de toda a casta de doutos, e semidoutos.

Brincando, e gracejando, emprehendeo não menos que deitar a terra o grande colosso das opiniões scientificas até aqui recebidas, e que em maior voga corrião como oraculos, mostrando que muitos homens tinhão doutamente asneado. Começou pois este profundissimo filosofo a gracejar, e a ensinar, e com o mais insignificante titulo, deo hum livro, que encerra as mais importantes verdades. « O meu barrete de dormir. » He este o titulo de hum livro! Isto deita abaixo aquelles orgulhosos frontespicios, que mentindo descaradamente, ou nada dizem, ou dizem o contrario do que coutém o livro. Toda a alma que não conhece a simplicidade he alma pequena, e quem se paga do fasto, e do apparato externo, não tem fundo. O meu barrete de dormir encerra thesouros de erudição, de crítica apurada, e verdadeira filosofia, que he a que ensina os homens, e não a que enreda, e enleia os entendimentos. Porém o que de todo me surprehende, o que de todo me admira he a penetração de seu engenho, susten-

tando neste alicerce firmissimo, com huma incomprehensivel força de penetração, começa de fazer profecias politicas, no estrondoso livro, cujo titulo extravangantissimo he, o anno de 2240: neste livro, profetiza a malvada revolução, a chimerica República Franceza, quando annuncia o reinado de Luiz XXXIII, no XXIII.º seculo. He hum sabastianista superfino, ou da primeira sorte, eu digo melhor chamando-lhe o melhor calculador politico que tem existido. Na data da composição do livro, já a República andava chocando, Mercier conhecia quaes erão os principios em que a seita encyclopedista a tinha estabelecido, e tirava destes principios tão justas consequencias, que parecem profecias realizadas. Mas pouco me importa tudo isto, porque tudo o que he systema politico, e religioso que sahe da cabeça Franceza, hé para mim verdadeira materia odiosa, e zanga sempiterna. Mercier simpathiza comigo no que parecem opiniões paradoxas, e extravagantes.

Hum grande erudito, no seculo

da literatura Franceza, no seculo dos homens raros em todo o genero de doutrina, e artes amenas, deo n'huma fina, que vista por huma face tem alguma coisa de impiedade. Applicou-se á profunda lição dos Bolandistas, e começou com a pertendida critica, e hermeneutica a riscar do catalogo dos santos alguns, que lhe parecia não terem existido, (por certo não se enganaria, se já então se fallasse em S. Napoleão), mas em fim o cura de Santo Eustaquio, fazia-lhe muitas cortesias para lhe não desnichar o santo da sua paroquia, vendo apeados outros, cujas lendas o tal erudito julgava apocryfas. Mercier fez isto, mas foi-se aos chamados Numes do Parnaso, e deo com elles no meio do chão; á força de boa crítica, deo-lhe baixa da patente que os divinizava. O primeiro foi Racine, por isso mesmo que os poetas são mais entonados, e soberbos que os outros cultivadores. O idolo Racine foi sem piedade derribado do seu nicho, e com effeito erão bem futeis os titulos pelos quaes elle ti-

nha conseguido hum dos mais eminentes lugares no Monte Bicorneo. Começou Mercier a analizar-lhe, ou desafiar-lhe o estilo, e achou que nada ha tão pueril como a decantada harmonia poetica em Racine, a moleza de huma cantilena, póde acaso lisongear tanto os ouvidos, e levantar tanto a alma como a magestosa ordem, e soberbo andamento dos compassados periodos de Bossuet! Qual he a scena de Racine que pulse, e punja tanto o coração do homem como o estilo impetuoso, e pathetico de Massillon? Que coisa he o eterno assumpto, o eterno agente de todas as tragedias de Racine, o amor? Não ha nelle heroe por velho, e calvo que seja, que não se derreta de amor, e mais alambicado, que os platonistas, e petrarquistas do XV.° seculo? Não conhecia o assucarado Racine outra paixão capaz de calçar o cothurno tragico, e não achou pela historia das revoluções dos imperios, e pelas grandes catastrofes dos imperantes mais do que intrigas amorosas, mais nauseantes que agoa mor-

na. Em fim, poz no andar da rua ao grande Racine, e foi o primeiro passo que elle deo para o grande, e necessario fim de desgostar os homens da poesia, que a fallar a verdade he coisa tediosa, e insuportavel, dar tão grande valor, e fazer tamanho caso de fechar hum pensamento dentro de hum certo, e determinado numero de sylabas, que marchão tanto a compasso, que de tantas em tantas deve haver humas quedas, humas pancadas tão uniformes; em faltando, falta tudo, bem como vai tudo perdido, em faltando as pancadas de páo; que dá o chefe dos cantochanistas, quando todos unissonos levantão as formidaveis vozes.

Na verdade Mercier tinha razão ás carradas, muito principalmente tratando-se de poezia Franceza, filha legitima do somno, e da monotonia. Não ha huma alma, por paciente que seja, que leve de fio a pavio hum poema Francez, ainda que seja segundo elles dizem tão bem versificado como a Henriada, ou como qualquer das traducções de Delille, he

hum choto tão uniforme, e continuo, que o mesmo salavanco que dá a cabeça no primeiro verso, he o que ha de dar no ultimo, além da continua enfiada dos écos; porque se o verso de cima acaba dizendo zum, o verso debaixo que já o está esperando de alcatêa, tambem acaba dizendo zum. Não sei devéras, onde esteja nesta tediosa uniformidade, a imitação da natureza! Sempre a mesma, assim he, más sempre varia, é em que se póde parecer com ella a versificação Franceza, que dá sempre as mesmas badaladas como hum sino a pino! Nenhuma versificação por perfeita, e acabada que seja póde sustentar o parallelo com a magestade da eloquencia, que tem huma intrinseca, e mais difficultosa harmonia, sempre vária até ao infinito, onde nunca o ouvido cansa, e sempre a alma sente nova satisfação.

O ultimo homem eloquente entre os Francezes, Thomás, trabalhou com grande cuidado, e engenho algmas poezias, que em seu genero não são inferiores ás de maior nomeada entre

os Francezes: a ode á paz, e ao fogo, o poema de Semonvile, e outros, consolárão elles mais o espirito, passárão á posteridade com o mesmo gosto que os pomposos elogios! Mercier fez desgostar os Francezes dos versos, e oxalá que com suas razões, todos os povos cultos cheguem a conhecer, que a arte dos versos, e o seu mechanismo são huma perfeita puerilidade! Não me admiro que Houdard de La Mothe dissesse mal dos versos, e os continuasse a fazer como condemnado a huma galé por toda a sua vida; a metromania he a mais violenta de todas as paixões que se apodérão do homem, nenhuma ha tão imperiosa, e que tanto o avassale: *Qui bibit inde furit.* Com effeito o que por desgraça molhou os labios na caballina, *hæret lateri lethalis arundo*, ha de segui-lo este furor até dar com elle na cova, e se da cova sahisse algum poeta, sahia fazendo versos; he certo que alguns condemnados á forca, nos tres dias de oratorio fizerão versos, e não duvido, que haja algum, que até pelo cami-

nho queira fazer huma decima ao carrasco.

Mercier á força da razão, e de engenho fez que os Francezes se desgostassem dos seus poetas, e que amassem mais a prosa de Pascal, e de Flechier; mas não era preciso muito para desgostar os homens desta manía, por si mesma insofrivel, e pelos seus professores destestavel. Formou o projecto de os desgostar de tudo isso que se chama bellas artes. Isto he mais alguma coisa. Ha muito que este projecto me bailava a mim na cabeça. Que coisa são estas boas artes! Dizem que são imitações da natureza. Quem vio jámais bailar, ou dançar a natureza? Certos passo, e tregeitos uniformes, são imitações? O mesmo chamão á musica; o estrondo com que se interrompe o augusto silencio da natureza, he o bramido dos mares, quando se quebrão por cima dos rochedos, ou quando estalão pelas areas desertas de huma praia inhabitada. He o espantoso rebombo dos trovões, ou assustador, que augmenta o horror,

e o luto da noite. Ora se huma corja de rebecas, gaitas, e trombetinhas ainda que bem temperadas imitão tudo isto, está imitada a natureza nos seus arruidos, e estrondos. Para produzir em nós algum effeito, removerem, e excitarem a alma eu creio, que huma forte pancada em hum tambor, repetida de espaço a espaço, produz maior effeito; e se ateimarem a querer musica, eu sempre preferirei a tudo o som magestoso de hum grande orgão, cujo éco se propague pelas abobedas, de hum vasto templo de architectura Gotica. Eu gosto de impressões fortes, e fugirei voluntariamente de concerto de opera bufa (que desgraça para os Portuguezes, emporcalharem sua nobilissima linguagem com estas baixas expressões Bergamascas!) para ouvir reproduzido o som do orgão pelas vastas abobedas do templo de Belém. Dizem, que a musica he magestosa! Ha magestade mais terrivel que a voz de hum grande sino, tocado em dobre no silencio, de huma noite bem fechada, e bem triste? Eu, como Mercier,

não tenho estimado até agora se não a pintura que me conserva os retratos de alguns homens famosos em literatura. Tenho a casa, (que o ceo me guarde das mãos dos Francezes) cheia destes retratos, cuja vista me excita, quando detenho nelles os olhos, e contemplo os grandes homens da antiguidade, e alguns que tem illustrado o nosso seculo. Todos os outros ramos de pintura são perfeitas puerilidades como julgava Mercier até os quadros do mesmissimo Rafael. Que são estas paisagens ainda que sejão de Parelé, ou de Vanloo, estas marinhas de Vernet, e esses fogos do insigne Diogo Pereira para quem sabe bem olhar para a pintura dos ceos, para o apparato, e formosura da terra, para quem contemplou já ou o chimboraço na America meridional, ou o Pico de Tenerife, ou as montanhas do Jura, ou as immensas cordilheiras dos Andes?

Ora o iconoclasta Mercier, não se limitou unicamente a derrubar dos nichos, e pedestaes as estatuas dos poetas, e a metter a hum canto os

72 paineis roubados das gallarias de Dresde, o furtado em Monte Citorio, e tudo quanto se conservava dos Carraches, de Julio Romano, de Guido, de Ticiano, de Paulo Veronese, de Rubens, e do inimitavel Salvador Rosa nos palacios de Milão, de Florença, de Roma, e de Napoles, mas declarou outra guerra a outras potencias mais formidaveis. Deitou abaixo de seu throno o mesmo Newton, com aquella mesma facilidade com que tinha posto Racine no andar da rua. Revelou ao mundo as parvoices soberbissimas das sciencias, e os rematados delirios dos astronomos, e o que he mais ainda as espantosas monstruosidades da geometria transcendente, que ainda se não sabe para que sirva, se acaso não tem a mesma serventia que os sacerdotes Egypcios davão a seus enigmaticos, e ininteligiveis geroglificos, para arredarem o vulgo, a quem os senhores sábios, e o que he mais escandaloso, os mesmos vermes poetas, tem o desaforo de chamar profano, do conhecimento de seus misterios: assim os da geo-

metria transcendente, assentão que a gente não deve entender fysica, e astronomia, guardão isto só para os seus adeptos, a quem inicião na symbolica linguagem dos calculos. Não sei com que razão. Já os medicos alguma tem na abbreviatura infernal dos nomes dos emplastros, e venenos, nos decretos de morte, que remettem para os executores, que são os boticarios. Mercier abateo a alterosa proa aos geometras, e de tal maneira os confundia, que de seu talento e com suas proprias mãos pegou na terra, e deu com ella quieta, e socegada no centro do mundo, donde alguns inquietos desde Pithagoras, e Filolau, até Copernico, e Galileo a havião tirado. Fazendo parar a terra, era preciso, que dissesse ao Sol que marchasse, e o Sol entrouxou o fato, e foi-se andando; e isto não ficou em huma simples hypothese, ficou em huma rigorosa demonstração, e fóra de toda a duvida. Eis-aqui novos ceos, nova fysica, astronomia nova, e tudo isto sem figura, sem algebra, sem sylogismo, e sem o enigmatico

mysterioso andamento da geometria. Tudo he força de engenho: e Newton fica a hum canto, e a derrota de seus sequazes tão completa, que nenhum se atreveo ainda a abrir bico, ou medir huma lança com o terrivel campião Mercier. La Grange, La Place, La Lande, diz hum gazeteiro chamado o publicista, ficárão de queixo cahido, e no silencio da obstupefacção. Se os mathematicos, e astrónomos se conservárão de bocca aberta, os methafysicos não ficárão menos mamados, porque de hum revez deitou a terra todo o systema de Lock, e de seu continuador Condillac, fazendo levantar contra ambos hum grito universal por toda a Europa. Quanto póde mais hum bom engenho penetrador, acompanhado de huma boa dóse de siso, que tudo quanto imaginão os refervidos cerebros dos systemadores da escóla filosofica! O mesmo Mercier annunciou huma revolução celeste, que faria rir muito os homens á custa dos algebristas. Em quanto tarda, eu digo que são mais agradaveis, e que valem mais estas

revoluções, que as fataes mechidas, que tem innundado a Europa de rios de sangue, e de lagrimas!

SOLILOQUIO LXXI.

Hum dos termos a que se tem dado até agora mais vaga, e indeterminada accepção, he este « Crítica » Por mais que se tem escripto sobre as regras de crítica em longos tratados, nunca póde determinar o seu verdadeiro objecto, e emprego. O sábio, e o que não he sábio usurpão esta palavra, e nenhuma he mais frequente até nas conversações familiares. Ha muito que eu desejei bem fixar este termo vago, e antes de renunciar a toda a especie de leitura, me lembra ter aberto ao acaso a enorme, e fadigadora compilação, e eterna rapsodia, chamada encyclopedia, e ter visto nella hum artigo, que muito devéras me prendeo a attenção, porque era do célebre Marmon-

tel, a quem a desgraça conservou vivo na revolução para o esquecerem, e degradarem para as raizes dos Piryneos para ser juiz de fóra de huma aldêa, aquelle mesmo, que era capaz por seu engenho de illustrar, e até presidir á chamada assembléa dos legisladores. Este Marmontel, cuja memoria deve ser immortal, unicamente pelo conto do « Conhecedor em literatura » foi o que fixou mais o termo vago de « Crítica. »

Póde considerar-se isto, que verdadeiramente se chama crítica, debaixo de dois aspectos geraes. Comprehendem-se no primeiro todos aquelles grandes homens a quem devemos a restituição, e o polimento da literatura antiga. Os infatigaveis commentadores, e os eruditos taes como o grande Erasmo, Scaligero pai, e filho, Turnebo, Lambino, e para não fazer grande rol todos aquelles roliços Hollandezes, a cujo nome se dá a desinencia em *us*. Certos petimetres tratão esta especie de crítica com huma tal altivez, que nada mais

he, que huma perfeita ingratidão, porque tambem ha ingratidões literarias. Estamos ricos com seus trabalhos, e vigilias; e gloriamo-nos de possuir, o que dizemos, elles adquirírão sem gloria. E he acaso pequena gloria, ou pequeno trabalho ter desenterrado do pó das bibliothecas, e até de buracos de paredes velhas enrolados, e carcomidos pergaminhos, onde estavão depositados os thesouros da sciencia, e erudição Grega, e Romana? Se Poggio não andasse depenicando, e escarafunchando pelos entulhos de huma torre velha da abbadia de S. Gall, não teriamos hum dos mais ricos presentes da antiguidade, que he Quintiliano; e se hum soldado curioso, não andasse basculhando os armarios pulverulentos de huma casa velha na praça de Buda, não possuiriamos hum thesouro de purissima latinidade, e impurissima materia como he o Satyricon de Petronio Arbitro. Mas não bastava achar estes carunchosos rolos, era preciso desenrola-los, transcreve-los, repara-los, encher lhes os

intervallos sumidos, confronta-los com outros embrulhos achados n'outra parte, commenta-los, e imprimi-los em tão bom papel, e tão elegantes caractéres, como são os das officinas de Bleau, e dos Elzevirios, e em geral os das imprensas de Leyde, e de Amsterdam. E ainda considerando outro objecto de literatura mais util, se não fosse Erasmo, os Aldos, e os Grifos, teriamos nós em toda sua pureza, e integridade os escriptos immortaes dos primeiros mestres do Christianismo? Brilharia em toda a sua luz o maior dos Doutores christãos o grande Jeronimo, se Erasmo não désse huma grande parte de sua vida ao pulimento de seus brilhantes, e solidissimos escriptos? Ora esta tão util, e necessaria especie de crítica, he tratada com mofa pelos superficiaes do nosso seculo: chamão pesados grammaticões a estes restituidores de toda a literatura. He verdade que o merito de huma profissão anda na razão composta de sua utilidade, e dificuldade: e á profissão de hum destes eruditos perde grande parte de sua

consideração á medida, que se torna mais facil, e menos importante, mas he huma grande sem razão, e huma manifesta injustiça julgar de que ella foi, pelo que ella he presentemente. Os primeiros semeadores de trigo, e fabricantes de vinho fôrão constituidos no catalogo dos Numes com mais razão do que entre nós os lavradores de Ribatéjo são constituidos hum furo abaixo dos animaes racionaes, e inteligentes.

O segundo aspecto da crítica he considera-la como hum exame de reflexão, e como hum juizo prudente, e razoavel das sciencias, e das artes. Nas sciencias, reduz-se a crítica á demonstração das verdades antigas, e ordem de sua expedição, e a descoberta de novas verdades. A crítica tem obrigação na historia de dar com justiça, mais ou menos authoridade aos factos, segundo o menor ou maior gráo de probabilidade, verosimilhança, e possibilidade, em examinar o caracter, e a situação dos historiadores, (o que custará muito daqui a hum seculo pelo que pertence aos his-

toriadores da revolução Franceza, e do consulado, e imperio de Buonaparte;) em apreciar suas conjecturas, em os comparar huns com os outros, em estudar, conhecer os costumes, leis, governo, politica, e cultos dos póvos, sua politica, seu commercio, e sua industria. Que arduas emprezas estas para hum crítico! Que conhecimento, que talento exige este ministerio! Que milagre de saber he preciso! Que tacto tão fino! Que discernimento tão penetrante! E que poucos tem chegado a bons officiaes deste officio! E que formiguinhas são os duendes Francezes da revolução com todo o seu La Harpe, quando os comparo com hum José Scaligero, Justo Lipsio, Mabillon, e o Inglez, que nos deo acabadas, e limpas as obras de S. Cypriano. Eu lhe sabia o nome, mas varreo-se-me. Seja este o primeiro quinão, que leva a minha memoria, que bazofêa de não ter livros. Lembrou-me « Dodwell » Qual dos criticosinhos de agora se attreverá a comparar-se com o immortal Angelo Policiano para decidir, se pa-

ra o interesse de Roma convinha mais, que subsistisse Carthago como queria Catão, ou que se destruisse como queria Scipião Nasica?

Nas sciencias fysicas deve a crítica repetir as observações, e as experiencias, pesar os testemunhos dos filosofos, se não se achar em estado de os verificar. Os antigos tinhão suspeitado o peso, ou pressão do ar: Torricelli, e Pascal o demonstrárão; Newton tinha dito que a terra he huma perfeita esferoide, isto he chata nos polos, e mais claro ainda, do feitio de hum queijo flamengo. Alguns sábios como Clairaut, e Maupertuis, e até o poeta Regnard, pegárão nos seus bordões, derão comsigo no polo, e verificárão a asserção de Newton. Assim cumpre criticar os factos, mais he muito mais facil nega-los. O ignorante crê tudo, o semidouto nega tudo, o verdadeiro crítico examina.

Nas boas artes somos mais melindrosos, e difficeis admiradores, porque havendo-se multiplicado muito as obras do mesmo genero, possui-

mos mais termos de comparação; de muitas bellezas divididas compõe o engenho huma perfectibilidade, huma belleza ideal, similhante á que nos quiz imbutir o embasbacado pintor Apelles. O verdadeiro critico (se este animal existe, e não he como a Fenis) compara com este typo formado de antemão, todas as bellezas das artes, sujeitas a seu exame. O nosso criticosinho, architector de obra de dedo, refere tudo ao que ouvio dizer, ou ouvio recitar no canto do botequim, que elle em mais de doze horas do dia entulha com a sua ociosa, e zangadora pessoa. O engenho só não basta, por que he hum semi-juiz para marcar os degráos de perfeição entre os modélos. Pelo que eu tenho observado, os mais frequentes críticos são os de moral, e de literatura; e de ordinario estes são os mais frios, e gelados de todos os homens. Para este officio, cumpre possuir hum fundo grande de probidade, e de sensibilidade, hum fundo de nobreza, e elevação de alma, que possa excitar nos outros o enthusiasmo

da virtude. Não digo que seja essencial em hum crìtico de moral, ser virtuoso, basta ter nascido para o ser, e que conserve no fundo do coração o germe da virtude. Saber julgar os homens como homem; conhecer-se, e conhecer seus similhantes; saber o que elles podem, antes de examinar o que elles devem; conciliar a natureza com a sociedade; comparar os direitos com os deveres, ou obrigações; unir o interesse pessoal ao bem geral, ser em fim o juiz, e não o tyranno da humanidade: tal me parece, que deve ser o emprego de hum crítico em moral, e em politica, emprego difficil, e importante, de que se encontrão bem poucos modélos na antiguidade, e apenas em Seneca algumas lições, e nas epistolas de Cicero a Attico alguns luminosos rasgos.

A eloquencia, e a poezia, são dois campos por onde muito se costuma espraiar a crítica, porque não ha franchinote, que se não intrometa a juiz: mas para ser crítico em eloquencia, e poezia he preciso ser

eloquente, e poeta. Eu o dévo dizer até para satisfação das almas sensiveis, aquelle engenho que se penetra vivamente do bello, do tocante, e do sublime, não está longe de o exprimir, e já lhe anda pela rama, e a alma que recebe este sentimento, e a impressão deste toque com certo gráo de calor, póde chegar a produzir o mesmo, e sem este sentimento delicado não se podem encher as funções de crítico nestas duas artes, muito principalmente na eloquencia, que eu reputo a soberana de todas as artes. E quantas almas pezadas mais que a presença de hum importuno, se mettem a criticar huma composição eloquente, almas mais languidas, frouxas, e vagarosas em suas concepções, que os passos de huma perguiça do Brazil? O unico crítico que existe, a quem se póde chamar universal, he o publico mais ou menos illustrado segundo os paizes, e os seculos, porém sempre o mais respeitado; comprehende em si os melhores juizos em todos os generos, cujas vozes, e votos espalhados se reunem por tem-

pos para formar a sentença geral, e fixa, que determina infallivelmente o merecimento de qualquer producção literaria.

Entre as camadas de críticos que entulhão a chamada República das letras não ha outros mais desprezíveis, e aborrecíveis que certos gelados Aristarcos armados de hum tedioso arranzel de regras, e preceitos inuteis, e infructuosos. Não tem outros titulos para a crítica se não a presumpção. Cada hum delles se julga hum Muratori nos excellentes tratados do bom gosto, nas sciencias, e armas, ou hum honrado Francez do tempo dos homens de bem (raça extincta nesse paiz de França) chamado o abbade de Bós, nas profundas reflexões sobre todas as artes, chamadas por alcunha artes de imitação. Estes Aristarcos, tantas vezes se enganão, quantas vezes decidem, arrogão-se o privilegio exclusivo de arbitros, e nada ha mais miseravel, que as suas sentenças. Difficil mister na verdade, aquelle mesmo crítito que se quizesse contentar com a mediocridade deve ser erudito,

Que vergonha, e que opprobrio tem sido para este reino de Portugal tão fertil em bons engenhos, antes que com o novo ducado de Abrantes nos viessem todos os males, vêr tantos peralvilhos, que em dias de sua vida cuidárão jámais no estudo, ou tiverão a mais ligeira applicação, que nem ao menos fôrão contados em o numero dos mais obscuros escriptores, vêr quatro rábulas ociosos pelos cantos dos botequins, e outros tantos impostores, filhos de Esculapio, que armados de huma garrulidade importuna, á força de palavras, de desaforo, e de malignidade, tem adquirido entre fátuos, alguma opinião, e crédito, levantarem-se de motu proprio em arbitros do gosto em literatura, sciencias, e mais que tudo em eloquencia. Este descaramento he na verdade o opprobio do seculo, assim como he maior infamia huma caterva de escriptores hebdomadarios, de cujos escriptos se acha o publico inundado, e opprezo há tempos a esta parte. Todos estes papeis são o pasto dos ignorantes, o re-

curso dos preguiçosos, e o flagelo dos homens de bem. Em tão grande alluvião de escriptos, não he possivel descobrir huma só regra, a que se possa dizer « benza-te Deos » e he tal a miseria desta praga folhetoira, que tanto cança como logra o publico, que em tantos mil caderninhos ainda se não encontrou hum pensamento original.

SOLILOQUIO LXXII.

Hum dos objectos em que mais seriamente se tem occupado meu espirito nas minhas continuadas meditações, pelos solitarios passeios que me obriga a dar a actual situação de Portugal neste aturado, e indigno cativeiro, he a marcha, e o estabelecimento das reputações literarias. Ha muito que hum versejador Francez tinha dito: « cuida pouco em polir, e trabalhar teus versos, no que de-

ves cuidar seriamente he, na tua reputação literaria, e para isto he precisa a intriga, e habilidoso manejo para te formares hum partido. » Grande conselho na verdade, e, como he máo, eu o vejo abraçado, e seguido por quasi todos os literatos de grande nomeada. Os intrigantes em letras (esta palavra intriga, nunca foi Portugueza, mas em fim ella he recebida na sua inteira significação) não ha pedra, que não movão, e moita que não batão para estabelecerem sua producção literaria, conseguida esta, pouco importa ter, ou não ter talento. A França, donde vem o conselho, vem tambem os exemplos ás carradas. No reinado de Luiz XIV.º o mais fertil em sciencias, e artes, nos offerece frequentissimas scenas desta natureza. Pradon a favor do club (outra palavrinha que já entendemos) a favor do club literario a que presidia madama Deshoulieres, teve quasi eclipsado o tão applaudido Racine. A Fedra deste levou pateada, e a daquelle palmas. La Mothe equilibrou-se por muitos tempo em merecimen-

to com o fabulista La Fontaine pelo que pertence ás fabulas, e fez esquecer por hum tanto a Rousseau pelo que pertence ás odes. O que Ovidio diz dos livros, se póde com mais razão dizer de seus authores: *Habent sua fata libelli.* Em quanto, disse huma vez com verdade Voltaire, em quanto jazem repimpados nos sofás da academia Franceza alguns pedantes pezadissimos, louvando se sem vergonha huns aos outros sem adiantarem coisa alguma na perfeição, e polimento da lingua, anda Du Marsais quasi descalço pelas ruas, embrulhado em hum capote encarnado, muito velho, que hum amigo compadecido lhe havia dado, e o que mais he sem reputação de literato, porque não póde, ou não soube caminhar para ella pela intriga, e pelo espirito de partido.

Entre nós tem havido, e ainda ha muitos exemplos destes. Cingem-se mitras, vestem-se togas com huma grande nomeada de doutrina, e literatura, grangeada não pelo merecimento, mas pela intriga politica,

e pelos brados hyperbolicos de hum bando de panegyristas comprados, e dispostos d'antemão. Nessas cloacas de vicios, e de enredos, chamadas theatros, ainda se descobrem mais frequentes exemplos destas verdades escandalosas para o verdadeiro merecimento. Tem voga certas composições, porque assim o quer hum partido, e a reputação literaria, não tem no theatro outro alicerce mais que a intriga, e a parcialidade. O redactor dos romances originaes de Gil Blas, e Diabo coxo, viveo em completo despreso no meio de París, porque não tinha hum partido, e em quanto o livreiro que lhos imprimio se vio obrigado a pedir huma guarda para a porta, a fim de conter o tumulto, e os apertões dos compradores, o pobre Le Sage, vivia morto de fóme em hum quinto andar no bairro mais escuso de París. Isto são golpes de fortuna, que por sua muita frequencia já não espantão, fôrão vistos no Tasso, e em Milton, dois engenhos da primeira classe. O fenomeno com que eu nunca me pude ac-

commodar, he sem dúvida D'Alembert. Este engeitado foi festejado dos grandes, buscado, e applaudido pelas senhoras, foi o oraculo das sociedades literarias, e deo exclusivamente o tom nas companhias scientificas, e foi reputado o legislador do gosto. Creou, e destruio a seu arbitrio reputações literarias, distribuio premios, medalhas, e lugares nas academias; manteve correspondencias epistolares com todos os sábios, e com alguns soberanos da Europa, e Catharina da Russia o solicitou para preceptor de seus filhos. Ora este D'Alembert, que eu antes de me curar da manía literaria estudei, analizei, e meditei profundamente, ainda que fosse grande conhecedor de geometria, e estivesse bem enlambuzado, e enfronhado em quatro epocas, e factos historicos, era hum homem muito mediocre em literatura. Quando o contemplo pela parte da dicção, acho hum estilo perfeitamente glacial, seco, e peco, amigo da agudeza pueril em continuadas antitheses; nunca soube dizer coisa alguma ao coração, e á

imaginação, este defeito he hum peccado original em todos os geometras, que não se podem jámais sacudir dos cadozes rasteiros do a, e do x, e temem como a morte, largar a fria linguagem da razão, e a triste linha recta do calculo fatigador. Não tem o mofino clareza, e perspicuidade, não tem fertilidade de engenho, tem assim he alguns rasgos picantes, mas não tem nem graça, nem unção, nem eloquencia. Eu posso apostar, que seus mais zelosos admiradores, os geometras como elle, os authores de seu elogio pelas academias não poderão ler duas vezes de sequito as suas obras. Quando se mette a fallar de poezia, ou diz coisas muito communs, e triviaes, ou de todo se não entende o que elle diz. Como escriptor, e até como filosofo, cá segundo o meu fraco bestanto he muito, e muito inferior a Fontenelle, e com tudo isto, elle gozou de huma celebridade mais derramada, e universal que os sábios de mais raro merecimento. Apezar disto em todas as universidades de Alemanha, e em

quasi todo o norte, onde tem penetrado a literatura, D'Alembert passava pelo prmeiro escriptor de França, e pelo primeiro sabichão da Europa. Este fenomeno ainda he mais pasmoso, ou este problema de mais difficil solução, quando me lembro que neste mesmo tempo vivia Jaques, Condillac, Voltaire, e o que he mais pasmoso ainda, Buffon, e Bonnet; seja o que fôr, eu sempre direi a quem me quizer ouvir, que he melhor ser lido, que admirado.

Em todos os tempos houvérão charlatães em literaturas, como em todas as outras repartições, que usurpárão, e conservárão huma brilhante reputação com mais sagacidade, que merecimento, o que existem muitos, que com bullas falsas chegão a eclypsar o verdadeiro talento, e a fazerem esquecer, e desprezar os maiores engenhos. Jaz hum pobre homem carregado de letras, e de saber no canto de sua casa, a quem hum genio casmurro torna incommunicavel, que parece huma completa besta muar. Se o mettem em conversação, emmu-

dece, corrido, e envergonhado entre meia duzia de bachareis ôcos, e verbosos; seus escriptos de quem a immortalidade em silencio se tem feito senhora, ficão envoltos em pó, e seu nome na obscuridade, até ao momento em que algum Adisson se ache com vagar de remexer os empaquetados livros com segunda encadernação de têas de aranha na loja de algum livreiro, e que conhecendo-lhe o preço lhes dê com sua authoridade o renome, e celebridade, que elles merecem: isto não só aconteceo a Milton, acontece, e acontecerá a muitos. Para ter reputação literaria são precisas coisas que se não compadecem com o genio do verdadeiro literario. He preciso lisongear os homens, e sobre tudo as mulheres, se algumas existem no paiz com creditos de sabichonas, como vimos entre nós huma... que se eclypsou á nossa vista depois de ter dado bons burros ao dizimo. He preciso saber respeitar os gazeteiros, e jornalistas, que de poder absoluto se assentão no tribunal literario para de volta com as menti-

ras politicas decidirem do merito, e do preço das producções literarias. He preciso ler muitas vezes suas obras em assembléas públicas, e particulares, e figurar nos ajuntamentos onde se encontre alguns apestados da metromania. Eis-aqui a estrada aberta para a reputação literaria. Todas estas marchas infames não são por certo para hum genio nobre, elevado, liberal, independente, e que sobre o seu merecimento, tem o incontestavel testemunho da propria consciencia. Nem respeita, nem póde respeitar outros objectos, mais do que a liberdade, a gloria, as artes, e a virtude, só isto elle sabe lisongear, e antepôr a esses fantasmas de orgulho, e de incapacidade. Retira-se, e até se esconde dessa chusma faminta de versejadores, promptos a fazerem-se á véla com todos os ventos. Louvadores, e escarnecedores de hum mesmo homem se está em exaltação, ou desgraça. Tão fecundos como ineptos, cuja musa infatigavel, sempre existe em vigia dos acontecimentos para lhes dar huma descarga serrada de versos

de todo o calibre. Hum dito, hum facto, huma volante anecdota diaria lhe pare hum soneto, e lhe engendra hum epygramma. Cada noivado lhe produz hum epithalamio, cada malina hum epicedio, cada baptizado hum genethliaco; cada actriz hum elogio, cada dançarina hum drama alegorico; cada dia de annos huma tempestade de parvoices, em que appetece ao desgraçado, que lhe cahio nas unhas huma eterna velhice. Finalmente, o homem literato aborrece esta caterva, e teme até que seu nome ande de mistura com o destes vadios, que a traduzir, e a furtar, com hum capital infame de indignas lisonjas, assoalhão seu nome, e gozão por tempos da reputação literaria.

SOLILOQUIO LXXIII.

Tenho observado, que o paiz onde se encontrão mais frequentes materias de Dunciadas, de Lutrins, de Bardinadas, de Hyssopes, he o paiz da literatura. Hum bispo que quer ser respeitado pelo seu Deão; hum Chantre, que não quer diante de si em hum choro, o fantasma colossal de huma estante, que lhe tolhia o doce prazer de ver, e ser visto de hum grande concurso em humas matinas solemnes, não he huma materia tão fertil para huma longa satyra, como a pequenhez, a baixeza, e as querélas, que se levantão entre os literatos. Sempre me deo em que cuidar o rompimento, que houve entre dois eruditos que se havião lisongeado, e incensado como elles costumão reciprocamente, ficárão por fim inimigos irreconciliaveis. Hum del-

les, fez ao socio hum elogio, que levou 27 regras, o socio, fez ao outro hum elogio, que levou 29, e queixou-se do amigo, que havendo-o excedido tanto em louvores, quanto vai de differença de 27 a 29; o de 27 só lhe agradecera este grande excesso, dizendo-lhe friamente « obrigado á sua attenção » e ficárão inimigos capitaes para todos os dias de sua vida. Scena mais ridicula que a que se começou a observar depois do rompimento entre Jaques, e Voltaire. Sempre disse com os meus botões, que era preciso louvar os homens, quando o merecem, mas sem contar jámais com o seu reconhecimento. Se o dever, e muitas vezes a solicitação importuna nos obriga a criticar alguma producção literaria, he contar de certo com a eterna zanga, e verdadeiro resentimento de seu author, ainda que se aparte de nós entre cortezias, e comprimentos, mettendo seu cartapacio muito bem emendado na algibeira. Ha homens, cujo epiderme tem tanta irritabilidade, ou tantas cócegas, que não permittem jámais a censura

huma só palavra, são fracos entendedores de seus verdadeiros interesses, não chegão a comprehender que a sombra faz resurtir a luz, e que hum elogio nunca vale tanto, como quando he constituido a par de huma desapaixonada, e luminosa crítica. Certos homens dados ao mister de escriptores julgão, que a crítica mais apurada serve unicamente para lhes assoalhar suas obras, e celebrar seus triumfos. Enganão-se. Os bons críticos formão na República das letras aquillo que em Inglaterra se chama o partido da opposição nos debates parlamentares. Os críticos não destribuem os cargos, porém proclamão-nos, não constituem a opinião publica, porém recolhem-na, e desabusão os homens, destruindo a falsa opinião, como fizerão Freron, e Beaumelle com a célebre Henriada, que lhe descozêrão o fiado, e lhe descobrírão as manqueiras.

Não vedão sempre as invasões seoretas da intriga, mas conseguem ás vezes derrubar do seu throno o máo gosto. Ainda que haja tanto abu-

so de crítica nestes ultimos tempos, que não apparece escripto, que se não deitem a elle com unhas, e dentes, este mesmo abuso, ou intemperie de criticar, a torna por isso mais necessaria. Sem fallar das injustas decisões do odio, e da inveja, tambem ha as decisões da tolice, que he preciso sempre atalhar, ou emendar. Hum tolo chega muitas vezes a succumbir á tentação de julgar, que o silencio que se guarda a seu respito, he veneração, que se consagra a suas producções; assim estava persuadido, e incasquetado Theobald, e Diniz até que Pope não pôde conter mais seu soffrimento, e desfechou contra elles o raio exterminador da crítica sem réplica na celebrada Duncíada. Ora quando a sandice de certos escriptores chega a hum certo gráo de impertinencia, he preciso não os poupar. Porém como a moderação he huma das primeiras virtudes do homem social, até quando se escreve contra a parvoice, e maldade do homem que ataca, se deve conservar certa consideração, e dignidade. Mas ainda

que se não responda a personalidades, póde hum homem ser tão de ferro, e tão pouco bilioso, que não combata este neologismo, que desde a época da fatal revolução dos Francezes, se tem introduzido em Portugal em todos os escriptos, em todas as conversações, e que vai levando geito de fazer da lingua Portugueza huma lingua barbara, e desaprovada pelos zelosos verdadeiros da sua pureza, e que a estudárão com toda a applicação, e cuidado nos dois verdadeiros mestres da mesma lingua Antonio Vieira, e Manoel Bernardes, elevada neste segundo ao maior gráo de perfeição, de magestade, de doçura, de gravidade, e fartura de que póde ser susceptivel a linguagem mortal, fazendo-a não só hombrear, mas exceder á de Athenas, e de Roma nos dias de Platão, e de Marco Tullio? Porque não hei de eu dizer aos Portuguezes, que o tempo dos eternos borradores de papel não he o tempo da sciencia! Porque não hei de eu dizer, que a literatura vai em decadencia com a adulteração da lingua-

gem, e que não apparece hum escripto scientifico, huma composição original, limitando-se tudo a rapsodias mensaes de escriptos Francezes, e a tempestades de versos, onde o que menos apparece he poezia, de hum tom, de construcção, e de huma sintaxe, que os faz peiores que as parvoices dos seiscentistas! E que estes mesmos seiscentistas os excedêrão a elles em hum genero, que he o satyrico, em que empregárão com muito juizo a ironia, a hyperbole, o equivoco, e a agudeza? Porque razão me não heide eu queixar de quatro rábulas engoiados, que por se verem sentados á roda de huma meza de botequim soletrando a gazeta, se julgão repimpados no tribunal de Bayle, de Basnage, ou de Muratori para pronunciarem, e decidirem sem exame sobre os mais sérios, e importantes assumptos de moral, de politica, e literatura? Porque não poderei eu dizer livremente ás lodacentas rans do Parnaso, cuja matinada, além de importuna, he eterna que cuidem em saber mais alguma coisa, que engrax-

zar ordenadamente onze syllabas; que segundo o judicioso principio do seu tão citado Horacio, para escrever bem, he preciso saber melhor, e que sem hum grande fundo de doutrina não se produzem mais do que versos vazios de coisas, e cheios de palavras ôcas, ou quando muito, harmoniosas bagatélas? Porque lhe não poderei eu dizer, que cuidem no polimento do seu estilo, e que não sejão écos de modélos ainda mais destampados do que elles? Porque não direi eu aos oradores, que meditem bem os immortaes exemplares dos primeiros seculos do Christianismo; que procurem tomar bem o peso ao ministerio, em que se mettem; que não arruinem, estraguem, e envolvalhem a lingua com a miseria das traducções Francezas; e tambem que não sejão affectados na escolha de certos termos antiquados, frazes rasteiras, plebeas com que de espaço a espaço vão entresachando o miseravel arranzel que pronuncião; que a nobreza, e a pureza da linguagem não consiste em fallar como falla o

vulgo? Porque não direi eu ao estudantinho com anno e meio de Mondego, que se contenha nas suas dicisões scientificas; que nem tudo o que por lá ouvio dizer ao senhor mestre sobre bom gosto em literatura, são oraculos de verdade; que espere mais algum tempo, e conheça o que he preciso para apparecer na República das letras. E porque não direi eu tambem aos senhores mestres, que saber hum compendio, não he titulo, e procuração bastante para tratar os homens com huma altivez insuportavel, com hum orgulho ridiculo; que se lembrem, que muitas vezes o maior cathedratico, não he mais que hum verdadeiro pedante, que se não aparta do espirito de systema, he para o progresso das sciencias hum verdadeiro obstaculo? Hum crítico póde com toda a moderação dizer isto, e muito mais; mas he preciso que tenha fundo para o dizer, lembrando se sempre que assim como nada ha tão facil como a crítica; nada ha tão difficil como a arte crítica, e basta dançar á vista para a que es-

treveo João Le Clerc para se conhecer a extrema difficuldade desta empreza, a que doutos, e não doutos temerariamente se abalanção. Mas se com effeito o sábio está nas circumstancias de criticar, elle o póde, elle o deve fazer, e se não tem córagem para se levantar contra as numerosas reclamações da vaidade, contra as chiadas da tolice, contra as murmurações da incapacidade, se lhe falta esta córagem ainda que aliás lhe sobegem talentos, e estudos não desempenha seu caracter, quebre o tinteiro, e esmigalhe a sua penna, isto he melhor, que tornalla o instrumento de seu opprobrio, e das paixões alheias. Criticar com razão he hum serviço feito á razão, e não perdoar a escriptos ineptos, antes atacal-los com vehemencia, he desterrar o imperio da estupidez, ou demorar algum tempo sua chegada de que tanto estamos ameaçados.

SOLILOQUIO LXXIV.

Cada seculo de duração desta coisa, que se chama mundo vem marcado com hum cunho particular que o distingue dos irmãos, que o precedêrão, e dos outros que se lhe hão de seguir. E não se volve nenhum, que nos não offereça hum theatro, ou ensanguentado, ou dominado por alguma paixão; alguns não offerecem espectaculos de sangue, e estes se podem chamar felizes ainda que os dominasse alguma paixão da classe das menos bravas, como são as paixões literarias, que ainda que fizessem dar algumas cabeçadas não derramavão sangue, nem enchião o universo de luto. O desgraçado seculo em que existimos, he o seculo das paixões politicas. A politica, assim como, em quanto a mim, as estereis sciencias exactas, e afflictivos calcu-

los, occupa o espirito com graves combinações. Ora estas combinações lhe devião ensinar a conhecer as manqueiras, e as fraquezas dos homens, apezar de seus diversos interesses a illustrar-lhes a alma, e a moderar-lhe o impeto, e o fogo da imaginação, e depois dissipar-lhe as illusões enganadoras, que o levão ao precipicio. Mas longe de extinguir, ao menos modificar as paixões, a politica as inflamma todas, e parece que o malvado, e violento imperio Corsego, quer concentrar em si todas as affeições, e todos os erros dos homens, que elle tem promettido illustrar. As promessas Francezes párão todas no proverbio dos Latinos, *Fides punica*; Palavra Carthagineza « isto he mentira, engano, e perfidia » Este infernal governo vive sempre em suspeitas como os amantes; he tyranno como os ciosos; ávido como os jogadores; arrebatado, e impetuoso como os fanaticos; injusto, e cruel como todos os ambiciosos: estes doces effeitos tem produzido sua politica. O furor insano dos combates o anima

sem cessar. Ora esta paixão sanguinaria, com vergonha, e opprobrio da humanidade, he a mais constante de todas, e a que tem embebedado em todos os tempos com o estrondoso nome de gloria aos póvos, e aos monarcas. Poucas vezes no mundo se tem visto o raro fenomeno do espectaculo de hum guerreiro triunfador, que não considere na victoria mais do que o meio efficaz de dar a paz á humanidade consternada.

Em vão a natureza, e a religião levantão por toda a parte a voz, e mandão aos homens que se amem reciprocamente, servem-se do nome da natureza, e da religião para exterminarem os povos. Os salteadores Francezes do tempo da revolução, dizião-se regeneradores do direito natural para restabelecerem os homens na sua posse, e restituirem-lhes o que a ambição lhes havia roubado; e degolavão, roubavão, e escravizavão mais os homens a quem vinhão aturdir com o nome de liberdade, e de igualdade. Os resultados desta politica, eu os vejo, e experimento no estado de ver-

dadeira desgraça em que se conservou Portugal por oito mezes. He verdade, que estas desgraças não são novas. Em todos os tempos vio a justiça profanar suas maximas, e seus mais sagrados principios, para cobrir com o manto da politica as querélas sanguinolentas das nações, as pretenções desaforadas do orgulho, as conquistas da ambição, os calculos de hum interesse sordido, ou as vinganças de huma louca vaidade offendida. Que poder, ou Nume tutelar se deve invocar na terra para se extinguir, e acabar de tempos a tempos este flagello terrivel das paixões politicas, para socegar, acalmar estas formidaveis tempestades, e fazer que o universo respire hum pouco nas medonhas convulsões, que parece o querem abalar, e sacudir de seus mesmos eixos? Ora na verdade, eu vou ser neste instante: «*Vox clamantis in deserto*» Mas eu fallo comigo mesmo, e tomo a liberdade de me dizer o que me parece; e parece-me, que á revolução politica só se podia oppôr huma contra revolução moral; se ella se ar-

reigasse, e propagasse nos póvos por mão da verdadeira filosofia, só esta poderia remediar tantos males. A esta palavra, moral, eu vejo que a frivolidade se surri ironicamente, oiço as preoccupações napoleonicas, e os sequazes ignorantes, e teimosos do grande homem dizerem, arqueando as sobracelhas, que eu indíco pontualmente para remedio dos males dos homens, aquillo mesmo que os causou.

Porém embora tomem as medidas que quizerem para confundir os principios, e os abusos, as quiméras, e as verdades; eu vou com a minha prelenga por diante, e torno a dizer, que a filosofia moral só póde abrir os olhos aos homens sobre seus verdadeiros interesses, espancar com sua luz a sombra que os rodêa, e involve, e conduzi-los á felicidade pelo caminho da moderação; e em quanto se separarem estas duas coisas, politica, e moral, não terão paz os homens, nem socego a terra. He verdade que ha no presente seculo grandes motivos para accusar a filosofia; com este no-

me se perpetrárão os crimes mais atrozes em a revolução, foi ella a capa com que quizerão cobrir os abominaveis attentados, que enchêrão de sangue, e lagrimas o mundo. Não he desta filosofia que eu fallo, ou de que se deva esperar o beneficio, e o remedio. He preciso conhecer a fundo toda a significação da palavra filosofia, e sua accepção entre seus verdadeiros cultivadores. Quando os primeiros sábios lhe chamárão o amor da sabedoria não tiverão em vista, e consideração outro objecto mais do que a moral, e desta derivárão a felicidade publica, e particular, os principios da justiça, da honra, da legislação, e da politica. Tudo o que não era a sciencia dos costumes, a cultura, e amor da virtude era accessorio á idéa, ou conceito que formárão da filosofia. Assim a vemos cultivada entre os Gregos, assim floreceo nas suas mais illustres escólas, assim a vemos adorada entre os Romanos, e basta lançar os olhos para os escriptos do consul orador, e do immortal, e infeliz mestre do ingrato Nero.

No principio da fatal revolução, (que entre os males que causou ao mundo, o maior he obrigar-nos a falar della) apparecêrão ladrões, e furiosos, que enfeitarão com o nome de filosofia, o crime, e o delirio, elles mesmos se dissérão filosofos, como depois Buonaparte se chama a si mesmo em hum discurso que lhe fizerão, para elle dizer que o tinha feito aos curas das suas dioceses da Italia. Isto vem a ser o mesmo que o salteador, que veste a casaca, e põe o capote do honrado cidadão a quem tirou a vida. He enxovalhar, e insultar o nome, e magestade da filosofia moral, chamar filosofos a homens, que fallando de principios, erão os mais inconsequentes; fallando de igualdade, erão os tyrannos mais atrozes; fallando de justiça, erão, e são os ladrões mais refinados; e fallando de humanidade, degolavão a eito quantos homens de bem, ou restavão da tempera velha, ou apparecião de novo, e praguejávão seus procedimentos. Estes erão os monstros que se dizião filosofos, e o povo tinha ra-

zão de se malquistar com a palavra filosofia, vendo que erão degolados os que fazião pública, e verdadeira profissão da filosofia moral. Fôrão passeando a guilhotina, e lá ficárão até ao dia de hoje Lavoisier, Larochefoucault, Bailly, Angran, d'Alleray, e outros, que não erão de tão sábido lote, mas conhecidos por sábios, oradores, ou melhor assim, por sofistas pacificos. Os monstros que os sacrificárão, erão huns malvados vilissimos, e que estavão persuadidos, que nunca poderião merecer hum nome menos odioso que este.

Ora com effeito, sendo este o maior desaforo a que podião chegar os homens, cometterem estas maldades, e chamarem-se filosofos, e pôr a alcunha de filosofico ao tempo das maiores atrocidades, e dos mais escandolosos delictos, que se tem perpetrado sobre este mesquinho globo! A época da historia antiga, e moderna, em que se póde dizer, que pelo que pertence ao estado social, e civil, tenhão a justiça, a razão, e a ventura conservado algum imperio no mun-

do, foi sem duvida no reinado dos Antoninos, quando Marco Aurelio appareceo com seus tratados de moral filosofica, então se virão os costumes menos corrompidos, e o sentimento da liberdade não de todo extinto: então se póde dizer, que a verdadeira, e mais util filosofia se sentara no throno. Ah! se esta filosofia pacifica, extinctas as dessoladoras opiniões politicas, governasse em fim os estados da Europa, então não se veria este furor de exterminar, esta ancia de invadir, esta pertinacia de conquistar, este prurido de possuir o alheio, esta diabolica manía de buonapartismo, este delirio, que divide os homens, extingue a luz da razão, infelicita as nações, embaraça a circulação do sangue social, espalha, e derrama a miseria, inquieta o socego universal, e nos obriga, oppressos de tantos males, a aborrecer a mesma existencia.

SOLILOQUIO LXXV.

Tenho visto muitas vezes em Portugal, (onde na verdade, existe como universal o espirito da rabolice, onde parece que ha mais demandas, que individuos, pois tenho ouvido dizer a muitos, cheios de consolação, trago agora onze demandas, e já encontrei hum, que tinha cincoenta por divertimento,) terminarem-se pleitos bem renhidos com huma acommodação. Dizem algumas pessoas (se mentem, pela alma lhes preste) que vírão, ou ouvírão dizer, que alguns medicos tem curado algumas enfermidades. Eu mesmo tenho visto apagar furiosos incendios com as acertadas manobras da doutissima mestrança da ribeira, ajudada com as pragas, e barrís dos aguadeiros. Em fim huma subita mudança termina os estragos, que a tempestade, e me-

teóros destruidores tem feito por vastas campinas. Só ha huma contagião mais pestifera, e perigosa, huma doença de todo interminavel, e incuravel na especie humana, que he neste desgraçado seculo, o diabolico espirito de partido. Tem-se buscado até agora, mas em vão, os meios de temperar seus furores, de adoçar seus venenos, de amortecer suas chammas. Este contagio infernal atiça o odio, sega o entendimento, deprava o coração, obscurece a razão, destroe os principios da filosofia moral, e até mina, solapa, dissolve os alicerces da ordem social; e he tal, e tão furiosa a paixão que inspira, que obriga o homem a se esquecer, e perder o cuidado de sua propria conservação para fazer mal ao seu similhante, e arruinar seus inimigos, que são todos aquelles que não opinão, que não julgão, que não sentem como elle. E he tal a raiva, e a cegueira, que ha homem tão desgraçado, que embaido do fanatismo, que lhe inspira o espirito de partido, quereria como Samsão ficar esmagado, e feito em hum bolo debaixo das rui-

nas do templo, com tanto que visse tambem esborrachados, e feitos em polme todos os seus inimigos. Desde que no seio das sociedades pelo combate das paixões, se desenvolveo o germe dos vicios, não houve època que desse mais provas, e mais demonstrações dos perigos desta funesta cegueira, do que a presente época de delirio, e de vertigem. O exemplo desgraçado da França tocou a rebate por todos os povos da Europa. Desde o momento da inconsiderada revolução, até á maior cabeçada que tem dado os homens, que foi consentirem Buonaparte no throno, eu tenho observado os partidos oppostos, como bestas bravas jogarem reciprocamente os coices, desprezando-se huns aos outros, aborrecendo-se, combatendo-se, proscrevendo-se, e sempre insultando-se com dicterios, e sarcasmos mais baixos, e infames, que os de duas assanhadas regateiras. Se os Maratistas triunfavão dos Brissotistas, ufanos com a victoria, usavão della como tyrannos, e se erão vencidos, não depunhão as armas, desprezavão o par-

tido dominante, e conspiravão contra elle com maior contumacia, e obstinação, e com huma constancia, ou pertinacia tão inepta, que annullavão todos os esforços, que fazia a moderação para extinguir o facho da discordia. De quantas desgraças foi causa entre nós esta infernal manía? A guerra dos partidos facilitou a entrada a esta enfiada de salteadores, de cuja incapacidade he prova huma só palavra que profirão.

Qual será o remedio deste *mal* tão destruidor? A força? Multiplica os inimigos, que intenta se não extinguir, ao menos domar. As leis? As leis nada pódem sobre as opiniões: não chegão ao interno tribunal do homem, se pódem enfrear as acções; não cohibem os sentimentos, e se ellas são severas, trazem infallivelmente comsigo a reacção, causada pela compressão; nada ha mais elastico que o homem moral. Servirá a moral para reprimir o espirito de partido? Triste da minha vida! Esta moral he o capote com que cada partido se cobre. Hum julga fazer grandes ser-

viços á sua patria; outro ao seu principe. Hum invoca a virtude, outro a honra, o primeiro attesta os juramentos públicos, as sanções solemnes, o segundo brada desesperado pelas obrigações pessoaes. Cada hum tem debaixo de seus estandartes a palavra « Justiça » mas traduzida na lingua da sua paixão, e crendo, ou imaginando defender a boa causa, considéra todos os meios como legitimos contra os inimigos, que lhe parecem criminosos. E haverá receita efficaz para este mal? Parece-me que não existe mais do que huma unica virtude, que por sua força doce, e magica, possa desarmar tantas paixões, dissipar as sombras de tantos erros, e pôr termo a tantas calamidades. O nome desta virtude pura, simples, e doce como ella, he tão claro que não admitte interpretação duvidosa, he sempre o mesmo em todas as linguas: offerece a todos os corações hum unanime, e universal sentimento, e a todos os escriptos huma só, e invariavel idéa. Este nome sagrado, esta virtude sublime, e admiravel he a

benevolencia. Esta he a primeira voz que a natureza faz soar dentro em nossas almas desde o momento em que pela reflexão conhecemos; que todos somos irmãos. A benevolencia, he a virtude que o coração humano sente primeiro, e que primeiro pratica, ainda antes que se desenvolvão em toda a extensão as faculdades intellectuaes, porque a vemos praticar até na mesma infancia, sem que intervenha a idéa do interesse, que he o primeiro movel de todas as acções humanas.

Legisladores, magistrados, instituidores da mocidade, filosofos, poetas, moralistas, homens de todas as classes, de todas as idades, de todas as opiniões, de todos os estados, vinde reunir-vos á roda deste estandarte pacifico, e pacificador; ensinai a todos, e recomendai por toda a parte esta angelica virtude; derramai em todos os corações, em todos os espiritos sua unção salutifera; só ella póde fazer renascer, e avivar o desejo da tranquillidade, amortecer o incendio devastador de tantas guerras, reprimir

o impeto da soberba, e despotismo de hum Nabuco deslumbrado com a usurpada soberania; e dar aos homens a tão necessaria tolerancia civil, encadear o furor das conquistas, e se ha erros na legislação, e no governo, deixar que os homens vivão felizes com o seu erro; só ella póde espancar os fantasmas sanguinarios do fanatismo politico, adoçar nossa existencia, e inspirar-nos resignação pela nossa condição de mortalidade.

SOLILOQUIO LXXVI.

Não sei porque fatalidade nos pintão o templo da virtude, edificado em huma tão alta e escarpada montanha, que tornando-se inaccessivel, apenas se nos deixa vêr de tão longe, que esmorecem no meio do caminho os mais vivos, e mais ardentes desejos de a conseguir. Os Estoicos, homens os mais casmurros, cabeçudos, e teimosos que tem apparecido no mundo, fôrão os primeiros architectos do tal templo, e parece-me, que elle existio mais na sua imaginação, que encarapitado na tal montanha; sempre me aborreceo sua afectada aspereza, vi que exageravão infinitamente as coisas, e desejei dar outra definição da virtude, que a despojasse das formas austeras, que a fazem crer inaccessivel a maior parte dos homens. A virtude nasce de

hum sentimento, que a natureza imprime em todos os corações até se transformar em hum habito feliz, quando a corrupção social não destroe esta disposição primitiva. A' força de meditação sobre este objecto, conheci, que o principio da virtude tem sua existencia em nossa sensibilidade. Verdade constante, que nos prova, que em lugar de devermos trepar por huma fragosa, e escarpada montanha para entrarmos no templo da virtude, só devemos seguir docemente o pendor natural, que nos inclina á mesma virtude. Conhecida huma vez a consequencia deste principio, devemos de todo julgar inepta a exclamação de Bruto moribundo, que assegurava o triunfo, e victoria dos perversos, licenciando para sempre o exercito dos homens de bem. Quasi todos os filosofos da seita de Stoa, e seus modernos sequazes, e commentadores fizerão da virtude hum numero desconhecido, ou hum triste calculo, ou como Malebranches, hum amor methafysico da ordem, e huma perfeição quimerica, e desanimado-

ra. Quando eu consultava nossa propria fraqueza, e a necessidade que temos dos soccorros dos outros homens nossos similhantes, quando reflectia sobre a natural compaixão que sentimos dos males alheios, pela lembrança reflectida, que tambem podemos ser victimas das mesmas desgraças, em todos estes objectos eu descobri a origem pura de hum sentimento a que chamo benevolencia, ou virtude. A ingenuidade terna, e ditoza da infancia, a qual devia aperfeiçoar-se, e não mudar-se; a amavel candura da juventude, a doce, e singela hospitalidade dos salvagens, mostrão bem que a virtude nos he natural, e que todos os homens havendo nascido irmãos, e conservando este caracter em estado da natureza, se tornárão implacaveis rivaes em o estado da sociedade.

A impressão que nos faz o aspecto de hum cadaver, crivado de ballas, ou cortado de ferro, o estranho arripiamento, que eu sinto com a leitura de algumas passagens de Stacio, a commoção que todos experimen-

tão na representação de alguns dramas, mostrão com evidencia, que a virtude he mais hum sentimento que huma força. Os Estoicos trombudos e rispidos quizerão só fazer admirar a virtude; bastaria na verdade que a fizessem amar. Tudo o que se nos annuncia como sublime, nos parece desde logo inaccessivel: a simplicidade esmorece, e só hum vicio se atreve a emprehender, que he a ambição. He preciso pois que esta benevolencia exista, porque sem modélo não póde haver cópia. A sympathia, que o egoismo destruio, tinha precedido esta benevolencia. Mas tal he a corrupção do estado social, que se levantão mil vezes detractores da humanidade, que procurão justificar hum vil motivo de interesse pessoal nas acções mais generosas, e até no sublime sacrificio de Decio, e na espantosa renuncia da monarquia que fez Salvador Ribeiro de Sousa, caso unico na historia do mundo: as almas grandes existem no seio, e na ordem da natureza, as almas baixas apartão-se de seus principios, e suas

leis. A sensibilidade pois que não he conduzida, e illustrada pela razão, não corresponde ao fim da natureza, ainda que corresponda ao fim da sociedade. Eu conheci esta verdade olhando para os grandes quadros que nos offerecem as nossas historias da India; alli vi como alguns habitantes do Indostão se affijão com o mais ligeiro incommodo que padeção em suas viagens; como os Naires, que se dizem de castas nobres sejão impacientes com a mais leve contradicção, e como permaneção insensiveis aos trabalhos contínuos a que estão condemnadas as castas inferiores. Os crimes filhos da corrupção social, procurão tornar exclusivos os nossos sentimentos, e encerrar a beneficencia no estreito circulo de huma familia, ou ainda no circulo mais extenso da patria. A virtude não he sómente huma disposição feliz, hum habito louvavel, mas huma doutrina profunda. A natureza nos dá direcções, que devião ser prologomenos de todas as theorias sociaes. A verdadeira satisfação do homem consiste mais em se sepa-

rar dos males, e em os evitar, que em adquirir os bens, e por isto poucos homens gozão da felicidade dos outros, e quasi todos estão dispostos a participar dos males alheios. Evitar o mal he fazer bem, e para huma boa alma o ultimo periodo de satisfação, he ser util a todos os homens: eis-aqui por onde se deve graduar a sensibilidade, e determinar nossa escolha entre as differentes especies de bem que devemos fazer. A lei he huma cadeia, que a virtude magnetiza para lhe fazer attrahir de longe o que ella não podesse abraçar de perto; e a alma do homem virtuoso engrandecida, e dilatada pelo habito de grandes idéas se tornará em hum templo immenso, em que verá sempre diante de seus olhos o genero humano, e em que se considerará tambem exposta á contemplação do genero humano.

Todas as virtudes pois se derivão da sensibilidade (eu falo sempre das virtudes naturaes,) e por isso todas as virtudes são amaveis, ainda que assim se tenhão procurado faze-las in-

trataveis, e austeras; mas ainda que ellas sejão doces, e amaveis, não diminue por isto sua força, e energia, e o mesmo rigor, que mostra a justiça contra os culpados, he hum dever que dicta a compaixão que sentimos das desgraças que o crime causa, e derrama no meio da sociedade humana. A sensibilidade não tolhe a severidade da justiça, e quando nos mostramos austeros contra hum criminoso tambem nos mostramos humanos a beneficio da sociedade, cuja ventura o mesmo crime quer destruir. Nada ha mais ridiculo, que os conceitos methafysicos dos chamados filosofos, que contão por nada o mal real, que custa o bem imaginario, que elles promettem: tal he a conducta dos Francezes, chamados melhoradores do genero humano. Jaques em todos os seus escriptos he hum rival insensato daquella palavra, que fez de hum cáhos o mundo sua infatigavel penna; quiz fazer hum cáhos de hum mundo. Não ha palavra mais frequente na bocca de Jaques que a palavra virtude. Longas, e estereis especulações

occupão longas paginas para descrever a virtude, para estabelecer sua essencia, e nunca lhe chega á raiz. Querer o bem, preferir sempre o maior bem, caminhar constante por entre obstaculos ao maior bem possivel, eis-aqui a theoria verdadeira, sólida, e segura da virtude. Serião os póvos venturosos se os legisladores, e os modernos dominadores procurassem com toda a ancia fazer a juncção da politica, e da moral.

Ah! filosofos, filosofos da revolucionada França, quem me déra que desde o fundo deste escondrijo, soassem em vossas orelhas as minhas palavras! Guardai-vos de offender essa vossa tão decantada patria, separando-a do resto do mundo, e mettendo-a no fundo do vosso coração. Seja ella para vós huma familia, e não huma facção, e não façais do seu amor huma conjuração contra o resto dos mortaes. Quando o feroz Catão, fosse qual fosse a materia, que tratava naquelle senado de reis, tão differente da villissima caterva, que compõe o de Buonaparte, bradava imperti-

nente. « He preciso destruir Carthago» eu desejaria que se levantasse huma voz no meio daquella assembléa, e que lhe dissesse. « Não, Catão causticador, não destruamos Carthago, acabemos Roma, aperfeiçoemos suas leis, humanizemos sua politica, purifiquemos seus costumes, povoemola de Fabricios, de Curios, de Camillos, e de Cincinnatos, seja ella mais ditosa que grande, mais respeitavel, que terrivel. Seja a escóla das virtudes, o templo das artes, o sanctuario da filosofia, o modélo das cidades, o exemplo, e não o espanto, e o terror do universo. Conjuremo-la, peçamos-lhe que suspenda sua fortuna, e que offereça a todos os seculos o sublime, soberbo, e respeitavel quadro da justiça, encadeando a victoria. Temamos que succumba debaixo da sua mesma grandeza, e desmedido pezo de seu poder, não a suffoquemos debaixo dos despojos das nações, e temamos contra ella, não sei que fatalidade vingadora, que tem feito mais de huma vez, que o triunfador encontre o tumulo na sua mesma con-

quista. Se os filosofos regeneradores escutassem no fundo de seu coração, quando começárão a dar o politico, mas funesto abalo ao mundo, quantas desgraças, quantos lutos se haverião poupado! Mas os filosofos, que podião bradar desta maneira, fizerão-nos emmudecer na guilhotina, acabando-lhe de todo a casta, levantou-se em seu lugar huma praga de Vandalos salteadores, que até se introduzírão em Portugal sem que os chamassem, que assoalhando a palavra virtude, nos fizerão victimas do mais escandaloso latrocinio.

SOLILOQUIO LXXVII.

Desde Gil Vicente até agora sempre nós os Portuguezes fomos desditosos com o theatro: a algumas farças ridiculas, tediosas, e obscenissimas, que ainda se conservão impressas, seguírão-se as castelhanadas ainda peiores, além da secatura eterna das jornadas, os mesmos titulos das chamadas comedias, erão tão extravagantes como sua materia, seus enredos, e suas peripecias. Chovião em cima das taboas theatraes os Calderoens, os Solis, os fecundissimos, e estereis Lopes; e os nossos imitando, e seguindo estes modélos, sahião-se com cópias ainda peiores. O genio do seculo, e corrupção do gosto, parece que conservada de proposito na repartição do Parnaso, encadeavão os genios, e os obrigavão a sacrificar o talento á estupidez publica. Se o pobre, e quei-

mado Antonio José Judeo, antes de o chamuscarem, porque depois não podia ser, lançasse os olhos para os escriptos de Moliere, terião os Portuguezes hum verdadeiro poeta dramatico. O penetrante espirito do infeliz Hebreo, a fartura, e abundancia da lingua Portugueza, pela multidão de seus equivocos, de seus proloquios, de suas aluzões, e agudezas naturaes, terião dado obras acabadas, em lugar do labyrintho de Creta, e o alecrim, e mangerona; mas não foi assim, ficamos atolados no mesmo lodaçal das comedias Castelhanas, até que ao nosso modo se começárão a verter, ou inverter algumas de Metastasio, e se representou Alexandre na India no mais soberbo theatro que vio o mundo depois da ruina dos Romanos, levantado, e sustentado pela magnificencia de D. João V.º Facilitárão-se depois as traducções de alguns dramas Francezes, e atrevemo-nos a pôr em scena algumas tragedias, e comedias regulares feitas conforme as regras da razão, e da natureza, porque nunca ambas juntas mandão coisas oppos-

tas. Mas a fatalidade da desgraça do theatro Portuguez prevalece sempre. Com bons exemplares diante podião os senhores dados ás musas, que tanto blazonão de levantado entendimento, dar algumas cópias perfeitas: não foi assim, antes parece que se empenhárão em deitar de todo de pernas ao ar a pobre scena Portugueza, conduzindo-a a huma miseravel decadencia. He tal a lastima que o homem de bom siso gostaria mais de vêr representar as variedades de Protheo, e os precipicios de Faetonte, do que o apontoado de infamias, e desconexos, que em má prosa, e peiores versos nos imbutem todos os dias, ou todas as noites. A ultima vez que entrei no theatro, fugi logo atormentado com o espectaculo de duzentos pobres na scena, como senão bastassem os que andão pelas portas, e intupem as ruas. Em primeiro lugar, parece, que a exageração se tem apossado exclusivamente de todos os nossos espectaculos: authores, actores, expectadores, todos á mão tente, parece que tem conspirado contra o verdadeiro

genero, e verdadeiros principios. Do que se chama rigorosamente opera, me livrei eu sempre, não a vendo; creio que só servirá para aquelles a quem para dormir não aproveita huma boa dóse de opio.

Nesta composição, ultimo effeito da moleza, e corrupção Italiana, a escolha dos poemas deita a perder a musica, e o novo systema de musica reduz a nada os melhores poemas. Cantar sempre! Isto he coisa que possa sustentar hum quarto de hora o verosimil! Cantarem todos, e em todas as circumstancias! Isto nem se observaria em huma casa de doidos, composta toda de musicos. Vê-se muitas vezes dar-se cantando huma sentença de morte, recebella cantando o réo, e executalla cantando o carrasco. Cantando se bebe hum cópo de veneno, como quem emborca hum de Carcavellos, ou Madeira; e o que mais desafia, e provóca a minha cólera, cantando se diz hum segredo ao ouvido. Não sei por que fatalidade se introduzio esta monstruosidade em a scena, e com tudo he a mais frequenta-

da, e applaudida, e ha almas tão ôcas entre nós, que até se chegão a rir das graças de huma burleta, e eu ouvi retenir o theatro com palmadas ao apparecimento do primeiro bufo caricato. Nas comedias que se nos apresentão a pobre Thalia está violada, e forçada. Antes apparecesse Polinardo na Suecia, ou a Confusão de hum retrato, que as miserias do anno de 1800. As scenas observadas na sociedade aos ridiculos observados, e tiradas do centro do coração humano, se substituírão caractéres fantasticos, intrigas extravagantes sem verosimilhança, sem ordem, e o peior de tudo sem moral, pois longe de ensinarem ridicularizando, e rindo, corrompem insinuando, e facilitando os meios do crime, de maneira que alguns pais de familia perseguidos, e importunados pelas pobres filhas, cançadas toda a semana com o trabalho domestico, que as levem ao theatro, são obrigados a sahirem com ellas precipitadamente do camarote, para que não aprendão da bocca daquelles moralistas lições, que as con-

duzão ao precipicio, porque a primeira coisa, que se lhes ensina, he a maneira de lograrem os pais, até de tirarem debaixo do travesseiro as chaves da porta da rua. Pois a triste Melpomene! Quam abatida, e vilipendiada se tem visto entre nós! Protestão respeita-la, e assim mesmo a tem transfigurado. Era huma grande matronaça no theatro Grego, Latino, e Francez, pois muito pouco se distingue já de huma prostituta. Forçárão-se os meios tragicos, e as grandes paixões, tambem fôrão rendidas por huma coisa, que se chama golpes de theatro, grandes, complicados, e enormes acontecimentos, e aventuras romanescas, e monstruosas. Despedírão-se de nossos theatros a simplicidade Grega, e a magestade dos primeiros exemplares Francezes. Em fim, ás maravilhas da arte theatral succedêrão delirios de imaginação, e tem chegade a extravagancia, a corrupção do gosto, e manía da novidade no bom que he sempre invariavel, até a formar tragedias de assumptos fantasticos, que se não encontrão nem

pelo paiz da fabula, nem nos vastos, e dilatados campos da historia.

Conheço que he preciso conceder ao genio huma liberdade nobre, livra-lo do empácho das regras arbitrarias, e que não se dirivão de principio algum da razão, nem apparecem no seio da natureza; mas concedendo-se esta liberdade ao espirito creador, não se lhe permitte que arremete de todo o jugo da razão, nem tome nos dentes o freio da verosimilhança (tenhão paciencia com a metafora.) Os juizes pedantescos sentados sobre os limites da carreira seguida pelos que já morrêrão, isto he, repimpados nos bancos pulverulentos das escólas, onde de ordinario se escutão muitas razões, e se observão poucas obras, como homens verdadeiramente glaciaes, em lugar de animarem os vôos sublimes, e inovações brilhantes, e uteis, não o fazem, ou não se atrevem a faze-lo. São ostras pegadas aos rochedos, tem vida, mas não tem movimento local, não ha arrancalos da theoria, que estudárão pelo livrinho, e querem que os mais se não

apartem dalli hum só passo, ainda que a razão e o bom gosto o persuadão. Ha outros homens diametralmente opostos a estes. São huns athletas ambiciosos, que caprichão traçar, e bater hum caminho novo, e esta presumpção os aparta, e desvia do verdadeiro caminho, e tanto se apartão, que o perdem de vista. Eu direi sempre aos primeiros: meus amigos, estreitar, e apertar o caminho, não he aplaina-lo, nem se póde correr com liberdade, quando se obriga o que corre a pôr os pés em certas, e determinadas balizas. Eu direi aos segundos, tirar a meta do seu lugar, não he alargar o espaço da carreira. *Medio tutissimus ibis*, nem tão magro, que pareça hum esqueleto, nem tão gordo, que pareça hum monstro. Porém tudo isto em Portugal he clamar no deserto, e não ha coisa mais inutil que pregar moderação aos homens no meio dos actuaes delirios. A quéda das artes, foi tão rápida entre nós como foi lenta, e vagarosa sua elevação. As desordens do engenho são peiores agora, que a baixe-

za, e puerilidade do mesmo engenho no seculo de 600. Assim á nobre arquitectura Grega, e Romana, cujos progressos até á perfeição fôrão tão lentos, succedêrão repentinamente as extravagancias barbaras da arquitectura Arabe, e Tudesca.

vação espantosa do Corso outra coisa mais que astucias, velhacarias, artificios, atrocidades, orgulho sem limites, cobiça sem freio, tramas de rapacidades, perfidias nos procedimentos, protextos váos, e falsos, infracção impudentissima dos tratados mais solemnes, violação dos direitos mais sagrados, desprezo de todos os potentados, e perenne insulto da magestade, e soberania de todos os povos. Em fim para gravar, e perpetuar no coração dos que tem nascido depois da revolução, a insolencia, a audacia, e o odio contra o genero humano, os cooperadores do tyranno público, que governão, e dirigem mais em particular esta infame ralé, de nada se esquecem, e a nada perdoão; empregão todos os meios imaginaveis nas escólas públicas, e particulares, nos theatros, e em toda a qualidade de espectaculos; armão toda a especie de farças, de filippicas, e declamações extravagantes, e indecentes, ensinando-lhes a usar indistinctamente da mentira, e da verdade, e a não sentirem pejo de serem

escolhidos com hum furto nas mãos, ou executando huma manifesta perfidia, aleivosia, e ingratidão; eis-aqui o monstro, cuja perda interessa a todas as nações da terra: os chamados barbaros Argelinos não são mais que huns filosofos pacificos, quando os compáro com os Francezes: seu procedimento entre nós tem sido huma prova incontestavel da barbaridade innata deste povo, que para se manifestar, não aguarda senão o momento da licença. A despeito da cultura das artes, e sciencias, das leis, e das instituições civís, tem conservado sempre intacto até nossos dias, seu caracter feroz, e primitivo, em quanto todos os outros povos da Europa tem de todo despido, e deposto a rudeza, e ferocidade antiga, sem exceptuarmos a mesma Russia, que ha pouco mais de hum seculo nos dava o espectaculo de homens pouco differentes dos ursos na existencia, e sociedade civil.

O governo Francez longe de se oppôr ao regresso para a barbaridade primitiva, a promove, ajuda, e

lhe dá huma continuada impulsão. A' depravação dos costumes se tem seguido huma total cegueira de entendimento, porque no estado actual ousão os Francezes gabar, e preconizar sua ventura, e liberdade, e fallar de independencia, e soberania entre os ferros da mais vergonhosa escravidão. O que mais me escandaliza he chamarem-se os Francezes illustrados, e regeneradores, e estamos vendo, que não podemos existir entre elles, e com elles sem hum manifesto perigo da vida, e da bolsa, e ousão estes malvados chamarem-se o primeiro povo do universo!

SOLILOQUIO LXXIX.

Mais de tres grossos volumes em 8.° enchêrão os Francezes com o rol das preciosidades das boas artes que furtárão pela Italia, e Alemanha. Estatuas, bustos, relevos, quadros originaes dos primeiros mestres fôrão prezas miseraveis de sua insaciavel cubiça, e rapacidade. Não lhe escapou o mesmo quadro da transfiguração, que apanhárão em Monte Citorio, tudo alimpárão sem piedade, nem perdoárão á sua mesma nação, arrancando os monumentos das boas artes dos lugares em que os conservava, ou o gosto, ou propriedade, despojando as casas de seus legitimos possuidores, para encherem vastissimos salões do que elles chamão museo das artes, e com effeito, segundo o rol alli se guarda tudo quanto mais raro nesta repartição

SOLILOQUIO LXXVIII.

Ainda que eu procure anciosamente desviar a imaginação de objectos tristes, sombrios, e melancolicos, e espairecer pelas alegres, e frivolas campinas das questões literarias, nem sempre o posso fazer. Hum observador de ruinas de Athenas, de Roma, e de Palmira, não póde separar de si a idéa triste da voracidade do tempo, e da vicissitude, e inconstancia das coisas humanas, nem póde no meio da contemplação destes estragos, volver os olhos para objectos risonhos, e agradaveis. O estado actual da Europa offerece sempre á minha contemplação o espectaculo das ruinas moraes, tão capazes de despertar em mim o conhecimento da depravação humana em o estado social. O medonho, ou fantastico colosso do imperio Francez,

he para mim hum manancial contínuo de profundas reflexões. O despotismo levado ao excesso pelo abominavel imperio, creado pela perfidia, e pela mais louca ambição que até agora se tem assenhoreado do coração humano, tem feito da terra hum theatro de lagrimas, e desventura. Os Francezes adquirírão á força de delirios hum caracter novo, que os constitue em opposição com o interesse de todas as nações, e lhes inspira hum odio violento, hum profundo desprezo para com todos os estados do mundo. Fizerão-se os Francezes descarados, e insolentes de tal maneira, tão corrompidos, tão immoraes, que impunemente se arrogão o direito de tyrannizar o mundo inteiro. Estão possuidos do espirito de conquista; e este espirito he hum verdadeiro furor, que se tem transformado em latrocinio público, e universal. Dividírão as nações em duas partes, corrompêrão, e immobalizárão huma, e infelicitárão, e roubárão a outra. Primeiro se corrompêrão a si, e começárão sem parar a confundir o

abuso com o poder, a licença com a liberdade, a lei com o capricho, a violencia com o direito. Isto se conheceo desde o principio de sua revolta, e depois de escravos miseraveis em o dominio de Buonaparte, tem chegado a tal excesso de desaforo, e corrupção, que aluirão, e destruirão todas as barreiras do pejo, e da justiça; tem violado todos os direitos, e commettido todos os crimes na cobarde invasão de Portugal; tem aqui escarnecido, e mofado da liberdade, da honra, dos privilegios mais sagrados para cevar sua escandalosa, e sacrilega rapacidade. Desde a funesta época da acclamação de Buonaparte, a historia desta nação depravada não offerece mais que hum encadeamento extravagante de liberdade apparente, e de escravidão real; de emprezas temerarias, e de desgraças permanentes; de tentativas ferozes, e de argumento de cobardia; e em todos os seus passos, não se descobrem mais do que faltas, excessos, e crimes. Quando aqui vimos entrar a caterva faminta de salteadores, não vi-

mos mais do que o aspecto da miseria, da fome, e da mais baixa, e sordida avareza; com tudo por huma contradicção incomprehensivel sabemos, que tem comprado victorias, e partidos a preço de ouro, e com este ouro, roubado aliás tem excitado sedições, e revoltas em quasi todos os póvos. As vantagens que tem alcançado são filhas da corrupção, que astutamente soubérão derramar primeiro. Abusando, ou escarnecendo da palavra protecção, aquem até o povo mais rude, já sabe dar sua natural significação, tomão estes malvados a defensa das nações pequenas pára se enrequecer com seus despojos, e exercitarem a mais vil, e ultrajante rapina.

O homem de bem já não descobre neste imperio do latrocinio mais do que hum povo ávido, injusto, ferôz, oppressor de seus mesmos concidadãos, e cuja ambição estudada, e reflectida se encaminha, não só a escravizar a Europa, mas se tanto poder, ambos os mundos, velho e novo. Não se tem observado depois da ele-

ainda que me parecesse immensa a perda do museo das artes, onde existem tantos extremos, e apuros do pincel, e do cinzel, com tudo comparando-a á perda da livraria deposito unico, ou dos beneficios, ou dos destemperos do engenho humano, eu a reputava menor, e assim que ardessem os paineis quando quizessem, e que entrassem quando lhes parecesse os vencedores de Marengo, e que fizessem o que costumão, que he mutilar quantos bonecos de pedra encontrão ainda que sejão de Fidias, e de Canóva. Isto he na verdade huma perda dolorosa, mas póde ser adoçada pela posse dos mais preciosos monumentos de literatura, que tocão de mais perto o coração, e o engenho.

Cada qual he levado da sua vontade, para onde ella quer, e sei que hum amador de pinturas olharia com indignação para a minha escolha, e talvez se risse de minha imbecilidade, vendo que eu não sabia apreciar a emoção enthusiasta, que causa a vista, e o exame de hum marmore, sobre o qual o estatuario tenha tra-

çado engenhosamente as seductoras feições da rainha dos amores, ou os musculos, e atitude athletica de hum Hercules Farnesio. Assim será, mas o extase, ou sensação de huma pintura diminue sempre em nós em porporção das vezes, que nella detemos os olhos. Já nos costumámos á contemplação da estatua equestre de el-rei D. José, e passeamos á roda sem para lá levantar os olhos: os donos dos paineis quasi nunca olhão para elles, servem-lhes ou para acreditarem com a posse o seu bom gosto, ou para os mostrarem cheios de satisfação aos curiosos. A felicidade dos homens atêm-se mais ao conhecimento dos principios de moral, de economia, de prudencia, e de todas as virtude sociaes, que ao extase que póde produzir huma bella estatua.

Com effeito Roma possuía monumentos unicos em escultura, e arquitectura, e Roma embrutecida, e ignorante gemia sem remedio debaixo do jugo da dominação Gotica; porque se havia apagado a luz das sciencias. A legislação estava eclypsada com os

authores, que della havião tratado. A descoberta de hum unico exemplar de seu codigo, propagou pela Europa verdades eternas sepultadas havia tantos seculos. Hum bom livro (coisa rara na verdade) levanta a alma, e força hum coração depravado a não se desviar do caminho da honra, e da virtude, ainda que com effeito nunca chegue a fazer de hum general Francez hum Epaminondas, ou hum Themistocles. Nunca poderão fazer este effeito no coração do homem, nem o mesmo roubado Moysés de Miguel Angelo, nem a mais formosa estatua mulheril de Allegri. Depois disto todos os principios, todas as theorias das bellas artes jazem pelos livros; com sua leitura se póde desenvolver o mechanismo do genio. Pódem renascer as artes, se existirem as sciencias; mas destruidas as sciencias, difficultosamente se levantarão, porque são fracas muletas as taes artes para as sustentarem. Seja embora despojado aquelle grande edificio, chamado museo de todos esses soberbos filhos do escopro, e da tinta, ainda que

nos representem a cabeça de hum Bossuet, de hum Pascal, ou de hum Buffon; esmigalha-se o busto velho de Plinio tambem o velho, e o ha pouco achado do orador consular, como restem suas producções estudarei nellas suas virtudes, invejarei santamente seus talentos, ainda que não saiba se fôrão feios ou gentis homens, trigueiros, ou louros, isso pouco importa. Se eu não vir as donzellas de Albano, os bosques, e ramagens de Perelle, os rios e as marinhas de Vanloo, lerei Francisco Rodrigues Lobo, Sanazaro, ou Jorge de Monte Mór. Isto he melhor que admirar hum marmore frio, ou embasbacar-me para a mistura de mudas tintas. Que importa, que os olhos se apascentem pelas alegres salas pintadas a fresco, se as funções do engenho me ficão suspensas, não havendo para mim tormento mais insupportavel que a ociosidade da alma. São mais bem empregados, pódem ser mais uteis aos outros homens os momentos dados á leitura dos immortaes escriptos de Seneca, que a ociosa vista de todo o museo

possuia a Europa: alli se admirão as mais subidas producções de Miguel Angelo, de Rafael, de Albano, de Salvador Rosa, de Bernini, de Girardon, etc. Ora quando acabei de lêr o catalogo, correndo com a imaginação insaciavel de bellezas todos estes prodigios, enterrado de todo na minha estranha, porém habitual melancolia, eu disse comigo: todas estas bellezas serão reduzidas a cinzas pela fatal disposição, que estes barbaros Francezes tem para o perfeito Vandalismo. Estes lenços, que parecem reflectir a natureza brilhante, quando ao sahir das mãos do Creado appareceo orvalhada com o rocío da primeira aurora, serão pastos das chammas, e as labaredas devastadoras anniquillárão com voracidade tudo o que, imaginado só, me causa tão doce emoção como effeito do bello, e do grande. Esta supposição dolorosa derramou dentro em minha alma torrentes de amargura, antevendo hum futuro inevitavel, e considerando aquelle immenso deposito, onde se juntárão tantas bellezas quaes não

vio Corinthe, nem Athenas, nem Roma, como o theatro do Vandalismo.

Para me consolar eu li outros volumes ainda mais taludos, que são os da receita das preciosidades literarias tambem adquiridas pelas leis mais sagradas para Francezes, que são as da rapina. Com estes furtos enchêrão aquillo a que elles chamão bibliotheca nacional. Com effeito he o mais numeroso exercito de paginas que se tem formado; além da epidemia de livros Francezes de todas as idades em cuja producção sempre fôrão infatigaveis, elles roubárão tudo quanto havia precioso, e raro no mundo. Não lhes escapou o presente digno de Leão X., e mandado ao monarcha de mais extenso dominio; já lá foi outro dia a celebre biblia de Belém. Tirárão do Vaticano o que quizerão, empalmárão monumentos consoladores para o homem de genio. O Tito Livio de que usou Machiavello, anotado á margem pela sua mão: O Homero, e Sparciano de Angelo Policiano. O Ovidio que foi de Petrarcha, e commentado por elle. O

authografo da Jerusalém da mesma letra do Tasso, em fim tudo o que tinha valor pela raridade, e o que nos excitava doces sensações sobre os homens de extraordinario merito. Vinte grandes salões estão cheios destes monumentos preciosos, e refundirão neste reservatorio o que havia melhor no Louvre, e em todas as vastas bibliothecas de París. Nada ha mais curioso que o catalogo destas raridades, e eu depois de sua leitura me vi assaltado, e combatido de outra não menos melancolica imaginação. Figurou-se-me que passeava nestes vastos salões, e que de hum daquelles cantos, já cobertos de teas de aranha, me fallava huma Sibylla, e com o tom medonho de Calchas, ou do eremita Pedro, me dizia: « Hum destino implacavel empurra para a annihillação todos estes filhos, e netos do engenho humano. Todo este immenso armazem será pasto das chammas devorantes: e este montão de livros bons, ou máos, somniferos, ou interessantes, sãos, ou corrompidos, terá a mesma sorte que teve a

bibliotheca, de Ptolomeu, sem escapar hum só, tudo arderá desde a mais sublime producção do reinado de Luiz XIV, até a mais destampada novella do imperio de Buonaparte. » Espantado com este tristissimo agouro, hia a sahir daquelle domicilio antes que me lambessem tambem as promettidas labaredas, tornei a escutar outra vez a voz, que sahia das têas de aranha: « Ora pois, o destino pôz em tuas mãos salvar hum destes dois monumentos, conservar-se-ha hum pela ruina do outro, tu deves determinar a existencia, e anniquillação, mas he preciso escolher, e decidir; a operação he indispensavel. » Ainda fiquei mais atonito, porque não ha que brincar com bruxas, e com os destinos, e he preciso até beijar-lhe a mão com grandes cumprimentos, quando entre dois males nos deixão escolher aquelle que nos pareça menor, e que não offenda tanto nossas inclinações, nossos habitos, e que mais facilmente possamos supportar, isto he, aquelle, cuja intensidade dolorosa nos pareça menor. Em fim, respondi, que

das artes, onde as estatuas, e os quadros estão chorando pela casa de seu dono, donde a titulo de protecção, e regeneração com futuro brilhante, fôrão tiradas.

SOLILOQUIO LXXX.

He preciso, pois cahimos do estado natural, no estado social, que os homens se ajuntem, se communiquem, e conversem huns com outros; estas conversações são os verdadeiros, e honestos encantos da vida, e sem esta communicabilidade a mesma vida he hum pezo, e hum tormento, porque em fim o homem já não póde, nem deve estar só. He hum alimento indispensavel para a conservação: porém tres coisas espancão, e dissipão este encanto das sociedades, como eu alcancei por huma longa observação; o orgulho de alguns individuos, que impede o inno-

cente desafogo, que os outros tem de conversarem como lhes parecer; a vaidade, que quer exclusivamente occupar o primeiro lugar na conversação de quem se constitue o oraculo por eleição propria; o ar destrahido, ou affectada desatenção ao que os outros estão dizendo. A's vezes todos estes defeitos concorrem em huma sociedade, se hum só mathematico se encontra na mesma sociedade. Só a modestia he o correctivo de todas estas pestes. Esta proposição he de huma evidencia incontestavel. Só a modestia póde dar encantos, e sustentar o activo do commercio da vida civil: ella inspira necessariamente huma universal benevolencia, que a todos abrange, porque só esta virtude nos mostra, que nascemos para os outros: só ella desterra o insociável egoismo, só ella ministra até aos individuos mais dados aos vicios os meios de se conciliarem, e de obrigarem os homens que não ainão mais que a virtude, a conservar para com elles huma especie de attenção, e interesse. Com effeito o que me fez

aborrecer de morte as sociedades, foi observar continuamente alguns homens, que nunca affrouxavão do ar de importancia, que elles julgavão era proprio, e essencial, da sua dignidade pessoal, ou dos feitos de seus maiores, que já não existem.

Portugal está cheio destes fataes empecilhos. Homens verdadeiramente repugnantes, que tendo tanta facilidade de ser uteis a seus similhantes como outros tem de os arruinar, jámais quizerão sentir o dulcissimo prazer de fazer bem aos miseraveis. Outros homens vi na sociedade, que tendo chegado a hum estado de opulencia, e elevação, de que elles jámais se poderão lembrar, recebem no dia de hoje com ar frio, indifferente, grosseiro, e descortez o amigo com quem vivêrão na sociedade mais intima, chegando com a ingratidão até desconhecerem aquelles mesmos, de cujas mãos recebêrão beneficios no estado de indigencia, e de miseria. Lembro-me da maior parte das companhias que frequentei, e se intentasse agora fazer hum rol das inepcias,

das teimas, das entonações, que em todas observei, tinha que fallar eternamente comigo, e appareceria sem dúvida em toda a sua luz o quadro mais desagradavel. E que diria eu agora dos ajuntamentos, ou companhias presentes? A coisa mudou para peior, depois que as antigas ninherias que entretinhão os homens semanas inteiras, se mudárão na mania politica, em que cada qual pretende ser hum catedratico consumado? Mudárão-se os velhos cumprimentos no furor indomavel, e insaciavel do novelismo, e quando se esperava que a boa razão tivesse espancado a soberba das destinções velhas, multiplicárão-se os arbitros, e os tyrannos, das mesmas conversações, onde a soberba, a vaidade, a presumpção querem que pervaleção suas opiniões. Apparece sempre hum politicão profundo, que jurou não deixar fallar ninguem, levando seus discursos por diante, sem querer que os mais joguem tambem. Isto se observa não só nesses (como agora lhes chamão) Clubs rasteiros, mas nas casas mais opulentas,

e abastadas. Se cançados estes oraculos de determinarem, e decidirem da sorte da Europa, e do mundo volvão o rumo para outra parte, ou a próa para outro rumo; ainda se me tornão mais insuportaveis as taes companhias; já senão falla em letras, em sciencias, em artes, em cultura, em progressos do engenho, em melhoramento na repartição scientifica: a livraria são as gazetas Francezas, e depois de lidas, e admiradas, apparece huma casa cheia de mulheres Naiades das fontes, pouco lhes falta para apparecerem em couro, e da outra parte meio batalhão de homens caricaturas, occupados a se namorarem mutuamente, e fallando sem tregoas, e sem descanço de walsas indecentes, de aventuras escandalosas, de orgias amotinadoras, não tendo nada que dizer, porque huns, e outros nada sabem. Ah! se a modestia sempre tão necessaria, e em todos os lugares tão amavel, succedesse a este tom commum, a estes modos grosseiros, a estes accentos lubricos, e livres, o homem de bem não se retiraria tanto

destas companhias, onde com a perda de moral, vai misturada toda a doçura da vida civil. Então appareceria a candura; a ingenuidade da alma em os beiços, as palavras, e as intenções andarião acordes. Ninguem se occuparia unicamente de si, cada hum se lembraria, que existe para os outros, todos terião parte na conversação, a manía de figurar não dominaria tantas cabeças ôcas, tantos miólos furados, e a verdadeira, e honesta liberdade se estabeleceria nas sociedades particulares, como eu desejo, que se estabeleça na sociedade geral, approximando-se já o tempo em que os homens possão viver sem Buonaparte, o mundo politico descance das convulsões em que anda sobre bases sólidas, e leis seguras, e tornemos todos a nossos antigos usos, melhorando a nossa condição, e procurando-lhe a felicidade de que he compativel com homens juntos.

SOLILOQUIO LXXXI.

Não ha coisa mais perigosa que a lisonja, nem coisa mais vil que os lisongeiros. Os lisongeiros prodigão louvores ás carradas a tudo o que diz, faz, e ama, o homem que elles querem, ou corromper, ou seduzir; e são tão finos, tão atilados, tão habilidosos, que lisongeão de maneira, que enganando sem cessar o miseravel, este ainda em cima lhes fique muito obrigado, e se agrade, e pague muito do refalsado incenso. Não ha magnificencia de palacio, galeria de pinturas, amenidade de jardim, douradura de alizares, aparelho de chá, carruagem envernizada, diante de quem não abrão huma bocca de palmo, e não párem contemplativos, abstractos, e extasiados. E que farão elles, quando debaixo da capa de hum louvor merecido, po-

dem ingirir hum conselho perigoso! A sinceridade exprime-se simplesmente, fiada em si, e conhece na sua mesma ingenua confiança, que não tem necessidade de artificio. O estudo, e affectação nos lisongeiros sómente se esconde, e se disfarça, aos olhos daquelle miseravel, que intentão lograr. Os olheiros de fóra conhecem, que seus tregeitos não são naturaes. Sempre desconfiarei de hum homem, que emprega tudo quanto póde, e usa de todos os rodeios, que dão a conhecer o medo que tem que eu desconfie delle. Isto não he imitar a natureza, e a verdade, he querella vencer, e isto só o póde emprehender a mentira. Ora olhem bem para aquellas sombras, que imitão os movimentos dos corpos, similhantes ás sombras seguem todas as inclinações, tomão todas as attitudes do idolo que vão incensando. O lisongeiro mestre, e examinado, não tem hum parecer, hum juizo, huma decisão, hum simples gesto que lhe seja proprio, tudo he copia conforme com o seu original. Os instantes mais dito-

sos para os lisongeiros são aquelles, em que o fantasma, que adulão, está agitado, e combatido de alguma paixão, aqui se fazem elles a olho. Que scenas observei eu, quando levado pela torrente de costumes me introduzia na sociedade dos homens! Com que arte, e subtileza os lisongeiros favorecem, promovem esta mesma paixão com seus aturados serviços, e como destramente a sabem justificar com seus discursos! O primeiro cuidado que tem (na verdade são homens nascidos para o calculo!) he remover, separar do seu idolo todos aquelles homens grosseiros, que pódem ser menos officiosos, menos assentidores que elles, para ficarem á sua vontade, e dominarem sós. Ainda chega a mais sua sordice, e baixeza, consomem-se, e affligem-se com a vista, e presença de hum tal como elles, e que com elles possa rivalizar em adulação. He para vêr, e admirar a affectação, que elles tem em não louvar senão aquelles que lhe engrossão o partido, e com quem vivem unidos. Ficão mudos como hu-

ma estatua, quando se trata de outros, e se abrem a praguenta bocca, he para misturar a alguns louvores superficiaes defeitos encubertos, e essenciaes. Rebatem o merito alheio com palavras, e ás vezes monosyllabos, que parece ditos sem advertencia, e escapados casualmente, para lhe affiançarem mais crença, e limitarem-se sempre no estreito circulo de seus interesses, e de seus amigos: quanto mais modesto, reservado, e desinteressado se mostra o lisongeiro, mais timivel he, quanto mais superficial parece seu discurso mais veneno, e maior malicia encerra, he então que elle não deixa pedra que não mova, e moita que não bata, para parecer homem de bem, sendo o mais apestado de todos os velhacos. He preciso expiar bem os passos de hum demonio similhante, até no tempo em que elle se separa, e emudece; e observar, se outros o elogião, sem que se trate delle, e examinar-se bem o discernimento, e o merito destes louvores, para vêr donde nasce o zelo, e o calor que elles tomão por es-

te homem maravilhoso, então se verá que he massada, que o interesse formou, e o artificio procura encobrir. Ah! que será se ao ardor da ambição, e ao espirito da intriga, se ajuntão nelle o desejo da vingança, e o espirito de partido! Nada lhe esquece, e nada despreza do que póde servir para ser util a huns, e fazer mal a outros. Não passa hum dia, em que a obra da iniquidade não dê passos gigantescos a favor de suas acções, palavras, e escriptos, se o lisongeiro he da raça daquelles que sabem propinar veneno, pondo a penna em papel. Lança mão indestinctamente de todos os meios, reveste-se de todas as fórmulas, finge todas as caras para deitar a perder o miseravel homem, que muito franco, e muito crédulo se entregar sem reserva a toda a impulsão de seus conselhos. Se ha com effeito coisa abominavel, baixa, indigna, e desprezivel essencialmente no mundo, he o homem lisongeiro; a vileza he seu caracter, e tão impresso, tão profundamente arreigado, que nada o destroe, nada o al-

tera; porêm ainda que a simulação por algum tempo o possa esconder, chega sempre hum momento em que se descobre, e tarde, ou cedo o lisongeiro he conhecido, proscripto, e abominado. Chegão he verdade os aduladores á lograr, e impôr, á rectidão de hum homem de bem, ao genio mais profundo, e ao homem mais versado no manejo dos negocios do mundo. Os calculos, e combinações dos aduladores escapão, não digo eu ao ministro de estado, que se deslumbra com seu poder, ascendencia, e infeliz preponderancia, mas ao homem de engenho mais penetrante, porém huma invisivel mão rasga por fim a nuvem, e o prestigio se desvanece de todo.

Neste periodo funesto para a lisonja, o adulador he posto na rua, desprezado, assobiado, e apontado com o dedo, e seu vergonhoso estado, he huma consolação para o homem infeliz, hum terror para o vicio, e huma grande lição para o poder. O mundo vendo cahir estes miseraveis, não se cansa de bradar: «a mentira ce-

do, ou tarde se destróe, e só a verdade permanece » Quantos vi eu arrastrados pelas ruas de Lisboa, que poucos tempos antes tinhão a preço da mais vil lisonja rodado pelas mesmas ruas em soberbas carruagens? O desprezo público he o maior de todos os castigos, e não ha outro mais proporcionado ao mais vil dos delictos, a lisonja.

SOLILOQUIO LXXXII.

Quasi todas as questões de astronomia fysica, são outros tantos romances, estes objectos ficão excessivamente remotos, e distantes dos sentidos dos homens, e todas as nossas mais bem ordenadas conjecturas se fundão sobre o depoimento dos vidros. Todo o codigo das leis de Newton tem este fundamento, e sem os vidros não teriamos a celebre, e decantada lei de Kepler, de que se derivão tantos scolios, tantos corolarios. Verdadeiramente he governar o mundo em secco, querer desde este pequeno, e mesquinho globo, que chamamos terra, dar leis ao universo, ou não só explicar, mas determinar difinitivamente as leis porque elle se governa: tem o homem de terra a ousadia de entrar nos conselhos do immortal, para expôr confiadamente aos outros homens

o segredo das producções do infinito. Newton tomou isto á sua conta, e veio-lhe Deos a haver as palavrinhas gravitação, atracção, força centripeta, e centrifuga; e com isto está explicando tudo na enigmatica linguagem dos calculos, para cuja intelligencia he preciso hum diccionario mais taludo, que quatro Calepinos, e mais pezado que hum livro de direito.

Newton vio, que o alambre atrahe a palha, o iman atrahe o ferro, logo, diz elle, todos os corpos se atrahem mutuamente huns aos outros, pezão huns sobre os outros, e desta gravitação, desta universal atracção nascem todos os fenomenos da natureza, e os movimentos dos corpos celestes daqui trazem sua origem. Tudo isto são supposições gratuitas, e em quanto a mim tanto faz dizer, os corpos celestes movem-se porque são atrahidos, e porque gravitão huns sobre os outros, como dizer, os corpos celestes movem-se por humas qualidades occultas. Ora, como o movimento dos corpos he circular, para

explicar este movimento como elle se descobre a nossos olhos he preciso supôr duas forças oppostas, e contrarias nos mesmos corpos, huma que atrahe, e outra que retrahe: quer isto dizer, huma pela qual o corpo central puxa para si o corpo rodante, e outra pela qual o corpo rodante foge do corpo central, e destas duas forças combinadas nasce o movimento circular perfeito, ou elliptico dos corpos celestes. Tomára eu que algum newtoniano me respondesse a esta simples pergunta, creio que já se tem feito, porém tambem creio que se lhe não tem respondido. Qual destas duas forças he maior, a centripeta, ou a centrifuga? Ambas são iguaes, porque se a centrifuga no corpo que roda fosse maior, fugiria pela tangente, e se a centripeta fosse maior, engolia o rodante corpo. São iguaes, e desta igual combinação de forças nasce o movimento curvilineo. Pois se ellas são iguaes, então no systema de Newton tudo fica parado, e nós todos de bocca aberta, e queixo cahido, porque se tanto puxa huma

como a outra, nem este vai atraz daquelle, nem aquelle atraz deste; e cada hum fica no seu lugar. Será isto assim? Assim parece, e he mais facil de comprehender hum primeiro movel, como querião os peripateticos, e toda a enorme, e infinita parentéla dos escolasticos, e como quiz agora Mercier, que arrebate tudo, e faça andar tudo em polvorosa, ou n'hum corropio, que as forças imaginadas por Newton, que são segundo os epitafios feitos pelos Inglezes a causa da inveja, que os Anjos pódem ter aos homens. Newton sinthetico em tal assumpto deo cincas indisputaveis. Eu assentava que a causa do movimento dos corpos do nosso systema planetario ainda não estava descoberta, consulava-me com a profecia de Seneca, isto he, que os seculos trarião esta importante descuberta, que tantas cocegas faz á nossa curiosidade. *Veniet enim tempus, quo posteri nostri tam aperta nos nescisse mirentur.* Em que monturo me parece que fui eu achar este segredo! Em huma gazeta Franceza, forjada em París,

officina de mentira e da impostura. Nesta gazeta, que he do anno oitavo da defunta República, apparece hum franchinote, chamado Picot, morador em Páu, cidade junto aos Piryneos, inventor de hum meio de observar, e examinar o Sol sem que a vista se deslumbre, ou soffra a menor offensa. Com effeito Picot, vio este astro perfeitamente, e com a mesma perfeição o vírão os que usarão do mesmo instrumento, ou se servírão do mesmo meio, e observárão no seu estado natural, e verdadeiro, isto he, sem manchas, como diz o víra, o jesuita Alemão, e não scintilante como nos parece. Seu eixo varîa sem cessar, e as partes de sua superficie são tanto mais brilhantes, quanto mais se apartão dos pólos, de maneira que seu equador he sempre a parte mais brilhante, e luminosa. Roda sobre si mesmo com huma rapidez que se não póde reduzir a cálculo, porém que parece ser de cem revoluções em cada minuto. Isto he o que se conhece pela repetição da experiencia de Picot, e sem dúvida he este o estado

natural deste astro, tão visto, tão sentido, e tão pouco conhecido. Para tirar algumas consequencias deste principio demonstrado, porque os olhos são as testemunhas, não he precisa a triste, e macilenta algebra. Esta prodigiosa rotação do Sol, dá segundo eu entendo, huma explicação mais simples, e mais natural dos movimentos do mundo planetario, sem o terrivel, e estafador apparato dos principios mathematicos da filosofia natural. Deixa-me ser aqui comigo mesmo author de systemas, e deito a terra de huma pennada a rebatida gravitação, e o fluido sempre agitado de Privat de Molieres. O Sol rodando com tanta velocidade, deve tambem fazer rodar o ether até huma distancia proporcionada á sua densidade e grandeza, e sobre tudo a rapidez incalculavel do seu movimento, e por consequencia muito além do planeta de Herschel, e o do novo achado, ou visto por Harding. Este movimento circular, que necessariamente deve ter o ether produzido pela rotação do Sol sobre o seu

eixo, se deve estender, e communicar aos planetas, cuja atmosfera o mesmo ether cerca, e abrange, e como este movimento tem huma rapidez proporcionada ao Sol, parece-me que se segue daqui, que os planetas serão arrebatados á roda do Sol com huma velocidade, que será sempre na razão inversa da sua distancia. Depois deste primeiro, e natural effeito, que por certo não he huma suposição gratuita como as hypotheses até agora recebidas; segue-se, que sendo a atmosfera de cada planeta arrebatada por hum movimento mais rápido da parte offerecida á face do Sol, e menos rápido da parte opposta, segue-se que os planetas devem necessariamente fazer revoluções sobre o seu proprio eixo, apresentando, e offerecendo successivamente ao Sol toda a circumferencia de seus globos. Ora, rectificada a experiencia do tal Picot, e constituida fóra de toda a dúvida, temos duas coisas, a primeira deitado de pernas ao ar, só com hum piparote o systema do immórtal Newton, e com elle

a caterva dos turbilhões, que ainda conserva grandes arrojados, e defensores; e a segunda a descoberta de huma lei geral do mundo planetario, mais conforme á razão, e á verdadeira fysica, e lei que explica com a maior simplicidade todos os movimentos celestes, tão descobertos a nossos olhos, como escondidos á nossa orgulhosa razão, em seus principios, e causa. Perguntarão alguns escrupulosos, quem dá ao astro central tão rápido movimento, que leve comsigo o ether, e tudo quanto anda pelo ether a huma distancia tão prodigiosa, que ainda lhe não conhecemos seus verdadeiros limites, pois cada dia vai apparecendo mais hum globo inquilino deste systema solar? Respondo, que quem fez o Sol, esse mesmo lhe deo o movimento. A cadeia das causas tem hum fuzil primeiro: he preciso parar.

SOLILOQUIO LXXXIII.

A maior parte dos homens imagina, e se afigura, que passado hum certo número de annos, a vida não he mais que huma têa de enfermidades, desgostos, pezares, e huma roda viva de tormentos fysicos, e moraes. Querer estender a carreira além do termo ordinario, he remar contra a maré, he querer superviver a si mesmo. Eis-aqui como eu tenho ouvido quasi sempre grunhir os homens, que pela maior parte são incontentaveis. Com tudo bastão poucas observações para conhecermos, que os factos não concordão com esta opinião afflictiva, e cobarde. O corpo humano passa por differentes degráos, ou estados de consistencia desde sua primeira formação até ao ultimo periodo de decrepitude em que cahe por si mesmo como hum marmello

maduro: a este estado poucos chegão, porque os medicos tem o cuidado de lhes hir á mão com os seus ordinarios mandados de despejo da vida. Ora estes degráos da vida, não tem hum typo variavel, hum intervallo fixo, são mais ou menos sensiveis, segundo as causas particulares que modificão cada individuo. Já se tem visto rapazes de altura de cinco pés, com plena adolescencia antes de cumprirem sete annos, e ha muitos paizes, com especialidade o Indostão, onde a época da puberdade apparece mais cedo. Chamamos idade feita aquella, em que parece se começa a dar a volta, não offerece menos variedades. Os anãos, que para vergonha da humanidade servem a muitas pessoas de divertimento, correm em menos de trinta annos o espaço que separa as duas extremidades da vida. Entre os homens mais bem acondicionados, e constituidos, os progressos da idade, por serem alguma coisa menos rápidos, nem por isso são mais uniformes. Ha tal, que sem oculos já não póde ler aos quarenta

annos, e ha tal que aos noventa ainda não necessita de carregar o nariz com as taes cangalhas, que passárão a ser móda até entre os mais bravos militares.

Tenho conhecido monges sedentarios, vivendo em mosteiros bem situados, e bem dotados, gordos, nedios com pelle liza, e olho luzente até quasi cem annos (o que me confirma no presuposto em que ando, que o não fazer nada, he o melhor emprego da vida, e que a verdadeira filosofia, he deixar-se hir sem occupar o entendimento nas malditas especulações filosoficas, que servem de baldear a gente para dentro da eóva, e tenho visto outros monges tão imprudentes, que dérão exercicio ás faculdades intellectuaes, que aos cincoenta e cinco estavão perfeitamente emmarasmados. Para saber a idade de huma pessoa não he preciso consultar a data do seu nascimento; o número dos annos que tem vivido não compõe mais que sua idade nominal, ou abstracta. A idade real, a idade fysica, mede-se pela

distancia do primeiro degrão de consistencia ao degrão a que se tem chegado, e este he tão patente, e visivel, que nem as proprias mulheres tem arrebiques com que os dissimulem, ou escondão.

Cada hum para saber ao certo sua idade sem consultar a folhinha, não tem mais que vêr se a pelle tem perdido sua frescura, e se as rugas que a custumão lavrar, se hajão ou não multiplicado; se são profundas, ou superficiaes. Se os cabellos hajão ou não mudado de côr; se lhe faltem os dentes, havendo cahido por si mesmo, e não por beneficio do charlatão, que formado na universidade de París tenha vindo fazer essa mercê aos habitantes de Portugal. Se o corpo se acha curvo, como capucho em *Gloria Patri*, ou cortezia de velhaco; se os pés se pegão muito á terra, que he hum evidente signal de amor á cova; se o olho está embaciado, e se se vai fazendo muito ermitão, retirado na cóva, que lhe deo por morada a natureza; se o ouvido se acha duro, e difficil; se o antago-

nismo dos musculos se sinta destruido; se a cabeça vacilla; se as mãos tremem; se as pernas cambaleão: tudo isto salta aos olhos, nem he preciso lembrar-se da data de seu nascimento para saber a idade que tem.

De vagar, me dirão os professoraços da arte cosmetica. He verdade, convenho, póde o homem mascarar huma parte dos defeitos do dessecamento, cujos progressos successivos formão a verdadeira escala da idade, póde dar huma demão de tinta aos cabellos, e aos sobrolhos; póde virar de crena, e alizar a pelle das mãos; póde remontar os dentes, e esconder algumas rugas ao olho mais vivo, attento, e perspicaz; porém se se não vè o que está debaixo da mascara, descobre-se ao menos a mesma mascara, e basta isto para despertar a desconfiança, a dúvida, e a maligna curiósidade. Além disto quantos ultrages ha feitos aos bigodes mais bem burnidos, que são impossiveis de se disfarçar, e de fazerem huma illusão momentanea? Com effeito,

poderia eu dizer á mulher mais bem embonecrada ao sahir de seu tôcador, pelo que pertence a idade, por mais que se dissimule, cada hum tem a que parece ter, e o verdadeiro meio de parecer moça, he ser moça. E na verdade, conservar-se a idade florida por tanto tempo, quanto se conservão em toda sua energia as faculdades fysicas, moraes, e intellectuaes; a velhice mede-se pela proporção do enfraquecimento destas mesmas faculdades. Thomás Parr foi levado de 152 annos de idade á corte de Carlos I.°, e morrêo de plethora, e não emmarasmado, e o celebre Harvey, que se chamou achador da circulação do sangue, abrindo-o achou todos os orgãos essenciaes, e sobre tudo o systema digestivo em o melhor estado. Aos 100 annos de idade soffreo huma penitencia pública á porta da sua freguezia, por certos dares, e tomares lubricos com Catharina Milton, casou de 120 annos, ainda cheio de vigor, e capaz de merecer segunda penitencia, e quando morrêo de 152 annos, e 9 mezes nenhum senti-

do ainda o havia abandonado, e pelas minhas contas este Mathusalem da Grã-Bretanha não morrêo velho; triste do genero humano se Buonaparte se demora outro tanto tempo neste mundo! Plinio, o engolidor de quantos carapetões se lhe quizerão imbutir, cita com admiração a feliz velhice do musico Xenofilo, que aos 130 annos parecia ter apenas 50. Tanto contribue para a longa idade levar a vida alegre, e ter o juizo de hum musico! O mesmo escriptor nos diz, que Lucia, actriz ou comica Romana figurava ainda na scena aos 112 annos; excellente mulher para fazer o papel de sogra, ou de serpente! Abenzoar, medico Arabe, que exerceo a sua arte em Sevilha com feliz saude até a idade de 126 annos, de que enterros seria este homem expectador, e causa! Lembra-me ter pegado por acaso em Santarém em o quarto volume das relações, e viagens do cavalheiro Pietro de La Valle, e vêr que em 1625 o padre Gaspar Dragonete, jesuita, em idade de 120 annos, se achava ainda fresco,

e robusto, com todos os seus dentes, e que lia sem oculos, dando publicamente lições em hum dos collegios de Roma, com tanta vivacidade como eloquencia. Fontenelle aos 99 annos de idade ainda escrevia agradavelmente; e conservava o engenho com a mesma frivolidade que hum Francez de 25. Eu poderia ir formando hum comprido aranzel, e eterno rol destes exemplos; e que devo concluir dos alegados até aqui? Que a degeneração de nossas faculdades não corresponde de sorte alguma á duração da vida, mas ao espaço que correo entre o estado da formação da primeira infancia, e o ultimo periodo, ou bocejo da decrepitude. Que se existe, como eu creio, huma arte de prolongar, ou dilatar a vida, deve consistir em correr lentamente o espaço de que acabo de fallar, ou em retardar os progressos da idade; e parece-me que tenho razão, visto que muitos homens chegão a huma idade extraordinaria, não sendo mais velhos, mais infermos, mais caducos, do que de ordinario são outros ho-

mens entre os 65, e os 75. A maior parte dos centenarios, morrem sempre de doenças accidentaes como o commum dos homens, e apenas se póde citar o exemplo de hum que haja deixado de viver por impotencia natural de viver ainda, quero dizer por hum marasma levado ao ultimo degráo, ou excesso.

Em fim, eu reduzo toda a arte de dilatar a existencia, que vem a ser, contar muitas revoluções do Sol, ou da terra, a que os homens chamão annos, a bem poucos mandamentos. Para viver muito he preciso comer pouco; procurar vivenda em lugar elevado, montuoso, e mais frio que quente; exercitar-se, e trabalhar até á lassitude, sem fadiga; não passar por sitio, onde tenha passado hum medico, ainda, que seja correndo a posta; fugir da habitação de cidades populosas; não tomar muito a peito as coisas deste mundo, julgando-se nascido para reformador do genero humano; dormir quanto lhe pedir a natureza, e deixar-se de filosofia que he a traça, e gonguilho que mais

esfaréla a triste vida humana. Pascal morrêo de 39 annos, Spinosa de 43.

SOLILOQUIO LXXXIV. (*)

Por mais que eu quizesse affectar hum tom de frivolidade, quando gozavamos todos a ventura da liberdade, e independencia da nossa patria, fugindo desta maneira a objectos pezados, e melancolicos, não pude converter este habito em natureza, que o conserve agora, que nos vemos rodeados de desgraças, que nos obrigão da parte de elrei a profundas reflexões; e he manha do homem infeliz, e melancolico, metter-se a moralizador a torto e a direito. Hum dos vicios que me tem escandalizado mais

(*) *Nota.* Tenha-se em vista ao ler este Soliloquio, que eu o escrevi, assim como quasi todos, no tempo da nossa sujeição aos Francezes.

nesta funestissima catastrofe he a ingratidão. Os homens, que fôrão mais beneficiados em o nosso patrio, e paternal regime, são agora os mais ingratos, e tão corrompidos, que não se envergonhão de apparecer na face daquelles mesmos, que fôrão testemunhas dos beneficios que elles recebêrão. Mas este vicio não he só de huma idade, e das actuaes circumstancias; he de todas as idades, e de todas as circumstancias.

Em todas ellas se encontrão ingratos aos cardumes, he huma droga vulgar, e o mundo não he mais, que huma continuada feira de ingratos, e a considerarmos tambem este nome do genero feminino; lêão-se os poetas todos; ouvi-los-hão queixar de não terem encontrado mais do que ingratas entre as filhas de Eva. Ora as filhas de Eva pódem vir com a sua quartada, e dizer em sua defensa, que os poetas todos são outros tantos mentirosos, e não se enganão as filhas de Eva. Lá se avenhão, que eu não me embaraço senão com o genero mascolino.

Tendes servido efficacissimamente aquelle escriptor sem fortuna, sem recursos, e sem Mecenas, ou protectores; se este escriptor á força, ou de intriga, ou de lisonja, obtem hum emprego público, e o fazem official do consulado, ou da casa das carnes, e da vossa terra vos mandão dois prezuntos, fostes mofino, se os quereis despachar com promptidão, já vos não conhece. Soccorri generosamente tal, e tal individuo no meio da miseria, que o opprimia, chegou, e nem eu, nem ninguem sabe como, a adquirir grande fortuna, desgraçado de mim, e dos meus, se chegamos a ter necessidade de seus soccorros! Taes são as virtudes da maior parte dos individuos, que em quanto outros perdem seu estado, emprego, ou patrimonio achárão o segredo de se elevar, e enriquecer! Eu não me devo pôr a prégar como fazem tantos declamadores da escóla de Jaques, que a sociedade está corrompida; desde que houve sociedade houve corrupção, e os homens juntos são hum seminario de vicios. Desta verdade nos con-

vence a historia de todos os seculos. Sempre direi, que a gratidão, e o reconhecimento he hum derivado da justiça, e que por isto o ingrato he o mais injusto dos homens, assim como he o mais vil. Diga a ignorancia o que quizer, e berre á sua vontade; o ingrato he mais culpado, que o ladrão; e se as leis não castigão o ingrato senão em casos muito extraordinarios, e por factos muito escandalosos, e pela privação da coisa, que fazia, ou devia fazer o objecto da doação; eis-aqui huma razão para que os homens de bem usem daquella vingança deixada aos costumes, que he desprezar, e evitar sempre o culpado. He certo que o bemfeitor não deve exigir nem recompensa, nem reconhecimento, quando faz o beneficio; isto então seria hum contrato, ou cambio, ou troca de huma coisa por outra, e seria negocio de rapazes, toma lá, dá cá. O beneficio deixaria de ser beneficio, porque elle he de sua natureza hum dom gratuito; porém, o mesmo beneficio exige o que o bemfeitor nem póde, nem de-

ve exigir, e o desinteresse absoluto do bemfeitor, torna muito mais sagrada a obrigação que nasce do mesmo beneficio. Qualquer que se resolver a dar alguma coisa, ou á fazer algum beneficio, deve lembrar-se huma vez para sempre, que só o verdadeiro merito he reconhecido, e he grato. A falta de reconhecimento he vicio alheio, mas a falta de discernimento para escolher pessoas a quem se dê, he falta propria, e privativa do doador. A ingratidão he o vicio de todos os homens peralvilhos, e superficiaes, e dos grandes doutores da universidade Franceza; sentem vivamente, porém mais rápidamente se esquecem do beneficio. Tambem a ingratidão he o vicio commum de todos os interesseiros, dos descarados, ou desaforados; capazes de ouvirem huma injuria atroz nas bochechas sem mudarem de côr, como se a coisa não fosse com elles. He o vicio de todos os que embuidos de doutrina Franceza tem renunciado a todos os dictames, e principios de justiça natural, e mais que tudo, he o vicio

dos que se julgão abater, quando lhes vem á lembrança, que fôrão obrigados, e que recebêrão alguns favores; são estes aquelles estupidos que jámais discorrem sobre as suas acções, e reflectem sobre seus deveres, para quem os sentimentos moraes são cousas indifferentes, e de nenhum momento. Não ha outro remedio, para nos não escandalizarmos dos ingratos mais do que não buscar no beneficio senão o prazer de o haver feito, e o testemunho intimo da propria consciencia, que he o mais nobre, e estimavel de todos os reconhecimentos. Todo aquelle que considéra o seu beneficio como huma cadeia, e não como hum principio de adhesão, e apego mais vivo, e mais doce, merece ser considerado por aquelles mesmos a quem obriga daquella mesma maneira, que os escravos costumão considerar o senhor, que lhes dá de comer alguma cousa. Ora eis-aqui hum manifesto fruto da leitura dos admiraveis cinco livros de Seneca sobre os beneficios; onde ha paginas que valem muitos tratados de moral,

e muitas grozas de importunas broxuras com que a hypocrisia Franceza tem atordido o mundo: e ler Seneca no tempo em que os salteadores Francezes tyrannizão Portugal, he buscar hum emplastro confortativo contra as calamidades públicas, e particulares, que não são poucas.

SOLILOQUIO LXXXV.

Ha mais de hum seculo, ou seculo e meio, que se batalha nas escólas (quanto á coisa, que se designa por este nome) sobre as idéas innatas; e não ha estudantinho de logica, que a este respeito não tenha sustentado ou pró, ou contra a sua these. Quando eu passei (no tempo em que fui condemnado a estas galés) por esta quebra-cabeça, costumado a jurar nas palavras do Sr. mestre, que jurava mais do que eu ainda nas palavras do Sr. Condillac, ria muito, com muita soberba de todos aquelles veneraveis cathedraticos antigos, que dizião á bocca cheia, que existião as idéas innatas; reputava isto como hum dos muitos erros que elles tinhão bebido com o leite, em o ranço intolleravel de suas postillas: mas os velhos erão honrados,

e tinhão razão. Por onde quer que ainda ha livros, e que os homens enfadados, e mortalmente enjoados de fallar no cabinho de Esquadra, como lhe chamão alguns Francezes, que o conhecem bem, se dão á meditação, e especulações filosoficas para enganarem alguns momentos de afflicção, e de amargura; e começa a ouvir hum rum rum cruel contra o systema do escandecido Lock, e burnido, e penteado Condillac, e todo o homem meditador, e que não pára nas superficies das coisas, conhece a sem razão com que estes presumpçosos legisladores de poder absoluto, e moto proprio pozerão as idéas innatas no andar da rua. Ha certos movimentos nas creanças pequenas, gente com quem eu gosto muito de me entreter, que de certo não fôrão adquiridos pelo canal dos sentidos; desde a mais tenra idade, se observa hum claro conhecimento da differença que ha entre o bem, e o mal. Em toda a parte se conhece já, que a consciencia, a distinção do justo, e injusto; o remorso, a adoração, e a faculdade de

se elevar progressivamente ás noções divinas, não são coisas que nasção, ou se derivem immediatamente dos nossos sentidos, ou sejão puros effeitos de nossas sensações; se apparece algum, que se resolva a affirmar o contrario, he tratado com maior desprezo do que erão tratados na abertura, e estabelecimento das novas escólas, os pulverulentos ginjas do peripato antigo. Só em París, e nas suas Colonias maçonicas, onde nada se lê mais do que gazetas, chaves do gabinete, publicista, e monitor, boletins daqui, e boletins dalem, differentes no sitio, e data, e iguaes na mentira, na impostura, e em que os authores dos cafés não fallão mais do que em broxuras politicas, onde a colher dos pedreiros caldeia a argamassa do materialismo da officina de Lock, que exala, e derrama por toda a parte o bafio repugnante, e hidiondo do tumulo, e da morte, se proscrevem como contos de velhas, as ideas innatas.

Estes soberbos pedreiros, cujas tenebrosas obras se descobrem nos las-

timosos effeitos da revolução são conhecidos, e não se pódem dissimular, bem como os outros pedreiros, que apparecem sempre pingados, cheios de terra, e com as pestanas comidas da cal, e por isto he preciso resguardar-se da pestilencia que exalão, conduzindo com pés de lã os homens para o desesperado, e desconsolador materialismo, e pela destruição de idéas innatas maquinão, e procurão a destruição da moral, cujos principios o soberano arbitro da natureza depositou no coração do homem, independentes do ministerio dos sentidos, e da força das sensações. Não vem dos sentidos aquelle lume, que elle accendeo em nosso espirito, e cujos reverberos se admirão como assignalados em o rosto do homem.

He preciso deitar abaixo estes colossos da soberba, ou talvez que bonecos cheios de vaidade, e reduzir os homens aos verdadeiros conhecimentos das coisas, e persuadi-los de huma vez, que as innovações em filosofia tem feito no mundo formidaveis, e espantosos estragos. Muito

invejo na verdade o singular talento de Mercier, que com hum revez de penna, pulverizou os fatasmas das sciencias, e os fez ter, e conhecer por huns solemnes, ou insignes mentirosos. Pôz a terra no centro do nosso mundo como Deos o tinha feito, e para isto não lhe foi preciso mais que hum pouco de recta razão, e bom siso, e hum justo desprezo dos sonhos dos mathematicos, e astronomos todos. Esta verdade com tudo he cem vezes menos importante, que restituir ao homem aquella alma celeste, que a orgulhosa, e falsa filosofia lhe pertende extinguir, e fundir-lhe de todo naquelles cadilhos abrazados, que amassárão os desaforados legisladores das sciencias, que se arrogárão a alçada de reformar o genero humano. He preciso quebrar estes cadilhos, porque elles querem, e sempre estão bradando pelo nada. Ha muito, que eu não faço caso nenhum dos elogios dos homens, dos seus louvores, críticas, glosas, e satyras. Tudo o que estes campiões da literatura, chamados encyclopedistas, dizem, e intra-

me por hum ouvido, e sahe-me pelo outro. Não tenho necessidade alguma de seus suffragios, e approvações para pensar, e para escrever; confio-me nestas materias puramente filosoficas na minha razão, presente de Deos, o qual me deo esta tocha para me guiar, e nas sciencias humanas he o melhor moço de cégo que se póde apetecer: já não escuto nem livros, nem todas as academias em pezo, ainda que viessem em corpo escolastico a querer-me converter. Faço-me forte com meu proprio pensamento, sem necessitar de armas alheias, e estranhas, e hà muito que se me assentou no coração o firme presupposto de que Newton, e Lock são dois grandes homens Inglezes na verdade, que o primeiro fazia tambem contas na astronomia, como na casa da moeda, de que era provedor, e que o segundo tinha lido os comentadores de Aristoteles, e bebido como ninguem a methafysica de Soares, e todo o curso Conimbricense, porém que ambos estavão illudidos, e que de illusões en-

chêrão a humanidade. Ter respeito a nomes ainda que tão estrondosos he pusilanimidade, quando a razão está da nossa parte, que importa que hum se chamasse Isaac Newton, e o outro João Lock?

SOLILOQUIO LXXXVI.

Somos assim formados: cada individuo tem sua cara, ou boa, ou má, sempre differente, sempre diversa das dos outros individuos; cada hum tem seus sentimentos, suas teimas, suas paixões differentes, que são necessarias consequencias da diversidade de compleições, e da interna estructura dos orgãos. O que a huns parece hum prodigio de ordem, e harmonia, a outros parece hum verdadeiro inferno, morada eterna do horror. Achão huns graça a huma coisa, outros fogem desta mesma coisa, como se foge da peste, e se deve fugir dos Francezes. Muitos se hão de rir na verdade da minha invensivel antipathia com a dança, seja ella qual fôr; obrigar-me a vêr dançar he tirar-me os dentes da bocca, e acabar-me os dias da vida, e he tal

a desgraça, que se encontrão livros, que ensinão a dar estes desconformes pulos, e a ordenar bem huma roda de tremendos coices, que se chama contradança.

Por fatalidade, e por certa força incontrastavel, que peza sobre a minha existencia, tenho assistido a estas amotinadoras orgias, e sendo eu affeito a me não assustar de perigos eminentes, ainda que em si envolvão a probabilidade da morte, apenas oiço o primeiro estrepito dos coices, ainda que sejão dados em cima de huma abobeda de fortaleza a prova de bomba, não ha reflexão que me desapegue da alma o susto, de que eu, os dançarinos, a abobeda, e a casa toda vamos ao meio do chão, e ficamos todos esborrachados como os do templo que Samsão deitou abaixo, e que se tinhão ajuntado para o verem dançar. O meu continuado susto, não deve ser hum motivo para se aborrecer a dança, não seja tambem, certa idéa de degradamento, ou aviltamento em a natural gravidade, ou magestade do homem que dá

tantos, e tão violentos saltos indecentes, e que para mais penas sentir, estão reduzidos a arte de que ha professores, e doutores eminentes, que della comem, e bebem. A dança deve ser abominada, e proscripta não só pelos damnos moraes que causa, mas até pelos damnos fysicos. A doença que na linguagem de Epidauro se chama *pulmonia*, e de que tanto oiço queixar em Lisboa, o que offerece tão farta colheita aos filhos de Esculapio, he hum dos primeiros effeitos da dança tal qual se acha introduzida em nossas sociedades; pois apenas soa o guincho agudo da rabeca, velhos, moços, creanças, mulheres, avós, e tias, tudo como os que visitavão o sepulchro do diacono Jansenista em hum cemiterio de París, começão furiosamente a saltar, e o edificio a jogar como bote pequeno em tempestade grande. Eu creio que entre as causas da pulmonia, a dança he huma das mais fataes. Como se póde respirar, e viver em huma sala, onde ardem mil velas bogias, e de cujo tecto pendem cincoenta lus-

tres, e guarnecida de duzentas pessoas, que unidas humas ás outras, só tem a triste liberdade de dar saltos, e cotovelando-se furiosamente humas ás outras, e agitando-se como ondas successivas sem se despegar. As mulheres como de constituição mais fraca, e orgãos mais delicados estão expostas á mais funestos accidentes; he verdade, que ninguem as manda lá ir, mas enforcar-se-hião se as não deixassem lá ir. O ar que respirão em huma sala de dança, por certo não he hum ar respiravel, he hum verdadeiro veneno que absorvem por todos os pontos da superficie de seu corpo, porém os orgãos, que mais padecem são os bofes, e no peito se lhe acumulão todos os elementos da destruição que pouco as vão minando, e com que se tornão huns esqueletos ambulantes; pois na verdade, quando desarvorão, isto he, quando arreão os atavios com que encobrem os rostos hediondos, macilentos, e aridos, apparecem humas verdadeiras furias em corpo, e alma. Não ha quem lhe metta em cabeça que fujão de casas

de dança em noite de inverno, a manía de pular as leva a estas suffocantes estufas, e melhor seria que se deixassem estar em casa, e se lhes he necessario o exercicio do corpo, tão pouco tem que fazer das portas para dentro, se quizessem de huma vez persuadir-se, que a ociosidade he hum verdadeiro desdoiro, lembrando-se que a deosa das sciencias, o brazão, e a presidenta das gritadoras escólas de Athenas, a filha do proprio Jupiter fôra huma tecedeira.

Não lhes falta que lidar em casa, e de experimentar na vida domestica aquellas vantagens que imaginão encontrar no cáhos das dançás, em que vão indiscretamente submergir-se. Porém está decidido que a coisa mais dura que ha, mais compacta, mais sólida, he a cabeça das mulheres. Põem-se-lhe diante dos olhos hum rol immenso, huma enumeração exacta de todas as victimas da dança, e da moda, não se espanta sua decantada sensibilidade do número prodigioso das mulheres, que morrerão por se haverem exposto com hum furor sem

exemplo a todas estas causas de destruição. A dança requer vestidos ligeiros, e enfeites ligeiros, que não constranjão, ou possão pear os movimentos do corpo, e huma trapagem desta natureza convem maravilhosamente a esta especie de exercicio, de que se não pódem arrancar, porque ellas não pularião á sua vontade, se fossem bem encapotadas; mas quando sahem destes fornos, ou estufas intoleraveis para se recolherem a suas casas, que não costuma ser muito á bocca da noite, e talvez seja mais á bocca do dia, tem estas freneticas dançantes capotes tão bem forrados, que as defendão das setas de hum frio doze, ou quinze gráos abaixo de zero? He certo que as carruagens as esperão. Vãos remedios, e inuteis precauções? Nada disto embaraça a entrada de hum ar gelado, que se introduz nos bofes muito á sua vontade, e produz huma violeta inflammação de peito, que por fim prepara o germen para a pulmonia, em que depois os commissarios da morte se fação a olho. Ainda não encontrei

medico, que reprovasse a dança, elles bem sabem quaes sejão as suas minas, e tem bem calculado seu annual producto, e quando olho para a espantosa mortalidade, que vai por essas capitaes, e grandes cidades, creio que os filhos de Epidauro, unica praga, que faltou no Egypto, andão avançados com a morte, que os deixa viver mediante hum certo número de victimas, que lhe entregão todas as semanas. Se não houvesse pequenas aldeias, cazaes, e lugares pobres onde não ha medicos, já não haveria na Europa folgo vivo; talvez que este seja o motivo de existirem medicos do partido Napoleão, bem se sabe o que este homem quer, que he dar cabo do genero humano, e que commissarios executores poderia elle achar mais azados para o intento?

SOLILOQUIO LXXXVII.

Huma observação contínua sobre mim mesmo tem dado lugar a huma questão curiosa, que á força de trabalho me parece ter resolvido. Quando passava desgraçadamente o tempo em estudos profundos, e regulares, me avezei a ler, e meditar depois que me deitava; e lendo, e meditando me achou muitas vezes a aurora quando nascia, sem ter pregado olho, absorvido por todo o espaço da noite em meditações metafysicas sobre aquelles objectos, que são dignos só do entendimento do homem, como são as razões universaes das coisas, como he Deos, o espaço, o tempo, o movimento, a alma, sua espiritualidade, e immortalidade, a materia; proprio estudo do homem, que só se póde chamar douto, e sabio, quando chega ao menos a rastejar estes co-

nhecimentos, e a ter sobre elles idéas distinctas. Cançado de lutar com estas difficuldades adormecia, e immediatamente começava a sonhar os maiores, e os mais descosidos, e desatinados disparates, que nem com estas meditações tinhão parentesco algum, nem relação com o que me tinha passado de dia pela imaginação. E eu sou o mesmo homem, o meu espirito o mesmo. Quem poderá explicar este estranho fenomeno? Acabar de analisar o pantheismo de Spinosa, segui-lo para o refutar naquelle profundo, e intricado labyrinto de idéas, apanhar o fio de suas proposições, e sonhar logo com uvas ferraes, e melancias de Coruche; seguir a Newton no systema das côres, e o tenebroso Malebranche, ou o profundo Leibnitz em suas opiniões sobre causas occasionaes, e razões sufficientes, e sonhar logo com vinho de Carcavellos, e com os meninos do P. Gil! Passar quasi huma noite na leitura, e meditações do primeiro volume das epocas da natureza, onde se achão idéas tão originaes, e tão sublimes,

e cuja impressão devia ser permanente na minha alma ainda depois de pregar o olho; não, Sr., não he isto assim, começo a dormir, e começo a sonhar com a regente do Rego; eis-aqui hum fenomeno, cuja causa pede huma explicação, ou ao menos que se arrisquem algumas conjecturas.

Em quanto estamos acordados, he certo que os sentidos recebem de todos os corpos que nos cercão involuntarias impressões, ás quaes nos não podemos evadir; a isto se chama em lingua filosofica «sensações.» Podemos-nos isolar (palavrinha da moda) podemos-nós isolar destas sensações exteriores por meio de sensações interiores, que se chamão meditações, as quaes sendo attradas, fortes, e profundas nos não deixão perceber os objectos externos, que affectão nossos sentidos; não vemos, não ouvimos, nem cheiramos. Ora estas sensações que são contínuas em quanto estamos acordados constituem o fluido nervoso em huma acção constante, como diz aflux, a estólados

algozes, sita em Epidauro. Depois das sensações internas, ou externas do dia, os sentidos se enfraquecem, e o fluido do cerebro se atenúa. A luz que he o principio da vida, e da sensibilidade, deixando de existir na parte do globo que habitamos, começamos a sentir a necessidade do repouso, chega o somno (o melhor presente da natureza agora no tempo dos Francezes) e os sentidos se fechão ás impressões exteriores; mas as fibras nervosas destes sentidos, que durante a vigilia, fôrão fortemente movidas, e agitadas, ou por objectos reaes, ou por pensamentos representativos dos objectos, estas fibras conservão ainda as vibrações. Estas vibrações em hum sentido diverso, e opposto, e isto por hum mecanismo de que nós não somos senhores, produzem hum chuveiro de sensações internas sem pés, nem cabeça, discordantes, disparatadas como editaes de La Garde, porque nem a vigilia, nem as sensações externas, nem a attenção as pódem metter em linha de batalha como bandos de tabaréos, que estão

duas horas em consulta para saberem qual he a mão direita, sobre a qual se hão de voltar, sem pararem jámais na contradança. Nesta desordem interior falta a attenção, e por isto não existimos em estado de julgar da incompatibilidade das taes sensações tumultuosas.

Entre os prodigios dos sonambulos não tem pequeno lugar a ordem das acções, porque as vibrações do cerebro se produzem durante o somno, com força, e travação regular, e por isso com memoria; e por isto todos os sonambulos são dotados em alto gráo de sensibilidade, e de memoria; e esta acção viva da memoria sobre tudo, durante o somno, produz todos os fenomenos do sonambulismo. He preciso muita memoria com effeito para conservar no somno huma idéa justa das relações das grandezas, das distancias, das localidades, e da coordenança de todos os objectos entre si. Se quando velamos, á força de abstracção interior chegamos a nos separar das sensações exteriores, então perdemos o poder de diri-

gir a attenção. Isto he huma verdade de experiencia, e de facto. Tenho fallado a alguns senhores, cabeças calculantes, determinadores de todas as propriedades das curvas, mais que o tysico Pascal, e o espantadiço Varig-non, ainda que lhes diga que se lhe estão queimando as casas, ou lhe foge hum ladrão, com a triste meia duzia de puidos lenços, que lá lhe ficárão, não acordão, nem se dignão de escutar, ou responder. Sáo estes os entulhos mais insuportaveis da vida civil; e desejo desperta-los ás vezes com dois bofetões. Estes homens sonhão acordados, bem como outros de lote mais fino, e mais ridiculo, os poetas; o repouso profetico de beata em contemplação, com que buscão em hum paiz muito remoto da profana humanidade os dois importantes consoantes para aquelle mote, « Déste-me cravos azues » (feliz do mundo se elle apparecesse bem glozado!) os representão verdadeiros sonhadores, suspensa a attenção para as sensações externas: assim o que verdadeiramente dorme, e sonha,

não tem attenção que dirija, e metta em ordem as vibrações das fibras, e seguem-se humas ás outras as impressões que nellas tem ficado não só ha dias, mas ha annos; de humas se gerão outras, e se armão os disparates de que depois nos lembramos, quando o estado de vigilia nos torna attentos.

Tudo isto são conjecturas, o fenomeno fica inexplicavel, e fica tambem certissimo, que o homem he hum animalzinho indecifravel em qualquer estado em que o contemplemos; nem conhecemos mais que os effeitos, as causas não são para agora; dizerem os empanturrados sábios, que as conhecem, he huma presumpção digna da casa dos orates

SOLILOQUIO LXXXVIII.

O Que são os Francezes estamos nós vendo por nossos peccados dentro em nossa mesma casa, de que elles se fizerão senhores não sei porque. Por qualquer lado, que os contemple, vejo huma gente que diverge em tudo do estado natural da outra gente. Vil canalha na verdade, apta para tudo, e sobretudo disposta para a servidão. Não me admiro de aturarem Buonaparte neste tempo em que já estão cães malhadiços sem honra, sem vergonha nenhuma, estão reduzidos a hum tropel de escravos buçaes, que soffrem tudo, com tanto que lhe não chegue o azorrague immediatamente ás costas. Admiro-me de observar esta apathica ralé naquelle tempo do furor da igualdade, e liberdade; naquelle tempo em que não havia senão o cidadão, e a

cidadôa, em que mestra Josefa se chamava ainda a cidadôa La Pagerie, e mestre Napoleão o cidadão Pascoal (que este era seu nome de baptismo, e de collegio) naquelle tempo em que o povo se dizia soberano, aturarem, e soffrerem os Francezes hum anno inteiro o noviciado da tyrannia de Buonaparte na tyrannia de Robespierre. Muito tenho meditado sobre este memoravel, e horroroso mortal! Em huns taes alfarrabios Inglezes, chamados revista do mez, vi os retratos ao natural de alguns diabos, que antes delle, e com elle figurárão na chamada convenção, ou que quer que seja, que os Francezes fazião para se fazerem mais desgraçados. Alguma coisa sou isêado da manía de Lavater e de Gall, e gosto de descobrir nas feições externas as affeições moraes dos homens, as suas qualidades, ou faculdades intellectuaes, e mais ainda pela relação com os rasgos fysionomicos de certos animaes. A carinha de Marat era a horrenda catadura de hum mono velho, a mesma malicia, a mesma inquieta-

ção, desassocego, e receio, e na enorme abertura da bocca hum desejo continuo de dar dentada; a agua he fatal para os macacos, e elle acabou em hum banho. Danton era tirado por huma penna, a cabeça de hum cão de fila, os mesmos beiços cahidos, a mesma papada, o mesmo olhar tremulo, e sempre horizontal de hum cão de fila. Mirabeau tinha com effeito a fysionomia de hum leão, mancebo negro, e feio, cujas afeições correspondião bem ao caracter de leão, excepto a generosidade. Buonaparte não descobre na fysionomia relações com animalzinho algum dos acima referidos, se elle se parecesse com a hyena de Buffon, ou com o tigre, pintado por este naturalista, ainda se podia dizer que tinha alguma qualidade boa, porque a natureza, ainda no que he máo, não produz hum máo absoluto sem alguma mistura de bondade. Mas entre todos os retratos o mais notavel era o de Robespierre, porque homem nenhum representou até agora com mais propriedade, e similhança a cabeça, e focinho de

hum gato. Quando era simples procurador de causas, era hum gato domestico, sombrio sim, mas pacifico, quando se metteo na convenção, mudou para gato bravo, ou toirão; e quando se sentou no primeiro lugar dos supremos legisladores era perfeitamente huma onça. A este semi-homem, ou semi-gato se sugeitárão os Francezes com tanta resignação, e respeito quanto era preciso para se arrastrarem depois aos pés de Buonaparté imperante.

As memorias que li a respeito de Robespierre, me fizerão vêr, que a historia de sua vida, seguia passo a passo a historia de seu temperamento. Começou pela melancolia, e acabou pelo atrabilismo. Tinha a tez pálida na assembléa nacional, e transformou-se em livida, e perfeitamente amarela na convenção. Quando fallou na assembléa constituinte tremia, quando fallou na convenção espumava, e tinha nos cantos da bocca dois arrates de sabão. Era de engenho mediocre, e abaixo do mediocre, tinha quasi nada de idéas, e nada de ima-

ginação, porém era dotado de huma memoria tenaz: os vicios em Robespierre, fazião o lugar de talentos, e hum ou outro vicio em acção, e movimento lhe davão muitas vezes, quando fallava o impeto oratorio. Tinha hum estilo froxo, lethargico, e difusissimo, mas fallava com energia, se alguma paixão brutal, e sanguinaria o aquecia. Era poltrão como são todos os crueis, mas parecia hum Cid campiador, quando queria destruir. Hum escriptor de papeis de botequim, chamados mensageiros da tarde lhe atribue o talento de refutar, talento incognito por certo ao homem gato. Tinha alguma logica para encadear algumas idéas, mas não possuia a sagacidade necessaria para penetrar, decompor, e analyzar as idéas alheias: com muito tsabalho chegou a subir á tribuna, (devendo só subir á forca) em 1790, e 1791, e fallar; e muito mais lhe custou fazer-se ouvir, porque seus discursos erão verdadeiramente superificos. Mettia-se a charlatão, e profeta, o que excitava a curiosidade das furias femininas, espa-

lhadas pelas tribunas da sala da convenção, para apuparem, ou applaudirem segundo o seu talento. E como podia ser energico fallando, quem na acção era perfeitamente paralytico! Ninguem o vio obrar, não digo no momento do perigo, mas nas circumstancias de mais calmaria, e socego. E he notavel que no espaço de seis annos, em que elle sustentou todo o pezo das duas assembléas nacionaes, não fornecesse huma só linha aos 40 volumes das leis, que se promulgárão, e nos dois annos do maior furor revolucionario nenhuma das medidas que se tomárão, e dos projectos, que se executárão foi de invenção sua.

Não tinha instrucção alguma, nem a mais ligeira idéa da sciencia da legislação; nem conhecia meio algum entre a guerra, e a exterminação, entre a anarchia, e a oppressão, entre o seu regimen vexatorio das propriedades, e a falta absoluta de administração pública; não amava a gloria, e só buscava applaudidores, e expectadores; não era apaixonado do poder supremo de que não sabia gozar,

e que era incapaz de exercitar. Julgou-se que ambicionava o tribunado, quando não cuidava mais, que em apparecer na tribuna. Tinha hum desejo vago de alcançar, e obter dos Francezes huma submissão respeitosa, e servil ás suas opiniões: era mais ávido do apparato do poder, que do mesmo poder essencial. Acabou por ultimo por aspirar á suprema tyrannia, porque se tinha tornado necessaria, e indispensavel para sustentar a insolencia de suas primeiras usurpações, e para satisfazer suas vinganças.

A paixão dominante de Robespierre foi a inveja. Esta paixão o tornou inimigo de todos os seus rivaes na tribuna, inimigo de todos aquelles que tinhão sido applaudidos antes delle; inimigo de todos aquelles que o podião ser; inimigo das mulheres, cujos talentos, e belleza lhe grangeavão reputação; inimigo da mulher virtuosa, porque era respeitada; inimigo da meretriz, porque levava as attenções dos homens; inimigo dos mortos até proscrever a

memoria daquelles de quem tinha proscripto a cabeça, e teria invejado até a celebridade do cadafalso em que os via, se o mesmo cadafalso não fosse o termo de todas as rivalidades. Não me dou paz, nem socego em me perguntar a mim mesmo: Como he possivel que com tão poucos meios este homem fosse por tanto tempo o senhor absoluto a ponto de commandar a execução de tantos crimes por tão longo espaço tolerados, e impunes? Como he possivel, que fosse despovoando de tal maneira a França, que embotasse os ferros das guilhotinas em cortar milhares de cabeças todas as semanas? Posso apontar por causa hum grande número de circumstancias estranhas a seu caracter, e com ellas explicar huma elevação tão extraordinaria. Mas eu attribuo esta á sua constante inação, quando todas as circumstancias pedião, que obrasse com energia, e actividade. Esta inação o fez permanecer só na área em quanto todas as mais poderosas facções se destruião mutuamente. Mas a causa principal

da elevação, conservação, e tyrannia deste gato he a vileza do caracter Francez; não he muito, que os estupidos Parisienses supportassem por tanto tempo hum jugo de ferro, forjado pelas mãos de hum nacional, que os degolava por devertimento, quando aturão apathicamente hum Corso mais barbaro, e mais gato que Robespierre, que os reduz á escravidão mais vergonhosa, e que tem feito correr profundos rios de sangue, e que se os não manda degolar nas praças de París, os leva para outros mais crueis degoladoiros a longes terras, onde farte huma ambição tão louca, que não tem já objecto, nem limites. A raça de homens mais vis, mais abjectos, mais propensos para a escravidão, que tem apparecido na terra, he a raça presente dos Francezes.

SOLILOQUIO LXXXIX.

Já que me entretive com a caran-
tonha de Robespierre, e com as suas
virtudes, e talentos, bom será que
me espraie hum pouco pela revolu-
ção Franceza, que tambem chegou
até nós, pois vemos em Lisboa o tri-
bunal dos regeneradores dos filhos de
Adão. Tudo he novo nesta revolução;
e como os homens se não havião pre-
parado contra hum mal tão imprevis-
to, tudo foi perigoso, e funesto na
mesma revolução. Em nenhum secu-
lo, (correndo todas as epocas das des-
ordens humanas) se tinha observado
huma reunião de grandes literatos
convertidos em hum bando de ladrões,
e de assassinos: nem menos se tinha
visto que huma horda de salteadores
e bandidos se lembrasse de se embru-
lhar na capa de virtude, e tomar o
tom, e os momos de huma academia

de filosofos. Esta união monstruosa se produzio inimigos, não erão inimigos para desprezar; e se produzio amigos, ou malvados com este nome, ainda erão mais formidaveis, e espantosos. Os proprietarios em França, contra quem verdadeiramente se formou a revolução, fiárão-se em huma força, que elles julgárão irresistivel, não procurárão combater seus inimigos com suas proprias armas. Achárão-se nas mesmas circumstancias que os miseraveis Mexicanos, quando se vírão atacados pelos caens, pela cavallaria, pelos mosquetes, e por hum punhado de animaes bipedes, e barbudos, cuja existencia elles ignoravão. Os inimigos dos proprietarios Francezes vivião nas suas mesmas casas, no seu mesmo seio, porém não tiverão a sagacidade de lhes divisar, e perceber o caracter feroz, e selvatico. Parecião mansos, e domesticados: a primeira palavra que se lhes ouvia era a doce palavra humanidade. Tão filantropos, que não podião supportar os mais leves castigos, que as leis mais humanas impozessem aos

maiores criminosos, a mais ligeira severidade da justiça os fazia arripiar de susto, e de compaixão. Só a idéa de huma guerra no mundo lhe tirava o somno, e espancava para sempre o repouso. Se houvião fallar em gloria militar, acodião logo, dizendo, que era huma infamia brilhante. Apenas soffrião que se lhes fallasse de huma justa defensa, elles a restringião tanto, e estreitavão tanto os limites do direito das gentes que deixava de ser defensa, e era nos dictames de sua melindrosa moral huma solemne, e pública injustiça: e tudo isto era em quanto elles meditavão as confiscações, e matanças, as violencias e invasões de que nós somos testemunhas. Se algum tivesse dito então aos desgraçados nobres, aos proprietarios, e aos homens de qualidade Francezes, que estes mesmos lisongeiros, e parasitos insectos destruirião o grande edificio da monarquia Franceza, na qual elles occupavão tão differentes, e destinctas jerarquias; o homem que isto lhes dissesse, seria reputado hum objecto digno de compaixão, e de-

pois da casa dos Orates; hum visionario, hum agoireiro infausto, hum emprazador da felicidade, e tranquillidade publica; a opinião em que estavão, de que isto era hum impossivel, lhes acarretou sua ruina, e condensou a tempestade, que tantos raios tem desfechado sobre a sua cabeça, e sobre a nossa; porque a aluvião de malvados que nos estão dando os dias santos, e extorquindo quarenta milhões, depois de nos terem despido até a camiza do corpo, desta ralé forão extrahidos, e são dignos netos dos regeneradores dos direitos do homem.

Ora o que ha de notavel em tudo isto he vêr, que teve principio tanta desgraça revolucionaria no seio da literatura, e da filosofia: que este público, e universal latrocinio teve por apostolos Raynald, Mably, Condorcet, Mirabeau; o hypocrita Marmontel, e Barthelemy, e outros confrades mais da seita encyclopedista. Eu não tenho literatura nenhuma, nem se me dá disso, porém sempre tive grande tendencia para observar

o caracter, e a conducta dos maiores literatos; estes homens em degenerando em moral, são os peiores de todos os filhos de Eva: a corrupção do optimo sempre he péssima. Eu sei muito bem o que se deve esperar de hum caracter, cuja reputação, e fortuna dependem principalmente do talento, e do saber, quando este caracter chega a adoecer, e corromper-se. Estes homens de letras, quando sacodirão o jugo de todo o temor do Ceo, quando suffocão os gritos do natural remorso de huma consciencia, que se assusta com o aspecto do crime, quando depõe todo o temor, respeito, e contemplação devidos aos outros homens o que tem sido muito vulgar em todos os seculos; quando renuncião a todos os sentimentos de pejo, e de vergonha como vemos que tem renunciado entre nós, estes descarados ladrões que se nos introduzirão até na fundição, e arsenaes para nos protegerem contra a maligna influencia de Inglaterra: se neste estado elles obrão em corpo, e concerto, ou systematicamente, creio com fir-

meza, que o inferno não póde vomitar maior flagello para apoquentar os homens, nem peste mais cruel para affligir a humanidade. Nunca pude conceber coisa mais dura que o coração de hum methafysico de profissão; huma carrada de seixos á sua vista, he mais branda, que hum prato de ovos moles. Esta dureza provem mais da fria malignidade de hum espirito máo, que da fragilidade, ou da cegeira das paixões humanas. He verdade que não parece coisa muito facil desarreigar inteiramente a humanidade do coração humano. Ha certas visitas da natureza arrependida, ella bate algumas vezes ás portas da sua consciencia para protestar contra suas mortiferas especulações, mas os methafysico-politicos achão meios de fazerem huma composição com os proprios remorsos. He certo que a sua humanidade não está dissolvida, ou extincta, está sopita, e prorogada.

Dizem á bocca cheia, que se não propõe outra coisa mais do que o bem, e que se encaminhão por cari-

dade a fazer os povos felizes, como vemos que elles praticão entre nós. Ninguem se lhes queixou de desgraças, elles as suppozerão, e voárão por meio de tantos incommodos, até comerem bolotas verdes por esses montados para nos trazer o soccorro, tanto mais para agradecer, quanto foi menos pedido: mas he coisa notavel na filosofia destes homens, que este bem que trazem aos povos em promessa nunca póde ser conseguido senão por meio de males reaes, que elles causão, males de todas as castas. Se nos queixamos, o primeiro nome que nos dão, he o de ignorantes, que não conhecemos os nossos verdadeiros interesses, nem comprehendemos a ventura que vem a huma nação de ter canaes abertos, ainda que não haja pinga de agua para os encher, o de romper toda a communicação com os Inglezes, cuja paixão novamente descoberta he chupar o sangue do continente como as velhas dizião, que as bruxas desejavão chupar o sangue das creanças de peito. Sua imaginação endurecida se fatiga com

a contemplação de inumeraveis entes que soffrem a devastação, e a cujos olhos se offerece o espectaculo de seculos de devastação, e de miseria. A humanidade, que elles vem assoalhando, está sempre no seu horizonte, e foge diante delles como lhes foge o Oriente. Os geometras, e os quimicos trazem comsigo, huns de encarniçamento de seus diagramas, outros do ardor de seus cadilhos tirão as disposições, que os tornão mais que indifferentes aos sentimentos, e habitos que são os espeques deste mundo moral.

A ambição os tem embaido de tal maneira que andão bebados de ambição, e se tem tornado insensiveis aos perigos, e desgraças que desta desatinada ambição resultão para elles, e para os outros. Estes filosofos canibaes não tem mais consideração para com os homens, em quem fazem suas experiencias, do que tem para com os ratos, que fechão com o recipiente de suas maquinas pneumaticas, ou no recipiente de hum gaz mephitico. Attendem tanto para huma na-

ção, para seus direitos, sua soberania, e independencia como os gatos attendem para os miseraveis ratos, que lhe cahem nos arpeos das envergadas unhas, depois de se divertirem com elles, de os ludibriarem, e de jogarem com elles a bilharda, ou a péla os enterrão para sempre no escuro porão do buxo. Não ha imagem mais expressiva dos filosofos regeneradores do que são os gatos graves, reservados, insidiosos, de olhos penetrantes, e escondendo sempre os retorcidos grifos debaixo de avelludadas patas.

Que bonito gatinho he ainda *hum* abbade Sieyes! Este profundo methafysico tem hum armazem *cheio* de armarios, ou de gavetões numerados, e todos elles abarrotados de constituições já feitas, selladas, empaquetadas, rubricadas, e classificadas, proprias para todas as estações, para todos os gostos. Humas vão debaixo acima, outras vem de cima abaixo. Ha humas lizas, outras bordadas, humas são simplices, outras compli-
cadas. Ha constituições, neste im-

menso sortimento, côr de sangue, e lama de Paris; com directorios, e sem directorios; com conselhos dos anciões, e conselhos dos rapazes, e outras sem conselho nenhum absolutamente. Tem tambem lotes de constituições, em que os eleitores pódem escolher representantes; outras onde os representantes possão escolher eleitores: constituições, cujos agentes vistão roupas largas, e de cauda comprida; outras em que vistão talares á clerica; outras em que vistão só calções; outras em que vistão pantalonas. Tem constituições, em que os representantes sejão tão frugaes, e tão Fabricios, que não tenhão mais que cinco tostões de renda; outras em que sejão tão opulentos, tão Crassos, tão Polliões, e tão Apicios, que lhes não bastem cinco milhões de cruzados cada mez. De maneira que não ha fantasia constitucional, que não ache fazenda a proposito no seu armazem, com tanto que os compradores, ou freguezes de seu gosto, sejão os da pilhagem, os da oppressão, os das prizões arbitrarias, confiscações, des-

terros, mortes, processos, e sentenças revolucionarias, assassinos legalmente premeditados; sendo os freguezes deste calibre, alli acharão sortimento á sua vontade, e nessa fatal loja achou Buonaparte a omnipotencia, os incomprehensiveis designios, as atrocidades, a tyrannia, os roubos, as invasões, as perfidias, a jornada de Portugal, onde lhe sahio o gado mosqueiro, a reformação da monarquia Hespanhola, o desembarque na Inglaterra, a destruição da armada Dinamarqueza, a paz de Tilsit, as conferencias de Bayona, o decreto de Milão, e toda a salgalhada de crimes, que fazem de Néro, e Domiciano huns solitarios pacificos, e virtuosos. Eis-aqui donde sahio a célebre, e funesta revolução Franceza, onde em vinte annos de lagrimas, e lutos se perguntão os Francezes huns aos outros, que fizemos nós?

SOLILOQUIO XC.

Entre a corja dos empecilhos humanos, e males a que está sujeita a posteridade de Adão, creio que não ha outra mais intolleravel, que he huma tropa de comicos. Não ha familia mais audaz, mais impertinente, mais soberba, e de maior impudencia, e descaramento. Creio tambem que cada individuo de per si póde ser hum cidadão muito honrado, pacifico, e prestadio, em quanto o considero sentado na sua tripeça, ou de pé á sua forja, ou acocorado, e encruzado com sua agulha na mão, etc. porém juntos em corpo comico, em conclave, ou parlamento, póde desafiar-se, ou Tamerlão, ou Buonaparte com os seus bravos, que lhe tenha de encontro, e sustente huma refrega de meia hora. São mais temiveis que credores, ou que os pedreiros da Ode de Garção

(que tudo para elle erão assumptos de Ode) que poderião bater os Dardanellos; e sendo temiveis para todas as classes de individuos em sociedade, são raios assustadores, e exterminadores para o Povo Poetico-Dramatico, que lhe vive debaixo do anno do nascimento. Contra os versejantes se encarniça seu despotico imperio de maneira, que a existencia, ou não existencia de hum pobre vate, pende de hum aceno seu. Fazem de despotas inaccessiveis aos miseraveis authores, e eu ouvi dizer a hum no tempo em que ainda nos podiamos rir, que lhe era mais facil fallar ao Manique, que a José de Arcejas; que em menos tempo lhe dava resposta hum contínuo das sete casas, que José Felix, quando humildemente o esperava á sahida de hum botequim; e outro miseravel Brazileiro, que fazia seguedilhas para o theatro, me disse, que estando no Rio, obtinha mais depressa hum despacho do governador, que huma audiencia do Pedrinho, e da Feliciana. São tão inaccessiveis estes Lamas, que as pobres crias de Mel-

pómene, e de Thalia se desgostão, e desertão da sua doce profissão, escandalizados das repulsas, e altivez dos comicos. He verdade que se alguma das suas virtudes os aposenta no Limoeiro, a attitude de hum noviço capucho, não he mais humilde, e mais branda. Mas nos seus camarins, nas suas conferencias, nos seus imperiosos julgados, fazem tremer de susto o Eurotas, e o Parnaso em pezo. Não he muito, que certas paludosas rans dos charcos de Hippocrene, tremão diante dos comicos, e tenhão queixas que formar de sua altivez, dureza, e pertinacia. O mesmo Voltaire, o Sultão do Pindo, se queixou muitas, e muitas vezes se doeo do pé soberbo que o esmagava. Tinha acabado de dar ao theatro a célebre Zaíra, que foi recebida com aplausos, e acclamações, quaes na verdade merece esta grande composição. Com tudo assistindo ás primeiras representações, conheceo, que era preciso para maior perfeição da peça fazer-lhe algumas alterações, ou mudanças, que a inflexivel, e imperiosa pla-

téa mostrava desejar. He coisa sabida que os senhores comicos depois de haverem encaixado com muito trabalho duzentos, ou trezentos versos na memoria, porque a falta que tem de intelligencia se oppõe á sua conservação, não querem que hum pobre author lhe venha desarmar a igrejinha, e deitar abaixo a cantareira com suas emendas. Dufresne, que era o capataz da quadrilha tragica recusava sempre as lições variantes do Poeta, que debalde o hia todos os dias esperar na antecamara para o persuadir a que concorresse com hum bocado de complacencia, para o bom successo da senhora Zaíra, e para a satisfação do público. O Histrião para se sacudir das importunações do Vate, recorria ao ordinario expediente, e mandava dizer por hum de seus guardas roupas, que tinha sahido para fóra; nem por isso Voltaire se aborrecia, ou se cançava. Sobia-lhe de manhã a escada, e mettia-lhe por debaixo da porta do seu quarto as correcções que queria inserir na peça porém o pertinaz, e inexoravel Du

fresne, ou não as lia, ou não fazia caso dellas, e o pobre, e atormentado pai de Zaíra não se pôde desenvolver deste embaraço, nem remover este invencivel obstaculo, se não por meio de hum estratagema; porque em fim, atacar tão grande campião pela frente, e á força descoberta era baldada empreza, e tentativa inutil. Voltaire soube que o Histrião destinava dar hum lautissimo jantar aos seus amigos, e mandou fazer para este dia hum enorme timbale, ou descomedido pastelão, e á hora mesmo em que começavão as libações da orgia lho mandou anonymo. O pastelão foi recebido pelos convivas com acclamações, gritarias, e com todo o ceremonial da ovação. Juntárão-se para abertura daquelle importante prégo com a mesma circumspecção com que o senado de Roma se juntou diante de Domiciano para deliberar sobre a maneira porque devia ser guizado o façanhoso rodovalho, que o mar vomitára para fazer hum presente ao imperador dos Romanos. Mas que assombro se seguio á circumspecção da tropa

comica á vista de doze perdiz
como vestaes tinhão sido se
debaixo daquella abobeda de
Cada huma das perdizes tinha
co hum bilhete, que continha
parte dos versos, que era
accrescentar, mudar, ou suppr
parte de Dufresne. Foi approv
bem recebido o estratagema d
admittir correcções em partes já
dadas, e declamadas por Histriõ
berbos, e o público conheceo na
meira representação de Zaíra,
author tinha attendido á crítica,
ignorou sempre, e nós cá tambe
admiradores de Zaíra, que esta Z
deve huma grande parte da sua
tuna, e da sua nomeada á recom
dação de doze perdizes, metti
n'hum pastelão. Que despota he h
cômico em carnaval! A mesma
berba do Sultão de Hippocrene se ab
teo aos pés de hum capataz de com
diantes! Fecha-se hum theatro p
algum incidente, ei-los pelas porta
a pedirem huma esmóla, com huns ai
tão maviosos, huns corações tão que
brados da indigencia, que em fim nã

remedio senão acudir-lhes, porque a fim, *mentem mortaliam tangunt*! ...e fonte de reflexões para o filosofo! ...er quem ha duas horas foi Artaxer-...s, Mithridates, Cyro, e consul Ro-...ano, posto por portas a pedir huma móla!

comica á vista de doze perdizes, que como vestaes tinhão sido sepultadas debaixo daquella abobeda de farinha! Cada huma das perdizes tinha no bico hum bilhete, que continha huma parte dos versos, que era preciso accrescentar, mudar, ou supprimir na parte de Dufresne. Foi approvado, e bem recebido o estratagema de fazer admittir correcções em partes já estudadas, e declamadas por Histriões soberbos, e o público conheceo na primeira representação de Zaíra, que o author tinha attendido á crítica, mas ignorou sempre, e nós cá tambem os admiradores de Zaíra, que esta Zaíra deve huma grande parte da sua fortuna, e da sua nomeada á recomendação de doze perdizes, mettidas n'hum pastelão. Que despota he hum cómico em carnaval! A mesma soberba do Sultão de Hippocrene se abateo aos pés de hum capataz de comediantes! Fecha-se hum theatro por algum incidente, ei-los pelas portas a pedirem huma esmóla, com huns ais tão maviosos; huns corações tão quebrados da indigencia, que em fim não

ha remedio senão acudir-lhes, porque em fim, *mentem mortaliam tangunt*! Que fonte de reflexões para o filosofo! Vêr quem ha duas horas foi Artaxerxes, Mithridates, Cyro, e consul Romano, posto por portas a pedir huma esmóla!

SOLILOQUIO XCI.

Grande, e debatida questão tem sido sempre a da nobreza herdada, e a da nobreza adquirida. Em quasi todos os seculos os homens se occupárão do fantasma de seu nascimento: estas distincções do berço, humas vezes tem sido aprovadas, outras vezes tem sido condemnadas pela filosofia; a revolução Franceza inexoravel as proscreveo, ou quiz proscrever para sempre, porque agora já vão apparecendo em huma corja de duques, que daqui á amanhã dirão que são filhos do Sol como o imperador da China, e netos da Lua como nós dizemos. A maldita revolução, animada, e açulada pelo espirito do estrago, não só arruinou o governo, mas dissolveo a mesma sociedade, e entrando nos domicilios domesticos, dissolveo tambem as familias. A mor-

te que abate os individuos, não extingue as especies. As familias quizerão triunfar da morte, e aspirárão na ordem politica á mesma immortalidade a que aspirão as especies na ordem da natureza. O mancebo gosta, que lhe fallem de seus pais, e o velho decrepito quer que os netos o cerquem, ainda que fação zombaria delle. Póde haver muita coisa real, muita coisa illuzoria nestas disposições, o que nella admiro como em tudo, he a contrariedade dos sentimentos, e das opiniões dos homens sobre hum mesmo objecto. He bem conhecida, e até deve ser conservada de cór a famosa satyra do sublime moralista Juvenal, *Stemmata quid faciunt*! De que servem estes titulos vãos, e estes padrões de armas? De que serve contar na sua raça hum longo fio de avós, e de ter huma casa cheia de quadros, que os representem? De que serve mostrar os Emilianos, e os Curios empertigados, e tezos em cima de carros triunfaes, e contados já no rol immenso dos Deoses? He verdade, estás muito ancho

com o sangue dos Drusos; por ventura foste tu ó que o fizeste correr em tuas veias? Tu dizes, vossés são huns pigmeos do povo, que apenas conhecem seu pai, e eis-me aqui filho de Cecrops. E tu que fazes, filho de Cecrops? Vives no canto da tua casa, tão inutil como a estatua de Hermes. He certo que a sua cabeça he de marmore, e a tua he de carne viva; lembra-te filho de Cecrops, que a palmeira cortada, e abatida em terra póde invejar a sorte do chopo que viceja, ainda que rasteiro, e ignorado. Lembra-te que os Decios fôrão plebeos, ou mecanicos, e que suas almas immortaes fôrão agradaveis aos Deoses. Lembra-te em fim, que antes te quereria vêr filho de Thersites, mas vestido das armas de Achilles, que filho de Achilles, e coberto com os farrapos de Thersites. Isto diz o sublime moralista no seculo da maior corrupção de Roma; admiro-me do que dia Horacio no seculo em que parece que em Roma dominava a filosofia, o bom gosto, e a razão. Horacio não tinha a alma muito elevada, e

ainda que fosse severo a respeito dos costumes de seu tempo, não approvaria muito a censura de Juvenal sobre as distincções do nascimento.

O primeiro, e o grande cumprimento que elle faz a Mecenas apenas abre a bocca em a primeira ode, he chamar-lhe descendente dos reis de Etruria. Sua lisongeira, e aduladora filosofia constitue como hum principio a influencia consecutiva do sangue sobre as gerações. O valor gera o valor « mentira solemne na verdade, e mentira descoberta pela experiencia. » Nós sabemos que coisa sejão os filhos dos guerreiros, e os filhos dos grandes ministros de estado. A boa filosofia de Horacio acha nos cavallos, assim como nos touros a qualidade de seus pais, e nos impinge por huma grande novidade, que huma especie, não produz outra especie differente, porque dos ovos da aguia nunca se tirão borrachos, e por tanto o filho de Cicero devia ser tão eloquente como o pai. He certo que o poeta nos quer dizer que a nobreza do sangue se transmitte, e não as ou-

tras faculdades moraes, e intellectuaes; ainda até agora ninguem determinou em que consista esta nobreza de sangue, nem o que traga comsigo. Hum grande que nasce na opulencia tem meios de se aperfeiçoar pela educação; os mestres, as commodidades, as circumstancias, lhes inspirão certos estimulos que se attribue immediatamente ao sangue, mas não he assim. Se elle nasce bem organizado interiormente, desta causa fysica começão a apparecer bons effeitos moraes, ajudados pela educação ainda se purificão mais, e isto se attribue ao sangue. Se elle nasce mal organizado, e com inclinações perversas, estas modificão-se, e quasi se extinguem por huma boa educação, e tudo isto se attribue ao sangue, e á sua influencia. Commodo era filho de Marco Aurelio, vejão que tal he a geração das aguias. O filho de Cromwel, em que se pareceo com o pai! Na ordem de literatura quasi sempre as taes aguias gerão bestas, e só teve esta regra excepção em José Cesar Scaligero, melhor literato que

o pai, e em Torcato Tasso, melhor poeta que o pai tambem poeta. Em boa filosofia, hum grande nascimento não traz comsigo gloria, traz grandes deveres, grandes obrigações. Hum dos mais eloquentes discursos do immortal Massillon he o do dia da encarnação, onde se admirão as mais brilhantes tiradas, e as mais vigorosas razões contra as frivolas distincções do nascimento.

A vaidade dos homens inventou a arte genealogica, arte positiva que tem seus elementos, e seus principios, quasi todas as regras da historia lhe são applicaveis. Com esta arte tem brilhado os parasitos, os noveleiros, e os aduladores. E qual he a genealogia que não esteja iscada de mentiras, e de fabulas? Ha genealogias em livros, que sobem até Adão. Tal foi a arvore que apresentárão ao cardeal de Richelieu; e com effeito esta he a genealogia de todos os homens só com a differença de que huns sabem mais, outros menos nomes de seus avós. Deste trabalho está livre o engeitado; póde dizer com summa

verdade que seus avós sobem em linha recta até Adão. Hum abbade genealogico em França foi apresentar huma arvore com costados ao cardeal Mazarino, em que fazia deste pobre aventureiro Siciliano descendente de Macerino, consul Romano: o cardeal era homem de seguro juizo, e disse ao genealogico, que se publicasse similhante *autem genuit* o mandaria metter na Bastilha, e com effeito, com esta promettida recompensa a arvore seccou-se, e o livro não appareceo. Cicero não se pejava de sua baixa extracção. Vespasiano era igualmente livre a este respeito; perguntárão-lhe, estando para expirar, como se sentia? Respondeo: *Ut puto Deus fio*, parece-me que me vou transformando em nume, escarnecendo de ante mão a ridicula ceremonia de sua apotheosis. Apezar disto, he huma especie de consolação, e de honra, visto não vivermos com outros homens senão com estes que estão no mundo, descendermos de homens de bem, bons cidadãos virtuosos, e não de vadios, e ociosos, que lhe a verda-

deira mancha em huma geração. Xisto V.º he huma grande lição entre as preoccupações frivolas dos que se honrão com huma longa serie de avoengos, que só se mostra que viverão. Gostei da ingenuidade do arcebispo de Evora, porque perguntando-lhe, que ferida fôra aquella, cuja cicatriz conserva na cara, me respondeo, que fôra huma chispa de hum ferro em braza que o pai malhava na bigorna. Ser filho de hum homem que trabalha, he ser filho de boa familia.

A revolução Franceza arrancou todas as instituições estabelecidas, e levou de volta comsigo o erro, e a verdade, os usos, e os abusos, os bons costumes, e as preoccupações. Com medo da servidão, deshonrou a obediencia; e com medo da tyrannia, proscreveo a authoridade. Constituio o orgulho da igualdade no lugar do orgulho das jerarquias; e em lugar do poder moral, apresentou a força: tirou á sociedade todos os laços, e só lhe deo cadeias. Ataquem quanto quizerem os vicios, ou os abusos dos nossos prazeres; arranquem do

espirito de familia tudo o que póde illudir, tudo o que póde alterar a sua pureza, tudo o que o faz degenerar em illusão de orgulho, e de vaidade; deixem ao menos estes barbaros insolentes, que os homens amem seus pais, e que se interessem na sua posteridade. He doce consolação da vida tocar com huma das mãos o passado, e a outra o futuro. Lembrem-se estes senhores discipulos dos encyclopedistas, que a familia, he a primeira base do estado social; que as familias são os unicos individuos da associação politica; que o imperio domestico he o primeiro elemento da authoridade civil, que he o deposito dos costumes, e o germen da felicidade.

SOLILOQUIO XCII.

O orgulho filosofico costuma desprezar coisas pequenas, sem advertir que nos objectos que parecem avultar menos se encerrão ás vezes vantagens, e utilidades reaes para a sociedade civil em que os homens vivem. Este seculo, estes desgraçados dias em que existimos, derão de todo volta ao entendimento humano. Vai escaceando de todo o gosto das sciencias, e artes, e o unico emprego dos miólos humanos he politica, e Buonaparte; seus planos, seus latrocinios, suas violencias, seus projectos são o unico objecto, a unica materia de todas as conversações, e os póvos cahírão não só em degradamento, mas em perfeita escravidão. O mundo inteiro ha de aturar Buonaparte, ou immediatamente ouvindo-o, e obedecendo-lhe, ou por meio de seus ra-

pinantes satellites. A terra deve governar-se a seu arbitrio, obedecer ás suas leis, e seguir cégamente seus oraculos. Basta o que tem feito entre nós ha quasi nove mezes, e este ultimo decreto esquinal porque prohibem a pesca, me acabou de confirmar, que a revolução fez dos Francezes os homens mais barbaros, e ao mesmo tempo os mais estupidos de todos os póvos da terra; não dão hum passo que não argua sua ignorancia, e vandalismo, ou para me explicar melhor, que não dê a conhecer a filosofia do sansculotismo. Prohibem a pesca! Que brutos! Que idéas magnificas offerece ao Portuguez pensador, e que conhece a sua patria, esta palavra pesca! Somos huma nação maritima, e o mar concorreo sempre para a nossa espantosa grandeza em todas as quatro partes do mundo. Todas as nossas conquistas, e descobertas, a mesma face que demos ao mundo na ordem politica, nascem de sermos navegadores, e nós não fomos navegadores senão porque fomos primeiro pescadores. Estes homens affeitos ao

mar fôrão os que desde Sagres, onde existio a famosa escóla nautica, emprehendêrão, conseguírão, e realizárão as admiraveis descobertas que opulentárão Portugal, e a Europa. Eu creio que não ha na sociedade huma classe mais respeitavel pela sua utilidade, que a dos pescadores. Costumado a contemplar sempre as coisas á luz de huma sã filosofia, mil vezes olhando para hum botas de Seixal, ou do Barreiro eu o comparo com hum doutor em politica dos que entulhão botequins por esse Rocio. Que homem tão respeitavel se me torna o pescador confrontado com hum ladrão ocioso, empertigado, e soberbo, decidindo das campanhas do Corso em tom dictatorial, confrontado com hum desses inuteis mimosos da ventura, pezos intoleraveis na sociedade, viciosos, incontentaveis, falsos, importunos, caloteiros, desavergonhados, homens corruptos até ao ponto de se affligirem, quando se achão na necessidade de praticarem huma virtude, de serem gratos, ou verdadeiros.

A pesca he tão antiga, que pré-

cédeo á cultura dos campos, e he contemporanea da caça; vai datar com a origem primeira das pequenas sociedades humanas: mas ha esta differença entre a caça, e a pesca, que esta ultima convem aos póvos mais civilizados; e que longe de se oppôr aos progressos da agricultura, do commercio, e da industria, os pobres, e entre nós tão desprezados pescadores lhes multiplicão seus felizes resultados. Se na infancia das sociedades a pesca procura aos homens ainda semi-salvagens hum sustento sufficiente, e sádio; se ella os costuma a não temerem a inconstancia das ondas; a furia dos ventos, e o horrivel aspecto das tormentas; se ella os faz navegadores, e os engolfa tanto, que chegão a perder de vista as praias donde sahirão; esta mesma pesca dá aos póvos já civilizados opportunos, e faceis meios para a subsistencia do pobre; e innumeraveis tributos para o luxo do rico, preparações, e conservas para o commercio externo; como vemos com a abundante pescaria do atum, que tanto

enriquece o reino do Algarve: esta mesma pesca naquellas praias dispôz os Algarvios á atravessarem intrepidamente os mares, porque elles fôrão os primeiros descobridores, e se avezárão á lutar com os fogos do equador, e a lutar de continuo com as tempestades, e pouco á pouco fôrão cobrindo o Oceano com hum bosque de mastros, quando ás nossas frotas nos trazião todos os annos ás riquezas de ambos os mundos: em huma palavra, da ignorada, e desprezada classe dos pescadores sahirão não só commerciantes industriosos, porém guerreiros intrépidos; ás casas mais opulentas, as familias mais respeitaveis talvez dahi procedessem; eu creio que os homens fôrão primeiro pescadores, que agricultores, e primeiro agricultores que guerreiros. Esta lembrança he filha da observação. As hordas vagabundas da America vivem quasi todas da pesca, como buscão de ordinario habitação ás margens dos rios, a mesma necessidade de subsistir os faz pescadores, e por isso são tão destros nadadores, e ati-

radores de frecha, pois della se servem para matarem o peixe; he varado infallivelmente o que appareceo á superficie da agua.

A pesca he a verdadeira mãi da navegação, e esta grande, e utilissima arte reduzida ao mais sobido estado de perfeição, que tanto honra a intelligencia humana deve seus principios, e progresso á pesca. Os avoengos de Vasco da Gama em Sines talvez não fossem mais que honrados pescadores. Nunca olhei com indifferença para hum arenque, e este pequenino peixe he huma das producções naturaes donde tem pendido o destino de imperios, e grandes potencias. O grão do café, a folha do chá, as especierias da zona torrida, o bixinho que fia a seda, tem influido menos na riqueza das nações, que o arenque de fumo do Oceano atlantico; o luxo, ou o capricho, as mulheres, e os sibaritas, he verdade *que* querem tomar café, e vestir sedas, porém a necessidade imperiosa *exige* o arenque, porque existe o sustento.

O Batavo industrioso, frugal, e ac-

tivo, e o mais opulento habitador do globo, antes que o raio do Buonapartismo lhe cahisse em casa tinha levado ao mais alto gráo de perfeição á pescaria do arenque. Este povo honrado, e circumspecto, que tinha forçado o mar até dar hum azilo em que se acoitasse sua liberdade dos furores da tyrannia, deste territorio facticio tirava fracos recursos para sua subsistencia; porém o mar lhe abrio seus inexaustos thesouros, se lhe tornou em campo fertil em que myriadas de arenques apresentárão á sua infatigavel actividade seáras abundantes, e seguras. Com razão levantou huma estatua ao primeiro pescador de arenque: elle a merecia mais que o primeiro despota, e o maior perturbador do genero humano. O primeiro arenque que apparecia era festejado por aquella, n'outro tempo respeitavel República, com tanta gravidade, e magnificencia, como o era na China o dia em que o imperador pegava no arado, e semeava o trigo. Todos os annos fazia sahir frotas numerosas á pesca do arenque, frotas que mere-

ção mais bençãos que esses enxames de corsarios, que vão espantar os mares, e estender nelles a guerra como se não bastasse o continente do globo. Huma pescaria de arenque era para a Hollanda a mais importante de todas as expedições maritimas, e com effeito os arenques de fumo erão para os infelizes Batavos as verdadeiras minas de ouro: mas os decretos de Luiz Buonaparte terão obstruido, e intupído estas importantes minas para que algum pescador não se communique com os Inglezes, como aqui faz o Vandalo Junot com os pobres pescadores do Seixal. O ouro das minas de Catapreta póde ser muitas vezes hum sinal esteril, e o arenque he huma realidade fecunda. Os Hollandezes em lugar de verem suas riquezes inundadas, e banhadas com o suor, com as lagrimas, e com o sangue do escravo, as recebião da audacia do homem livre, e em lugar de precipitarem continuamente desgraçadas gerações nos abysmos, e voragens da terra, formárão homens robustos, marinheiros intrépidos, nave-

gadores experimentados, cidadãos felizes. E poderá o indolente peralvilho, mosca importuna dos cafés, o petimetre perfumado, o sedentario poltrão, e inutil, o magistradinho embonecrado, o militar rodamonte em palavras, o caturra chupista, o paralytico de carruagem, olhar com indifferença, com mofa, e insultante desprezo para o vigilante, insomne, e infatigavel pescador! Ah Se a soberba cedesse huma vez á razão, e quizesse conhecer o que era verdadeiramente util na sociedade, quanto se prezarião estas classes, que o orgulho condemna á indigencia, e que com sua industria, e fadigas firmão as bases mais sólidas da prosperidade das monarquias! Hum pescador de atum, de bacalháo, e de arenques, he hum homem mais digno de estima, e admiração pública, que Buonaparte em pezo, e a caterva que o ajuda a roubar o mundo.

SOLILOQUIO XCIII.

Dois homens raros, cada hum na sua repartição, produzio a França, ambos culpaveis aos olhos da razão, e da humanidade; mas ambos tratados diversamente pelos homens. Os Francezes deixárão viver tranquilamente o façanhoso, e revolucionario Mably; os Francezes atacárão Voltaire durante a sua vida, e inquietárão suas pestiferas cinzas depois de morto. A raça dos Frerons, e dos Beaumelles, que tambem lhe fizérão a poda a seus escriptos, ainda lhe continuou a roer os ossos depois de mettido debaixo da terra; e nem em vida, nem depois da vida se levantou huma só voz contra o inquietador Mably.

Elle tinha na verdade menos engenho que Voltaire, porém nada escreveo directamente contra os jesuitas, contra os parlamentos; não fez

tragedias, nem comedias, nem epigrammas: mas tinha ainda peiores qualidades, e mais perniciosas manhas, atacou todos os governos, e tratou a todos com igual severidade; não se divertia em ridicularizar os homens, mas sim em os esmagar. Se o mesmo Voltaire houvera lido com attenção o incendiario livro composto pelo Sr. abbade, a que chamou « Do cidadão » titulo que não era novo, pois já tinha apparecido em o livro de Hobbes, se o tivera analyzado bem, e conhecido as consequencias da doutrina, que nelle se encerrava, bem poderia ir vender no mesmo instante a quinta de Ferney com todas as suas annexas, para despejar bem depressa a França que o dito livrinho sem dúvida revolucionou, e arruinou de todo. Nelle acharão as cabeças dos Francezes a origem de todas as suas vertigens, e com elle nas mãos descarregárão os primeiros golpes em todas as instituições sociaes, e eu posso dizer, que elle he a causa primaria de todas as desgraças que os miseraveis France-

zes estão soffrendo, desgraças mais pezadas, que as que supportão as outras nações, que elles tem procurado subjugar.

Ora Voltaire, que até era vão com os titulos de nobreza, e que se pagava muito da chave de camarista do rei da Prussia, sempre defendeo, louvou, e incensou muito a authoridade soberana, cantando Henrique IV.º e diz á bocca cheia em muitos lugares de seus frivolos escriptos, que respeitava o dominio monarquico, com tanto que fosse razoavel. E com effeito se Voltaire houvera sido ministro, teria pregado com os ossos de Mably dentro de huma enchovia da Bastilha, porque Voltaire, péssimo como era, nunca amou nem a democracia, nem a canalha, nem a anarquia. O que elle mostra desejar em algumas tiradas politico-morses, era hum governo sábio, illuminado, em que os homens dados ao estudo das letras tivessem a preponderancia, porque querer governar por filosofia, he dar com o mundo de pernas ao ar. Voltaire não teve como Mably a rai-

va, ou o furor das revoluções, e forão muito mal collocados seus ossos no Pantheon entre os do mestre Jaques, e os do faccionario, e revoltoso Mirabeau. Mably pregava revoluções a quantos encontrava; era da escóla, da companhia, e da amizade de Jaques; e Jaques escreveo muito mandado, e aculado por Mably, apostolo da fantastica igualdade. Voltaire era amigo das distincções, e das gerarquias; era apaixonado da pompa, e do luxo; e tanto, que até mandou pintar o tecto da sua carruagem, com tantos velorios que representava hum Ceo estrellado, com huma grande Lua cheia; por isto as elegantes, e espivitadas de Paris lhe chamavão Mr. do Empyreo: apezar disto deixárão viver em paz a Mably, e perseguião dentro, e fóra de França o miseravel Voltaire; duas vezes o pozerão á sombra na Bastilha, queimárão-lhe a Pucelle por mão do algoz, e até depois de estabelecidos os Prytaneos, e Atheneos, e de estar Chenier acclamado presidente do instituto, se disse, que os contos de Voltai-

re, suas tragedias, e diatribas erão, e tinhão sido o verdadeiro arsenal de Robespierre.

Quem não conhecer os Francezes com razão se deve espantar desta insolente perseguição. O espirito revolucionario de necessidade devia não só tolerar mas applaudir, e divinizar o monstro Mably, porque descaradamente em todas as suas obras, ou implicita, ou explicitamente atacava os reis, e os ministros; a huns chama despotas, a outros imbeciles; mas em todas as suas instituições politico-civis os parlamentos, e a nobreza conservão seus lugares, e em todas as suas controversias sempre o povo fica fóra da questão, povo que elle quiz fazer soberano, e que tão escravo veio a ficar, que nem olhos para vêr, nem ouvidos para ouvir, nem bocca para fallar, lhe tem deixado Buonaparte.

Eis-aqui os motivos da voga, e da estima que tiverão os escriptos de Mably, e porque elle foi tão honrado em vida; posto que agora já conhecem os Francezes toda a inutilida-

de das theorias revolucionarias, que não produzírão o effeito proposto; elles ficárão peiores, e mais escravos do que erão, e o chamado povo rei ficou transformado em hum rebanho estupido, que o carniceiro Buonaparte conduz a seu sabor ao degoladoiro. Mas as revoluções vem de Deos, que permitte, ou ordena a queda dos imperios, segundo lhe apraz; e os publicistas, os filosofos, os encarniçados Mablys com toda a magia de suas obras, com todo o veneno de seus paralogismos não pódem deslocar hum grão de mostarda na escala dos entes, e dos acontecimentos. Juliano tinha ainda mais dialectica que Mably, e mais impeto oratorio que Mirabeau, quando escreveo contra o que elle chamava superstições christãs, e apezar disto a religião não interrompia jámais o fio das suas conquistas: eis-aqui porque os filosofos ficárão confundidos, e o povo Francez bem castigado.

SOLILOQUIO XCIV.

Huma noite serena, e tranquilla, e doce, e suavissimo clarão da prateada Lua entre milhões de scintillantes estrellas; e o fundo azul dos Ceos em que parecem engastadas, occupão mais deliciosamente a minha alma, e despertão em meu coração mais vivos, e variados sentimentos, que o mais pomposo, e magnifico espectaculo que a arte, estudo, ou industria dos homens possão inventar. No meio deste sobre-humano prazer, dirijo aquella naturał curiosidade, e tendencia que temos a descobrir objectos, que nos admirem, á indagação daquella verdade, que em nós aperfeiçôa, e poe as faculdades intellectuaes, e moraes, que he o fim para que o ser supremo nos dou daquella curiosidade, e tenden-

cia: e na verdade, nada me parece, nem ha tão digno, e tão proprio do homem como a contemplação da natureza. Pelos effeitos se conhece a Causa com seus attributos; e o universo para o attento observador, he hum espectaculo, no qual o bello, e o sublime dirigido a huma unidade pasmosa se manifesta a cada passo. He immenso, he vario, e até he incalculavel o numero dos seres, que habitão, e povoão este vasto edificio. Todos gozão de huma possivel felicidade relativa, e são sempre admiraveis as relações intimas, e os estreitos vinculos que unem humas partes ás outras. Huma parte suppõe necessariamente a existencia de outra. A dos animaes frugivoros suppõe a dos vegetaes, que os alimentão; e he cousa notavel, nenhuma especie muda jamais o vegetal destinado por huma lei invariavel á sua nutrição; com este vegetal he contente, satisfeita, e feliz na propria condição, e no proprio estado. O ar, e os outros elementos neste globo são tão apropriados á natureza, e organização de cada

ser sensivel destinado a habitar o mesmo globo, que lhe tornão por extremo grata, e aprazivel a propria existencia. Por isto a existencia fysica do homem está ligada, e concatenada com a dos vegetaes, e dos animaes. A anatomia nos mostra, que a estructura do olho he precisamente apropriada á luz, e ás suas refracções nos animaes terrestres, como em os aquaticos, a refracção da luz naquelle elemento, e a vivacidade, e energia em seus movimentos, manifestão o prazer que sentem na existencia. Da mesma maneira a estructura do ouvido he tão apropriada ao som, e harmonia, que nenhum sentido póde jámais supprir a falta de outro sentido, nem se poderão jámais misturar, ou confundir: cada hum tem sua organização, e seu fim, e sua particular estructura he o meio conducente a este fim. Oh prodigio! Minha alma se levanta, e se dilata na sua contemplação. Desde que emprego, e detenho os olhos neste insigne espectaculo se acabárão para mim os livros. Tarde acordei! Choro os momentos

occupados em frivolos estudos: o esteril methodo das escólas encadeou as minhas idéas, roubou-me o prazer mais puro, e estranhamente me desviou da estrada da felicidade! O homem nasceo para contemplador. O supremo artifice traçou este quadro para o vêr, e não para o entender. A soberba quer penetrar os véos, que escondem sua interna estructura. Basta a admiração da sua belleza para satisfação plena do espirito. Todos os systemas de filosofos são méras hypotheses, e na contemplação da natureza valem mais os sentidos, que o entendimento.

Huma combinação fortuita, o acaso em huma palavra, não opera com tanta sapiencia, magisterio, direcção, e conselho encaminhado á felicidade, e harmonia combinada de hum todo. Isto repugna ao sizo commum, e á nossa natural dialectica, e esta desordem, e confusão de idéas não he mais que a prova convincente da pequenhez, e fraqueza humana, e hum claro desengano para o orgulho filosofico.

SOLILOQUIO XCV.

Estes scintilantes pontos, e suavissimas safiras, que bordão o manto da noite, ou recamão estes estendidos véos do firmamento, são outras tantas estrellas fixas. Vivissimo esmalte, e encantadora perspectiva! Seu número he infinito, os mesmos vidros polidos por Dolond, não são instrumentos capazes para as discernir todas. Os Chaldeos, convidados da serenidade do ár, e da tranquillidade de suas noites, fôrão os primeiros observadores. Quanto me comprazião n'outro tempo os livros do immortal, mas desgraçado Bailly, victima da revolução. Elle pôde conduzir pelo immenso fio dos seculos a historia da astronomia: deriva dos Chaldeos nos tempos successivos os melhores astrono-
mos, e aquelles filosofos, que se es-

palhárão por todo o Oriente chamados Magos. Os Chaldeos começárão a marcar com destinção doze grupos destas estrellas, a que chamárão constellações, vocabulo que significa muitas estrellas combinadas em hum dado espaço de Ceo, cuja apparição lhes servia de indicio para regularem a mudança das estações, e de norma invariavel para sua simples, e grosseira agricultura. Estas constellações de estrellas formárão depois os doze Signos, denominados do Zodiaco. Os Egypcios avezados a symbolizar todas as coisas, servindo-se destes symbolos como nós nos servimos da escriptura, fôrão imitados pelas outras nações, e esquecendo-se pouco a pouco de seu primitivo significado, derão principio, e fundamento á mythologia, e impozerão á maior parte daquellas constellações o nome de alguns animaes, por isso fôrão chamados Signos do Zodiaco, que quer dizer, circulo de animaes. Entre o número immenso das estrellas fixas, existem as polares, as quaes fôrão as primeiras directoras da mais

util, e arriscada de todas as artes, a nautica. Thales, mil annos antes da era vulgar, foi o que ensinou aos Gregos o uso das estrellas polares, ou ursa menor. Estas fôrão os seguros fanaes para os navegantes até ao anno de 1181, em que se fez a memoravel descoberta da espantosa qualidade da Calamita, e sua direcção ao pólo; aperfeiçoárão os Portuguezes esta descoberta em 1400, com ella começárão a ser, o que já não são, nem serão, senhores privativos de toda a extenção dos mares.

A via lactea, observada com o telescopio, he hum montão infinito de estrellas fixas, que se nos tornão quasi invisiveis pela sua enormissima distancia. E proferirei eu hum paradoxo, se disser, que todas estas estrellas fixas são outros tantos Soes, os quaes não recebem luzes do nosso Sol, bem como os nossos planetas, porque não entrão em nosso systema solar, mas resplandecem com luz propria ao centro de outros systemas, e que são de huma grandeza superior á do nosso Sol, para se nos tornarem visi-

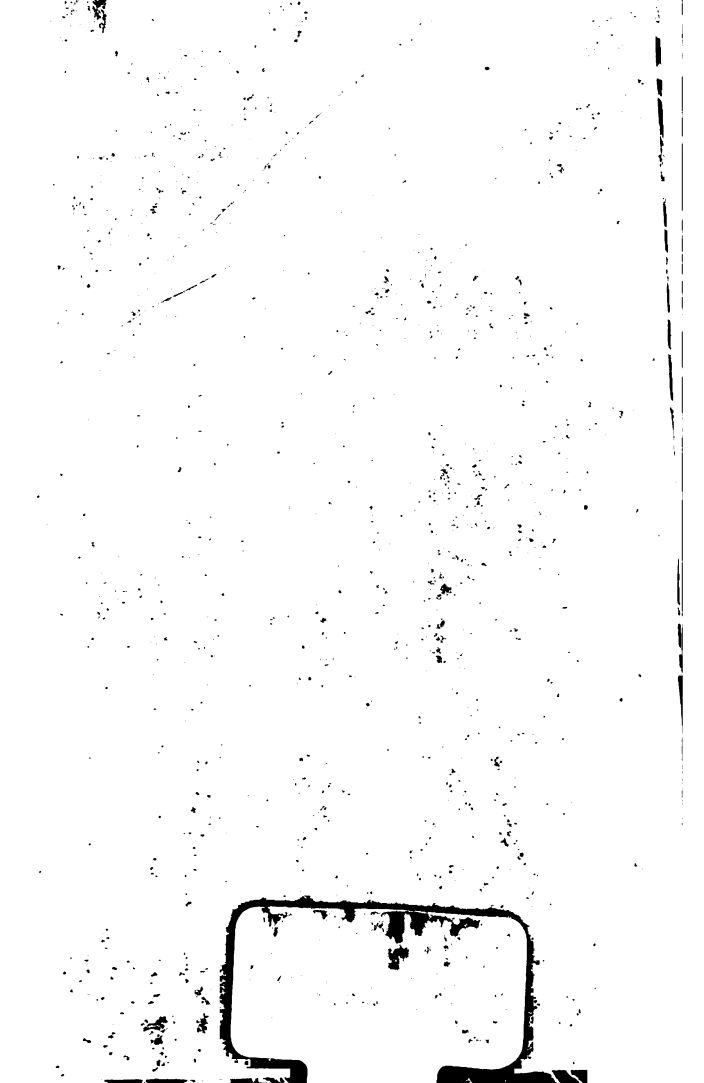
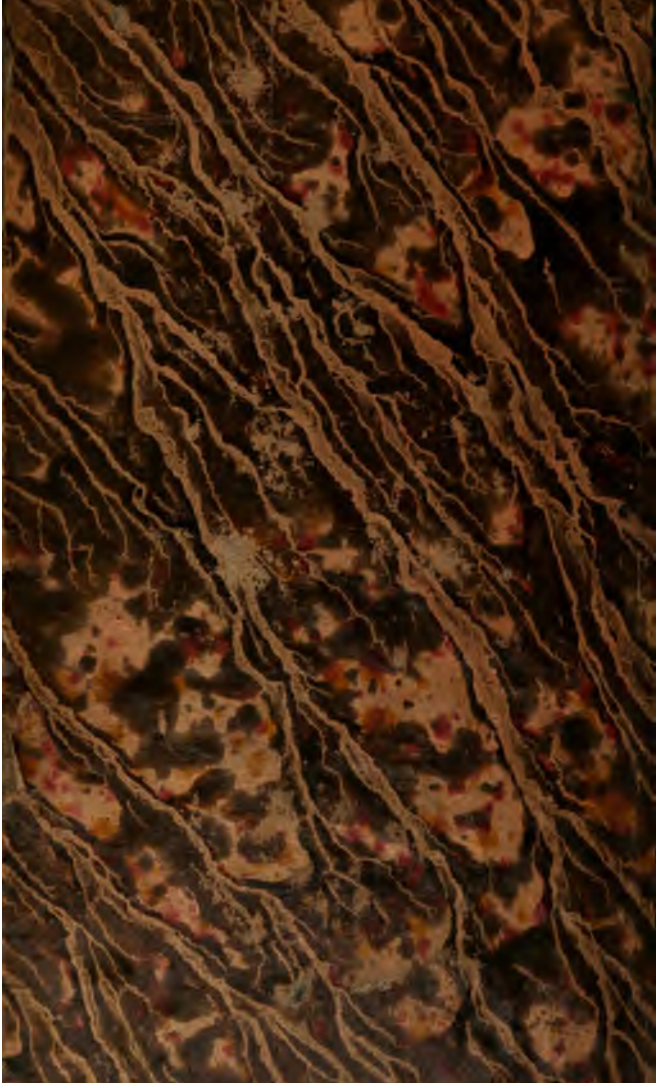
veis em tão enormes distancias, em torno dos quaes girão diversos corpos opácos, que reflectindo a luz que de seu Sol recebem, com mais, ou menos força se nos tornão visiveis? Eis-aqui huma fertilissima materia, que occupa minha imaginação, quando contemplo aquelles scintillantes pontos, cujo espectaculo me enche de tanto prazer.

Mas pouco mais abaixo destas estrellas fixas, ou Soes, e de todo o cortejo de planetas de que estão cercados, se apresenta o nosso Sol com diversos globos, cujo número he incerto, entre os quaes estão os planetas até agora descobertos, que com o globo que habitamos tem este Sol por centro commum de suas periodicas revoluções. Os planetas principaes, que conhecemos em nosso systema, tem outros secundarios, os quaes girão em torno do primaro, e o acompanhão como satellites em seu curso annual em torno do Sol. Copernico, nativo de Thorn na Polonia, e conego na igreja de Vorsm em o seculo XV.°, foi o primeiro depois dos anti-

gos, e entre estes Pythagoras, que estabeleceo o Sol por centro immovel de nosso systema, em torno do qual girão os planetas, e a nossa terra. O descobrimento do telescopio começado casualmente em o brinco de dois rapazes, filhos de hum vidraceiro de Middelbourg na Ilha de Zelandia, e aperfeiçoado, deo gloria a Galileo, célebre astronomo do grão duque de Toscana, que apoiou a certeza do systema de Copernico, mostrando, que o Sol he centro, e que gírão em torno delle os planetas, em cujo número existe indubitavelmente a terra.

As observações da moderna astronomia mostrão, que aquelles cometas que de tanto espanto, e sinistro agouro servem ao povo, não são mais que planetas, cujas apparições estão calculadas em determinados periodos de tempo. Tem-se descoberto 81 destes grandes corpos que entrão em nosso systema solar; e Halley se persuadia, que o famoso cometa de 1680 era o mesmo que tinha apparecido na morte de Cesar, comparecendo sempre

no espaço de 574 annos. Segundo o cálculo de Euler, o periodo do luminoso cometa de 1769 seria de 449, ou 519 annos.

FIM.

512324